



De
REPENTE
 Ester

KELL CARVALHO

Dem
REPENTE
 *Ester*

KELL CARVALHO

Copyright © 2023 Raquel Carvalho

Revisão: Clys Oliveira
Diagramação: Maina Mattos
Capa: Kah Design

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios sem permissão por escrito dos editores, salvo em breves citações com indicação da fonte.

Contents

[Copyright](#)

[Nota da autora](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Books By This Author](#)

[Conheça a autora](#)

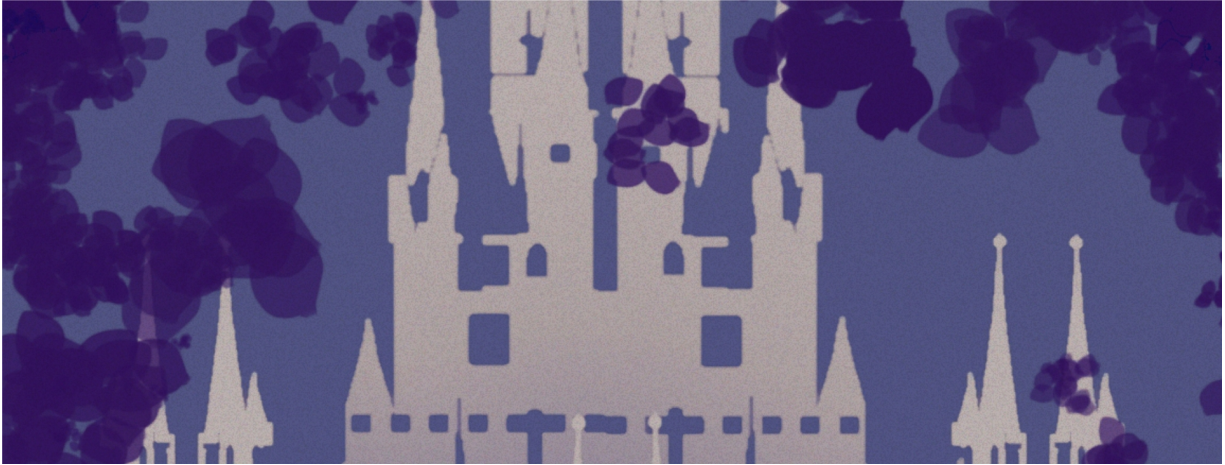
Para todas as garotas cristãs que depositam sua esperança

*no Senhor. Que sua espera seja cheia de paciência e confiança
no plano divino, pois Deus cuida de cada detalhe.*

“Este criara a Hadassa (que é Ester, filha de seu tio),

porque não tinha pai nem mãe; e era jovem bela de presença e formosa; e, morrendo seu pai e sua mãe, Mardoqueu a tomara por sua filha.”

Ester 2:7



Nota da autora

Queridos leitores,

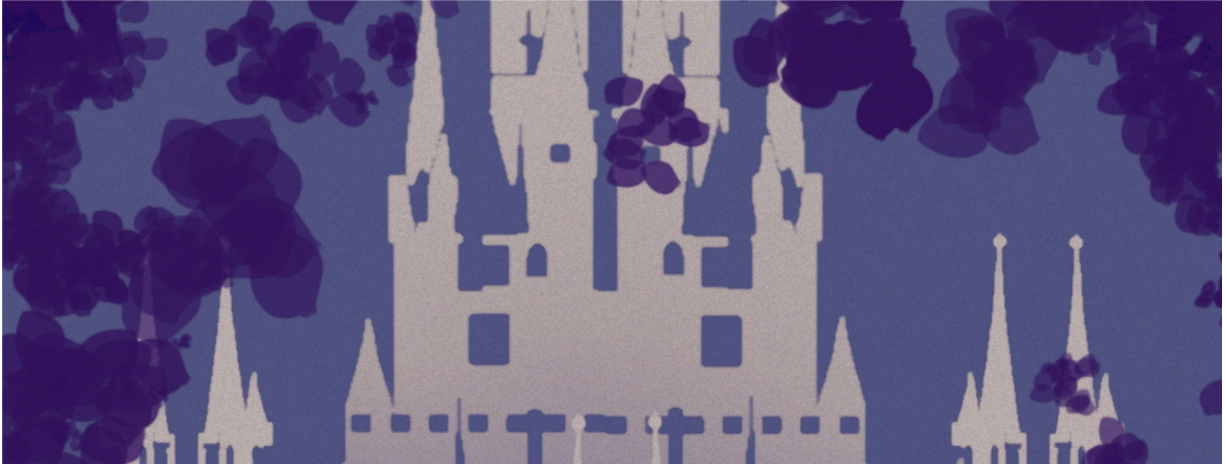
Ao longo da minha jornada de escrita, tive a oportunidade de mergulhar um pouco mais no real significado de fé, esperança e amor, e essa foi uma experiência transformadora! Minha intenção, ao escrever esta história, é transmitir os valores e ensinamentos que sempre alicerçaram a minha vida. Acredito que o amor de Deus se manifesta de inúmeras formas, e esta obra é uma tentativa humilde de retratar o poder desse sentimento em meio aos desafios e escolhas que enfrentamos.

Desejo que as palavras escritas nestas páginas possam inspirar e fortalecer sua própria caminhada espiritual. Que vocês encontrem conforto nas adversidades, esperança nos momentos de desânimo e certeza de que, mesmo em meio às tempestades, Deus está sempre ao nosso lado.

Que “De Repente Ester” te mostre que, independentemente das circunstâncias, o amor de Deus é o alicerce inabalável que sustenta nossas vidas e que os desígnios Dele é muito maior do que nossa limitada mente humana é capaz de entender.

Com carinho,

Kell Carvalho.



Prefácio

A alegre surpresa com que fui abraçada ao receber tamanha honra de prefaciar esta obra, serviu como um complemento para a incomparável aventura que foi o prazer de lê-la.

Kell Carvalho une tudo o que há de melhor no universo literário, instigando-nos a adentrar cada vez mais no emaranhado de emoções pelo qual ela nos conduz por meio de suas palavras, retendo assim, toda nossa atenção em sua história. Por meio de sua narrativa em terceira pessoa, ela nos apresenta a personagens cativantes, gerando uma afeição instantânea para com cada um deles.

Juntamente com Ester, encontramos-nos deslumbrados com todas as novidades que Galav tem a nos oferecer. O jeito doce e amável da moça conquista todos os corações imediatamente — acredite quando eu digo todos os corações. Por sua vez, o jeito alegre e presente de Ewan, revelam um rapaz que deseja o melhor para aqueles à sua volta, contudo, o que mais desejamos é desvendar os segredos que rodeiam o nosso famoso empresário.

Já o querido Alexander, ou Alex para os mais íntimos, consegue conquistar todos os corações, se mostrando um homem digno por ter como maior desejo de seu coração agradar a Deus acima de tudo. Ele, apesar de

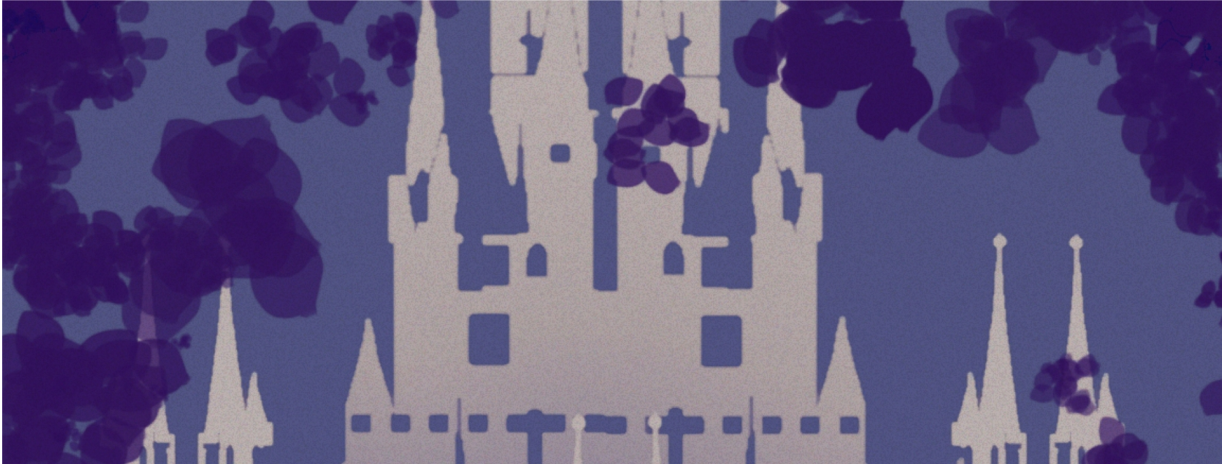
todas as suas dúvidas e inseguranças, mostrou-se firme e dedicado aos seus princípios, nunca abandonando suas responsabilidades e jamais perdendo o seu senso de humor perfeito.

Por outro lado, no ombro do tio Joseph, encontramos consolo e os melhores conselhos; e o nosso John tem a arte de levar qualquer um a altas gargalhadas. Esses e tantos outros personagens fazem dessa obra uma experiência marcante e profunda. Entretanto, ousou dizer que não é isso que faz desse livro uma experiência inesquecível.

Kell conta com uma graça abundante ao abordar, com clareza e profundidade, vários aspectos da vida cristã, tendo grande destaque o relacionamento íntimo com Deus. Com suas palavras doces e certeiras, ela se tornou um canal do Espírito Santo para trazer renovo a cada um de seus leitores, marcando-nos profundamente a cada ensinamento.

Por me considerar amiga da autora e amar esse livro com tanto afinho, poderia ser suspeita em recomendar veementemente a leitura dele. A verdade é que gostaria de estar assim como você, apenas no início dessa emocionante aventura. No entanto, o que me resta, é desejar-te uma gratificante leitura.

Mali Godoy M. de Sousa



Prólogo

Querido futuro marido,

Completei dezoito anos hoje, e sei que pode parecer excêntrico escrever-lhe isso nesse momento, contudo, esta carta é uma espécie de comprometimento que faço a você. Eu sempre me perguntei o porquê de fazermos juramentos, sem saber se seremos aptos a realizar nossas promessas. Sei que somos seres humanos e erramos, mas também aprendemos com nossas falhas. Não podemos dar garantias, já que fazer votos de um futuro é incerto. Mesmo assim, quero registrar o meu desejo e prometer guardar para você o meu coração. Pode parecer surreal essa promessa, pois há muito que se viver e sei que até te encontrar, talvez eu seja encontrada por outros durante o caminho. No entanto, por mais que seja difícil, vou fazer de tudo para mantê-la. Meu anseio maior é estar completa quando enfim nosso dia chegar. É por isso que faço esta promessa agora, para que eu nunca me esqueça que sou uma dádiva reservada exclusivamente para você no futuro.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Cefas, 2013.

A brisa amena passou por entre as palmeiras, farfalhando suas folhas e agitando os cabelos longos e esvoaçantes de Hadassa. Ela fechou os olhos, permitindo-se absorver cada sensação: a música ao fundo tocada por um flautista, as risadas das crianças e o burburinho tranquilo das conversas das pessoas à sua volta. Momentos como aquele, onde a paz e a tranquilidade poderiam ser usufruídas em sua plenitude, eram maravilhosos.

Não muito longe dali, Hadassa sabia que a mesma bonança poderia não existir devido aos intensos conflitos religiosos e civis que tomava conta cada vez mais de Cefas, em razão disso, procurava desfrutar de cada instante de serenidade, quantos fossem possíveis.

A jovem suspirou, desejando que todos os dias fossem tão tranquilos quanto aquele. Mesmo com os grandes muros que se erguiam em uma fortaleza ao redor da casa em que morava com o tio, o medo era constante. O lugar já fora invadido diversas vezes, e nem mesmo a segurança reforçada era empecilho para os bárbaros decidirem saquear tudo que fosse dos kretyen^[1].

Porém, era dia de festa, e todas as preocupações deveriam ficar do lado de fora de sua bolha particular de felicidade. Ela completava sua maior idade e, assim como quando era criança, se permitiria viver a data sem preocupação.

— Hadassa, querida, hora de assoprar as velinhas — seu tio, Mohammed, a chamou, exibindo um largo sorriso.

A jovem saiu da tranquilidade do lugar onde se encontrava e correu animada para se juntar aos demais. O tio e os funcionários com seus filhos, eram sua família, independente se o mesmo sangue não corresse em suas veias, os laços que os ligavam iam além de qualquer grau de parentesco.

Hadassa juntou as mãos e desejou paz para o seu país, para que ela, seus amigos e aquelas crianças pudessem ter um futuro sem temores. Seus olhos lacrimejaram diante do futuro incerto, tentando converter seus temores em coragem e fé que um dia tudo seria diferente.

Mais tarde naquela noite, na quietude de seu quarto, sua letra bonita e bem desenhada preenchia o papel com zelo e todo carinho possível. Sob a luz âmbar da luminária de sua escrivaninha, ela escreveu mais uma de suas cartas, a qual endereçava a alguém especial. Alguém esse que ainda não conhecia, mas que já amava com todo o seu ser.

A moça enrolou a carta com cuidado e a prendeu com um laço azul. Sobre sua cama estava o velho baú de madeira que fora da sua avó,

revelando outras dezenas de cartas, as quais escrevia desde os quinze anos. Após depositar a mais nova promessa lá dentro, fechou-o e contornou com a ponta dos dedos a estrela talhada sobre a tampa.

Um barulho estrondoso ecoou, vindo do andar de baixo da casa, fazendo-a saltar de susto. Com o coração acelerado, viu o tio irromper pela porta, tomando-a pela mão para tirá-la dali o mais depressa possível.

Correram pelo longo corredor até o cômodo onde havia uma parede falsa que os levaria em segurança até o esconderijo projetado para fugas iminentes. O suor escorria na lateral do rosto de ambos quando alcançaram o abrigo subterrâneo. Hadassa se encolheu no canto e encostou as costas na parede fria.

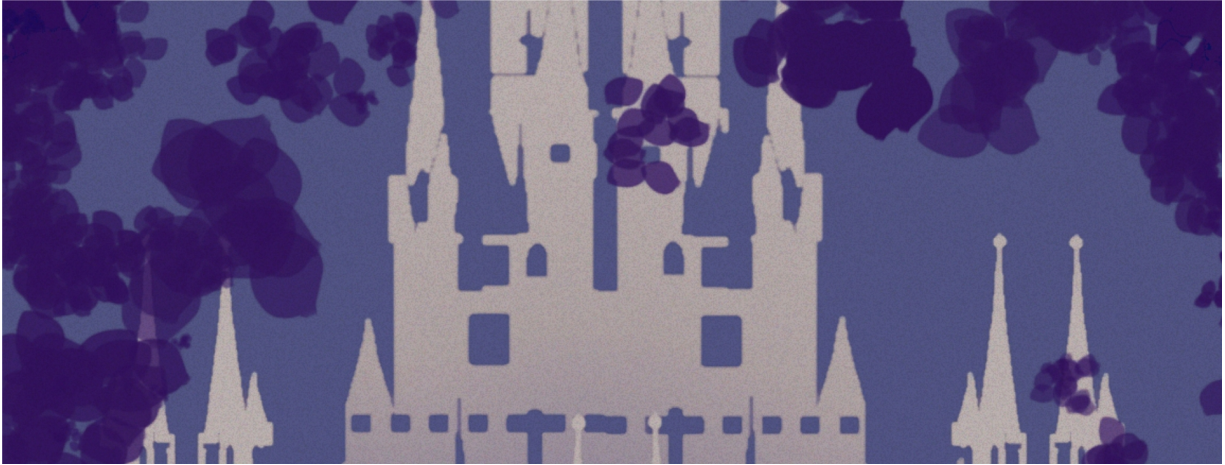
Ela nunca se acostumaria com as inovações, ainda que não fosse a primeira vez que aquilo acontecia, o medo e a incerteza ocupavam seu ser sobremaneira, causando-lhe taquicardia. Há meses o tio e ela tentavam fugir de Cefas antes que fosse tarde demais, assim como fora para tantos entes queridos no passado.

Hadassa tampou os ouvidos, os ruídos a arrastando por lembranças dolorosas de perdas irreparáveis. Ela se retraiu quando os gritos dos empregados apavorados reverberaram abafados, estraçalhando seu coração. Impotência e desespero invadiam cada célula de seu corpo e era difícil controlar a emoção.

Mohammed se juntou a ela e a abraçou, como quem protege o seu bem mais precioso.

— Prometo que essa será a última vez que passamos por isso, querida — garantiu, diante do olhar apavorado da sobrinha. — Vou te tirar desse lugar antes que seja tarde demais para nós também.

Tremendo, Hadassa concordou com a cabeça. Tudo que mais desejava era um novo lar, onde poderiam recomeçar.



Capítulo 01

Querido futuro marido,

Há anos escrevo cartas para você. Não me recordo quantas foram ao decorrer desse período e poderia contá-las se não fosse o caso de tê-las perdido. Poderia descrevê-las, pois tenho cada uma delas gravadas em meu coração, mas não seria a mesma coisa porque estou em outro momento da minha vida. Então, a partir de hoje, vou recomeçar tudo do zero, por não ter esperança de reencontrá-las, já que estão do outro lado do oceano, em um lugar que eu não quero mais voltar. Quando escrevi a primeira carta, acreditava na possibilidade de já nos conhecermos. Agora as chances são nulas. Estou em outro país, em uma terra distante, em busca de um novo recomeço. No entanto, minha promessa ainda mantenho de pé. Farei o possível para me guardar para você e apenas para você. Por mais que pareça estar demorando, buscarei com paciência o grande dia que o Senhor reservou para nos apresentar. Mesmo não sabendo quem é, já o amo.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Reino de Galav, 2017.

Recomeço. Esse era o sentimento que povoava o coração de Hadassa enquanto fitava o movimento barulhento da rua através da janela de seu quarto. Cinco garotos corriam sorridentes atrás de uma bola de futebol quase murcha, um feirante apregoava as qualidades de suas frutas e verduras frescas na esquina, casais de idosos iam e viam com tranquilidade em suas caminhadas matinais pela passarela ladeada de prédios decadentes. Mais adiante, algumas meninas sentadas em uma escadaria trançavam os cabelos umas das outras, enquanto cochichavam e riam sempre que um rapazote passava pela calçada.

Hadassa sorriu e puxou o ar para dentro de seus pulmões. Com os olhos fechados, deixou que a brisa fria do início do inverno levasse para longe todas as más lembranças, a fim de abrir espaço para àquelas que chegavam. Um pássaro colorido pousou no umbral da janela e a saudou com um canto afinado e estridente, como se lhe desse as boas-vindas ao Reino de Galav, voando para longe logo em seguida, talvez em busca do verão. Ela o observou se afastar até sumir no horizonte nublado e se obrigou a iniciar a primeira manhã em seu novo lar.

As poucas malas que trouxe consigo estavam todas abertas e reviradas sobre a cama no canto do cômodo apertado. O apartamento inteiro era menor que seu antigo quarto, mas isso não importava, contanto que vivessem em um lugar onde a paz fosse absoluta. Riqueza alguma era capaz de substituir o contentamento que a moça sentia por poder dormir com tranquilidade.

O único bem material que ela gostaria ter ali com ela, era seu estimado baú de cartas. Cartas essas que escrevia para o seu futuro marido. Porém, ele havia se perdido durante uma das invasões, fora levado pelos saqueadores, desde então, abandonara o hábito de escrever. Mesmo assim, a moça nunca deixava de sonhar em seu íntimo com um príncipe encantado montado em um cavalo branco que viria ao seu encontro, seja lá de onde fosse. Apesar dos acontecimentos desastrosos no decorrer de sua vida, nutria esse sonho de menina. Quando criança, ouvia a mãe lhe contar histórias de princesas e desejava todo aquele encanto e amor. Agora, aos vinte e dois anos, ela tinha consciência de que um príncipe, como das histórias, estava fora de cogitação e sua dura realidade mostrava todos os

dias ser perda de tempo sonhar tão alto. Talvez também seja por isso que suas cartas tenham sido deixadas de lado.

Porém, havia algo em que Hadassa se apegava dia após dia: DEUS! Ele era o seu farol, seu guia na escuridão e quando pensava estar fracassando, Ele a tomava pela mão e trazia-lhe à tona. E era isso que o Senhor estava fazendo com o tio e ela: trazendo-lhes de volta à superfície, concedendo uma chance para recomeçar em uma terra estrangeira.

Mesmo depois da promessa do tio em tirá-los de Cefas e do grande desejo de saírem em busca de alguma fuga, independente de qual fosse, um longo caminho teve que ser trilhado. Renúncias em nome do seu Deus, exposição, perdas, dias que Hadassa preferia deixar em um lado oculto de seu coração, trancado em um lugar que não pretendia visitar.

A moça suspirou e engoliu a emoção que apertava sua garganta. Gratidão exalou em seus olhos enquanto sua nova realidade se assentava em seu âmago. Quatro anos se passaram até que, finalmente, conseguiram embarcar em um navio de carga, sem saberem ao certo se desembarcariam no destino pretendido, o utópico reino de Galav, onde sua fé nunca seria questionada, um dos únicos países em que seus líderes foram corajosos o suficiente para enfrentar as diretrizes absurdas de Cefas e abrir as portas para o povo perseguido, mesmo que de forma clandestina, como era o caso do tio e dela.

Mohammed apareceu na porta do quarto da sobrinha com os cabelos bagunçados. Já passava das nove horas da manhã, mas ele ainda trajava um conjunto de pijama azul-marinho.

— Quem te viu e quem te vê, senhor Mohammed — gracejou a sobrinha ao vê-lo tão à vontade e o semblante sereno, como nunca vira antes.

— Eu disse que seriam novos tempos. — Piscou, exibindo seus grandes dentes brancos e alinhados.

Embora tivesse apenas quarenta e cinco anos, as linhas de expressão dos longos anos de preocupação davam-lhe mais de cinquenta, porém, sua disposição e alto-astral eram de um jovem de vinte anos.

— Sim, você disse.

Tio e sobrinha entreolharam-se cheios de cumplicidade, contando apenas com o apoio um do outro. Hadassa ainda era apenas uma criança quando coube a ele a responsabilidade de criá-la. Na época, achou não ser capaz de cumprir a tarefa, mas vendo-a agora, uma linda jovem saudável e

em segurança, considerava ter feito um bom trabalho. Ela era a corda de seu coração e ele não se imaginava em um mundo que ela não estivesse ao seu lado.

— Acabaram de nos trazer as nossas novas identidades. — Mohammed exibiu o envelope recém-aberto.

Hadassa amava o seu nome e abdicar dele era como renunciar à última coisa que ainda lhe restava. Contudo, em prol de sua segurança e a do tio, eram obrigados a aceitar mais essa imposição.

— Isso é ótimo! — tentou soar animada. — Vou precisar para conseguir um emprego o quanto antes.

Mohammed a olhou com desgosto.

— Você sabe que não precisa fazer isso. É meu dever sustentá-la.

Hadassa sorriu com ternura, sabendo que teria que ser firme em sua decisão. Já estava na hora dela começar a retribuir de alguma forma os cuidados recebidos até então.

— Eu também quero trabalhar, tio. Tenho que me sentir útil de alguma maneira.

— Eu prometi aos seus pais que cuidaria de você.

— E o senhor fez isso durante toda a minha vida. — Ela se aproximou e apoiou suas mãos nos ombros dele. — Mas acho que de agora em diante, precisamos dividir essa atribuição.

Mohammed conhecia o modo como ela o olhava e sabia que quando a sobrinha colocava uma coisa na cabeça, dificilmente desistia. A moça parecia estar determinada e isso significava que tudo que dissesse seria ignorado. Decidiu que a faria mudar de ideia ao longo do tempo.

— Tudo bem.

Ela sorriu vitoriosa.

— Estou ansiosa para saber quais nomes nos deram.

Mohammed estendeu o envelope para Hadassa e esperou a reação dela.

— Você vai amar o seu nome. O meu será Joseph Sullivan.

Ansiosa, a jovem retirou os documentos oficiais e seus olhos iluminaram.

— Ester!

Hadassa quando criança era fascinada pela história bíblica da moça simples e refugiada que se tornara a rainha da Pérsia. Bem, ela também tinha o mesmo nome que Ester antes da mudança...

— Agora só falta o príncipe — o tio gracejou, como se lesse os pensamentos dela.

— Não seria nada mal.

Os dois riram juntos, atitude que há muito tempo não fazia mais parte do cotidiano de ambos.

— Eu já estava me esquecendo, tenho um presente para você.

Mohammed se retirou e quando voltou, trazia consigo um embrulho retangular e colorido.

— Tio, o senhor não precisa gastar o pouco dinheiro que ainda nos resta com presentes para mim — advertiu, sendo ignorada por um sorriso sutil.

— Eu precisava te dar isso. Você amava escrever as suas cartas e depois de tanto tempo, gostaria que voltasse. Era importante para você e te ajudava a manter a esperança de um futuro de muito amor.

Talvez tenha sido a maneira que ele pronunciou as palavras, mas Hadassa sentiu algo fazer um "clique" dentro de si ao ouvi-las, como uma chave que girasse em uma fechadura distante. Em algum lugar no seu íntimo, sentiu algo balançar quando rasgou o papel e revelou o presente.

— Um diário!

Ela passou a mão sobre a capa de couro marrom com o coração batendo em um ritmo mais rápido, ao passo que um sonho reprimido escapava discretamente das profundezas de seu ser.

— Para você voltar a escrever.

Ela encarou Mohammed, sua expressão quase melancólica.

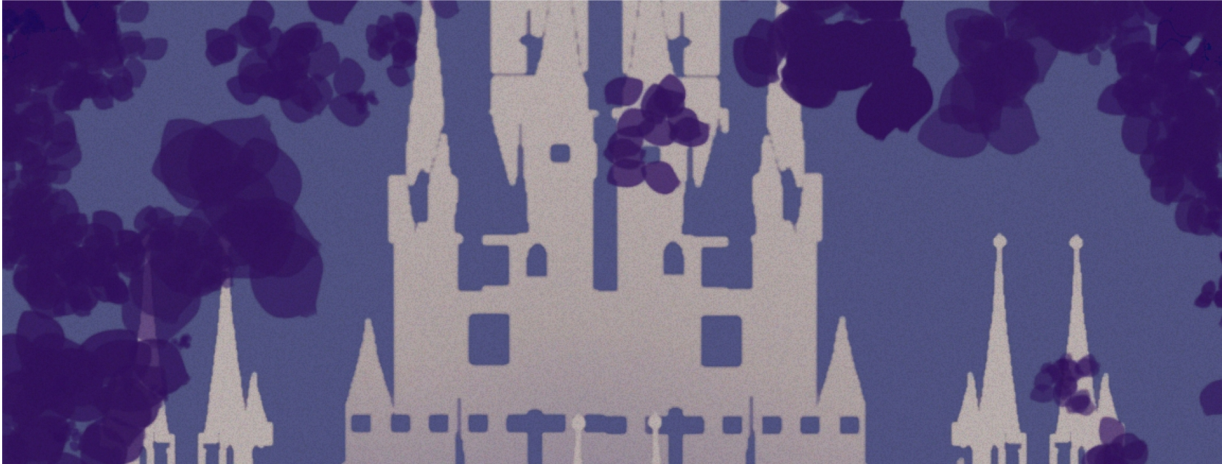
— É lindo, tio. Obrigada. — Lançou-se no pescoço dele, dando-lhe um abraço apertado.

— Que o Senhor, nosso Deus, nos abençoe e nos abram portas — ele disse, acariciando os longos cabelos da sobrinha.

— Ele vai.

Mohammed depositou um beijo terno no topo da cabeça dela antes de se retirar para preparar o café da manhã. Hadassa olhou outra vez para o diário com o coração aquecido. O tio costumava sempre dizer que Deus tinha um plano em tudo e que nada acontecia por acaso. Ela não sabia se possuía um propósito no fato de sua vida ter virado de cabeça para baixo e até mesmo ter perdido suas cartas. No entanto, eles estavam recomeçando do zero, então ela também voltaria a escrever.

Mais tarde, naquele mesmo dia, em seu quarto e com uma caneta em punho, respirou fundo enquanto uma euforia gostosa enchia seu coração e uma sensação de esperança voltava a acender pequenas fagulhas dentro de si quando começou a escrever outra vez suas preciosas cartas.



Capítulo 02

Querido futuro marido,

Você acredita em amor à primeira vista? Muito se fala nesse sentimento arrebatador que nos atinge com apenas um olhar. Pensando bem, eu nunca acreditei muito nessa teoria, mas o que eu sei sobre amor, afinal? Quem sabe não exista amor à primeira vista e, sim, a pessoa certa, na hora exata. Confesso, espero ansiosa por esse momento, pois sei que Deus já predestinou para acontecer.

*De sua futura esposa, ansiosa para que nossos olhos enfim se cruzem,
Hadassa.*

Parada em frente ao prédio de arquitetura imponente, Ester fitava a gigantesca placa onde se encontrava gravado o nome da loja com um aviso de emprego. *Brook* parecia ser um lugar frequentado apenas pela alta sociedade, considerando o tipo de pessoas que entraram e saíram de lá nos dez minutos em que a moça permaneceu apenas observando o movimento de onde estava, do outro lado da rua.

Após fazer uma pequena oração, atravessou a rua, decidida a conseguir uma vaga de emprego. Ela não tinha experiência com vendas e nem em qualquer outra área do mercado, pois nunca fora necessário trabalhar, mas conhecia muito bem o tipo de cliente de comércios como aquele. Se fosse em outros tempos e circunstâncias, Ester até poderia ser um deles.

Prestes a entrar na loja, uma mulher de uniforme e cabelos negros na altura da cintura saiu e arrancou o aviso de emprego da parede.

— Com licença, a vaga já foi preenchida?

A mulher virou em sua direção, enquanto amassava o pedaço de papel.

— É o que parece, não é?

Ester crispou os olhos, diante de tanta hostilidade devido a uma simples pergunta.

— Você saberia me responder quando terá novas vagas, Hillary?

— leu o nome na pequena plaquinha de metal, presa no uniforme da outra, para ganhar sua simpatia ao chamá-la pelo nome.

Hillary a olhou dos pés à cabeça, antes de dar um meio sorriso.

— Acho que não teremos vagas tão cedo.

A passos firmes, sustentado por um salto de quinze centímetros, a funcionária retornou para dentro da loja com desdém no olhar ao fitá-la pela última vez antes de desaparecer porta adentro.

Desanimada, Hadassa deixou os ombros caírem, permitindo toda a confiança de momentos antes esvair-se como fumaça, dando lugar a frustração. Deu alguns passos para trás, antes de se virar rumo a rua, mas sua passagem foi obstruída ao se chocar com um pedestre que transitava pela calçada. O café que o homem segurava voou de suas mãos, manchando o jornal que lia, bem como a camisa branca e o terno cinza-claro que trajava.

— Mil perdões! — Hadassa levou a mão ao pescoço e retirou o seu cachecol para limpar a mancha enorme que se formava nas vestimentas.

— Está tudo bem — ele disse ao afastar as mãos dela com sutileza.

— Olha só o que fiz. Sou um desastre ambulante!

O rapaz sorriu de seu desespero.

— Eu disse que está tudo bem.

Ester levantou os olhos pela primeira vez para o rapaz de fala gentil.

O sorriso sumiu dos lábios dele por alguns segundos, assim que ambos sustentaram o olhar um no outro. O estômago da jovem se agitou e uma sensação diferente percorreu todo o seu corpo dando-se conta da beleza dele. Seus cabelos eram castanhos claros, quase loiros, seus olhos tinham uma mistura de mel e verde, contrastando com a pele bronzeada e os lábios finos.

— Eu sinto muito — ela sussurrou, movendo os olhos para a mancha da camisa em uma vã tentativa de acalmar o coração.

— Não se preocupe com isso. Deve ter alguma coisa ali que me sirva. — Apontou para a loja que até pouco tempo ela pretendia trabalhar.

— Não sei se posso pagar algo que venda aí.

Envergonhada com a situação, Ester tentou focar em outra coisa que não fosse o homem à sua frente.

— Não precisa fazer isso, foi um acidente. E eu deveria estar mais atento por onde ando em vez de ler enquanto caminho. A culpa também foi minha.

A forma cortês com que ele se dirigia a ela, causou em Ester algo que ela nunca experimentara. Uma sensação tão boa, que estava difícil não manter uma postura indiferente.

— É provável que essa mancha nunca saia e você perca a camisa.

Teve necessidade de acrescentar algo quando ele continuou parado de frente para ela.

— Acredito que não sairá mesmo. — Ele analisou o estrago, como se não fosse nada.

Hadassa deu um suspiro desanimado. Definitivamente, aquele não era o seu dia. Deveria voltar para casa e tentar em outro momento. Ela não havia conseguido o emprego que buscava e estava passando a maior vergonha da sua vida em frente ao rapaz mais bem-afeiçoado que já vira.

— Há algo errado? — ele perguntou, ao percebê-la abatida.

— Vim até aqui pela vaga de emprego — apontou para a loja —, mas fui informada por uma *gentil* moça que ela não estava mais disponível.

— Tenho certeza de que posso ajudá-la quanto a isso! — A voz dele saiu empolgada demais. Então ele pigarreou e abrandou o tom. — Quer dizer, talvez eu possa.

— Acho que não. A menos que você seja o dono. — Ester deu uma risada curta e parou logo em seguida ao ver as sobrancelhas do jovem

arqueadas e seu maxilar contraído, como se segurasse o riso. — Você é o dono?

Ele assentiu.

— Meu nome é Ewan Marshall. — Estendeu a mão e ela retribuiu o cumprimento.

— Ester.

Por mais que Ewan tentasse, não conseguia desviar os olhos daquele sorriso tão singelo. Teria que pensar rápido em algo, pois não poderia deixá-la ir embora sem a certeza de que a veria de novo. Uma brisa soprou, levando a fragrância do café derramado até o seu olfato, como se fosse a resposta divina que precisava.

— Podemos conversar lá dentro? Tenho a vaga perfeita para você.

Ester olhou para ele desconfiada.

— Está falando sério?

— Claro, mas não é uma vaga como vendedora. Será servindo café, se não se importar.

O coração de Ewan palpitou ao ver o rosto dela se iluminar.

— Aceito e adianto que não tenho boas experiências com café — gracejou, apontando o peito encharcado do rapaz.

— Apenas me prometa que não irá derrubá-lo nos clientes. — Ewan indicou a porta.

Quando entraram na loja, os dois atraíram a atenção das vendedoras mais próximas, que iniciavam mais um dia de trabalho. No entanto, Ester não percebeu os olhares curiosos, pois estava maravilhada com a beleza do lugar.

Um lustre gigantesco no centro inundava o ambiente com uma luz âmbar. Havia flores naturais por todos os lados em vasos do período barroco e suas fragrâncias pairavam no ar. As seções eram arrumadas por cores e tons que combinavam entre si. Clientes bem-vestidos iam e vinham. Uma música suave tocava ao fundo e no centro, uma escada em formato de caracol, ornada por um tapete sofisticado, dava acesso ao segundo piso.

Ewan e Ester andaram lado a lado até uma parte mais afastada dos mostruários, enquanto ela observava cada detalhe. Uma moça com fones de ouvidos, cabelos castanhos preso em um rabo de cavalo alto, se encontrava com dificuldade para abrir um champanhe quando eles entraram na pequena cozinha.

— Bom dia, Sharon — Ewan cumprimentou, retirando a garrafa das mãos dela e removendo a rolha sem o menor esforço.

Sharon resmungou alguma coisa para si e revirou os olhos diante da destreza do patrão, antes de tirar os fones do ouvido.

— O que houve com você? — Fez uma careta ao ver o estado em que Ewan se encontrava.

— Um acidente.

— Culpada. — Ester se manifestou, encolhendo os ombros.

— Esta é a Ester. A partir de hoje, ela te ajudará a servir os clientes.

— Que boa notícia! — Sharon se animou, erguendo as mãos ao céu. — Finalmente minhas preces foram ouvidas.

— Eu disse que um dia contrataria alguém. — Ewan sorriu sem disfarçar o olhar galanteador em direção a Ester. — Sharon, poderia pedir para Hillary providenciar uma camisa e outra gravata para mim? Peça que leve até o meu escritório, por gentileza.

— Certo. Uma camisa, outra gravata e um babador — gracejou, ao perceber como o patrão encarava a recém-chegada.

— O que disse?

— Uma camisa e outra gravata. Entendi. — Sharon saiu com um sorriso divertido dançando em seus lábios.

— Ela parece ser legal — Ester disse, enquanto a nova colega de trabalho se afastava.

— É sim, mas não conte a ela que confessei isso em voz alta — Ewan sussurrou, fazendo-a sorrir. — Bem, vamos conversar na minha sala? Tecnicamente você ainda precisa ser entrevistada para a vaga de emprego.

O escritório de Ewan se localizava no segundo andar e possuía uma imensa janela com vista para a avenida principal, ladeada de prédios de várias outras lojas, tão sofisticadas quanto aquela. Próximo a ela, uma mesa de madeira com três poltronas confortáveis. No canto esquerdo, havia um aparador e sobre ele, uma infinidade de porta-retratos.

Não demorou muito, Hillary irrompeu pela porta, sem bater.

— Bom dia, Ewan. O que fizeram com você?

— Foi um acidente.

Ele pegou as peças solicitadas e sorriu para Ester, até aquele momento ignorada pela funcionária que havia espiado cada passo dos dois desde que entraram na loja e desapareceram escada acima.

Ewan pediu licença e saiu para se trocar no cômodo adjacente ao escritório, deixando as duas mulheres a sós.

— Foi um belo truque, tenho que admitir — a vendedora se dirigiu a Ester com petulância. — Como sabia que ele era o dono da loja?

Hillary nem tentava disfarçar o seu desgosto. Era sempre assim ao se tratar de Ewan. A moça nutria uma espécie de amor platônico pelo patrão, sem se importar em esconder seus sentimentos. Quando se conheceram, acabaram envolvendo-se, mas por algum motivo que ela ainda tentava entender, tudo acabara antes mesmo de começar, causando frustração e amargura. No entanto, ainda tinha esperança de reconquistá-lo e para isso fazia das tripas o coração se fosse necessário.

Ester logo percebeu que tipo de pessoa Hillary era. Por diversas vezes, já havia precisado lidar com gente assim, então tratou de responder à altura.

— Se eu acreditasse em acaso, diria que foi um grande golpe de sorte. Mas não teve nada a ver com isso. — Ela não pretendia soar mal-educada, mas suas palavras ecoaram ásperas.

Hillary cruzou os braços e apoiou seu peso na perna esquerda.

— E tem a ver com o quê?

— Se está me perguntando, mesmo que eu explique, você não entenderia. — Ester mal se reconheceu ao dizer tais palavras, mas algo dentro dela tentava repelir a moça a qualquer custo.

Hillary cerrou os punhos e abriu a boca para responder, mas naquele momento, Ewan retornou. A vendedora, mais do que depressa, adiantou-se, oferecendo para terminar o nó da gravata. Ester se endireitou na poltrona e olhou em direção a janela, desconfortável com a proximidade dos dois.

— Bem, acho que podemos começar a entrevista. — Ewan se sentou do outro lado da mesa com os lábios contraídos em um sorriso que tentava conter.

Hillary era a encarregada das entrevistas sempre que surgia uma vaga. Aquela era a chance de colocar a *intrusa* de uma vez por todas em seu devido lugar, antes mesmo que ela se desse conta do que estava acontecendo. Ewan confiava em seus instintos quanto a isso e um alerta enorme disparava todas às vezes que olhava para Ester. Semblante sereno, sorriso cordial e gestos leves. Aquele tipinho poderia enganar o patrão, mas ela, nunca!

— Será um prazer entrevistá-la. — Hillary olhou a outra de relance, com um pequeno sorriso surgindo em seus lábios.

— Não será necessário. Eu mesmo farei isso. Obrigado, pode voltar para a loja, Hillary — Ewan a dispensou.

— Mas esse é o meu trabalho!

— E eu a estou liberando dele.

Hillary contou até dez para conter a raiva que se alastrava dentro de si com um olhar complacente para o patrão.

— Tudo bem — disse a contragosto, antes de sair.

— Então, Ester, me fale sobre você. — Ewan cruzou as mãos sobre a mesa, concentrando toda a sua atenção na jovem.

O sangue dela gelou. Ela sabia quem era Hadassa, a moça de Cefas que perdera os pais aos oito anos durante a primeira invasão a sua casa. A garotinha que passou horas chorando no esconderijo subterrâneo até Mohammed a resgatar. Aquela que fora perseguida por sua fé em um Deus proibido em seu país de origem. A moça cheia de sonhos roubados por uma ditadura, mas que agora tinha a chance de recomeçar. Mas, quem era Ester? Só possuía esse nome há um dia e precisava a todo custo esconder suas origens. Não havia se preparado para responder aquele tipo de pergunta. E se falasse demais? Por outro lado, ela tinha uma tela em branco à sua frente e a partir de então, poderia ser quem quisesse ser, até mesmo uma jovem desinibida, cheia de vida e confiante.

Tentando pensar rápido, deixou transparecer seu desconforto.

— Algum problema? — Ewan a encarou com o cenho franzido e ela engoliu em seco.

— Não! Só não sei o que dizer. — Foi sincera.

— Entendo e, para falar a verdade, eu também não gosto de falar sobre mim. Mas preciso de algumas informações a seu respeito se irá trabalhar aqui. Que tal começar com o seu sobrenome?

— Sullivan. — Ester respirou fundo, enquanto Ewan anotava seu nome completo em uma ficha. Torturada pelo silêncio momentâneo que pairou entre eles, sentiu a necessidade de acrescentar algo mais. — Sou órfã desde os meus oito anos. Meu tio, Joseph, me criou a partir de então. Há alguns dias nos mudamos para Gamaliel — preferiu citar apenas o nome da província onde residiam para não revelar que acabara de chegar ao país —, e preciso de trabalho. Vi o aviso de uma vaga aqui, mas antes que tivesse uma chance ela já não estava disponível. O resto você já sabe.

Ewan voltou a anotar mais algumas coisas e depois sorriu.

— Está contratada.

— Não precisa saber mais nada? — Ester perguntou cética.

Ele queria saber muito mais e se preciso fosse, estava disposto a cancelar todos os seus compromissos do dia apenas para poder escutá-la. Tudo nela o atraía, inclusive o tom meigo de sua voz.

— Creio que por hora isso é suficiente. Exceto se você quiser falar...

— A única coisa que eu tenho a acrescentar é obrigada. — Ester se levantou e estendeu a mão. — Esse emprego significa muito para mim, senhor Marshall.

— Bem-vinda a *Brook*, senhorita Sullivan. — Ele também se levantou e retribuiu o cumprimento, demorando um pouco para soltá-la. Aquele simples toque era como uma descarga elétrica, partindo das mãos e se alastrando por todo o corpo dele. — E pode me chamar apenas de Ewan.

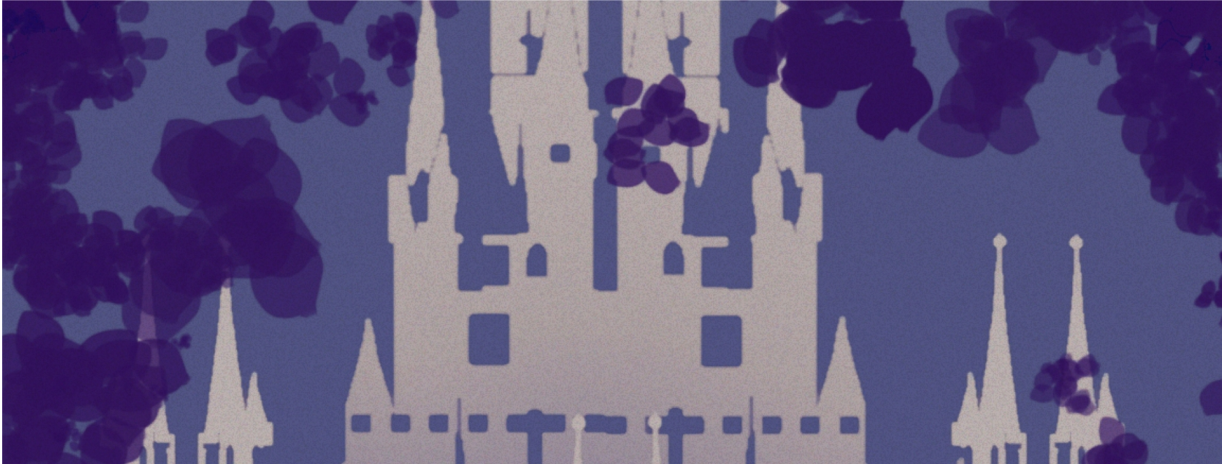
— Começo amanhã, Ewan? — Ela desfez o contato e ajeitou a alça da bolsa no ombro.

O rapaz queria responder que ela deveria começar imediatamente, mas temeu soar desesperado demais.

— Sim, fale com a Sharon antes de ir. Ela dará as orientações sobre a sua função.

A moça saiu de sua sala, mas Ewan continuou fitando a porta enquanto um sorriso bobo dançava nos lábios. Seu coração ainda palpitava e o aroma do perfume que ela usava ficara impregnado ao ambiente. Puxou o ar com força para gravar cada nota da fragrância e abriu o aplicativo do sistema de segurança da loja a tempo de vê-la cruzar o saguão até entrar pela porta da copa onde Sharon estava.

Ester possuía uma leveza ao andar e falar, diferente de todas as garotas que conhecia em Galav, o fascinando além do que um dia imaginou ser possível. De onde havia surgido aquela garota? Ewan não sabia e isso nem importava, porém, agradeceu aos céus por ela ter trombado com ele.



Capítulo 03

Querido futuro marido,

Você tem sonhos? Eu tenho vários, e um deles é poder conhecer o mundo e as maravilhas feitas por Deus. Já conheço dois países: minha terra natal (não convém falar sobre ela aqui) e agora Galav, meu novo lar. Não sei se isso conta, mas é um começo, não acha? Porém, de todos os lugares do mundo, o que eu sempre sonhei visitar desde pequena é Paris – a Cidade do Amor – e sua gigantesca torre Eiffel. Quem sabe ter um jantar romântico com você em um dos vários restaurantes gourmets existentes ali? Seria o dia mais incrível da minha vida, sem contar o nosso casamento.

*Beijos e abraços da sua amada futura esposa,
Hadassa.*

Equilibrando uma bandeja com algumas xícaras e um bule de café, Ester se encaminhava até a ala de espera da *Brook* onde dois senhores aguardavam suas companheiras terminarem as compras. Porém, antes de chegar ao seu destino, foi barrada por Hillary no meio do caminho.

— Preciso provar isso antes que sirva. Aqueles são os maridos das nossas melhores clientes.

— Claro. — Ester forçou um sorriso, servindo meia xícara.

Hillary cheirou o café antes de levá-lo à boca, mas o cuspiu no chão quando este tocou suas papilas gustativas.

— Essa coisa está horrível! Quer intoxicar todo mundo por aqui?

Ester olhou para o líquido espalhado pelo piso, boquiaberta diante a atitude da colega de trabalho.

— Sharon disse estar bom.

Hillary revirou os olhos, impaciente.

— E desde quando ela virou especialista em café? Volte e faça outro e limpe essa bagunça antes que alguém escorregue e caia.

Ester fechou os olhos com força e apertou os lábios quando a gerente se virou e saiu rebolando. Hillary era o tipo de pessoa que sentia prazer em ridicularizar quem bem entendesse, e quando percebeu o fascínio de Ewan por Ester, fizera dela seu mais novo alvo.

Sentindo-se humilhada, a moça retornou para a cozinha em busca de um pano para limpar os respingos no piso.

— Por que voltou com a bandeja? — Sharon indagou ao vê-la regressar.

— O café está horroroso.

— Quem disse isso?

— Hillary.

Sharon grunhiu, apoiando-se na pia.

— Não dê ouvidos àquela mal-amada.

— Qual o problema dela?

— Ego. Aliás, esse é o problema de todas elas. — Apontou com o queixo em direção à loja. — Pensam ser melhores que nós só porque não precisam lavar um copo sequer aqui. — Sharon sorriu. — Ou pode ser inveja. Nós duas somos mais bonitas sem precisar estar toda produzida.

Ester admirava a autoestima da nova amiga. Tinha a impressão de que nada a chateava, pois parecia sempre muito segura de si. Ela queria ser assim também, no entanto, a vida havia sido cruel demais, levando toda a sua autoconfiança para bem longe. Viver sob regras de um governo cruel causara sequelas quase irreparáveis. Ela sabia que se tentasse, poderia superá-las, no entanto, era ciente do processo lento, longo e cheio de obstáculos.

— Deixa que eu levo isso para os clientes. — Sharon se ofereceu, pegando a bandeja.

— Obrigada, preciso limpar a sujeira que ela fez.

— Se fosse comigo, não teria a mesma paciência.

— Eu preciso do emprego. — Ester suspirou, seguindo para cumprir a tarefa.

— Não é motivo para ela te tratar com desprezo. Da próxima vez, não deixe barato. Se ela te humilhar dessa maneira, revide. Pelo que vi, só se você matasse alguém seria demitida. E até chego a duvidar disso, considerando o quanto o Ewan gostou de você. Sou capaz de apostar que ele até te tiraria da cadeia caso uma catástrofe dessas acontecesse.

— Alguém já disse que você é bem exagerada?

— Deve ter falado, mas eu estava ocupada demais para dar ouvidos a esse absurdo. — Sharon piscou, sumindo em meio às araras de roupas com a bandeja.

Ester se ajoelhou e apertou o pano úmido em sua mão, tentando entender qual o propósito de Deus em sua vida. Não que ela não fosse grata por tudo que Ele fizera por Joseph e por ela, mas impressionada como a vida poderia dar voltas gigantescas a ponto de te tirar de um extremo e levá-lo ao outro.

Enquanto limpava o café do piso, um par de *A. Testoni*^[2] perfeitamente ilustrado parou próximo a ela.

— Posso saber quem foi a sua vítima hoje?

Ester levantou os olhos para Ewan, que sorria com as mãos nos bolsos da calça social.

— Longa história — falou, voltando para sua tarefa.

— Então leve um café para mim, que serei todo ouvidos.

Ewan saiu, deixando-a pensativa. Será que Sharon tinha razão? Ester balançou a cabeça em negação, respondendo a sua própria pergunta. Ele era bonito demais, importante demais, bom demais para ser verdade. Ela? Bem, agora ela era apenas uma refugiada e a moça do café. No entanto, mesmo ciente de tudo isso, o coração palpitou mais forte, enquanto um suspiro esperançoso escapava por entre os lábios.

Quando Ester entrou no escritório com o café do patrão, ele não se encontrava. Ela colocou a bebida sobre a mesa e se deixou guiar pela curiosidade até os porta-retratos que vira no dia da entrevista sobre o aparador. Em todas as fotos, Ewan aparecia sozinho e em cada uma delas, ele se encontrava em algum ponto turístico mundo afora, com exceção de duas: uma com um rapaz loiro, olhos claros e sorriso largo, embaixo da

torre *Eiffel* e em outra, estava ao lado de um senhor e outro homem, os três possuíam traços familiares.

— Gosta de viajar, Ester? — a voz grave de Ewan soou próxima a ela, fazendo com que a moça sobressaltasse de susto.

— Me desculpe, não queria bisbilhotar.

Ester sentiu o rubor subir pelas bochechas, não apenas por ser pega, mas porque o patrão encontrava-se perto o bastante para sentir o calor que emanava do corpo dele.

— Tudo bem. Elas estão aí para serem vistas mesmo.

— Parece que você já viajou o mundo todo. — Ester voltou a olhar as fotografias.

— Estive em muitos lugares — Ewan respondeu, sem sair do lado dela.

— Qual viagem você mais gostou?

— Paris, sem dúvidas.

Ester olhou para ele, com o coração batendo forte outra vez. Era muita coincidência o lugar preferido dele ser o que ela mais almejava conhecer? Ela acreditava em sinais e aquele pareceu ser um bem claro, piscando entre eles.

Ewan sorriu, exibindo um brilho intenso em seus olhos e Ester voltou a olhar as fotos a fim de disfarçar seu fascínio diante daquele homem tão belo.

— Quem é esse? — Ela apontou para a foto dele com outro jovem, buscando a todo custo acalmar a agitação em seu âmago. — Ewan franziu o cenho e apontou para o quadro em questão. Quando ela assentiu, ele arqueou as sobrancelhas em silêncio. — Não precisa me dizer se não quiser — disse, ao perceber certa hesitação por parte dele.

— Esse é o meu melhor amigo e esse é o meu pai e meu irmão — falou rápido, explicando quem eram os dois homens do outro porta retrato.

— Vocês parecem bem unidos. — Ester sorriu para a imagem dos três alinhados em um abraço e muito felizes.

— Nós éramos — Ewan sussurrou.

Diante da resposta pesarosa, Ester voltou a olhar para ele, mesmo relutante.

— Por que não são mais?

— Meu pai morreu de câncer há três anos e meu irmão há um ano e meio devido a um acidente de carro — revelou com um *quê* de tristeza em

seu tom de voz.

— Sinto muito.

Ester, mais do que ninguém, compreendia perfeitamente a dor dilacerante que era não ter as pessoas queridas da família e de seu convívio. Ewan e ela compartilhavam uma luta diária para superar a perda.

— Tudo bem. — Ewan esboçou um sorriso, como se lesse compreensão nos olhos dela.

— Sei o que sente.

— Você disse que perdeu sua família também naquele dia da entrevista, não é?

— Sim, somos apenas meu tio e eu agora.

— Então se considere uma pessoa de sorte por ter pelo menos ele.

— E a sua mãe? — ela quis saber.

Ewan suspirou, dando-se conta mais uma vez da grande tragédia que era a sua vida.

— Morreu logo após o meu nascimento.

Ester comprimiu os lábios, envergonhada.

— Sinto muito, de novo.

— Não tinha como você adivinhar. — Ele tocou o braço de Ester no mesmo instante que Sharon entrou pela porta.

Os olhos da funcionária dançaram entre sua colega de trabalho e o patrão. Desconcertada, Ester pediu licença e saiu do recinto.

— Você está fazendo aquilo de novo. — Sharon cruzou os braços e encarou Ewan.

— Do que você está falando? — Fazendo-se de desentendido, ele andou até a sua mesa e serviu-se do café que Ester havia levado até lá.

— Não teste a minha inteligência, Ewan.

— Eu só pedi que ela me trouxesse um café. — Ergueu a xícara no ar.

— Isso foi apenas um pretexto para estar com ela.

Ewan bufou e encarou Sharon. Apoiando-se na mesa, tomou um gole da bebida.

— Nada mal. — Sorriu, olhando para o líquido fumegante.

— Vocês mal se conhecem. Não me diga que já está se apaixonando? — Sharon se aproximou com as mãos na cintura.

— Não fale besteira. — Ewan revirou os olhos e deixou a xícara de lado.

— Eu vejo o jeito que você olha para ela.

— Que jeito é esse?

— Como você olhava para a Hillary até pouco tempo.

Sharon provocou, recebendo um olhar fulminante.

— Isso não tem nada a ver com aquilo. Eu apenas gosto da simpatia da moça. — Ewan deu de ombros, indo se sentar em sua cadeira. — Ela tem algo diferente e instigante. É só isso.

— Sei.

— Achei que você tivesse gostado dela também.

— Eu gostei. — Sharon se sentou de frente para o chefe. — Mas eu sei como você ficou da última vez, Ewan, até me fez prometer que te impediria de fazer a mesma besteira. Então vai com calma.

— Eu não estou apaixonado — disse ele taxativo. — Relaxa.

— Para o seu bem, espero que não.

Ewan se remexeu desconfortável em seu assento.

— O que você queria falar comigo? Não veio aqui apenas para me dar um sermão, não é? — Tratou de mudar o rumo da conversa.

— Preciso sair mais cedo. A Lucy me ligou e disse que a Brenda está com um pouco de febre.

— Tudo bem, vai cuidar da sua filha — ordenou, afetuoso.

— Obrigada. — Ela se levantou e com um gesto teatral acrescentou: — Tente não a pedir em casamento enquanto eu estiver fora.

— Como você é engraçada. Já pensou em ganhar um dinheiro extra no *stand-up*?

Sorrindo, Sharon saiu, fechando a porta atrás de si.

Ewan afrouxou o nó da gravata, incomodado de repente com as palavras de Sharon. Em seguida, pegou o celular e ligou para o melhor amigo.

— Você acredita em amor à primeira vista, Alexander? — disse assim que ele atendeu.

— O quê?

O amigo riu, identificando a ansiedade na voz do outro lado da linha.

— Acredita ou não?

— Sei lá, Ewan.

— Qual é? Você é um príncipe!

— No entanto, minha vida não é nenhum conto de fadas.

— Péssima analogia.

— Eu gostei. — Alexander sorriu outra vez, mas logo parou. — Espera, não me diga que está apaixonado outra vez?

— Claro que não! — Ewan apertou o ponto entre os olhos. — Por que todo mundo fica me dizendo isso?

— Você quer que eu enumere as eleitas deste ano?

— É diferente agora, Alexander.

— Achei que você havia dito não estar apaixonado.

— Não é paixão.

Ewan deixou o corpo escorregar na poltrona e soltou o ar preso nos pulmões. Ele sabia como era estar apaixonado, mas sentia o oposto agora, de um jeito que ele não saberia explicar.

— Tudo bem. — O amigo procurou ficar sério e entender o que Ewan estava tentando dizer. — Por que é diferente?

— Primeiro, porque ela não é como as outras garotas que já conheci. Ela é meiga, verdadeira e espontânea.

— E o que mais? — Alexander perguntou por educação, mas sem muito interesse.

— Ela não faz ideia de quem é você.

Houve um longo silêncio, fazendo Ewan se perguntar se a ligação teria caído.

— Se você não se incomodar, estou no meio de um assunto importante.

— Ficou ofendido, Alteza? — Ewan alfinetou.

— Não é nada disso e você sabe que esse é o meu maior desejo. Quisera eu não ser reconhecido nunca!

— O que foi agora? Pode me contar ou é segredo de estado?

— É o meu pai e suas ideias fabulosas outra vez — disse Alexander com sarcasmo. — A gente se fala depois, pode ser?

— Claro, e boa sorte.

— Vou precisar mais que isso, caro amigo.

— É tão ruim assim?

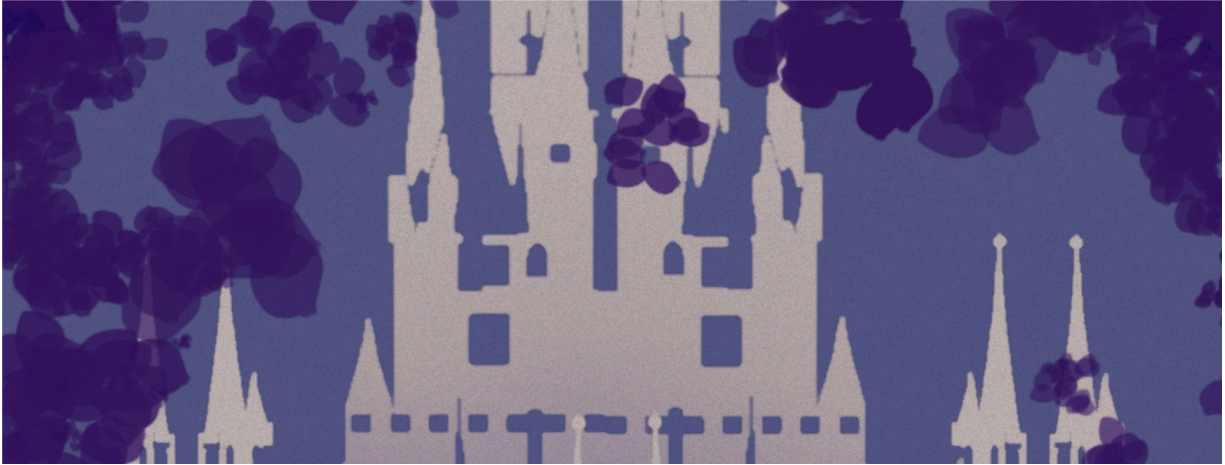
Um suspiro carregado de frustração ecoou pelo fone.

— Meu pai resolveu brincar de Deus e interferir em algo que poderá mudar a minha vida para sempre.

— Ainda bem que eu não sou você, então.

Afinal de contas, não ser o grande príncipe Alexander do reino de Galav tinha lá suas vantagens

.



Capítulo 04

Querido futuro marido,

Você aprecia o frio tanto quanto eu? Eu sou uma admiradora de dias assim. Nada supera a sensação de segurar uma xícara de chocolate quente e passar o dia aconchegada sob os cobertores. No entanto, as circunstâncias atuais me impedem de desfrutar desse conforto, e minha realidade é completamente diferente. Levantar cedo para trabalhar se torna um desafio quando lá fora o frio é tão intenso, como acontece hoje. Mal posso esperar pelo momento em que estaremos juntos. Imagino como será incrível aquecermos um ao outro no conforto dos nossos braços. Oro para que esse dia chegue logo, pois a solidão me cerca. Se não fosse pela presença reconfortante do Espírito Santo comigo, acredito que seria ainda mais difícil suportar essa espera. Por favor, não demore a cruzar o meu caminho, meu amor.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Era uma tarde fria e chuvosa em Galav. Dois meses se passaram desde que Ester começara trabalhar na *Brook*. Devido ao mau tempo, o movimento da loja se resumia em meia dúzia de mulheres comprando vestidos para um evento beneficente que ocorreria naquela semana. Ester e Sharon serviam o grupo de amigas com champanhe, entre uma prova e outra de vestidos. No monitor plasma fixado na parede, o desfile da famosa semana de moda era transmitido em tempo real. De repente, o brasão da família real apareceu na tela, interrompendo a programação. O hino nacional de Galav ecoou, fazendo todos pararem de imediato o que estavam fazendo, concentrando sua atenção no comunicado.

Um senhor com aparência de apresentador de *reality show* começou a falar. Ao fundo se encontrava os membros da realeza em um estúdio preparado exclusivamente para momentos como aquele. Era a primeira vez que Ester via a família real de seu novo país. Ela deu alguns passos a fim de se aproximar da TV e poder vê-los melhor. Algo no príncipe pareceu familiar, no entanto, não conseguiu saber o que. O rei Sebastian III e a rainha Elizabeth se encontravam sentados e o filho, o príncipe Alexander, estava de pé ao lado dos pais.

— Todos em nosso país sabem que o rei Sebastian III está prestes a passar sua coroa para o seu sucessor e filho, o príncipe Alexander — principiou o senhor com o microfone e algumas fichas nas mãos. — Contudo, o herdeiro do trono deverá contrair matrimônio antes de sua coroação. Tendo em vista o pouco tempo até a data acordada pelo Conselho real, sua Majestade, o rei, optou por fazer essa escolha da futura rainha aos moldes dos casamentos de seus antepassados.

Ao ouvir a declaração, as solteiras do ressinto, entre clientes e funcionárias, ficaram entusiasmadas, enquanto Ester achou tudo aquilo surreal. Seu país, Cefas, também era governado pela monarquia, no entanto, duvidava que um anúncio como aquele causasse a mesma euforia se fosse exibido por lá, pois o príncipe herdeiro era famoso por sua crueldade.

— A partir de amanhã, vossa Alteza Real, o príncipe, com uma comissão, receberá cartas e fotos das pretendentes. Não importa sua classe social, você poderá se tornar a próxima rainha de Galav!

A câmera focou em Alexander e o olhar de Ester pousou nele. Era um homem esguio, expressão séria, postura ereta e olhar frio. Foi assustador para ela pensar em se casar com alguém que ela mal conhecia, por mais que fosse um príncipe.

— Apenas dez garotas serão escolhidas, uma de cada província, então, faça o seu melhor e entre nessa corrida pelo coração do futuro rei de Galav!

O apresentador acenou e mais um close na figura de Alexander foi registrado antes do brasão reaparecer e o desfile voltar a ser exibido. O alvoroço foi geral, as mulheres falavam ao mesmo tempo com entusiasmo e o jantar beneficente, assunto atual até momentos antes, foi totalmente esquecido.

— Vamos entrar na corrida? — Sharon gracejou, assim que encontrou Ester na cozinha no final do expediente. — Se eu não tivesse uma filha de dois anos, me inscreveria sem pensar duas vezes.

— Eu não teria essa coragem.

Ela poderia pensar em milhares de razões pelas quais isso não daria certo.

— Por que não? Você é linda e jovem! Com certeza seria escolhida para participar.

— Assim como todas aquelas moças que estavam aqui e várias outras mais interessantes espalhadas pelo país. — Ester apoiou o quadril na pia e cruzou os braços. — Não nasci para isso.

— Não nasceu para o quê? — Ewan entrou no minúsculo cômodo, intrometendo-se na conversa das funcionárias e trocando olhares com Ester.

Há alguns dias, Ester tinha percebido que seu coração sempre ficava acelerado perto do patrão e suas mãos soavam quando ele se aproximava. Depois, ela já não conseguia evitar transparecer seus sentimentos por Ewan e, ao que tudo indicava, a afeição era recíproca e a atração entre eles era quase palpável, porém, nenhum dos dois falava de forma clara sobre o assunto, evitando-o sempre que se viam. Tinha sido tão rápido e avassalador, que Ester encontrava dificuldades para entender os sentimentos.

— Para ser a futura rainha de Galav — Sharon respondeu, com seu habitual entusiasmo. — Você não acha, Ewan, que ela é perfeita para esse posto?

Ewan franziu a testa em sinal de desgosto. Em seguida, serviu-se de uma xícara de café e adicionou leite e açúcar na bebida, enquanto pensava em sua resposta.

— Bem, é algo muito pessoal. Ela é quem deve decidir sobre isso — disse por fim, mirando Ester nos olhos.

Sharon olhou para a amiga, esperando que ela mudasse de opinião.

— Não nasci para esse posto. — Ela o encarou de volta, como se quisesse que ele entendesse a mensagem subliminar presente em sua fala.

Desistindo de tentar convencer Ester, Sharon saiu da cozinha, deixando o patrão a sós com a colega.

— Você pelo menos cogita a ideia de se inscrever no tal concurso?
— Ewan sondou mais uma vez, com o coração tão apertado quanto àquela minúscula cozinha.

Ela baixou os olhos por um instante ao negar veemente com a cabeça.

— Longe de mim julgar quem tem o desejo de participar, mas isso não é para mim. Não lido bem com expectativas, sou ciumenta, ansiosa, impulsiva e impaciente. — Ela sorriu de um jeito meigo. — Quando menina, até quis ser princesa, mas era apenas um sonho de criança. Sem falar que não teria coragem de ficar longe do meu tio.

O coração do rapaz voltou a pulsar sangue outra vez, aliviado com a declaração da moça. Era difícil não criar um milhão de expectativas ao estar com ela. Expectativas, essas, que Ewan gostaria de suprir em um futuro não tão distante. Ele estava indo com calma, sondando o terreno e o preparando para lançar a semente. Essa nova abordagem estava o deixando louco. Nunca fora de esperar tanto tempo antes de externar as suas intenções a uma garota. Todavia, Ester era diferente e ele queria fazer do jeito certo dessa vez, pois tinha certeza de que valeria a pena cada minuto da sua espera.

— Você e seu tio parecem ser bem unidos — Ewan disse com um sorriso gentil dançando nos lábios.

— Sim, nós somos. Devo tudo o que sou hoje a ele.

— É muito louvável a sua dedicação.

— É o mínimo que posso fazer. Nós já passamos por muitas coisas juntos e ele teve que abrir mão de tudo por mim.

Ewan examinou os olhos dela.

— Há algo misterioso em você que me intriga, Ester.

A curiosidade no olhar de Ewan fez seu estômago se agitar. Aquilo não era bom para alguém que precisava esconder suas origens e o passado a todo custo. Contudo, confiava no patrão e dia após dia ele dava sinais de que queria o seu bem. Mesmo assim, munuiu-se de cautela, como aprendera

a agir desde muito nova, escolhendo seus próximos passos e atos para não pôr tudo a perder.

— Não sou misteriosa, apenas uma garota comum. — Ela quebrou o contato visual, indo até o armário pegar sua bolsa a fim de desviar do assunto.

Sharon voltou para se despedir antes de ir embora e Hillary entrou logo em seguida, ignorando Ester como sempre fazia.

— Ewan, poderia me deixar em casa? Essa chuva não dará trégua e parece que todos os táxis da cidade estão ocupados.

— Você também precisa de carona, Ester? — o patrão perguntou ao vê-la se preparar para partir também.

— Vou de coletivo, não precisa se incomodar.

Ewan juntou as sobrancelhas em uma expressão de reprovação.

— Esse horário é muito perigoso, você vem com a gente.

— Ela já está acostumada, não é Ester? Faz isso todos os dias — disse Hillary, tentando disfarçar com um sorriso a crítica no tom de sua voz.

— Sim. — Ester forçou simpatia. — Às vezes eu fico horas esperando, mas a boa notícia é que, mesmo que demore, o ônibus sempre passa.

A vendedora segurou a respiração e fuzilou Ester com os olhos ao identificar a sutil provocação.

— Mais um motivo para eu te levar — Ewan falou, horrorizado. — Vou pegar minhas coisas e encontro as duas em cinco minutos.

Quando o patrão estacionou em frente à loja, Hillary apertou o passo e entrou no carro, sentando-se no banco da frente. Ester sorriu ao perceber o desespero dela e só para implicar, resolveu brincar também.

— Onde você mora, Ester? — Ewan perguntou ao entrarem no fluxo da rodovia.

Ela passou o endereço e percebeu Hillary reprimir um sorriso debochado ao digitar o logradouro no GPS do carro.

— Certo, vou levar a Hillary primeiro e depois deixo você em casa — ele respondeu, observando-a pelo retrovisor.

— Por que não a leva primeiro? — Hillary sugeriu. — É um bairro perigoso para voltar sozinho.

— Não me leve a mal, mas você não irá me valer de muita coisa caso alguém resolva fazer algum mal a mim. — Ewan olhou para o céu que escurecia. Ester segurou o riso, fazendo Hillary olhar de cara feia para trás.

Ela sabia que estava agindo como uma adolescente, porém, não se importou. Realmente estava sendo a garota espontânea que Hadassa não era, e gostou, mesmo que aquele ato beirasse a imaturidade. — Se eu te deixar em casa primeiro, não preciso andar o dobro do que andaria para fazer todo o caminho de volta com você — ele justificou.

Hillary concentrou sua atenção na chuva que caía no para-brisa, ficando em silêncio o resto do caminho, enquanto Ester e Ewan conversavam amenidades. Quando o carro parou em frente a sua residência, a vendedora se inclinou e beijou o rosto do patrão, pegando-o de surpresa.

— Obrigada pela carona — sussurrou com um sorriso cínico. De carrancuda, transformou-se em um dia de sol, sem se importar com o olhar de reprovação que recebia de Ewan.

Ester estranhou o aperto no estômago que sentiu ao presenciar a demonstração de afeto. Dessa vez, foi Ester quem mergulhou no silêncio o resto do caminho até a sua residência.

— Está entregue. — Ele se virou para trás e procurou os olhos dela. Quando ela o retribuiu, os lábios de Ewan esboçaram uma nuance de contentamento.

Assim como antes, o estômago da moça se agitou. Sempre que ele sorria daquela maneira, seu organismo reagia de forma imediata.

— Obrigada — Ester agradeceu, abrindo a porta, pronta para correr para longe daqueles olhos que pareciam querer lhe dizer algo.

Aliás, essa era a sensação que tinha todas às vezes que Ewan a encarava como fazia naquele momento, como se lesse sua alma e sondasse seus pensamentos.

— Vou te acompanhar. — Ewan desceu do veículo, abrindo um guarda-chuva sobre eles.

A chuva havia diminuído, porém, ainda era grossa o suficiente para deixar qualquer um encharcado.

— Não precisa se incomodar. Já me trouxe até aqui.

— O serviço não será completo se você não chegar seca em casa — disse ele, passando o braço pelos ombros de Ester para guiá-la até o outro lado da rua rumo a entrada do prédio.

Atravessaram a rua, próximos, com o calor que emanava do corpo de Ewan a aquecendo, fazendo-a sentir frio quando se afastaram ao alcançar o pequeno toldo na portaria do decadente edifício. Ela se perguntou por que ele não havia feito isso por Hillary também. Quando o pensamento lhe

ocorreu, sorriu por dentro. Mas se advertiu logo em seguida. Não era o momento de se envolver com ninguém.

— Mais uma vez, obrigada. — Ester esfregou as mãos para dissipar o frio que sentia de repente.

O conforto que o calor dos braços de Ewan lhe proporcionou naqueles breves segundos havia sido suficiente para querer aquilo para sempre.

Advertiu-se mais uma vez.

— Foi um prazer.

Ambos se fitaram por alguns segundos, até ouvirem alguém pigarrear perto deles.

— Tio! — Ester deu um passo para longe de Ewan, posicionando-se ao lado de Joseph.

— Estava preocupado com você.

O homem alternou o olhar entre os dois jovens.

— Como vê, estou bem. Apenas me atrasei devido à chuva. — Ao perceber que o tio ainda encarava Ewan, Ester fez as apresentações. — Tio, esse é o meu patrão, Ewan Marshall. Ele fez a gentileza de me trazer até em casa.

— É um prazer finalmente conhecê-lo, senhor Sullivan. Ester fala muito do senhor. — Ele estendeu a mão, porém Joseph não retribuiu o cumprimento.

— Não acho apropriado uma moça andar de carro com um rapaz a sós.

O rubor cobriu o rosto de Ester com o comentário.

— Eu sinto muito, senhor. Mas foi um motivo de força maior. Não poderia deixá-la ao relento debaixo desse temporal.

— Agradeço a preocupação, mas na próxima vez, prefiro que me avise e eu a buscarei.

Ewan encarou o homem de volta, procurando qualquer sinal de gracejo. Como não identificou, mal se despediu e saiu. Ester cobriu o rosto com as mãos, desejando que o prédio caísse sobre ela naquele exato momento para soterrar sua vergonha. Joseph, por outro lado, parecia não se importar com o que acabara de acontecer. Pelo contrário, estava contente com sua falta de educação quando entrelaçou o braço ao da sobrinha, conduzindo-a até as escadas.

— Você viu o pronunciamento da família real na televisão hoje mais cedo? — perguntou, com um grande sorriso. — Desolada, Ester fitou o tio. — Acho essa uma grande chance para você — ele continuou, ignorando o olhar gélido da sobrinha.

— Não vou me inscrever.

Joseph parou de andar, virando-se para ela.

— Por que não?

— Por mais que eu odeie quando me faz passar vexame, não suportaria ter que ficar longe. Quem cuidaria do senhor?

Joseph acariciou a mão da sobrinha.

— Bobagem! Eu sei me virar sozinho. E seria apenas um pequeno sacrifício. Depois você se tornaria rainha e ficaria tudo certo.

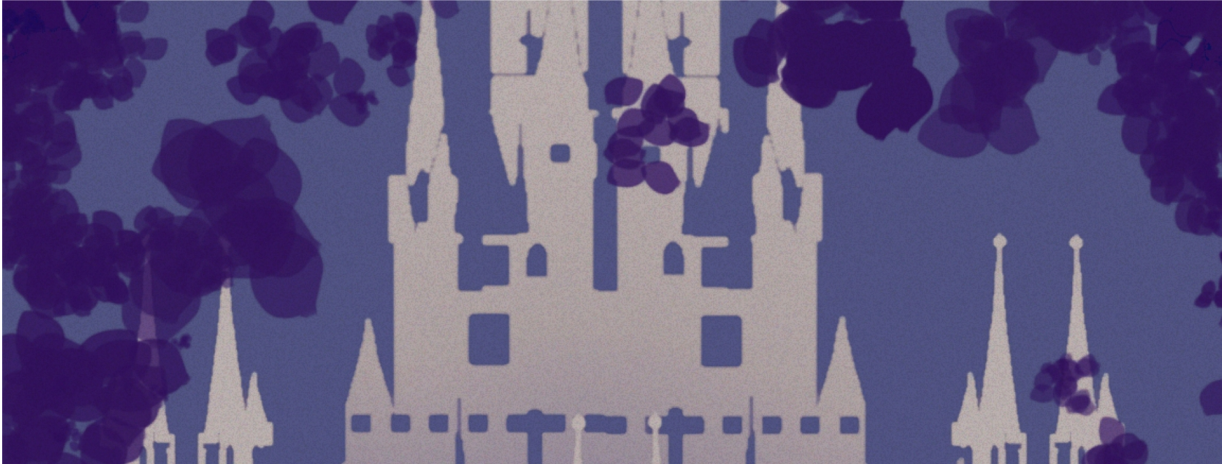
Ester encarou o tio, lançando-lhe um olhar que ele não pode decifrar.

— Você é tão confiante e eu amo essa sua qualidade, mas, nesse caso, é criar expectativas demais. Não quero embarcar nessa. — Ela suspirou e voltou a andar. — Decidi que agora vou criar cactos^[3].

— Criar o quê?

— Cactos. Li algo sobre isso em um livro e peguei para minha vida. Então, ir para o palácio e sonhar em ser a próxima rainha de Galav é uma expectativa que não quero alimentar. Já foi difícil passar pelo que passamos e estar onde estamos agora. Por que eu tenho que sonhar na possibilidade de tudo voltar a ser como antes, quando nós dois sabemos que isso é impossível?

Joseph passou o resto da noite pensando nas palavras de Ester. Não se conformava em deixar uma oportunidade como aquela escapar. Era a brecha perfeita para devolver a dignidade à amada sobrinha. No entanto, ela parecia decidida a não embarcar no mesmo sonho, até mesmo conformada demais com sua realidade atual. Ele concordava com o argumento que Ester havia apresentado, mas não aceitava em deixar a chance se perder. Sabe se lá Deus quando teriam outra. Por fim, e após tanto quebrar a cabeça, chegou a uma conclusão: não se pode criar expectativa com algo oculto e desconhecido.



Capítulo 05

Querido futuro marido,

Nos últimos dias, sinto uma grande necessidade de ser útil. Não sei ao certo o porquê desse sentimento ou o motivo de estar lhe escrevendo isso. Talvez, sentir-se necessário é o que dá sentido à vida, tanto da minha, quanto das pessoas em volta. Há um propósito por trás de cada ação, uma razão de ser, de fazer e só assim o mundo passa a ter sentido. Eu ainda estou tentando entender qual é o meu desígnio aqui na terra, no entanto, de uma coisa estou certa, quando nos encontrarmos quero ser como a mulher de provérbios 31, uma ajudadora, auxiliadora e companheira.

*De sua futura esposa,
Hadassa.*

— Moça, poderia me ajudar? — Ester se virou em direção a voz e viu uma senhora próxima aos provadores, com uma roupa que não lhe caía nada bem, apertando partes do seu corpo que deveriam passar despercebidas.

— Sim, claro. — Ester foi até ela oferecendo um sorriso gentil.

— Quero sua opinião sobre esta roupa.

— Ah, me desculpe, sou apenas a moça do café. Mas posso chamar alguma vendedora para te ajudar.

— Não é necessário, a Hillary já está me atendendo. — A mulher se inclinou para mais perto da jovem e sussurrou. — A opinião dela eu já sei, quero ouvir a sua, pois não está interessada na comissão que receberá caso eu fique com a roupa. Por favor, seja sincera.

Ester engoliu em seco. Se externasse a sua opinião verdadeira, provavelmente perderia o emprego.

— Bem... — começou a falar e pelo canto dos olhos viu Hillary se aproximar.

— Está tudo bem por aqui? — A vendedora forçou um sorriso, enquanto alternava o olhar entre as duas mulheres.

— Está, sim — disse a cliente, voltando sua atenção para Ester. — Essa gentil moça do café ia dar sua opinião sincera sobre essa roupa.

Ester olhou outra vez para Hillary, ciente da reprovação escondida na fisionomia cordial. A cliente a fitava com expectativa, porém, não poderia mentir e fazer a pobre mulher passar vergonha, seja lá onde ela usaria aquele traje.

— Desculpe pela minha sinceridade, mas eu acho que essa roupa não a favorece muito.

Hillary lhe lançou um olhar furioso.

— Ester, não se diz isso a uma cliente! — falou, com um sorriso nervoso.

— Ela pediu minha opinião sincera.

A mulher analisou sua imagem refletida no espelho, com o cenho franzido.

— Ela tem razão. Não posso aparecer assim no noivado da minha afilhada.

— Quer que eu encontre mais algumas opções? Temos uma nova coleção de conjuntos que a senhora vai amar — Hillary ofereceu depressa.

— Na verdade, quero sim. — Aliviada, Hillary faz menção em sair. — Mas quero que ela faça isso. — A cliente apontou para Ester.

— Eu?

— Ela não é vendedora, senhora Robin.

— Isso não importa, se ela tiver bom gosto.

Hillary assentiu, ainda relutante. Afinal de contas, não poderia ir contra a vontade da mulher. Sob o olhar vigilante delas, Ester andou pela

loja em busca de uma nova peça de roupa. Em um dos manequins *plus size*, havia um vestido vermelho escarlate com alças largas, acompanhado de uma echarpe.

— Acredito que esse ficará bem na senhora. — Apontou em direção as vestimentas e viu a cliente fazer uma careta.

— Não gosto de usar vestidos — disse, ao analisar o mesmo.

— Você gosta dele no manequim?

— Sim, mas é um manequim, no meu corpo ficará completamente diferente.

— Eu acho que seu corpo não é tão diferente. — Ao ouvir a comparação, Robin jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. — Prova, e se a senhora não gostar, escolhemos outra peça. — Ester sugeriu.

A cliente pensou por alguns instantes e mesmo cética, concordou em provar o vestido.

— O Ewan não gosta de pessoas que não sabem o seu lugar — Hillary alfinetou quando as duas funcionárias se viram sozinhas.

Ester não respondeu. A última vez que havia falado com o patrão, fora há dois dias quando ele lhe deu carona até a sua casa devido ao forte temporal. Joseph não tinha sido educado na ocasião e, desde então, Ewan parecia ignorá-la, fazendo-a cogitar que sua permanência no emprego poderia estar por um fio.

Um longo tempo depois, a senhora Robin saiu do provador. Ela estava perfeita no vestido, muito diferente da roupa anterior. No entanto, não dava para saber sua opinião apenas pela sua expressão facial inerte.

— Você salvou o meu dia. Eu adorei! — Jogou seus braços rechonchudos em volta do pescoço de Ester. — Já estava começando a achar que não encontraria nada apropriado e o noivado é hoje à noite.

Ester sorriu aliviada.

— Fico feliz que tenha ajudado.

— Ewan! — Senhora Robin acenou para o rapaz, que passava do outro lado do salão, chamando-o para se aproximar. — Você irá ao noivado da Júlia?

— Olá, senhora Robin. — Ele a cumprimentou com um aperto de mão. — É claro que sim. Não perderia esse evento por nada.

— Então leve essa adorável moça do café com você — disse, enquanto entrelaçava o seu braço no de Hillary, arrastando-a em direção ao provador. — Vamos, querida, preciso que abra o meu zíper. — Antes que

entrassem no vestiário, a cliente se virou e acrescentou: — A propósito, dê a ela a comissão pela venda deste vestido.

Ewan arqueou as sobrancelhas surpreso.

— Você vendeu o vestido?

— Ela solicitou a minha ajuda. — Ester tratou de justificar o seu breve desvio de função.

Os olhos do patrão se estreitaram de modo sério.

— Poderia me acompanhar até minha sala? — Ele fez um sinal com a cabeça em direção as escadas, antes de se virar e sair.

— Eu te avisei — proferiu Hillary da porta do provador, de onde ouvia a conversa.

Com o coração apertado, Ester o seguiu. Sobre sua mesa, encontrava-se uma infinidade de catálogos e amostra de tecidos. Hillary entrou logo em seguida e se sentou em uma das poltronas, cruzando as pernas de modo extravagante. Ester permaneceu em pé e se preparou para sua demissão iminente. A vendedora olhou de relance para a colega e depois encarou Ewan, inquisitiva.

— Antes de mais nada, aproveitando que estamos todos aqui, quero registrar o meu descontentamento em relação ao acontecimento com a senhora Robin. Foi um ultraje, tendo em vista que a cliente era minha e eu já estava...

— Hillary — Ewan a interrompeu, mas ela levantou o dedo pedindo um minuto e prosseguiu:

— O que eu estou tentando dizer, é que cada um tem que saber o seu lugar aqui.

— Se isso é pela comissão, ela é toda sua. Eu apenas fiz o que a senhora Robin me pediu. Não é você quem vive dizendo que devemos estar à disposição e atender qualquer necessidade dos clientes? Em momento algum quis ocupar um lugar que não era meu. Desculpe-me se você se ofendeu, não foi nada premeditado e isso não vai se repetir — Ester falou quase que em um fôlego só.

— Ewan? — indagou Hillary, à espera de uma posição do patrão.

Ele exalou um suspiro curto e alternou o olhar entre as duas funcionárias.

— A senhora Robin saiu feliz e satisfeita. Aliás, eu nunca a vi tão exultante e é isso o que importa. Afinal, nosso alvo, aqui na *Brook*, é esse: clientes realizados.

Ele sorriu e fixou seu olhar em Ester, que, aliviada, retribuiu. Descontente com a opinião do patrão e o sorriso compartilhado entre os dois, Hillary descruzou as pernas, para trocar de posição.

— Que isso não se repita.

— Não irá. — Ester assegurou. — Mais alguma coisa, Ewan?

— Sim, quero a sua ajuda aqui e você, Hillary, pode voltar para a loja.

— Achei que eu fosse te ajudar.

— Hoje está uma loucura lá embaixo. Melhor ficar com as outras vendedoras e a moça do café será mais útil aqui, comigo.

Ewan reprimiu o riso e Hillary se levantou, ajeitando o uniforme ao sair da sala.

— Eu te chamei aqui por dois motivos. — Ewan apontou a poltrona desocupada por Hillary para Ester se sentar. — Vou precisar de ajuda para selecionar a nova coleção que será vendida na *Brook* na próxima estação. A Hillary sempre se encarregou dessa área, mas depois do que vi a pouco, gostaria de ter uma opinião diferente só para variar. — Ester assentiu, mesmo surpresa com o pedido. — Segundo, temos um noivado para irmos hoje à noite. — Encostou-se na cadeira com imensa satisfação.

Ester entrelaçou as mãos sobre o colo e as fitou.

— Posso te ajudar com a nova coleção, mas creio que não será possível te acompanhar ao noivado.

— Por que, não?

— Dois motivos: você conheceu meu tio. Acha mesmo que ele permitiria? Segundo, eu não tenho nada para vestir.

— Não se preocupe, eu falo com o seu tio e explico a situação. Roupa, você sabe que não é problema aqui. Pode escolher qualquer coisa da loja para usar hoje.

Ester pensou por alguns instantes, buscando entender de onde vinha tanta generosidade. Ele era sempre tão gentil com ela, apesar de ter passado os últimos dias a ignorando. Agora era como se nada tivesse acontecido. Seu coração se aqueceu ao olhar para ele, com tamanha expectativa por sua resposta. Havia tanto tempo que ela não ia a um evento como aquele, que mal percebeu quando a resposta saiu de sua boca.

— Se ele permitir, eu irei.

Lentamente, um sorriso tomou conta do rosto de Ewan e assim permaneceu pelo resto da manhã, enquanto trabalhavam juntos. Ewan lhe

mostrou a nova coleção, selecionando os tecidos que enviariam para o estilista responsável.

Ao meio-dia, Sharon comprou almoço para os dois e Ewan saiu logo depois para resolver alguns problemas. Ester estava amando poder fazer algo diferente que não fosse servir café, sentindo-se útil de alguma maneira. Ewan voltou após duas horas e disse já ter falado com Joseph. Contou como foi difícil convencê-lo, mas no final, ele concordou dando várias recomendações.

No meio da tarde, outra funcionária entrou na sala com alguns vestidos de gala dispostos em uma arara para que Ester pudesse escolher qual usaria no jantar de noivado. Ewan avisou que uma equipe viria para arrumá-la. Pela primeira vez, em muito tempo, Ester se sentiu realmente feliz e empolgada com algo.

Ewan havia pensado em tudo, pois a sala de reunião se transformou em um verdadeiro salão de beleza, onde três profissionais cuidaram dela nas horas subsequentes. Suas unhas e maquiagem foram feitas, cabelos escovados e um penteado simples, porém sofisticado, foi perfeitamente arranjado. Após pôr o vestido escolhido, ela parou em frente ao espelho e quase não reconheceu a imagem ali refletida. Há muito tempo não se via tão bela como naquele momento. O vestido acentuava a cor dos seus olhos, combinando com todo o conjunto.

Ester permaneceu imóvel por algum tempo, ponderando se deveria mesmo acompanhar Ewan até aquele noivado. Pareceu errado de repente, como se não estivesse fazendo a coisa certa, sem contar que gostaria de ter falado com o tio ela mesmo. Relutante, dirigiu-se às escadas e desceu cada degrau com cuidado. Ewan se encontrava em pé no fim da escadaria, concentrado no celular. No entanto, assim que percebeu sua aproximação, guardou-o no bolso do *smoking* e a encarou deslumbrado.

— Você está linda — disse, sem tirar os olhos dela até que Ester se juntou a ele.

— Obrigada. — Os dilemas da moça esvaíram quando ele sorriu.

Ester limpou o suor das mãos na saia do vestido, enquanto o rubor cobria o rosto dela, deixando-a ainda mais encantadora.

— Vamos? — Estendeu o braço e ela aceitou.

Seguiram em direção ao carro que os aguardava na entrada da loja. Ewan abriu a porta para ela e entrou logo em seguida, sentando-se ao seu lado no banco de trás.

— Você não vai dirigir?

— Hoje teremos um motorista particular. Assim eu posso passar a noite toda ao seu lado. — Ester arqueou as sobrancelhas, surpresa com as palavras do patrão. Era a primeira vez que suas intenções em relação a ela passavam de olhares trocados para palavras ditas. — Estou indo rápido demais? — Ewan indagou ao ver sua expressão.

— Acho que não esperava ouvir isso tão cedo.

Ewan sorriu, tentando a segurar a mão dela pousada próxima a dele.

— Perdão.

Um silêncio preencheu o veículo e persistiu durante todo o trajeto, como se entre eles houvesse uma conexão que transcendia as palavras. Ao se aproximarem da casa, já era possível ver a enorme fila de carros estacionados. A construção glamourosa indicava que Ester acabara de entrar em outro mundo do reino Galav, uma parte que ela ainda não havia sido apresentada. Seu nervosismo aumentou, no entanto, agora não era porque estava em um encontro com Ewan, mas porque estava quebrando uma das regras estipulada pelo tio: passar despercebida.

— Você está bem? — Ewan perguntou, percebendo o seu desconforto.

— Acho que foi um erro eu vir. — Ester o olhou aflita.

— Tenho certeza de que foi uma decisão acertada você vir. — Ewan contrapôs, segurando-lhe a mão como ansiava até aquele momento.

Ester estava ciente que as coisas estavam indo rápido demais entre eles, ainda assim, não foi capaz de lutar contra o sentimento crescente tomando conta do seu coração. Por isso, sorriu em resposta, apertando sua mão a dele, como se o gesto fosse suficiente para dizer às palavras que ela lutava para não professar.

Ewan saiu para a noite fria e abriu a porta do carro para ela, ajudando-a descer, porém, não a soltou, guiando-a em direção a mansão. O palacete era deslumbrante, tão grandioso por dentro como por fora. Assim que entraram, Ester percebeu alguns olhares curiosos em direção a eles, fazendo-a apertar a mão de Ewan.

Ele sorriu, adorando a sensação.

— Não ligue para os olhares — Ewan disse baixinho. — Estão apenas admirando a sua beleza.

Se ao falar aquilo ele pretendia acalmá-la, não deu certo. Os constantes elogios por parte do patrão e a atenção extra que vinha

recebendo, estavam deixando a moça cada vez mais desconcertada. Um dos empregados se aproximou e pegou os casacos dos recém-chegados. A senhora Robin os viu momentos depois e foi ao encontro de ambos.

— Não vai me dizer que essa é a moça do café? — falou, analisando-a dos pés à cabeça.

— É ela sim — Ewan respondeu, orgulhoso.

— Boa noite, senhora Robin — Ester a cumprimentou.

— Meu Deus, como você está linda!

— A senhora também.

— Graças a você, minha querida. Graças a você! — Agarrou a mão de Ester, tirando-a do Ewan. — Venha, quero que conheça algumas pessoas.

Ester foi apresentada a quase todos ali presentes, por fim, começou a se sentir sufocada. Na primeira oportunidade que surgiu, esquivou-se para uma sacada a fim de respirar um pouco. O vento soprava frio, mas ela não se importou. Tudo que queria, era alguns minutos antes de encarar aquela multidão outra vez.

A vista daquele ponto era incrível e a sacada dava para um lago que ficava próximo à casa. A lua, apesar das grossas nuvens e da neblina, estava linda. Sua luz prata refletida no lago, completava o espetáculo. A brisa mudou de direção, atingindo-a com um pouco mais de força. Ela abraçou o próprio corpo para se aquecer, recusando voltar para o salão.

Do outro lado da porta, Ewan a observava sem coragem para se aproximar. Estava cada vez mais difícil ficar perto de Ester. Seu cérebro parava de funcionar e todo seu corpo começava a ser comandado pelo coração. Inclusive sua boca, pois parecia ter perdido o domínio de suas palavras desde que a viu descer as escadas da *Brook* e caminhar até ele. Ester se encolheu outra vez de frio, sem pensar duas vezes, Ewan tirou seu *smoking* e foi até ela, colocando-o sobre seus ombros.

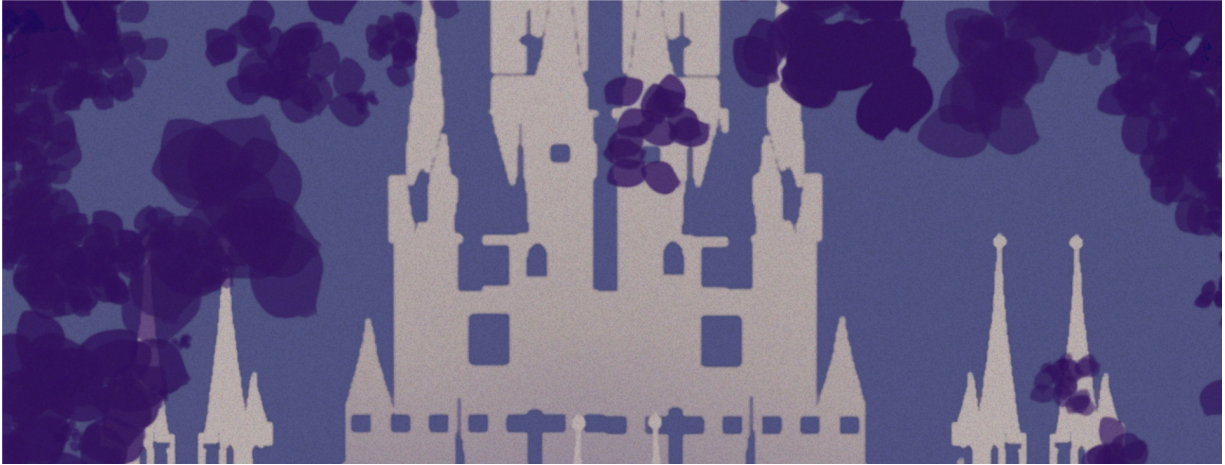
— Achei que tinha fugido — ele disse, usando todas as suas forças para se afastar e encostar-se no parapeito da sacada.

— Estava aqui pensando exatamente em como fazer isso — Ester gracejou ao olhar para o jardim que se estendia alguns metros logo abaixo.

— Não sei por que estava tão apreensiva. Você está se saindo muito bem.

Ester exibiu um sorriso breve. Ele não fazia ideia de seus dilemas, passado ou de sua história e, por hora, era preferível que continuasse assim.

Relutante, Ester devolveu o *smoking* para ele. Ewan o vestiu e estendeu a mão para ela, ansioso pelo toque suave das mãos mais uma vez. Ela aceitou e ele entrelaçou os dedos, admirando como se encaixavam tão bem.



Capítulo 06

Querido futuro marido,

Por onde andas, onde está neste momento? Você imagina como será sua futura esposa? Eu penso muito em você. Imagino como serão os seus cabelos, seus olhos, a cor da sua pele, seu sorriso, seu humor, seu jeito de andar, suas manias, defeitos e qualidades. Já amo cada detalhe seu! Não procuro perfeição, até porque eu estou longe disso. Busco apenas alguém temente a Deus, que venha a amá-Lo acima de todas as coisas, pois a partir disso, sei que você cuidará de mim e permanecerá ao meu lado todos os dias das nossas vidas, até que a morte nos separe.

*Sua futura esposa sonhadora,
Hadassa.*

A festa de noivado seguiu um ritmo alegre e Ester relaxou. Era como se Ewan conseguisse antecipar suas necessidades antes mesmo dela perceber que precisava. Depois do jantar, os noivos anunciaram uma banda que tocaria para animar os convidados. Todos seguiram para um enorme

salão onde os músicos iniciavam os primeiros acordes de uma música que Ester não conhecia.

— Quer dançar? — Ewan estendeu a mão para ela, assim que a segunda canção começou.

Ester encarou a mão de Ewan sem saber se deveria aceitar o convite. Na verdade, dançar nunca fora seu forte, pois considerava ter dois pés esquerdos.

— Eu não sei dançar.

— Todo mundo sabe dançar. — O rapaz ignorou a sua recusa, puxando-a para a pista.

Ewan começou a se mexer no ritmo da batida animada, enquanto Ester, sem sucesso, tentava o acompanhar. Antes mesmo de aprender alguns passos, e para o seu alívio, a música acabou. Logo em seguida, começou a tocar outra, porém, lenta. Ewan enlaçou sua cintura e se aproximou até que seus corpos se tocassem. Tímida, Ester apoiou as mãos nos ombros dele como os outros casais faziam.

— Você aprende rápido — Ewan sussurrou.

— Eu sou péssima. — O riso dela, próximo ao ouvido de Ewan, fez seu coração palpitar. — Todo mundo está olhando para nós.

— Eu já disse que estão admirando sua beleza.

Envergonhada demais para responder, Ester dançou em silêncio até a música acabar. Ela gostou de ser embalada pelos braços de Ewan. Era estranha a sensação de segurança que sentia quando o perfume que ele usava invadia suas narinas e a sua presença a aquecia naquela noite fria.

Os últimos acordes do solo do violino soaram pelo salão e Ewan se afastou apenas o suficiente para poder olhar para ela. A forma com que a fitou foi diferente de todos os olhares que havia trocado até então. Por mais que lutasse contra, Ester tinha que admitir, estava refém daquele sentimento. O flash de uma câmera disparou contra eles, dissipando a bolha que os envolviam. Ewan se virou para o fotógrafo, ainda com o braço direito enlaçando a cintura de Ester.

— Sorria — disse ele, enquanto fazia um sinal para que tirasse outra fotografia.

Antes mesmo de Ester entender o que estava acontecendo, três flashes surgiram quase cegando-a.



— De onde eles surgiram? — Ester perguntou, quando Ewan, com a ajuda dos seguranças da festa, conseguiu afastar os fotógrafos para que pudessem entrar no carro. — E por que nós viramos o centro das atenções? Você é alguma celebridade ou algo do tipo?

Ester estava com as mãos trêmulas diante da situação nada favorável. Os esforços para não ser notada durante os quase dois meses morando em Galav, falharam. Já podia ouvir o sermão acalorado do tio se aquelas fotos fossem publicadas e viessem ao seu conhecimento. Ou na pior das hipóteses, chegassem até Cefas.

— Acho que algo do tipo — Ewan respondeu, enigmático. — Tudo indica serem jornalistas cobrindo o noivado. O esposo da senhora Robin é um dos membros mais carismáticos do Conselho privado do rei e adora publicidade.

— Isso não é bom... — sussurrou ela, aflita.

Ewan notou seu incômodo e, apesar de ansioso para saber mais sobre o que ela balbuciava, percebeu que talvez, Ester não se sentisse bem com um interrogatório naquele momento, já que estava agitada. A noite havia sido perfeita e não queria estragar o que, de longe, fora o melhor encontro de sua vida. Como num gesto de apoio, ele envolveu as mãos dela entre as suas e assim seguiram os quilômetros que ainda faltavam até a casa dela.

Quando o carro estacionou em frente ao velho prédio, Ewan a ajudou descer e sem protesto algum por parte dela, a conduziu até a porta do seu apartamento. Como ele, Ester havia se acostumado com o toque da mão quente de seu acompanhante e não fazia questão alguma de soltá-la.

— Está entregue — Ewan disse, parando de frente para ela.

— Obrigada, a noite foi muito agradável. — Ester sustentou seu olhar no dele.

Diferente de antes, agora estava familiarizada com aqueles olhos cor de mel fixos nela o tempo todo, tão próximos que era possível ver com perfeição os detalhes de sua íris.

Ewan deu um passo em sua direção, diminuindo a distância entre eles. Por alguns segundos, Ester considerou dar o último passo que faltava. Mas algo dentro dela gritou para não se mover. Por diversas vezes em sua

vida, agira por impulso e depois se arrependeu. Por mais que quisesse sentir os braços de Ewan a envolverem novamente como quando dançaram, teria que resistir. Sem contar haver uma grande possibilidade de ela estar interpretando todos os sinais de forma equivocada. Eles mal se conheciam, não poderiam pôr tudo a perder, inclusive seu emprego.

— Boa noite, Ewan — disse, antes que se rendesse a onda magnética circulante ao redor deles a empurrando cada vez mais para perto um do outro.

Desapontado, Ewan deu um passo para trás e Ester entrou em casa. Ela apoiou as costas na porta, com o coração batendo forte, e fechou os olhos respirando fundo para controlar os sentimentos conturbados dentro de si. Ao abri-los, avistou o tio dormindo no sofá. Tirou as sandálias e andou nas pontas dos pés até seu quarto. Retirou o vestido com cuidado e o guardou para devolvê-lo no dia seguinte. Sentou-se de frente para o espelho em sua penteadeira e desmanchou o penteado. Quando estava terminando de retirar a maquiagem, Joseph bateu na porta.

— Pode entrar.

Ele apoiou o ombro no batente e cruzou os braços, conferindo o relógio em seu pulso.

— Faz muito tempo que você chegou?

— Sim, o senhor estava dormindo e eu não quis te acordar.

— Como foi o trabalho?

— Cansativo.

Joseph não acrescentou qualquer comentário, apenas foi até a sobrinha e depositou um beijo terno no topo de sua cabeça. Ester o observou se afastar, estranhando o porquê de ele não ter perguntado sobre a festa. Estava preparada para um longo interrogatório sobre a noite e já havia elaborado um relatório mental com todos os detalhes importantes.

Talvez estivesse chateado devido ao horário que chegara, mas, mesmo assim, era intrigante. Seu tio não deixava esse tipo de coisa passar em branco e aquilo a perturbou de tal forma que mal dormiu durante a noite. Somente no café da manhã, Ester soube o quanto estava encrencada.



cansaço da noite anterior caiu sobre o corpo de Ester quando ela acordou no outro dia. A cabeça doía e sentia como se um elefante estivesse sentado sobre ela. Com dificuldade, chutou o cobertor para longe e se arrastou para fora da cama. Não entendia a súbita ressaca, tendo em vista que havia tomado apenas água na noite anterior. Seu estômago embrulhou e um gosto amargo veio à boca. Sem dúvida, algo que comeu não caíra bem. A lagosta, talvez? Ela sempre fora intolerante a frutos do mar. Ou seria apenas exaustão por ter passado quase a noite toda em claro pensando em Ewan e em tudo que vinha acontecendo desde que se conheceram? Sem falar que ainda tinha o comportamento estranho do tio quando chegou em casa depois do noivado.

Ignorando o mal-estar e todas aquelas questões, colocou o seu uniforme, juntou os longos cabelos em um coque e correu para o banheiro a fim de terminar de se preparar para o trabalho. Ao sair, avistou Joseph colocando algumas sacolas sobre a mesa da cozinha com o slogan dourado da *Brook* estampado em cada uma delas.

— O que é isso? — Ester indagou, indo até ele.

Joseph entregou um cartão que acompanhava a encomenda para a sobrinha e, em silêncio, foi até o balcão pegar o jornal e uma xícara de café.

"Obrigado pela noite agradável. Espero que não tenha errado no seu tamanho." - Ewan

Ele tinha acrescentado uma nota no verso.

"P.S.: Você deve estar exausta. Tire o dia de folga e nos vemos na segunda-feira."

Perplexa com a atitude do patrão, Ester olhou para as sacolas e depois para o tio. O senhor mantinha sua atenção no jornal, com um vinco na testa e o maxilar rígido.

— Eu vou devolver tudo isso hoje ainda — justificou, ante a atitude calada do seu guardião.

— Faça o que você achar melhor, Hadassa.

Ester ficou chocada com o tom áspero a qual ele se dirigiu a ela pela primeira vez na vida.

— Tio, eu não sei por que ele me mandou essas coisas.

— Para mim está bem claro. — Joseph dobrou o jornal com cuidado e o colocou sobre a mesa com evidente desapontamento. — Isso

aqui explica muita coisa.

O sangue de Ester gelou em suas veias ao ver uma foto dela e de Ewan estampando a primeira página.

"SERÁ QUE UM DOS SOLTEIRÕES MAIS COBIÇADOS DE GALAV FOI FINALMENTE FISGADO?", anunciava a manchete em letras garrafais.

O texto ao lado dizia que Ewan havia roubado a cena apresentando sua nova namorada em um dos noivados mais aguardados de toda Galav, além de especularem sobre a identidade de sua acompanhante. O fôlego de Ester encontrou uma barreira na garganta.

— Eu não acredito nisso! — Ester se deixou cair na cadeira ao seu lado, tampando o rosto com ambas as mãos.

As tentativas para não chamar atenção acabavam de se frustrar de uma vez por todas e o que antes era só uma suposição, tornara realidade.

— Sabe o que é inacreditável? — O tio tamborilou os dedos sobre a mesa com os olhos fixos na fotografia e uma calma incomum. — Descobrir as suas aventuras em um jornal de circulação nacional.

— Como? — Ester o encarou, confusa.

— O que estava pensando, Hadassa? Que daria suas escapadas e eu não descobriria? Estamos fazendo de tudo para não sermos notados e agora especulações sobre sua identidade estão circulando na mídia nacional! E o pior de tudo, é que você omitiu tudo isso de mim! Nunca tivemos segredos!

O desgosto nos olhos furiosos de Mohammed a deixou ainda mais confusa.

— Do que o senhor está falando? Ewan disse que te ligou e você me autorizou ir com ele ao noivado.

— Eu não sabia de nada disso até esse exato momento, Hadassa. Achava que você estava trabalhando. Foi isso que... — Joseph fincou o dedo indicador na imagem sorridente de Ewan, ponderando suas próximas palavras. — Eu deveria ter desconfiado. Eu sabia, desde a primeira vez, que ele não era de confiança.

— Eu não acredito que Ewan tenha mentido dessa maneira. — Desolada, Ester engoliu o choro.

— E olha para isso! — O homem apontou para as sacolas da *Brook* sobre a mesa. — O que o faz pensar que tem a liberdade de te presentear? Eu espero que você... Que vocês...

— Não, tio! — Ester se levantou num salto. — Eu não dei nenhum tipo de liberdade a ele. Estou tão surpresa quanto o senhor.

Joseph respirou longa e demoradamente antes de voltar a falar.

— Você não trabalha mais para o Ewan. Vai devolver essas coisas agora mesmo e nunca mais pisará os pés naquele lugar.

— Mas...

Ester tentou justificar que, por mais terríveis que as coisas fossem, aquela era uma fonte de renda muito necessária para eles. O que fariam se ela perdesse o emprego?

— Esse assunto não está em discussão, Hadassa. Devolva e peça demissão. — Deu o ultimato, encerrando a discussão.

— Sim, senhor.

Decepção definia Ester quando ela parou em frente a *Brook*, uma hora depois. Ela confiava demais nas pessoas e quase sempre era decepcionada. Seu tio costumava lhe dizer que só notava a superfície e não analisava o interior delas, acreditando apenas no que via, esquecendo-se de que de boas intenções o inferno estava cheio. Mas, o que ela poderia fazer? Ester tinha um coração puro e acreditava que os demais eram como ela. Mesmo vendo coisas terríveis que um ser humano poderia fazer, cria no melhor das pessoas.

Ester respirou fundo ao entrar na loja de cabeça baixa e seguir para o segundo andar. A loja estava cheia e ela teve uma leve sensação de ter sido reconhecida, pois percebeu alguns cochichos conforme andava em direção a escada. Ao chegar ao escritório, Ewan não se encontrava, mas Sharon estava fazendo a limpeza do lugar.

— Oi! O que faz aqui? — ela foi logo dizendo com seu jeito espontâneo. — Ewan avisou que não viria hoje, não vai me dizer que já estava com saudades de mim?

Com os olhos avermelhados, Ester ofereceu um sorriso fraco, depositando as sacolas sobre a escrivaninha antes de se virar para a amiga.

— Você está bem? — Sharon deixou o que estava fazendo e se aproximou.

Sem conseguir mais se controlar, apoiou-se à mesa, cobriu o rosto, se entregando ao choro logo em seguida. Ester abraçou Sharon em busca de conforto com o coração estilhaçado em milhões de pedaços. Sharon apenas afagou as costas da amiga e deixou que colocasse toda sua dor para fora, até se acalmar por completo. Quando Ester se afastou, ela ofereceu um copo de

água e uma caixa de lenços que Ewan guardava na estante, fazendo-a se sentar logo depois.

Antes que a moça pudesse explicar o motivo do seu descontrole emocional, Ewan entrou no escritório.

— O que faz aqui? — O sorriso sumiu de seus lábios quando Sharon lhe lançou um olhar repreensivo.

Ele se aproximou e se posicionou ao lado de Ester, mas ela desviou os olhos para os sapatos que usava.

— Está tudo bem? — Ewan perguntou.

— Não — Sharon balbuciou com um semblante aflito.

Um arrepio percorreu a espinha dorsal de Ewan ao recordar o que havia feito. Apertou os olhos com força, certo do que vinha ao seu encontro. Era ciente de que mais cedo ou mais tarde tudo viria à tona, só não havia ponderado que as consequências não atingiriam só a ele.

— Pode nos deixar a sós, Sharon? — ele pediu, desalinhando os cabelos ao passar a mão direita neles.

— O que você fez? — Sharon cruzou os braços em busca de respostas.

— Por favor! — ele murmurou sem muita paciência.

— Estarei no corredor, caso precise. — Ela tocou o ombro de Ester antes de obedecer.

Um grande silêncio caiu sobre eles, enquanto Ester continuava a fitar seus sapatos e Ewan tentava encontrar uma forma de iniciar a conversa.

— Você mentiu — ela sussurrou. Ewan fechou os olhos e engoliu em seco. — Disse ao meu tio que eu iria trabalhar até mais tarde e não falou nada sobre a festa. Como pôde fazer algo assim?

Ewan passou as mãos sobre o rosto, pensando onde ele estava com a cabeça para mentir sem considerar os problemas vindouros. Havia agido exclusivamente com a emoção, ignorado a razão, deixando o desejo de estar com ela falar mais alto.

— Eu posso explicar. — Ewan se odiou outra vez ao ouvir a frase clichê sair de seus lábios.

Ester riu com deboche olhando para ele pela primeira vez.

— Você mentiu e ponto, essa é a explicação. E para piorar tudo, me mandou isso. — Levantou-se e apontou para os presentes. — Meu tio pensou coisas bárbaras a meu respeito!

Ewan não disse nada por um longo tempo, ocupado demais praguejando e se advertindo por seu relapso. Ele enxergava a decepção nos olhos dela e aquilo o estava dilacerando por dentro.

Esgotada pela falta de consideração do rapaz, Ester pegou sua bolsa para sair.

— Não posso continuar trabalhando aqui.

— O quê? — O coração dele encolheu ainda mais no peito.

— O que você esperava? Que tudo continuaria como se nada tivesse acontecido? — A voz dela subiu algumas oitavas no calor da discussão.

— *Okay!* — Ewan jogou os braços para o alto, rendendo-se ao desespero e falando no mesmo tom que Ester. — Você tem todo o direito de me odiar! Eu fui egoísta, pensei apenas em mim e não ponderei o que a minha atitude poderia causar a você. Eu sinto muito. E os presentes foram... Eu sei lá o que eu estava pensando. Eu sinto muito, muito mesmo! — Ele se viu desesperado com a possibilidade de não a ter mais por perto.

— Não, Ewan, eu sinto muito. — A tristeza nos fundos dos olhos dela o fez sentir ainda mais culpado.

Ewan começou a perceber que ela talvez tivesse as mesmas expectativas dele em relação aos dois, e agora se sentia traída — com razão. Naquele momento, Ester se arrependeu do dia em que aceitou a proposta de emprego. A vaga já estava preenchida e isso era um sinal de que aquele lugar poderia trazer algum desgosto. Mas aí derrubou café no proprietário da loja e se encantou pela simpatia do rapaz. Quem em sã consciência não ficaria fascinada por tamanha gentileza, sem falar na beleza estonteante que vinha no pacote?

— Eu deveria saber que estragaria tudo. É isso que sempre faço. — Ewan pensou alto.

O rapaz estava tão desolado quanto ela, mas Ester não se importou. A raiva que sentia pela mentira era maior que qualquer piedade dentro dela.

Já não bastava a situação estar ruim a bastante, Hillary quebrou o silêncio que pairava entre eles quando entrou ruidosamente, irrompendo sala adentro.

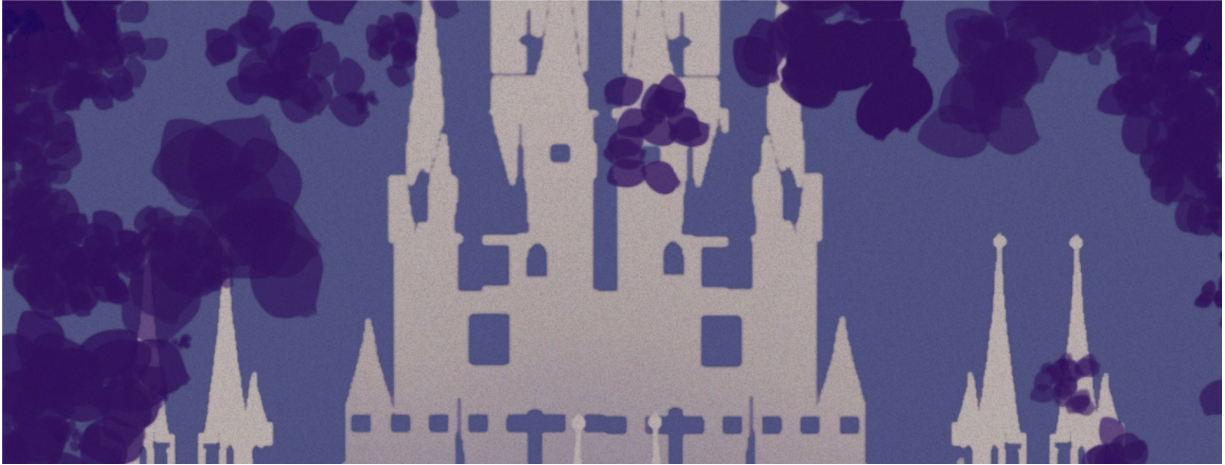
— O que é isso, Ewan? — Ela agitou uma página de jornal no ar. — Eu achei que tínhamos um acordo!

Ewan contraiu o maxilar e olhou para ela com as faces vermelhas.

— Agora não, Hillary.

— Eu quero ela fora daqui. Agora!

Farta de tanta humilhação, Ester saiu sem olhar para trás, ignorando o pedido de Ewan para que não partisse. Conseguiu segurar o choro até estar fora da loja e longe o bastante daquele lugar. Atravessou a rua e sentou-se em um banco de pedra da praça há alguns metros de distância. Soltando um suspiro inconsolável, abraçou o próprio corpo e deixou as lágrimas correrem livres pelo seu rosto. Primeiro soluçou em silêncio, depois mais alto, do fundo do seu coração. Ela gemeu e suspirou até estar totalmente entregue à tristeza.



Capítulo 07

Querido futuro marido,

Hoje aprendi algo que levarei para o resto da minha vida. Meu coração é enganoso e perverso. O mais triste é que deixei a natureza dele me dominar e agora as lágrimas que enchem os meus olhos são de arrependimento e pesar por me deixar levar. Por isso, minha oração a partir de hoje é para que o Senhor blinde o meu coração contra tudo que o possa estilhaçar, para que ele esteja inteiro quando te encontrar. Pela primeira vez, convidei Jesus para preencher qualquer lacuna no meu ser e guiar os meus sentimentos. Compreendi que Ele é o único que o manterá intacto para quando você chegar; para que eu possa viver em plenitude, sem marcas, nem pendências que venham me travar.

*Sua futura esposa
Hadassa.*

O aperto no peito de Ester persistia depois de mais uma noite em claro e de dias inteiros trancada no quarto. Sentia-se sendo castigada de todas as maneiras. Ela havia perdido o emprego, seu tio falava apenas o necessário, reduzindo os diálogos a alguns monossílabos murchos. Como se

não bastasse, Ewan não saía de seus pensamentos. Ela o odiava por tê-la enganado.

Após tomar chá e um analgésico para aliviar seu mal-estar, Ester voltou para cama. O céu lá fora estava nublado, assim como o seu interior e uma nova coleção de lágrimas se enfileirou por sua face, encharcando o travesseiro. Ela só queria que aquela dor sumisse de seu peito. Até aquele fatídico acontecimento, Ester não tinha percebido o quanto estava apaixonada por Ewan. Agora, decepcionada, o coração se encontrava em mil pedaços. Nunca alguém havia despertado um sentimento como aquele. Como era possível querer estar na companhia de uma pessoa e, ao mesmo tempo, detestá-la?

Ester recordou que leu certa vez, em um livro de C. S. Lewis, que a ira é o fluido que sai do amor quando o cortamos. Na época, a frase não fazia sentido algum, agora ela começava a entender um pouco do seu significado. Ela olhou para o teto e deixou sua mente vagar entre intermináveis hipóteses de como seria se as coisas tivessem tomado um rumo diferente.

— Olá! — Uma voz feminina arrancou Ester de seus devaneios.

Sharon estava parada na porta de seu quarto, sorrindo para ela.

— Se você está aqui a mando do Ewan... — Ester se sentou na cama e ajeitou o corpo.

— Não! — A passos largos, Sharon se aproximou, sentando-se na beirada da cama. — Eu vim por você. Afinal, somos amigas, não somos? — Tocou gentilmente o joelho de Ester.

— Claro. — Ester sorriu, desconsertada. — Me desculpe, não estou acostumada com outras pessoas se preocupando comigo, além do meu tio.

— Não precisa se desculpar. — Sharon se aconchegou ao lado de Ester e passou o braço pelos ombros dela. — Estou aqui por você.

Ester apoiou a cabeça no pescoço de Sharon e começou a chorar. Contudo, dessa vez não foi pela dor dilacerante em seu ser, mas porque, enfim, tinha algo que ela tanto ansiava: um ombro amigo para desabafar. Sharon, cumprindo seu papel, acariciou suas costas à medida que a outra se acalmava.

— Ele te contou? — Ester enxugou as lágrimas e se afastou para olhar para Sharon.

— Sim.

— Disse que mentiu para mim?

— Sim, ele me contou tudo e, acredite — Sharon suspirou —, Ewan está muito arrependido por ter feito o que fez.

Ester fez uma careta.

— Achei que tivesse aqui por mim e não para defendê-lo.

— Já disse que vim por você, mas eu o conheço há muito tempo e sei que ele nunca faria nada para magoar outra pessoa de propósito. O Ewan, apesar de não ter mais idade para isso, é imaturo, inconsequente e age por impulso em tudo. Só depois das coisas darem erradas é que ele pondera sobre os seus atos. Foi assim com aquela cobra da Hillary também. — Sharon revirou os olhos. — Ele achou que estava apaixonado e após se envolver, percebeu o equívoco quanto ao que sentia por ela.

O coração de Ester se encolheu. Então ela era apenas mais uma? O modo como Sharon falava indicava que ele já havia passado por vários outros relacionamentos, enquanto Ewan era o primeiro com quem ela se envolvia. Sentiu-se uma idiota outra vez.

— Tenho uma coisa para você. — Sharon retirou um envelope da bolsa. — Pelo tempo que trabalhou na *Brook*.

Ester o abriu e se surpreendeu ao ver a grande quantia de dinheiro lá dentro. Ela não entendia muito sobre leis trabalhistas, mas sabia que não tinha direito a tanto.

— É muito, não posso aceitar.

Quis devolver, mas Sharon se levantou, pendurando a bolsa no ombro.

— Preciso ir agora, mas gostaria de voltar. — Sorriu, ignorando o envelope estendido.

— Claro. — Ester a acompanhou. — Sempre será bem-vinda. E obrigada, eu estava mesmo precisando de um abraço.

— Acredite, eu também. — Sharon sorriu antes de partir.

Ester fitou o envelope sobre a cama, decidida a devolvê-lo. Retirou a quantia que julgava ser o valor certo de seu tempo de serviço e o lacrou novamente. Anotou o endereço da loja em um dos lados, pegou o casaco e seguiu até a caixa de postagem que ficava na esquina da próxima quadra.

Deus sabia como ela e o tio necessitavam daquele dinheiro, porém, compreendia também que não era certo aceitá-lo.

Quando voltou para casa, Joseph estava à sua espera.

— Podemos conversar?

— Sim. — Ester fitou os olhos cansados do senhor.

— Pegue sua Bíblia e me encontre na cozinha.

Ele seguiu até a mesa e Ester sorriu aliviada. Amava os devocionais e estudos bíblicos que fazia com o tio, pois ele sempre tinha algo novo a ensiná-la. Após pegar a Bíblia, sentou-se de frente para Joseph e esperou ele falar.

— Filha — ele iniciou com a voz suave —, eu sei que sou velho e sem experiência alguma nas questões em que você mais precisa da minha ajuda. — Suspirou antes de continuar. — Gostaria de possuir a capacidade de te proteger do mundo e evitar que se magoasse, mas infelizmente não tenho esse poder.

— O senhor está fazendo um bom trabalho. — Ester engoliu em seco, envergonhada.

— Será mesmo? É meu dever te orientar e o que aconteceu foi culpa minha. Sempre soube que esse dia chegaria. Você, desde criança, é impulsiva e pura emoção. Eu falhei, deveria ter te preparado melhor.

— Me preparado para o quê?

— Para a paixão, Hadassa. Esse sentimento avassalador que toma conta dos jovens e tira a capacidade de ver as coisas com clareza. — Sentindo-se culpada por ser tão relapsa, Ester abaixou a cabeça para evitar encarar a decepção do tio. Logo ela que até pouco tempo se apegava à ideia de não criar expectativas ou se envolver com alguém. — Quando se está apaixonado, erramos em nossos julgamentos e somos inconsequentes. — Ester não questionou. Não havia dito nada ao tio sobre seus sentimentos, porém, estava claro que ele já tinha conhecimento. Como era um pai zeloso, deveria ter percebido. — Abra sua Bíblia em *Provérbios 4:23* e leia para mim, por favor — Joseph pediu, depois de algum tempo em silêncio.

Ester folheou a Bíblia e leu a passagem indicada:

— *"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem às fontes da vida."* — Seu interior queimou ao pronunciar cada palavra.

— O que acontecer com você agora, te seguirá pelo resto da vida, seja para o bem ou para o mal — acrescentou Joseph. — Agora leia Jeremias 17:9-10.

— *"Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isso para dar a cada um segundo os seus*

caminhos e segundo o fruto das suas ações." — Ester terminou de ler com a voz embargada.

— Se você for infeliz agora com suas escolhas, isso te seguirá até o fim dos seus dias. As marcas feitas em um coração, são marcas eternas e cabe apenas a você escolher como gostaria de marcá-lo.

A moça concordou, evitando olhar para o tio. Aquele era o seu jeito de chamar-lhe a atenção. Na opinião dela, seria menos doloroso se ele esbravejasse e a castigasse. Suas palavras cortavam fundo em seu interior.

— Há uma expressão muito ouvida: *"Siga o que seu coração mandar"*. Mas segundo a Palavra de Deus, aquilo que devemos mais cuidar é do nosso coração. Outras versões colocam pensamento, pois nesse contexto, o coração são suas motivações, intenções, vontade, onde procedem todas as saídas da vida: sonhos, decisões e metas.

— Devemos guardar o nosso coração de nós mesmos... — a moça sussurrou.

— Exatamente! — Joseph abriu um largo sorriso, vendo que ela compreendia o que tentava expor. — A natureza do nosso coração é enganosa e traiçoeira, em nosso coração e vontades naturais, não habita bem algum. Paulo constatou isso e se queixou em Romanos 7:18. Leia.

— *"Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem."*

— Paulo lamentava sua luta para fazer o bem, porque isso vai contra a vontade de sua carne e seu coração. Sabemos que não é fácil dizer não ao pecado; é uma luta constante, e muitas pessoas têm aceitado ser derrotado pela prostituição, pela bebida e outros vícios, pois acha normal. *"É a idade, eu não sou de ferro, sou homem, sou mulher, e é minha natureza, não posso fazer nada, como vou lutar contra meu desejo?"*, por isso o mundo lá fora está cheio de adúlteros, fornicadores, beberrões e tantos outros, porque resolveram seguir seus instintos e não sabem que eles são enganosos, e mais que isso, perversos sua doença é incurável!

— Estamos perdidos! — Ester escorregou o corpo na cadeira e suspirou.

— Paulo também achou e se desesperou. Veja o que ele diz no versículo 24 do capítulo 7 de Romanos.

— *"Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"*

— Mas no versículo seguinte Paulo dá a solução: "*Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor...*". Só mesmo Jesus para nos livrar, pois só Ele conhece nosso coração de verdade, e depois de O aceitarmos, a Palavra nos diz que temos a mente de Cristo e começamos a sonhar Seus sonhos e andar como Ele quer que andemos, mas se continuarmos a andar segundo o nosso coração, aí não tem jeito mesmo.

— Vamos colher o que plantarmos — completou a jovem.

— Isso mesmo! Colheremos os frutos de nossas obras, consequências do desejo do nosso coração. Logo, se nosso coração é corrupto e perverso, nossos frutos não serão nada bons e nosso fim será horrível, e agora estamos na mesma de novo, miserável homem que somos! Mas Davi, por conhecer isso, clamou ao Senhor no Salmo 139:23-24.

Esse verso Ester já conhecia e até estava marcado em sua Bíblia, por isso, ela leu antes mesmo que fosse solicitado.

— "*Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos. E veja se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.*"

— Você tem pedido para o Senhor sondar o seu coração e guiá-lo? — Joseph indagou, fitando a sobrinha. Não. Ela jamais pedira para o Senhor guiar seus sentimentos, na verdade, achava que isso não era coisa para Deus fazer. Sempre pensou que o Todo Poderoso teria coisas maiores para se preocupar. — Não adianta nada dizer ser cristã, dizer que O ama, se não deixar Ele examinar e convencer das suas motivações erradas. Deixe-O guiar por um caminho eterno. — Ele acrescentou: — Peça para o Senhor a examinar, peça para que Ele lhe mostre onde você está errada, quais são as atitudes que deve mudar. Veja provérbios 16:2.

— "*Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos, mas o Senhor pesa os espíritos.*"

— Parece que tudo é normal, né? Tudo está direito, mas não é bem assim, o Senhor pesa as nossas escolhas. Coloque o que diz em Provérbios como princípio de sua vida: "*Confia ao Senhor as tuas obras, e teus pensamentos serão estabelecidos*". Isso é fantástico! Entregue seus caminhos nas mãos de Deus e Ele estabelecerá os Seus pensamentos, e a Bíblia diz que os pensamentos de Deus são pensamentos de paz e não de mal, para dar o fim que esperais. — As lágrimas banhavam o rosto de Ester à medida que o Espírito Santo ministrava ao seu coração através de seu tio. — Deposite seus sonhos, projetos e desejos no Senhor. Consulte primeiro a

Deus em tudo, pergunte se esses são de fato os pensamentos que Ele tem para sua vida, caso não seja, ainda que pareça direito, será caminho de morte. Veja Provérbios 14:12.

— *"Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte."*

— Coloque sua vida na dependência de Deus, guarde seu coração com a palavra de Deus. Salmo 119:9-11.

— *"Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra. De todo o meu coração te busquei; não me deixes desviar dos teus mandamentos. Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti."*

— Guarde este livro no seu coração. — Ele indicou a Bíblia de Ester. — Ocupe seu coração e sua mente do que vem do Alto, apenas a Graça e a Palavra de Deus abrirão os seus olhos para o pecado. Você pode estar do outro lado do mundo, contudo, quando surgir a oportunidade de pecar, a única coisa que vai lhe impedir de errar é se a Palavra de Deus estiver guardando o seu coração. Alimente seu espírito e crucifique sua carne. Atente para essas duas passagens a mais. Provérbios 28:26.

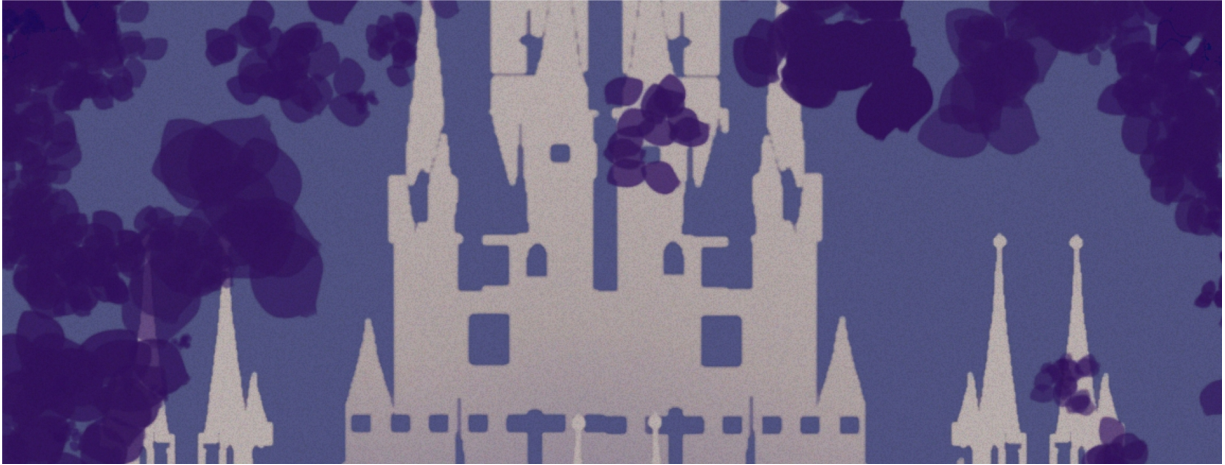
— *"Os que confiam no seu próprio coração é insensato, mas o que anda sabiamente escapará."*

— Salmo 81:11-12.

— *"Mas o meu povo não quis ouvir a minha voz, e Israel não me quis. Pelo que eu os entreguei aos desejos do seu coração, e andaram segundo os seus próprios conselhos."*

— No momento que você rejeita a instrução e o propósito de Deus, Ele te larga a sua própria sorte, te deixa andar segundo a teimosia do seu coração, e sabemos bem que dele não vem bem algum. Entregue tudo a Jesus, confie suas obras a Ele e obedeça a Sua palavra, que Ele lhe guiará segundo os desígnios do coração dEle.

Ester correu para o colo do tio, o abraçou forte e pousou a cabeça em seu ombro. Ali, ela pediu perdão e o agradeceu por aquele sermão.



Capítulo 08

Querido futuro marido,

Sabemos que tudo em nossa vida é baseado em escolhas. Uma má escolha no presente pode interferir no nosso futuro e nos deixar sequelas no passado, pois os caminhos da vida são feitos de decisões. As Escrituras estão repletas de histórias as quais escolhas mudaram vidas e destinos. Minha oração todos os dias é que eu seja como Maria, irmã de Marta, e escolher a boa parte, estar na presença de Deus e debaixo de Seu querer para minha vida.

*De sua futura esposa,
Hadassa.*

O perdão é uma ideia maravilhosa, até termos algo para perdoar. Mas a verdadeira questão vem depois: esquecer. Durante aqueles dias, Ester pôs em seu coração que o certo a se fazer era liberar perdão, se quisesse seguir com sua vida. E ela até já tinha se convencido disso, porém, tudo foi por terra ao ver Ewan parado em sua porta. Eles se encararam um longo tempo sem pronunciar palavra alguma e tudo explodiu dentro dela

novamente, como se houvessem arrancado, sem aviso, o curativo que cobria seus ferimentos.

Ester foi a primeira a desfazer o contato visual, avistando nas mãos de Ewan o envelope que devolveu há alguns dias.

— Se você veio até aqui pelo dinheiro que eu devolvi... — ela disse, segurando a maçaneta com força.

— Ester, eu só quero reparar o meu erro. Você não faz ideia de como estou me sentindo... — A voz do rapaz falhou, o impedindo de prosseguir.

— Deveria ter pensado antes de agir. — Ester voltou a encará-lo, mas se arrependeu ao notar como ele ainda exercia uma forte atração sobre ela.

Nem toda a raiva do mundo era capaz de eliminar o sentimento que pulsava dentro de si, fazendo cada parte de seu corpo reagir.

— Eu sei e sinto muito.

Ester segurou a respiração e engoliu o nó travado em sua garganta.

"Não quero sentir pena! Quero sentir raiva de você!"

Mesmo diante da luta interna, decidiu permanecer firme. Ela não podia fraquejar, não agora, depois de tudo! Ele precisava ouvir algumas verdades e ela já estava farta de tentar manter a calma diante daquele tsunami sem precedentes que atingia sua vida.

— Você mentiu, Ewan!

O rapaz se aproximou, com os punhos amassando o envelope.

— Me desculpe, tá legal! — ele gritou de volta. Com as faces ruborizadas e olhos cravados nela, deu mais um passo na direção de Ester. — Perdão se estou apaixonado por você e a quero perto de mim!

— Eu também estou, mas isso não quer dizer que você tem o direito...

Um sorriso se formou nos lábios dele.

— O que você disse? — Ewan a interrompeu em meio ao seu protesto.

Como o coração pulsando em seus ouvidos e o sangue fervendo nas veias, Ester esbravejou:

— Você não tem o direito de manipular tudo à minha volta!

Ewan continuou a sorrir, achando incrível como ela ficava linda quando estava nervosa.

— Antes disso.

Ofegante, e sem entender o sorriso bobo nos lábios dele, ela respirou fundo, tentando se acalmar.

— Para de fugir do assunto e me deixa concluir — disse, entredentes.

— Você disse que também está apaixonada por mim?

Ester piscou algumas vezes ao se dar conta que havia revelado os sentimentos mais íntimos de seu coração.

— Eu... — Seus lábios tremiam, então ela os mordeu, à medida que tentava manter a respiração regular. — Eu disse? — pensou alto, com o olhar perdido.

— Sim, você disse. — Ewan a fitou e suas pernas vacilaram.

— Isso não vem ao caso agora. — Ester se concentrou no problema. — Você fez algo terrível. Não tem noção de como isso me afetou, Ewan. Logo agora que eu achava que poderia ser feliz... — Ela parou, se entregando a tristeza que vinha de dentro, direto do fundo de sua alma ferida.

Sem pensar duas vezes, Ewan passou os seus braços em volta de Ester, pressionando-a contra seu peito. Exausta demais para protestar, ela repousou a cabeça no pescoço dele, tendo como companhia o perfume inebriante que exalava do colarinho da camisa que usava.

— Fui um babaca egoísta — ele sussurrou. — Agi por emoção, deixei a razão e o bom senso de lado. Também não pensei direito quando te mandei aqueles presentes. Deus sabe o quanto eu me arrependo. Se fosse possível regressar no tempo, eu o faria para arrumar toda essa bagunça. — Um pouco mais calma, Ester se afastou dele. — Fico feliz em saber que meus sentimentos são correspondidos.

Ewan passou o polegar pela face de Ester e enxugou suas lágrimas. Ela afastou as mãos dele, era torturante o toque suave em seu rosto.

— Eu sei o que eu disse.

Ester colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e fitou o chão.

— Então...

— Não é tão simples, Ewan.

— Seja lá o que for, podemos dar um jeito. Se você precisar de um tempo, eu posso esperar. O que você quer, Ester?

Ela levantou os olhos e tímida, encolheu os ombros.

— Preciso orar a respeito.

Como havia aprendido, o coração era enganoso e se fosse se guiar pelo que sentia naquele momento, ela se lançaria nos braços dele sem pensar duas vezes. O olhar intenso e a beleza estonteante do homem à sua frente também não ajudavam a pensar com clareza. Necessitava parar, respirar e buscar muita orientação divina antes de qualquer decisão. Já existiam marcas demais em seu coração e poderia ser que o pobre coitado não aguentasse mais uma cicatriz.

— Está bem — ele respondeu, sem pestanejar.

— Está? — Ela levantou as sobrancelhas, surpresa.

— Claro, por que eu veria problemas?

— Não sabia que você era religioso. — Uma pontinha de esperança brilhou dentro dela.

Ewan coçou a nuca e deu um sorriso sem graça, enquanto a faísca de expectativa virava fumaça.

— É complicado. — Ele parou por alguns instantes, como se buscasse uma explicação para sua afirmação. — Depois que meu pai morreu, as coisas mudaram. Ele era o pilar da nossa família, tinha uma fé inabalável e era meu exemplo. Sem ele, tudo desmoronou, meu irmão mais velho começou a viver dissolutamente e tentei ocupar o posto que pertencia ao nosso pai. Mas eu era novo demais e não suportei o peso daquela responsabilidade e acabei fracassando. Ainda estava tentando me reerguer, quando meu irmão também me deixou. Foi a gota que faltava para o copo transbordar. Durante muito tempo, eu fiquei à deriva, em busca de preencher a enorme lacuna que se formou dentro de mim, até que você apareceu. — Ele sorriu, e dessa vez, seus olhos brilharam. — Então, se você precisa orar ou de um tempo para pensar, eu posso esperar.

— Ewan, você sabe que não sou eu quem vai preencher essas lacunas, não é? — Ele não respondeu. — Esse vazio é falta de Deus. — O rapaz colocou as mãos nos bolsos e fitou um ponto qualquer.

Ester não queria ser tão frágil, mas se compadeceu dele, compreendendo que não deveria ser fácil ficar sozinho no mundo. Ela mesma não conseguia imaginar como seria sua vida se Mohammed não estivesse com ela. Ele era o seu pilar e se o tio lhe faltasse, com certeza ela desmoronaria também.

— Quero te contar tudo sobre mim para você saber, com exatidão, o que pensar e ponderar antes de tomar a sua decisão. Vi um café na esquina, podemos conversar lá? — Ewan indagou com expectativa.

— Eu não sei se devemos ir adiante com isso. — Tudo pareceu complicado demais para Ester.

— Vou estar lá nos próximos quinze minutos.

Ewan saiu e Ester ficou de pé na porta, travando uma batalha dentro de si, enquanto o via desaparecer escadaria abaixo. Parte dela queria voltar para dentro de casa e pôr um ponto final naquela situação. A outra, a impulsionava a correr para o café e ouvir o que Ewan tinha a dizer.

— O que eu faço, meu Deus?

Ela esperou por vários minutos, no entanto, nenhuma voz bradou dos céus, em resposta. Talvez essa decisão devesse partir só dela e, mesmo sabendo de todos os riscos que um passo em falso poderia lhe trazer, Ester bateu à porta e correu em direção às escadas.



Ewan estava sentado de costas para a direção em que Ester veio, por isso não a viu se aproximar. Ela parou ao seu lado e o observou com os cotovelos apoiados sobre a mesa e mão no rosto, pressionando os olhos com os dedos. Quando enfim percebeu sua presença, Ewan se levantou num salto e um sorriso tomou conta de seus lábios.

— Você veio! — Arfou, pronto a explodir de felicidade.

— Precisamos conversar, não é?

Reprimindo o riso, ele puxou a cadeira para ela se sentar.

— Sim, precisamos.

— Só quero entender o que está acontecendo. — Ester tentou soar indiferente. — Isso é novo para mim.

— É novo para mim também! O que estou sentindo é diferente de qualquer coisa que vivi até hoje.

O garçom se aproximou, interrompendo-os para anotar os pedidos. Em uma das paredes do café, havia uma TV ligada. A programação foi interrompida e o brasão da família real tomou conta de toda a tela, atraindo a atenção dos poucos clientes. O balconista aumentou o volume, possibilitando que todos no recinto ouvissem.

"Boa noite, senhoras e senhores de Galav. Interrompemos a programação habitual para informar que a comissão designada pela família real responsável por selecionar as pretendentes do príncipe Alexander, já concluiu o seu trabalho. Dez belas garotas foram escolhidas e em breve, todos, inclusive o príncipe, as conhecerão. Em nome da família real, quero agradecer-lhes por seu entusiasmo e patriotismo. Com um pouco de sorte, comemoraremos no Ano-Novo o noivado de nosso amado príncipe com uma encantadora filha de Galav!"

Mais algumas informações foram dadas, antes de o brasão aparecer na tela novamente, seguida de uma versão instrumental do hino nacional do país. Quando Ester desviou os olhos do monitor, Ewan a observava com atenção.

— Você também se inscreveu?

— Não. — Ela riu e balançou a cabeça veemente. — Eu não gosto de competição.

Ewan suavizou sua expressão facial, relaxando o corpo tenso.

— Fico feliz que não tenha se inscrito. Com toda certeza, seria selecionada.

O garçom voltou com dois cafés e um prato de bolinhos. Alguns segundos de silêncio se estabeleceram entre eles, enquanto o senhor esvaziava a bandeja e Ewan aproveitava para ouvir uma mensagem em sua caixa postal.

— Ewan, gostaria que você me explicasse uma coisa. — Ester quebrou o silêncio, incomodada por ele estar dando tanta atenção ao celular, mesmo depois da saída do garçom.

— Claro! Qualquer coisa. — Deixou o aparelho de lado e pegou um bolinho do prato.

— Hillary disse que vocês tinham um acordo.

Ewan levou a xícara de café aos lábios, prolongando sua resposta.

— Bem — ele pousou a xícara de volta no pires e entrelaçou as mãos sobre a mesa —, eu vou te contar tudo do princípio para que você possa compreender melhor. — Fez mais uma pausa e então prosseguiu: — Como você já sabe, minha mãe morreu logo após o meu nascimento. Então, sempre foram apenas meu pai, meu irmão, Will, e eu. Éramos melhores amigos. — Ewan dobrava um guardanapo, enquanto falava, como se procurasse despistar o nervosismo. — Nos autodenominávamos os Três

Mosqueteiros. — Ele sorriu tentando esconder sua emoção ao falar sobre sua família. — Meu pai sabia que tinha pouco tempo de vida devido ao câncer, mas ocultou sua doença, nunca revelando o porquê de estar cada vez mais magro e fraco. Achávamos que era o estresse do trabalho e que apenas uma boa semana de descanso melhoraria toda a situação, no entanto, ele se negava a afastar-se de suas obrigações. — Ewan permanecia sem olhar para Ester, perdido nas lembranças, à medida que contava sua história. — Ele piorou de uma hora para a outra, nos pegando de surpresa. Em poucos meses faleceu.

— Eu sinto muito. — Comovida por aquela história tão triste, Ester o tocou, deixando sua mão por alguns segundos repousada sobre a dele.

— Obrigado. — Ewan sorriu, contente com o pequeno gesto de carinho. — Meu irmão e eu assumimos os negócios da família. O Will nunca gostou de ficar preso atrás de uma mesa. Ele tinha um espírito livre e eu acabei ficando com todo o trabalho pesado. Fiz algumas mudanças na loja e contratei mais funcionários. Foi aí que eu conheci a Hillary. Eu estava frágil, desorientado e ela me ouvia. Me... entendia. Hillary se apaixonou por mim e no começo eu também achei que estava apaixonado por ela.

Ewan fez uma pausa no relato, em busca de alguma reação por parte de Ester. Um alerta enorme se acendeu dentro dela, fazendo seu coração encolher. Poderia ser que a mesma coisa estivesse acontecendo outra vez com ele? Parecia impossível, mas ela começava a sentir empatia por Hillary. A culpa era toda dele e sua revolta tinha fundamento. Ester permaneceu em silêncio, perdida em seus devaneios. Ele prosseguiu:

— Eu pedi um tempo para ela. Seria a forma de fugir daquele relacionamento, mas Hillary nutria a esperança de que voltaríamos e eu permiti tais pensamentos. Não fiz nada para que soubesse que aquele tempo, na verdade, era um ponto final. Então, você apareceu. Eu não sei explicar direito o que eu senti quando te vi pela primeira vez, porém, soube que queria você por perto e não poderia te deixar ir embora.

— Por que me queria por perto? Não sabia nada a meu respeito.

— Acredita em amor à primeira vista? — Ewan exibiu o seu melhor sorriso.

— Você está romantizando a situação? — Ester crispou os olhos para ele, tentando se manter firme e não derreter diante do gesto galante.

— Claro que não! — Ewan se inclinou um pouco sobre a mesa, ciente do efeito que exercia sobre ela.

— Você tinha um compromisso com a Hillary, o mínimo que deveria ter feito, era ser sincero com ela.

Ewan mudou de posição na cadeira, aparentando desconforto ao deixar o sorriso sumir de seus lábios.

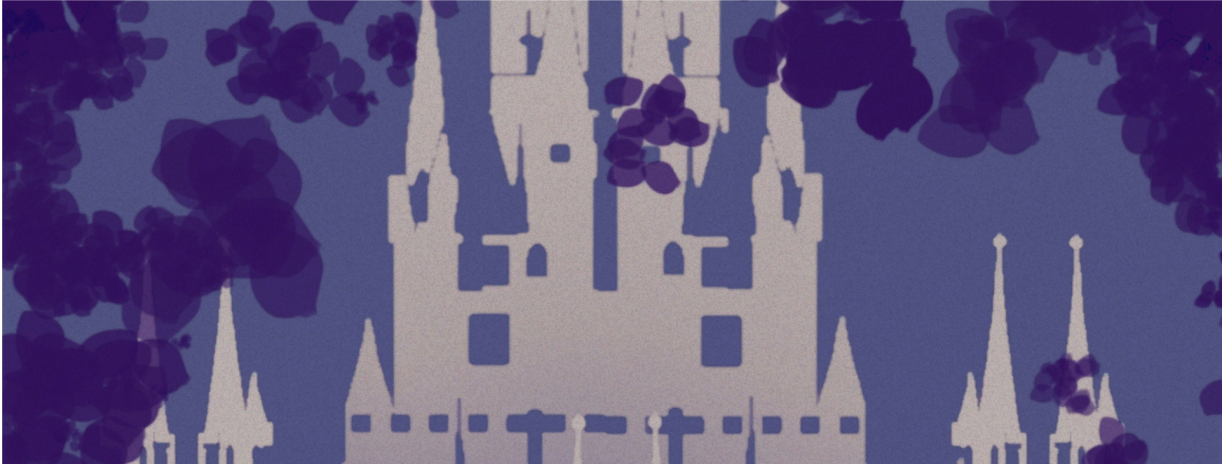
— Como você deve ter percebido, eu faço uma besteira atrás da outra — confessou.

— E o que pretende fazer para mudar isso? Ou você quer que eu entre em um relacionamento com alguém imprevisível, que pode me trocar por outra a qualquer momento? — O rapaz abriu e fechou a boca, incapaz de elaborar uma frase naquele momento. Ester soube que tinha encontrado o ponto fraco dele, portanto, decidiu cutucar um pouco mais a ferida. — Você precisa falar com ela antes de qualquer coisa. Nossos atos dizem muito sobre quem somos, e sinceramente, a julgar pelos seus, você não me convence a confiar em alguém assim. — As palavras de Ester cortaram seus ouvidos. Nunca outra pessoa havia confrontado suas atitudes de maneira tão direta. — Coloque sua vida em ordem, Ewan, independente de mim. Você e a Hillary precisam disso para seguir em frente. — Ele apenas acenou com a cabeça concordando. — Mesmo estando apaixonada por você, não posso ignorar o resto. E pode ser que seus sentimentos por mim sejam um total engano. Foi assim com a Hillary.

— Agora é diferente.

— Apenas isso não é o suficiente. Você não me conhece, não sabe absolutamente nada sobre mim. — Ester respirou fundo, tentando manter o controle em seu tom de voz. Se ele soubesse de seu passado ou origens, continuaria apaixonado? Ela tinha dúvidas quanto a isso. — Como eu disse, vou orar e você vai resolver suas pendências.

Ester se levantou e saiu, deixando Ewan com o ultimato e uma tonelada de questões para pensar e solucionar.



Capítulo 09

Querido futuro marido,

Certa vez li que, com o tempo, percebemos que não precisamos de outra pessoa para sermos felizes, pois a verdadeira felicidade vem do contentamento que temos com nosso Criador. Às vezes, a pessoa amada (ou que pensávamos amar) não é alguém segundo o coração d'Ele para a nossa vida. No entanto, quando você está conectado com Deus, sensível a Sua providência, esse alguém vem até você. Assim como disse o poeta: “O segredo é não correr atrás das borboletas... é cuidar do jardim para que elas venham até você”^[4]. Que o jardim do meu coração esteja bem cuidado para o dia em que você finalmente chegar!

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

O sermão que ouvira de Ester não abandonou Ewan enquanto dirigia rumo ao seu compromisso no dia seguinte. Jamais alguém o enfrentou com tamanha firmeza e determinação, não que isso o intimidasse,

porém, ultimatoss o incomodavam. No entanto, dessa vez, estava disposto a abrir uma exceção e passar por cima do seu ego ferido.

Ewan estava mesmo apaixonado e sabia que o sentimento não iria embora tão cedo. O mínimo que deveria fazer, era contribuir para tudo ocorrer dentro da normalidade. Estava farto de fracassar em sua vida sentimental e sabia que não encontraria outra garota como Ester em nenhum outro lugar do mundo. Acreditava não ser por acaso o encontro na calçada em frente a *Brook*. Era óbvio para ele: Deus queria que eles se conhecessem. Qual outra explicação teria, afinal?

O sol ameno atravessava o para-brisa, aquecendo o interior do carro, da mesma forma como ele se sentia ao pensar em Ester: aquecido. Ao recordar do abraço que compartilharam, Ewan sorriu. O perfume de lavanda dos cabelos dela estava gravado em sua memória. A sensação de tê-la em seus braços era indescritível e se quisesse que aquele momento se repetisse, deveria se transformar quase que da água para o vinho.

Ao pensar nisso, sorriu mais uma vez, passando os dedos pela barba por fazer. Agora entendia o motivo de os amigos mudarem de vida por causa de uma garota. Nunca imaginou uma coisa assim acontecendo consigo, pois se negava a acreditar que o amor pudesse alterar quem era. Contudo, por Ester, estava disposto a sossegar. Inclusive, voltar a frequentar a Igreja, já que a moça era uma cristã devota.

Após rodar vários quilômetros na rodovia principal, Ewan virou no declive à direita e seguiu por uma estrada de cascalho, ladeado de salgueiros. Não demorou muito, avistou os altos portões e muros ornamentados por trepadeiras. Parou diante deles e apertou o botão na caixa ao lado do carro.

— Bom dia, senhor — uma voz grave soou pelo alto-falante.

— O príncipe me espera.

— A senha, por favor.

— O quê? — Ewan retirou os óculos escuros e encarou o interfone.

— Preciso da senha para liberar sua passagem, senhor.

— Eu não sei a senha. E que negócio é esse? — Ele colocou a cabeça para fora e olhou para câmera logo acima da janela de vidros fumê da guarita sobre o muro. — Taylor, é você?

— Sim, senhor.

— Qual é Taylor? Você me conhece. Abra logo o portão.

— Sinto muito, senhor Marshall, não posso desobedecer a uma ordem direta do príncipe. Sua alteza disse que saberia a senha.

Risos abafados soaram do outro lado, indicando que o segurança não estava sozinho.

Ewan colocou a cabeça de volta para dentro do carro a fim de ligar para o melhor amigo. Viu, então, que havia várias mensagens de voz na caixa postal, entre elas, uma com a tal senha solicitada.

— Você é tão engraçadinho, Alteza. — Ewan revirou os olhos, pois se tratava de uma implicância que durava desde a época da faculdade.

Ele apertou o interfone novamente e tentou mais uma vez persuadir o guarda a liberar sua passagem sem ter que passar pela humilhação de falar o código em voz alta. Porém, o homem se manteve firme na ordem dada.

Sem alternativa, e jurando esganar Alexander assim que possível, Ewan cedeu.

— Tudo bem.

Fez uma pausa, considerando dar ré e ir embora dali. No entanto, seu compromisso era importante demais para ele e já havia viajado por horas para, agora, voltar.

— Qual a senha? — Taylor perguntou outra vez.

— Peter Pan deseja entrar na terra do nunca — disse com os dentes cerrados e o mais baixo possível.

— Não entendi, senhor. — Taylor parecia se controlar para não romper em gargalhadas.

Risos ecoaram ao fundo, seguido de um, *Shhh*.

— Não vou repetir essa coisa ridícula!

— Tenha uma boa tarde, senhor Marshall.

Os altos portões se abriram, Ewan passou por eles, por uma fonte, e então parou diante do homem uniformizado que já o aguardava na entrada da luxuosa mansão para guiá-lo até o príncipe.

Deram a volta no palacete, cumprimentados pela brisa que vinha do lago a alguns metros. Aquela propriedade sempre fora o lugar preferido da família real de Galav. A rainha Elizabeth fazia questão de, pelo menos uma vez a cada mês, passar o dia inteiro com os filhos naquele refúgio particular. Faziam piqueniques, pescavam e tentavam agir como uma família comum, apesar das centenas de seguranças os observando a cada passo que davam. Ali, esqueciam-se dos problemas e recarregavam suas energias para enfrentá-los quando passassem para fora aqueles portões.

Desde que Alexander voltara da faculdade, com Ewan a tira colo, o rapaz fora “adotado” pela amorosa rainha, que não dispensava sua presença nas reuniões. Ewan se sentia parte da família e amava os momentos que passava ali, pois Elizabeth fazia questão de demonstrar o quanto era bem-vindo.

— Achei que não apareceria. Problemas com o código secreto? — Alexander sorriu para o amigo, ciente do quanto ele deveria estar descontente com a brincadeira.

— Quem está parecendo o menino que nunca cresce, agora? — O recém-chegado desceu até o convés, onde o príncipe o esperava ao lado da mãe, da irmã e Anastácia, a babá da princesa. Uma equipe de segurança permanecia mais afastada, porém, dois da guarda pessoal se mantinham mais próximos dos membros da realeza. Ewan fez uma reverência exagerada quando parou em frente ao amigo, antes de cumprimentá-lo com um aperto de mão. — Majestade — disse, virando-se para a rainha, fazendo uma saudação decente dessa vez. — *Altezinha*. — Acenou para a princesa Alexia. A menina de dez anos se retraiu ao lado da babá e abaixou os olhos sem responder ao cumprimento. Apesar do clima ameno, a princesa trajava um sobretudo por cima da calça e da blusa de mangas compridas.

— Olá, querido. — Elizabeth segurou o rosto do jovem com ambas as mãos para analisá-lo como uma mãe cuidadosa. — Está se alimentando direito, filho? Você está tão magro.

— É que ele está apaixonado. De novo — provocou Alexander, pegando uma caixa de iscas e seguindo para dentro da lancha às margens do lago.

— Isso só prova que eu tenho um coração, já você... — Ewan deixou a frase no ar, enquanto recebia de um funcionário o seu próprio *kit* de pesca.

— Pelo menos eu não saio por aí destruindo corações. O amor é coisa séria e não um brinquedinho que você dá a qualquer uma e depois toma quando perde o interesse — Alexander rebateu, enquanto ajudava Alexia e Anastácia a descer os degraus para adentrarem à embarcação.

— Falou o cara do casamento arranjado — Ewan alfinetou, oferecendo o braço para a rainha.

— Rapazes! — Elizabeth os advertiu, aceitando ajuda de Ewan para também subir a bordo.

Alexander deixou a caixa que carregava e virou para encarar o amigo. Ewan esperou em silêncio até a rainha estar longe o suficiente, para continuar com as provocações.

— Não acredito que você permitiu se submeter a um casamento arranjado. Não poderia encontrar uma namorada do modo tradicional?

Alexander exalou o ar com força, entregando um colete salva-vidas para Ewan.

— Meu pai me deu um ano para encontrar alguém e não consegui me interessar por ninguém. — Ewan riu e meneou a cabeça. — Não é tão simples para mim, como é para você. — Alexander passou as mãos pelo cabelo espesso. — Há muita coisa em jogo, não é apenas da minha felicidade que estamos falando.

— A moça precisa estar em um pacote completo — Ewan completou. — Na minha opinião, você é muito exigente, Alexander. — O príncipe sorriu da inocência do amigo, indo se sentar próximo aos *kits* de pesca, deixados por um dos funcionários a bordo, antes de a lancha começar a deslizar pelo lago em direção ao ponto em que costumavam ancorar. — Você acha que todo esse processo seletivo vai te trazer o que precisa? — completou, sarcástico.

— Para ser sincero, eu não sei. — O príncipe mirou o horizonte. — Não é questão de ser exigente. Estamos falando da futura rainha do nosso reino. — Alexander parecia exausto. Com o olhar perdido na imensidão do lago, tentava encontrar uma saída para seu futuro iminente. O vento chicoteava seus cabelos crescidos e ele desejava que os temores fossem lançados para longe, como a água projetada pela hélice do motor. Era difícil imaginar o que o porvir lhe reservava. Seus receios sobressaíam a qualquer expectativa de que o concurso fosse o melhor caminho a seguir. Porém, ele não podia externar seu descontentamento, restando-lhe apenas uma opção: obedecer. — Eu relutei muito contra essa ideia. — O príncipe abandonou sua habitual postura ao escorregar o corpo pela poltrona. — Mas percebi que não adiantaria em nada entrar em conflito com meu pai sobre isso. Esse assunto se tornou inegociável para o Conselho.

— Talvez não seja tão ruim assim. — Ewan tentou animá-lo. — Afinal de contas, você terá um harém com dez belas mulheres a sua disposição. — Alexander apoiou os cotovelos nos joelhos e tampou o rosto com as mãos. — Se isso não te anima, você tem sérios problemas, meu amigo!

— Você ajuda muito mais se ficar quieto, Ewan — disse Alexander, encarando-o. Ewan começou a rir. — Teremos regras rígidas. Regras, essas, que foram exigências minhas. Não terei contato físico com nenhuma delas, não quero me envolver além do necessário. Essas coisas nos cegam e eu quero estar concentrado em todos os detalhes.

O barco ancorou no meio do lago e logo começou a movimentação dos empregados responsáveis em prover tudo o que eles necessitavam em sua tarde de lazer.

— Você sempre complica tudo. Só siga o seu coração, cara. Comigo funciona que é uma beleza — disse Ewan, lançando uma isca na água.

— Sei. — Alexander ignorou o *grande* conselho.

— Claro que sim! — Ewan protestou, percebendo a indiferença. — Eu nem sempre acerto, é verdade — quicou os ombros —, mas nem por isso fico por aí me lamuriando por não ter tentado. E às vezes, mesmo errando aqui e ali, tudo se ajeita no final. É o que está acontecendo agora, eu vacilei feio com a Ester, no entanto, as coisas estão se acertando.

— O que você fez dessa vez? — O príncipe o olhou de soslaio, encaixando a vara no suporte.

Um serviçal se aproximou para deixar uma bandeja com suco, sanduíches e frios. Ewan aguardou até que o rapaz saísse, para prosseguir:

— Eu menti para o tio dela, só para poder levá-la a um jantar — sussurrou, temendo que a rainha o ouvisse. — Ele não foi com a minha cara no dia que nos conhecemos e eu não pensei antes de agir. Sabe quando você se encanta por alguém e só quer ficar perto, nem que para isso precise fazer qualquer idiotice?

— Não.

Ewan revirou os olhos diante da resposta vazia do amigo.

— Me arrependo amargamente pelo que fiz. Isso custou seu emprego e a chance de vê-la todos os dias. — Ewan suspirou inconformado. — O tio dela não quer me ver nem pintado de ouro!

— E onde você está vendo que as coisas estão melhores? — Alexander perguntou, buscando entender de onde vinha tanto entusiasmo, quando tudo que enxergava era um trem descarrilhado.

Ewan inflou o peito e exibiu um largo sorriso.

— Ontem descobri que ela também está apaixonada por mim.

— Hummm — o príncipe resmungou, sem muito interesse.

Ewan pegou um sanduíche e voltou para a poltrona, ignorando a falta de entusiasmo do melhor amigo, enquanto ele quase não se cabia dentro de si de tanta felicidade.

— Ela disse que quer orar antes de qualquer coisa. — Agora, sim, Ewan teve a atenção do príncipe.

— Interessante.

— Eu disse que tudo bem, vou esperar o tempo que for preciso.

— Fez bem. — Alexander se serviu de um pouco de suco, enquanto observava o amigo exibir um sorriso bobo. — E se a resposta do Senhor for não?

Ewan uniu as sobrancelhas e fitou Alexander, intrigado.

— E por que seria?

— Talvez ela não seja a pessoa que Deus tem para você. Só estou dizendo que precisa estar preparado tanto para o sim, quanto para o não.

Nesse momento um peixe foi fogado pelo anzol do príncipe. Um dos funcionários correu para tirar o pescado da água, mas Alexander o dispensou com um sinal. Enquanto ele se empenhava em sua missão, Ewan ponderava pela primeira vez aquela hipótese indagada pelo amigo.

Ele preferia acreditar que Deus não o faria sofrer de novo. A sua cota de *adeus* já estava ultrapassada e ele não aceitaria perder mais uma vez. Seu coração ficou minúsculo apenas em pensar na possibilidade.

Alexander se virou e exibiu o peixe, alheio a batalha que fizera o amigo travar dentro de si. Ewan ofereceu um sorriso rápido, concentrando outra vez em seus devaneios e assim permaneceu até o príncipe se juntar a ele outra vez.

— Você acha que a sua prometida vai estar entre as dez garotas que irá para o palácio? — indagou, tentando ignorar os próprios questionamentos.

— Eu não sei. — Alexander esfregou as mãos umas nas outras para aquecê-las. As nuvens haviam bloqueado o sol, fazendo a temperatura cair de repente. — Talvez Deus tenha um propósito nisso tudo, Ele sempre tem e nada acontece por acaso. O Senhor sabe que não sou do tipo que vai a "caça", então Ele está trazendo a situação para perto de mim. É difícil conhecer as pessoas realmente, considerando minha posição. Com elas sob o mesmo teto, pode ser que fique mais fácil.

— Ou não. — Ewan deu um sorriso travesso. — Já pensou se você se apaixona por mais de uma?

— Tento não ficar pensando muito sobre o que vai acontecer. Assim não crio tantas expectativas.

— Eu não sei como consegue ficar tão tranquilo. Você parece um robô sem sentimentos.

Alexander apenas esboçou um sorriso e ambos mergulharam cada um em seus próprios questionamentos sobre o que o futuro lhes reservava. O príncipe, tentando de todas as maneiras não criar tantas perspectivas, e Ewan, se permitindo vagar por tantas hipóteses quanto sua mente permitia.

Durante o jantar servido na mansão, quase não houve conversa. Até mesmo a rainha parecia distante. Alexia nem ao menos parecia estar lá. Depois da sobremesa, Ewan se despediu de todos, pronto para pegar a estrada.

— Da próxima vez que vier, traga a sua garota. — A rainha pediu, dando uma piscadela. — Gostaria de conhecer a dona desse brilho nos seus olhos.

— Isso se eles ainda estiverem juntos — Alexander alfinetou, implicando uma última vez com o amigo.

— Será um prazer, Majestade. — Ewan o ignorou e depositou um beijo terno nas mãos de sua mãe postiça.

Em seguida, fez mais uma de suas reverências exageradas para o príncipe, abraçando-o antes de sair.

— Você deve pegar leve com ele, Alexander. — Elizabeth entrelaçou seu braço ao do filho, enquanto ele a guiava para a sala de estar.

Anastácia já havia se recolhido com a princesa Alexia, pois sairiam muito cedo no dia seguinte, restando apenas os dois naquele cômodo. Os guardas estavam na sala adjacente, então o príncipe se sentiu um pouco mais à vontade para falar acerca de seus temores. Momentos como aquele eram raros, dado à infinidade de compromissos, sem falar que ele apreciava muito a sabedoria da mãe e estava sempre disposto a ouvir os seus conselhos.

— A senhora acredita que esse concurso vai dar certo? — Alexander parou de frente para a lareira e fitou o fogo crepitando.

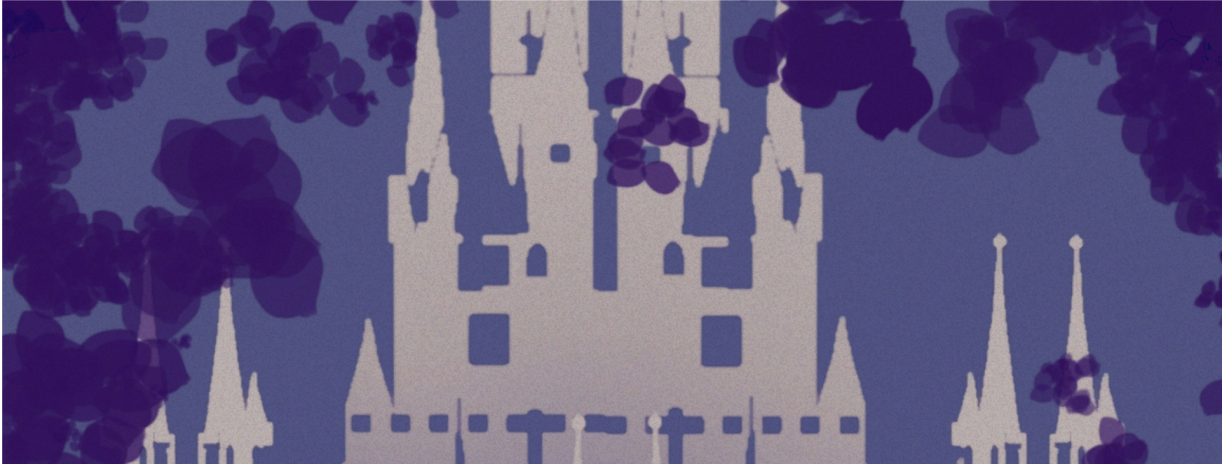
A rainha sorriu compadecida, indo se sentar em um dos sofás.

— Eu entendo os seus temores.

Alexander a olhou como sempre fazia quando criança em busca de colo. Com um aceno de mão, ela o convidou para se sentar ao seu lado.

— Há coisas que Deus permite em nossas vidas e não entendemos o porquê no momento. No entanto, com o passar do tempo, as peças vão se encaixando e tudo se torna claro como um cristal. Eu estou orando a esse favor, querido. Deus está no controle, aquieta o seu coração. — A rainha se inclinou em busca dos olhos do filho. — Em algum lugar de Galav, tem uma linda moça esperando o momento que Deus reservou para apresentá-los.

Alexander sorriu, agarrando-se àquelas palavras com todas as suas forças.



Capítulo 10

Querido futuro marido,

Eu gostaria de estar com meu coração intacto ao te encontrar. Gostaria de voltar no tempo e me poupar da paixão, assim não sofreria quando o amor errado tivesse que findar. Que Deus venha cruzar logo os nossos caminhos. Não sei qual é o seu nome, como és nem quais são as suas ambições, só te rogo uma coisa: espere por mim. Por favor, meu bem, espere por mim.

*Sua futura esposa
Hadassa.*

Ester fincou os pés na areia fria e mirou o horizonte que se preparava para o alvorecer. Seus cabelos esvoaçavam com o vento, trazendo consigo uma brisa marítima. A neblina, combinada com as lágrimas que brotavam do fundo de sua alma, embaçava suas vistas, impossibilitando de enxergar com clareza. Ela se sentou na areia e abraçou os joelhos em busca de consolo. O seu coração estava em frangalhos e uma torrente de sentimentos bombardeava o seu corpo, fazendo-o tremer.

— O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar, mas Deus é a minha força e a minha herança para sempre — repetia o Salmos 73, verso 26, várias e várias vezes, deixando que o significado daquelas palavras a envolvessem.

A jovem sabia que deveria soltar as rédeas da situação que a perturbava. Estava certa do que precisava fazer, era ciente disso desde que se encontrara há um mês com Ewan naquela cafeteria, porém, isso não tornava a decisão mais fácil.

O sonoro *não* de Deus ecoava no mais profundo de seu ser e ela ainda tentava se convencer de que uma reviravolta aconteceria no último instante e que o Criador do Universo se compadeceria de seu pobre coração frágil e apaixonado. Contudo, nada mudaria, ela sabia que não adiantaria procrastinar.

Como bem seu tio havia ponderado quando contou a ele sobre o encontro, Ewan e ela estavam em jugo desigual, e isso era contra as Escrituras. Naquela noite, Ester mal dormiu, e o versículo 14 do capítulo 6 de 2 Coríntios, não abandonou a sua mente: *“Não se ponham em jugo desigual com descrentes...”* As palavras de Joseph a haviam confrontado mais do que qualquer outro momento de sua vida:

— *Como vocês seguirão lado a lado, se cada um tem convicções e princípios distintos? Como construirão uma família unida seguindo caminhos opostos? Não se engane, querida, você não deve se iludir a ponto de acreditar que ele mudará por você. Se for para essa mudança acontecer, deverá ser exclusivamente por Cristo. Nesse momento, o Ewan está cego pela paixão e fará o que você quiser. Mas e quando todo o frenesi desse começo esfriar, o que restará?*

Algumas gaivotas sobrevoaram o céu acima de sua cabeça, com um canto agudo e característico. Ester olhou para cima e respirou fundo, recordando-se do último mês.

Ewan havia ido a sua casa e conversado com Joseph. Ele pediu perdão por seu comportamento e deixou bem claro suas intenções com relação a ela. Contou que tinha conversado com Hillary e resolvido a situação entre eles. O rapaz parecia estar se empenhando para fazer tudo certo, ela podia perceber. Ele não tinha forçado a barra nenhuma vez, cumprindo sua promessa de esperar por ela o tempo que fosse necessário. No entanto, Ester buscava por coragem para dizer a ele que não poderiam

se envolver ainda mais. Odiava-se por ter negligenciado algo tão importante, deixado o fundamental de lado e se encantado com as coisas secundárias. Ewan e os momentos que passaram juntos, a cegaram ao ponto de esquecer o principal: sua fé em Deus e Seus mandamentos.

— *Ewan parece um bom rapaz. — O tio a surpreendeu no dia seguinte à visita. — Mas apenas isso não basta. Ele precisa se encontrar e estabelecer suas prioridades e, antes de qualquer relacionamento, ele deve ter um verdadeiro encontro com Deus. — Mohammed parou e ponderou cada palavra antes de pronunciá-las: — Gostaria que você enxergasse o mesmo. Uma má escolha agora, é uma má escolha para o resto da sua vida. Cada vez que nos envolvemos com alguém e não dá certo, deixamos um pedacinho de nós para trás. — O tio coçou a barba e a fitou gentilmente. — Acredito que você queira estar completa para o seu futuro marido. Não sabemos se será o Ewan, então, pense bem.*

Estar completa era tudo o que ela mais queria. Porém, sentia como se uma parte de seu coração já estivesse extraviado.

— *Não sei o que fazer — Ester confessou.*

— *Sabe, querida, nós temos mania de controlar tudo ao nosso redor e não queremos deixar Deus agir se não for da nossa maneira. Então, muitas vezes, para tratar nosso orgulho, Ele nos espera abrir mão de nossa vontade e sair do caminho para Ele realizar em nós os Seus desígnios.*

— *Você acha que tenho impedido Deus de agir? — Ester perguntou, meio na defensiva.*

Joseph fez uma pausa antes de responder.

— *Ninguém impede Deus de cumprir Sua vontade, mas acho que a gente tem de aprender a abrir mão, soltar o leme do nosso destino e nos contentarmos com a vontade de Deus para nós.*

Quando estava sozinha em seu quarto, depois da conversa com o tio, a moça ficou a fitar o céu estrelado por horas a fio, enquanto orava a Deus e pensava nas palavras de Joseph. Ela já possuía a resposta, realmente tinha que soltar as rédeas, porém, se recusava a aceitar. Queria ouvir uma forte voz bradar dos céus para ter certeza, mas isso, claro, não aconteceria. No entanto, um versículo que havia lido em Hebreus, não fazia muito tempo, ecoava em sua mente: "*E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa.*"

Nos dias subsequentes, Ewan, com seu jeito *peculiar*, deu sinais de persistência, mesmo sendo sutil. Enviou flores, chocolates e mensagens dizendo que ela não saia de seus pensamentos. Cada gesto a deixava ainda mais apaixonada, dificultando, em proporções inimagináveis, sua decisão. Era difícil usar a razão quando a emoção tomava cada célula de seu corpo e a reciprocidade não estava ajudando.

Certa noite, foi como se Deus colocasse um ponto final em seus dilemas. Ester não saberia explicar, e por mais que doesse, a moça precisava aceitar. Lá do fundo do oceano de dor, seus pés pisaram em terra firme.

— Ensina-me a viver de acordo com a Tua verdade, pois Tu és o meu Deus, o meu Salvador — sussurrou o verso 5, do Salmos 25, enquanto ainda fitava o céu nublado daquela manhã.

Lágrimas arderam em seus olhos e mais uma vez uma grande tristeza caiu como um cobertor pesado sobre o seu coração. Tudo acabara. Tudo. Logo ela, que havia decidido não criar expectativas sobre mais nada em sua vida, tinha deixado seu coração navegar por um mar de possibilidades rumo a Ewan. E agora estava se afogando.

O amor que permitiu inundar seu ser não a deixaria com facilidade, ela estava ciente disso. A paixão poderia ter chegado embalada em forma de um belo presente, mas não iria embora sem causar estragos. Contudo, precisava deixá-lo partir, antes que levasse uma parte ainda maior do seu coração.

O sol apontou no horizonte, inundando as ondas com seu brilho dissipando gradualmente a neblina. Ester se pôs a caminhar pela praia, pedindo ao Senhor sabedoria para não fraquejar ou retroceder. Sabia da forte atração que Ewan exercia sobre si e temia pôr tudo a perder quando ele a fitasse com a intensidade que sempre fazia.

Ester voltou para casa tão arrasada como havia saído. No entanto, sentia-se um pouco melhor após tanto orar. Era como se Deus a estivesse consolando à medida que a resposta dEle criava raízes em seu âmago.

Subiu devagar cada degrau rumo ao seu apartamento. Quando abriu a porta de casa, seu tio correu ao seu encontro.

— Ester, por onde andou? — Ele a segurou pelos ombros, buscando contato visual. Ester respirou fundo, exibindo seus olhos vermelhos e inchados. Seu coração pulsou forte quando viu Ewan surgir logo atrás de Joseph. — Coisas terríveis passaram pela minha cabeça. Você não estava em lugar algum, então liguei para o Ewan... — justificou.

— Desculpe se preocupei o senhor. Não dormi muito bem essa noite e resolvi caminhar um pouco na praia. Deveria ter deixado um bilhete.

Apenas um olhar foi o suficiente para Joseph perceber o que estava acontecendo. A sobrinha encarava Ewan com a mesma tristeza de quando perdera os pais que tanto amava. Ele nunca esqueceu aquele olhar de dor e, agora, seu interior se retraía ao vê-lo mais uma vez.

— Vou deixá-los a sós — disse, apertando o braço dela em sinal de apoio antes de se retirar para a cozinha.

Ester caminhou até o sofá, evitando olhar para Ewan. Ele estava particularmente bonito naquela manhã, com o cabelo um pouco despenteado, vestia uma calça jeans escura e uma camisa azul com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Seu perfume ia de encontro a ela como uma forte onda, fazendo suas defesas balançarem a ponto de quase cair.

— Você está bem? — ele indagou, sentando-se ao lado dela. — Estava chorando?

Ester tampou o rosto com ambas as mãos, deixando as lágrimas saírem livres outra vez. Ela não queria chorar na frente dele, queria ser forte e dizer o que precisava para acabar de uma vez por todas com aquela situação. Desejava voltar no tempo e não revelar seus sentimentos ou que oraria a respeito. Ansiava ter sido mais sábia, deveria ter se calado. Porém, o estrago já estava feito e o que poderia fazer agora, era colocar um ponto final antes de ser tarde demais. Ela sabia que não seria fácil, mas nunca imaginou o quanto seria difícil.

— Ester, olha para mim.

Ewan segurou as mãos dela, tirando-as do seu rosto. A aflição era perceptível no tom de voz dele.

— Tudo entre nós foi um erro. — Ela soluçou, reunindo todas as suas forças para olhá-lo nos olhos. — Eu sinto muito, Ewan, nos precipitamos.

Ele demorou alguns instantes para se dar conta do que Ester falava. Quando o fez, pavor tomou conta de suas faces. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no meio da sala. Ela se concentrou em suas unhas por fazer, desejando que tudo acabasse logo.

— Eu não entendo. — Agora seu tom de voz era impaciente, magoado e mais uma infinidade de sentimentos que só fazia a dor no coração da garota aumentar.

— Não podemos. — Ela quicou os ombros. — Não podemos, Ewan.

Ester, ainda concentrada em suas mãos, esperou ele dizer alguma coisa, mas tudo o que escutou foi a porta bater quando Ewan saiu do apartamento.

O barulho fez Joseph vir da cozinha, de onde intercedia pela sobrinha para que ela pudesse ser firme em sua decisão. Ele nunca duvidara da sua capacidade de enxergar a vontade de Deus, mas, mesmo assim, sentiu-se orgulhoso dela. Sabia o quão difícil era ouvir um *não* do Criador, quando se tratava de sentimentos tão profundos. A sensação era que a dor nunca passaria, no entanto, o Senhor é *perito* em corações partidos, ainda mais se o que Ele tem para nós é muito maior do que a nossa limitada mente humana é capaz de imaginar.

— Você fez a coisa certa. — Ele a abraçou, afagando os seus cabelos com toques gentis.

Ela apoiou a cabeça no peito do tio, permitindo se perder no conforto que aqueles braços lhe proporcionavam.

— Por que dói tanto?

— A vida é assim, querida. Às vezes os bons sentimentos e a decisão certa não podem trilhar o mesmo caminho. Você está apaixonada e isso complica ainda mais a situação — ele disse, depositando um beijo no topo de sua cabeça.

— Eu esperava poder explicar com exatidão o que me fez tomar essa decisão. — Ester levantou a cabeça para olhar para o tio. — Ewan deve estar me odiando.

— Esse é o problema de se criar expectativas. Quando elas se frustram, agimos com a emoção. Mas ele vai superar, assim como você.

E foi a essa palavra — superar — que Ester se apegou para sobreviver aos dias subsequentes ao rompimento. O coração ainda doía todas às vezes que pensava em Ewan e ela pedia incessantemente para Deus arrancar os resquícios daquele sentimento de dentro dela.

Tentou se ocupar ao máximo para que seus pensamentos não vagassem por territórios proibidos. Travava uma luta quase constante entre a mente e o coração, razão e emoção, tendo sempre consigo que o melhor de Deus ainda viria ao seu encontro, mais cedo ou mais tarde.

— A gente não passa pela vida sem um pouco de tristeza. — Lá estava Joseph, com o tipo de pensamento capaz de brotar beleza das cinzas

e fazendo-a se sentir melhor diante da torrente de dor que lhe acometia. Era impressionante como seu tio sempre sabia o que dizer.

Com o apoio de Mohammed, Ester saiu em busca de um novo emprego. Apesar de o senhor ter resgatado o antigo ofício de sapateiro, de quando era jovem, a ajuda financeira da sobrinha seria muito bem-vinda, com isso ela ocuparia também a sua mente. Os tempos eram difíceis, porém, em nada se comparava ao passado que haviam abandonado em sua terra natal.

Ester distribuiu currículos por toda Gamaliel — a província onde residiam há quase quatro meses — e, então, teve que aguardar mais uma vez por uma intervenção divina. Ninguém queria contratar uma pessoa sem experiência. Quando achava que não encontraria outra oportunidade, recebeu a ligação da agência de emprego para marcar uma entrevista para vaga de cuidadora de idosos, o que a deixou radiante.



— Hadassa, acorda. — A moça foi despertada pelo tio, na noite anterior a entrevista. Com dificuldade, abriu os olhos e encarou Joseph sorrindo para ela. — Você precisa se levantar agora.

— Por quê? — Puxou o cobertor até o queixo e fechou os olhos novamente. — Estou exausta e preciso acordar logo cedo.

— Eu sei. — Joseph a chacoalhou, obrigando-a despertar. — Mas você precisa ver isso — frisou, exultante.

— Isso o quê? — ela reclamou, virando-se para o outro lado.

— Apenas venha! — Sem dizer mais nada, Joseph saiu do quarto apressado.

Relutante, a jovem se arrastou para fora da cama e seguiu o tio até a sala, apenas para matar a curiosidade e entender o entusiasmo de seu guardião.

A televisão estava ligada quase que no volume máximo, exibindo um comercial. Joseph sentou-se no sofá e bateu com a mão no espaço ao lado, convidando-a para se juntar a ele. Ester franziu o cenho ao ver uma tigela de pipoca no colo dele.

— Vão anunciar as jovens que vão para o palácio — explicou, ao notar a sobrinha intrigada.

— Me acordou para isso? — Ester perguntou indignada.

— Você precisa se animar um pouco. — Joseph colocou um punhado de pipoca na boca. — Achei que seria uma ótima distração, já que tem passado dias difíceis.

— O senhor sabe que tenho uma entrevista de emprego logo pela manhã.

— Isso não deve demorar e ainda é cedo. — Indicou outra vez o lugar no sofá.

Contra sua vontade, Ester se sentou e bocejou no mesmo instante em que o brasão da família real surgiu na tela, seguido do conhecido hino nacional ao som dos instrumentos de uma orquestra. Ela se aconchegou em seu assento e abraçou uma almofada.

Um homem alto e forte cumprimentou os telespectadores com um largo sorriso. Ao fundo, a família real estava posicionada como das outras vezes em que apareciam em um anúncio oficial. O rei e a rainha sentados em luxuosas poltronas e o filho, o príncipe Alexander, em pé ao lado dos pais.

Ele falou com entusiasmo de como era bom que, enfim, o grande dia chegara e naquele instante todos conheceriam as dez garotas sortudas que competiriam pelo coração do amado e querido, Alexander Kriger Libier, príncipe e herdeiro direto do trono de Galav. Aplausos soaram ao fundo, mostrando haver uma plateia que não aparecia na transmissão.

A figura do príncipe tomou toda a tela, enquanto Ester lutava para manter os olhos abertos. Alexander estava ao lado do rei, com a mão direita apoiada sobre o encosto da poltrona do soberano e a outra mão escondida para trás. Ele levantou os cantos da boca em um movimento sutil, cruzando ambas as mãos em frente ao próprio corpo ao perceber que a câmera lhe dava um close.

— Aí está ele. — Joseph cutucou as costelas da sobrinha com o cotovelo, atento a qualquer reação da moça.

— Hummm — ela resmungou sem interesse.

Estava frio e o que ela mais queria era estar no aconchego de sua cama naquele momento.

O mestre de cerimônia cumprimentou o rei. Sebastian Kriger Libier III era um senhor bem-apegoado, com barba, cabelos grisalhos e

olhar gentil. Toda Galav o amava por sua bondade e pulso firme em suas decisões, pois colocava as necessidades de seu povo acima de qualquer aliança. Cristão declarado, ele defendia a sua fé com unhas e dentes, motivo esse pelo qual Mohammed e Hadassa escolheram o seu país para se refugiarem, pois sabiam que ali estariam seguros e, enfim, poderiam servir a Deus livremente.

Após alguns minutos de conversa entre o apresentador e o rei, foi a vez de Alexander responder aos questionamentos.

— Sua Majestade compartilhou informações com Vossa Alteza sobre as pretendentes?

— Irei conhecê-las apenas agora — o príncipe respondeu.

Dava para notar que ele tentava esconder o nervosismo, se mostrando pouco à vontade com tudo aquilo. O cabelo perfeitamente alinhado, os traços fortes de seu rosto e a pose impecável, não permitia Ester criar empatia pelo príncipe. Lógico, ela sabia que havia um protocolo a seguir, mas nem por isso ele precisava se apresentar como uma pedra de gelo. Vendo a imagem de Alexander, Ester ficou a pensar como as garotas fariam para conquistar alguém como ele. À primeira vista, isso parecia impossível.

Após o príncipe, a rainha ficou incumbida a dar um conselho para as moças. Ela deu um sorriso sereno, ajeitando-se no assento. Até a rainha parecia ser mais acessível que o filho.

— Tenho apenas um conselho antigo, mas valioso: sê fiel a você mesma. Não tente ser quem não são. Aqui no palácio, valorizamos a autenticidade. — Piscou para a câmera que capturava sua resposta.

— Sábias palavras, minha rainha.

O apresentador fez uma reverência antes de voltar para o meio do estúdio.

— E agora, sem mais delongas, vamos às dez belas jovens. Para que a escolha fosse a mais justa possível, as inscrições foram divididas, formando grupos representantes de cada uma de nossas dez províncias^[5], que formam nosso reino. Sendo assim, teremos uma moça de cada uma delas.

A câmera focou no príncipe, sua imagem tomando conta de toda a tela para capturar suas reações à medida que as garotas fossem reveladas.

— Senhorita Mary Kelly, província de Gad.

A foto de uma menina delicada com pele muito clara surgiu. Parecia uma dama em seu vestido longo rendado. Alexander deu um pequeno sorriso, como se fizesse apenas para ser educado.

— Senhorita Hellen William, província de Galit.

Veio a foto de uma garota ruiva com inúmeras sardas espalhadas pelas bochechas e nariz. Aparentava ser mais humilde que a primeira, porém, era ainda mais bonita. O príncipe repetiu seu sorriso e Ester começou a se irritar. Ele bem que poderia ser mais expressivo, afinal de contas, uma delas poderia ser sua futura esposa. E ela, bem, ela poderia estar dormindo, em vez de ficar olhando para o rosto de um príncipe sem sal.

— Senhorita Sarah Tandel, província de Gil.

Era uma morena de olhos negros e marcantes. Aparentava ter menos idade que as duas moças anteriores. E, novamente, sua beleza era estonteante. Ester parou de prestar atenção nas garotas e no sorriso congelado e inalterado no rosto de Alexander. Encostou sua cabeça no sofá, deixando o sono vir ao seu encontro. Fechou os olhos, enquanto ouvia a voz grave e aveludada do apresentador anunciar as demais candidatas, uma após a outra.

— Senhorita Mellanie Johnson, província de Gabe. Senhorita Annie Roberts, província de Gilon. Senhorita Megan Rose, província de Galilah. Senhorita Brittany Brown, província de Givon. Senhorita Emilly White, província de Gilad. Senhorita Rachel Miller, província de Gedaliah e por último e não menos importante, Senhorita Ester Sullivan, província de Gamaliel.

“Ester Sullivan, Ester Sullivan, Ester Sullivan...”

Ela estava prestes a embarcar no mundo dos sonhos, quando ouviu seu nome repetir várias vezes em sua mente, ao longe. A moça abriu os olhos e fitou o teto primeiro, depois a TV, no susto. Lá estava sua foto, tirada no seu aniversário de vinte anos. Ela sorria radiante. Era sua foto preferida, pois lhe trazia lembranças do orfanato a qual havia trabalhado como voluntária durante alguns anos em Cefas. As garotas tinham organizado uma surpresa e feito um bolo pelo seu último aniversário na companhia delas e Ester guardava cada pequeno sorriso em sua memória. Não notou a expressão de Alexander, mas, sem dúvidas, deveria ter esboçado o mesmo sorriso *reluzente*.

Joseph gritou e pulou do sofá assim que a ficha caiu, espalhando pipoca para todo lado. O apresentador falou outra meia dúzia de palavras e a programação habitual voltou a ser exibida.

— Eu sabia que seria escolhida! — Joseph dançava alegremente pela sala.

— Isso é impossível! Eu não me inscrevi. — O coração de Ester pulsava forte e suas mãos tremiam enquanto tentava entender o porquê de ter sido escolhida. Joseph ainda dançava e jogava os braços para cima, girando de um lado para o outro. — Você me inscreveu? — Ela se pôs de pé para encarar o tio.

— Sim! — respondeu alegre, a puxando pelo braço para se juntar a dança. — E você foi escolhida!

— Por que fez isso?

— Porque é uma oportunidade única! — Parou de dançar ao perceber que a sobrinha não compartilhava da mesma animação.

— Você nem perguntou se eu queria!

— Esse é o sonho de toda garota. — Joseph uniu as sobrancelhas. — Achei que iria ficar feliz.

— Eu sinto muito, tio, mas eu não vou — disse decidida, deixando o corpo cair sobre o sofá.

Joseph se abaixou e segurou o rosto dela entre as mãos.

— Hadassa, eu sei que você está chateada por tudo que aconteceu entre você e o Ewan, mas pense bem. Dentre milhares de garotas você foi escolhida. Isso só pode ser um sinal.

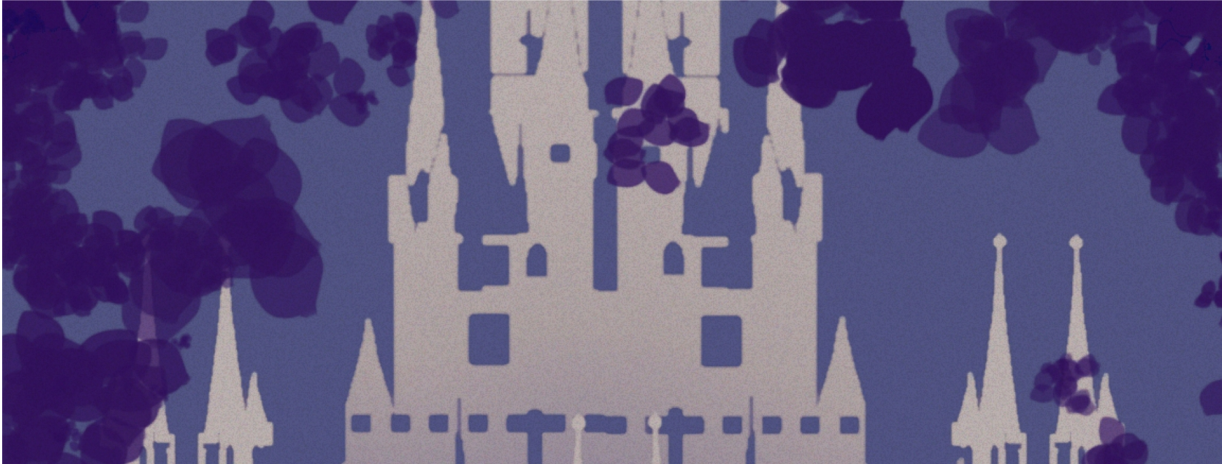
— Sinal de que, tio? Outras nove garotas também foram escolhidas. — Seu estômago embrulhou só de pensar em como seria, caso aceitasse se submeter àquela situação.

— Elas serão as coadjuvantes e você a protagonista. — Ele sorriu, esboçando um dar de ombros.

Ester não queria ir para um lugar onde sabia que ficaria deslocada. Não queria se casar com um total desconhecido, por mais que ele fosse o príncipe. E pior ainda, não queria ser a futura rainha de Galav. Um arrepio percorreu sua coluna ao pensar na possibilidade.

"Não, não e não!"

Definitivamente, ela não queria fazer parte daquilo.



Capítulo 11

Querido futuro marido,

Deus promete ouvir a nossa oração, mas nunca nos disse que a resposta seria a que gostaríamos de ouvir. Deus pode dizer: “sim”, “não” ou “espera”. Quando Deus diz sim é muito fácil de aceitar. Quando diz para esperarmos, ficamos confiantes no Senhor. Mas e quando Ele diz não?

*Sua futura esposa, aprendendo a aceitar a vontade do Todo Poderoso,
Hadassa.*

Ester respirou fundo para controlar as emoções. Um milhão de incertezas rondavam seus pensamentos e o medo do desconhecido não a deixava entusiasmada com o porvir. Enquanto se preparava para sua partida em alguns minutos, Ester orou para o Senhor acalmar seu coração e a livrar dos seus medos. Sharon a havia visitado e ela solicitou que a amiga dissesse para Ewan tudo o que não conseguira falar na noite anterior, quando o rapaz apareceu em sua porta indignado em busca de respostas. Orou para que Deus pudesse chegar ao seu coração, fazendo-o compreender os Seus

planos na vida dele, pois ela decidira fazer a mesma coisa indo para o palácio.

— Está na hora, querida, estão à sua espera. — Joseph entrou no quarto da sobrinha com um pequeno sorriso nos lábios. — Tudo pronto?

— Sim. — Ela levantou uma bolsa pequena, engatando-a ao braço.

Ester já trajava o uniforme que as pretendentes deveriam usar: um conjunto composto por calça preta social e uma camisa pêssego, com seu nome bordado do lado esquerdo e o brasão de Galav no direito.

— Vai dar tudo certo! — O tio se aproximou e a segurou pelos ombros, fitando-a como se lesse seus pensamentos e temores. — Não se preocupe.

— E quanto a minha origem, tio? E se descobrirem que sou uma *Bloch*^[6]. Não acha arriscado demais? Se não era seguro até pouco tempo, pode ser que ainda não seja. Sem contar que, considerando de onde venho, acharão que sou uma espiã. Estou indo para o olho do furacão!

— Tudo a nosso respeito foi apagado. Já passamos do período crítico. Se houvesse alguma coisa, você acha que teria sido escolhida?

Joseph ficou quieto por um instante; em seguida, entrelaçou os dedos nos dela, conduzindo-a para se sentarem.

— Não sei, não. O senhor era do Conselho real de Cefas! Já imaginou o que pode acontecer se descobrirem? Por que quis me mandar para lá? Eu não consigo entender.

Joseph ofereceu um olhar sereno para a sobrinha, como se nenhuma de suas indagações o preocupasse.

— Certa vez, havia um barco carregado de discípulos no mar da Galileia. — Ester relaxou um pouco e sentiu um sorriso tentando se formar nos cantos da boca. Era a história favorita de Joseph, e ela adorava ouvi-lo contar. — Eles seguiram seu Mestre e confiavam nEle incondicionalmente. Jesus estava no barco com eles uma noite, quando veio uma terrível tempestade. O vento e as ondas eram impetuosos, balançando o barco como um brinquedo até os discípulos gritarem por socorro. — Joseph fez uma pausa, e Ester pôde visualizar os homens e ouvir seus gritos. — Onde estava Jesus? — ele perguntou, assim como fazia quando ela era criança.

— Dormindo na parte de trás do barco.

O tio positivou com a cabeça e sorriu.

— Ao ouvir o pedido desesperado dos amigos, Ele se levantou e estendeu a mão em direção ao mar e pediu para que se acalmasse. O vento e

as ondas sossegaram. — Ester encostou a cabeça no ombro de Joseph. Esta era uma das razões pelas quais ela o amava tanto. Ele era seu amigo, e tantas vezes, quando seu próprio barco estava afundando, era Joseph que o endireitava. Mesmo agora, neste momento de incerteza e de terríveis possibilidades, sua confiança em Deus era absoluta. Isso dava a ela uma âncora, uma rocha para se apoiar, por mais difícil que parecesse a situação. — O mesmo Mestre sabe em que temporal você está, querida. — Ele a lembrou. — Jesus não nos ensina a abandonar o barco, mas a enfrentar a tempestade.

— Eu sei, o senhor está certo. É que, às vezes, eu não consigo deixar de me preocupar.

Joseph segurou as mãos de Ester nas suas, fechou os olhos e inclinou a cabeça. Ele orou em voz alta para Deus dirigir cada passo de sua sobrinha e trouxesse paz ao seu coração angustiado sempre que ela temesse. Abrindo os olhos, ele a fitou sorridente.

— Em Salmos 146, verso 09, diz que Deus protege os estrangeiros, ajuda os órfãos e as viúvas, e frustra o caminho dos maus. — Então, ergueu as mãos sobre a cabeça de Ester e finalizou com a passagem de Números 26:24-26. — Que o Senhor te abençoe e te guarde. Que o Senhor sobre ti levante o rosto e te dê a paz. E que você sempre ame a Jesus em primeiro lugar, acima de tudo.

— Amém. — Ester abraçou o tio buscando gravar cada segundo daquele contato e absorver o conforto que suas palavras lhe traziam.

— Lembre-se das palavras da rainha Elizabeth: sê fiel a você mesmo.

Se aquele era o seu destino, Ester não sabia, mas, como seu tio sempre dizia: "tudo coopera para o bem dos que amam a DEUS."



— Vou te adiantar algumas regras básicas que todas as garotas deverão seguir — a mulher morena de cabelos volumosos, sentada de frente para Ester na limusine, falou, enquanto o carro começava a andar rumo ao palácio.

Tudo estava acontecendo tão rápido, que a jovem sentia dificuldade em acompanhar as mudanças que ocorreram em sua vida desde

o anúncio.

— Sim, senhora.

— Primeiro, nunca dirija a palavra ao príncipe e membros da família real sem ser solicitada. Segundo, por exigência expressa do príncipe, não haverá contato físico de nenhuma espécie. Terceiro, brigas ou desentendimentos entre as participantes não serão toleradas. — A mulher leu os três pontos em um fôlego só antes de fazer uma pausa e levantar os olhos por alguns instantes, para ver se Ester estava prestando atenção ao que era falado. — Assim que chegarem ao palácio, todas serão preparadas para a apresentação, que será ainda essa noite em uma recepção privada organizada apenas para que o príncipe as conheça. Cada uma das participantes dançará uma única vez com Sua Alteza e ele aproveitará para fazer algumas perguntas a fim de conhecê-las melhor. É isso, por ora. Alguma dúvida? — A mulher fechou a pasta e retirou seus óculos de leitura.

— Não, senhora. Acho que entendi todas as regras.

— Perfeito.

— Na verdade, tenho uma. — Ester limpou o suor das mãos na calça. — Como ele é?

A mulher se acomodou em seu assento, batendo as unhas postizas na pasta apoiada nos joelhos. Parecia pensar sobre o que responderia.

— Bem, ele é reservado. — A resposta vaga pareceu não ser o bastante para a moça a sua frente, então ela continuou: — Estive poucas vezes com o príncipe. É difícil falar de alguém sem que o conheçamos de verdade, mas os mais próximos ao seu convívio dizem coisas boas sobre ele, como, por exemplo, sua gentileza admirável.

Ester mordeu os lábios inferiores e olhou para a janela. Lá fora, às árvores recuperavam suas folhas após o inverno rigoroso que atingira Galav nos últimos meses e agora davam sinais de uma nova primavera. O céu estava parcialmente nublado e apenas alguns raios de sol ultrapassavam as nuvens. Em seu coração, ela gostaria que o inverno de seus dias de lágrimas também estivesse dando lugar a uma temporada mais alegre e cheia de flores.

— Nervosa? — a mulher quis saber. Ester olhou para ela e assentiu, engolindo o nó em sua garganta. — Não fique, querida. — Ela estendeu a mão e tocou o joelho da moça. — Milhares de jovens dariam

tudo para estar em seu lugar. Veja isso como uma dádiva, uma oportunidade; e o que for para ser, será!

Algumas horas de viagem depois, Ester já se sentia mais à vontade, graças àquela mulher gentil ali e suas palavras de ânimo. Era como se Deus estivesse cuidando de tudo, acalmando seus dilemas a cada instante.

A limusine entrou em uma enorme propriedade e ao longe já se via o castelo em toda a sua glória. Em frente ao palácio, a mulher desceu, seguida por Ester, que mal olhava por onde pisava, hipnotizada pela beleza do lugar.

— Uma bela vista, não é? — a acompanhante perguntou a ela ao perceber seu estado perplexo.

— Demais!

Como se estivesse adentrando em um conto de fadas, Ester vislumbrou o interior do palácio ao passar pelo enorme portal com o brasão da família Kriger Libier esculpido no centro. O *hall* de entrada era um salão gigantesco, mobiliado ao estilo do século passado. Longas e pesadas cortinas de veludo cobriam as janelas; havia várias poltronas escuras, parecidas com as dos filmes de época que ela tanto amava; tapetes sofisticados forravam parte do chão de mármore branco e polido. Do teto, pendia uma escultura de cristal formada por uma infinidade de gotas cristalinas. Enormes vasos de flores traziam um ar romântico, balanceando o ambiente; obras de artes ornavam as paredes e tudo reluzia e transbordava elegância.

Conduziram as dez moças até uma enorme escada, que dava acesso à ala sul do palácio, onde foram acomodadas em um salão em que várias pessoas as aguardavam.

— Bom dia, garotas — outra mulher cumprimentou as dez participantes. — Chamo-me Giovanna e serei a monitora de vocês durante a permanência de cada uma aqui. Creio que todas já estão cientes das regras básicas.

As moças concordaram, enquanto Giovanna seguia com seu discurso. Ao observar as outras participantes, Ester achou que todas pareciam ter saído de um *outdoor*. O estômago dela revirou ao constatar, mais uma vez, que não se encaixava em nada daquilo, além de se questionar a todo instante do porquê de estar ali.

Ester foi levada a uma estação de embelezamento e instruída a se sentar de frente a um enorme espelho moldurado por pequenas lâmpadas

fluorescentes. Enquanto aguardava, observou o caos se instalar no recinto, enquanto as risadas das outras participantes preenchiam o ambiente, misturando-se ao falatório dos cabeleireiros, manicures, maquiadores e *personal stylist*. Os funcionários corriam de um lado para o outro, araras eram espalhadas pelo salão com vestidos de gala, enquanto Giovanna gritava ordens a todos.

— Alguém viu a Jade? — A voz da monitora sobressaiu sobre as conversas animadas. Alguém respondeu, mas Ester não ouviu o desfecho do paradeiro da tal moça, pois estava horrorizada com a ousadia da colega ao lado cortando mais da metade do seu lindo cabelo ruivo.

Ficou tão envolvida com a correria no salão, que mal percebeu que ninguém cuidava dela. Momentos depois, Giovanna se aproximou com as faces ruborizadas.

— Mil desculpas, senhorita Sullivan, a moça que te auxiliaria precisou acompanhar a mãe em um tratamento de saúde e a equipe dela desapareceu. — Depois, virando-se para a multidão, gritou: — Alguém chama o John!

Não muito distante dali, um rapaz alto e magro, cabelos e olhos pretos, saltou da cadeira onde lia uma revista.

— Estou aqui! — Sorriu de forma provocativa para Giovanna à medida que se aproximava.

— *Okay*, você venceu! — Giovanna apertou sua prancheta contra o peito. — Ela é sua até a Jade voltar — disse entredentes.

John comemorou com um soco no ar e Giovanna revirou os olhos, indo para longe resolver o *chilique* de uma das pretendentes.

— Olá! — O rapaz a cumprimentou e exibiu um sorriso entusiasmado, enquanto puxava as mangas de seu suéter amarelo até os cotovelos. — Ester, certo?

— Sim.

— Nós já nos conhecemos? Tenho a impressão de que já te vi em algum lugar.

Ester apertou as mãos sobre o colo e engoliu em seco, pois era bem provável que o rapaz à sua frente acompanhava de perto todas as fofocas do país e a teria reconhecido dos rumores envolvendo a relação com Ewan.

— Tenho certeza de que nunca nos vimos — ela respondeu, buscando soar calma.

— Sou John. — Ele inflou o peito com orgulho, deixando de lado suas suspeitas. — O melhor *personal stylist* e cabeleireiro deste palácio, apesar de Giovanna não concordar. Você está em boas mãos, não se preocupe. — Ele girou a cadeira dela, pondo-a de frente ao espelho para poder analisá-la. — Algum pedido especial?

— Não corta o meu cabelo — respondeu taxativa.

— Eu acho longo demais. Talvez pudéssemos diminuir o comprimento só um pouquinho.

— O que há de errado em meu cabelo ser longo? — perguntou, encarando-o pelo reflexo do espelho, meio na defensiva.

— Não valoriza o seu rosto. — John ergueu as sobrancelhas dando ênfase ao que falava. — Eu sei exatamente o corte que devo fazer. Você vai ficar ainda mais linda. — Como Ester se mantinha irredutível, John apontou em direção ao salão e, inclinando por cima de seus ombros, cochichou. — Nenhuma dessas moças está aqui por brincadeira. Vão usar todas as suas armas para conquistar o príncipe. Por ora, a melhor aposta é a primeira impressão que você deve causar a Sua Alteza. Vai querer ficar para trás?

Ele cruzou o braço em frente ao peito e esperou que Ester reconhecesse que aceitar sua sugestão era o melhor naquele momento.

Ela sorriu e girou a cadeira para encarar John. Ele retribuiu o gesto, convencido da vitória.

— Não corta o meu cabelo — Ester repetiu, tão firme como da primeira vez.

John revirou os olhos, soltando um grunhido inconformado.

— Depois não diga que eu não avisei.

— Se você é o melhor, como disse, creio que um simples corte de cabelo não será empecilho. — Ela sorriu de um jeito meigo.

John fez uma careta e nas horas que se seguiram o rapaz trabalhou em silêncio, bufando a cada segundo, enquanto Ester se divertia recusando as sugestões feitas por ele e sua equipe: a maquiagem extravagante, o penteado em forma de flor no alto da cabeça, que ele sugeriu para esconder o comprimento do cabelo e, por fim, um vestido que ela nunca usaria.

Após muitas reviradas de olhos e cara feia por parte de seu *personal*, Ester ficou pronta. Em frente ao espelho de corpo inteiro, observou sua imagem em um longo vestido azul *royal* e o cabelo com uma trança escama de peixe, ornada com pequenas pedras de brilhantes. A maquiagem era elaborada, mas sem exagero. Ela tinha que admitir, John era

um excelente profissional, apesar de não esconder sua insatisfação com as recusas dela.

— Poderia estar mais bonita se tivesse deixado fazer o meu trabalho como eu gostaria — John alfinetou, ajustando a gola do vestido dela.

— Ficou ótimo, John. — Ester elogiou. — De verdade. Essa sou eu, não consigo ser diferente. — Ela alisou o corpete bordado e a saia de tule. — Você arrasou — falou com o máximo de empolgação que conseguia no momento para deixá-lo feliz e, pelo reflexo do espelho, ela o viu segurar o riso.

Quando todas as moças ficaram prontas, seguiram para o local onde, finalmente, conheceriam o príncipe e a família real. Antes da apresentação, uma infinita lista de regras de comportamento foi lida por Giovanna.

As garotas foram colocadas em fila, na mesma ordem que haviam sido apresentadas no dia da revelação, com Ester sendo a última. Todos, inclusive a realeza, já se encontravam no recinto quando foram anunciadas. O estômago de Ester embrulhava e as mãos suavam à medida que sua vez se aproximava. O medo de descobrirem suas origens, seu passado e a ligação do tio com a família real de Cefas a deixava sem fôlego.

Joseph fora por longos anos o principal conselheiro do soberano de Cefas. Quando este passou o trono para o filho mais velho, ele continuou a exercer sua função, até o atual jovem rei decidir que o cristianismo não seria mais tolerado. Cristão confesso, Joseph foi destituído do cargo e uma semana após a expulsão, sua casa fora invadida pela primeira vez. O que antes eram apenas rumores de perseguição, começava a ser vivenciado pela família Holz. E fora nesse fatídico dia que Ester perdera os pais.

— Senhorita Ester Sullivan, província de Gamaliel.

Ela segurou a respiração e seu corpo estremeceu. Dando alguns passos, Ester adentrou. O príncipe a esperava em seu traje real de gala no fim da escadaria. A moça tentou controlar a respiração enquanto descia o primeiro degrau, depois outro e os seguintes, parando no meio de seu trajeto para o mar de fotógrafos que disparavam flashes como ondas furiosas em sua direção. Naquele momento, a ficha caiu de verdade. Ela estava no palácio com o príncipe de Galav diante dos seus olhos.

Faltando dois degraus, Alexander estendeu a mão para ajudá-la. O coração de Ester quase parou, quando com apenas um passo ele se

posicionou de frente para ela. Os traços do seu rosto fortes e marcantes, o cabelo castanho-claro, quase loiro e olhos cor de mel, harmonizavam em uma beleza sofisticada.

Alexander não sorriu e nem disse nada, apenas olhou para ela tão frio, que o sangue sumiu do rosto dela. No automático, Ester se inclinou em uma pequena reverência, assim que ele soltou sua mão. Ao levantar os olhos, o príncipe fez uma leve mesura com a cabeça, virou e saiu. Ester encarou suas costas à medida que ele se afastava, dando-se conta que estava prendendo a respiração.

— Circulando, meninas — Giovanna ordenou. — Lembre-se de serem gentis e agradáveis. Chamarei no momento de cada uma dançar com o príncipe.

As garotas foram em direção aos convidados e rapidamente cada uma delas tinha conquistado a atenção de um grupo. Ester permaneceu imóvel em seu lugar, sentindo-se sufocada pela música e a conversa de toda aquela gente. Socializar nunca fora o seu forte. Na verdade, nos últimos quatorze anos, ela mal saíra de casa, mas em Galav estava sendo diferente e quase não conseguia acompanhar a novidade.

Sem pensar duas vezes, esquivou-se pela primeira porta que viu, a única que não possuía um guarda. Para seu alívio, o vento gelado e um lindo jardim a cumprimentou. Ela fechou os olhos com força, inspirando e expirando até seu coração se acalmar. Quando os abriu, pôde contemplar melhor onde estava.

O lugar estava todo enfeitado com cortinas de algodão brancas e azuis, amarradas com cordões de fino linho vermelho, presos por argolas de prata a colunas de mármore. As passarelas por entre a vegetação, eram feitas de ladrilhos azuis e mármore branco. Nesse pátio havia alguns sofás redondos de camurça púrpura, colocados em pontos estratégicos. Era como se ela tivesse adentrado a um cenário da Grécia antiga.

Ester se sentou no assento mais próximo a ela, escolhendo ficar de costas para a porta para se entregar ao aperto no peito. O turbilhão de emoção daquele dia escapava dos seus olhos e ela ficou ali por algum tempo, soluçando até ser descoberta, pelo que indicava ser o guarda que deveria vigiar a porta por onde havia passado.

— Perdão, senhorita, mas não pode ficar aqui — uma voz grave soou, quebrando o silêncio aconchegante que o jardim lhe proporcionava.

— Só preciso de alguns segundos — ela respondeu, ainda de costas, evitando exibir seus olhos vermelhos.

— Triste por estar aqui? — ele perguntou ao ouvir sua resposta embargada.

— Acho que não me encaixo nesse ambiente. — Um sorriso triste escapou de seus lábios. — Não nasci para nada disso! Eu... Eu nem sei por que aceitei me submeter a isso.

Ester puxou o ar com força para dentro dos pulmões, ciente de que não era nada cortês transparecer os dilemas que inundavam seu interior para um estranho. Porém, ela precisava desesperadamente falar com alguém.

— Você se inscreveu, estava consciente do que a aguardava. — A gentileza presente na voz do desconhecido de repente tinha dado lugar a um tom crítico. — Por que veio?

Ester parou por um instante, incomodada com a entonação acusatória. Ela sabia que não estava em posição de rebater a qualquer questionamento. Contudo, poderia ser sincera e alimentar aquela força interna, a impulsionando para desabafar.

— Minha vida estava uma loucura, mesmo tentando fazer as coisas da forma certa. Às vezes, o *não* e o *sim* de Deus te desestabilizam. Eu ansiava por um *sim* e recebi um *não* que quebrou meu coração em mil pedaços, e o pior de tudo, não foi só o meu. — Ester engoliu em seco quando percebeu que iria chorar outra vez. — Depois veio um *sim* que eu não queria. — Ela deixou o ar sair devagar, aliviando a pressão que os pulmões ocasionavam em seu peito. — Resta-me apenas aceitar e tentar entender o que Deus quer de mim. — Ester meneou a cabeça veemente, apertando os olhos. — Desculpe-me pelo desabafo, hoje não é o meu melhor dia.

Tudo ficou em silêncio, quebrado apenas pelo som longínquo do quarteto de cordas que agora se apresentava e as conversas abafadas. Ester achou estar sozinha outra vez, até o homem estender um lenço por sobre os seus ombros.

— Obrigada. — Ela aceitou de bom grado. Sua maquiagem provavelmente estava um caos depois de todo aquele chororô.

— Não é o meu melhor dia também. — Um suspiro de frustração saiu dos lábios do homem quando ele se sentou no lado oposto com suas costas contra a dela, mas sem se tocarem. — Se não se importar, vou te fazer companhia.

— Dia muito ruim? — Ester perguntou, depois de vários minutos de absoluta tranquilidade.

— Você não faz ideia do quanto — disse apenas.

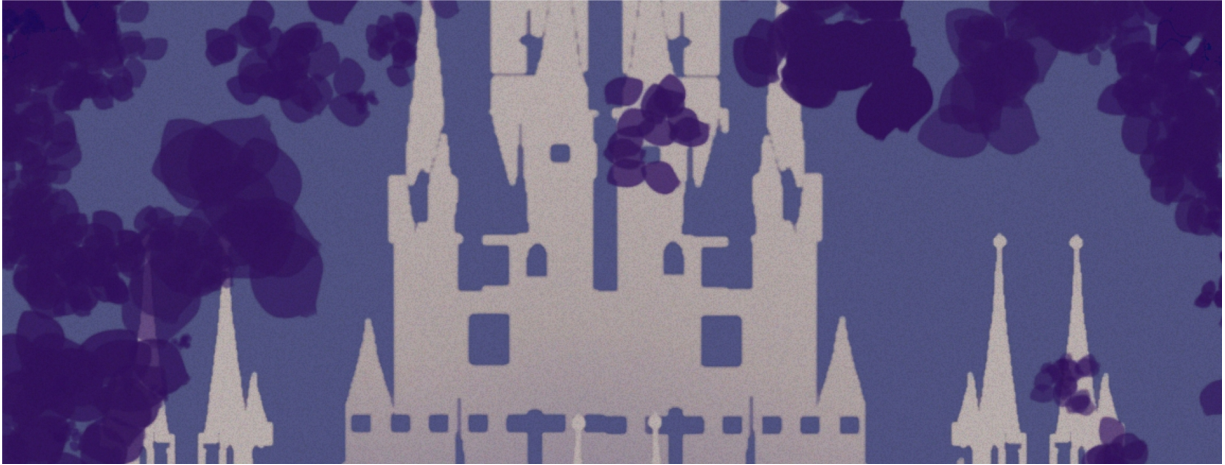
Diferente de Ester, ele não desabafou, preferindo deixar seus dilemas apenas para ele. O vento agitava as cortinas e o farfalhar das folhas dançando era tudo que precisavam no momento. A música que a própria natureza produzia acalmava os anseios e frustrações de ambos. Assim ficaram por um tempo, acalentados e abraçados pela brisa fria, que parecia refrescar suas almas.

— Você pode ficar aqui por mais alguns minutos, mas não deixe a Giovanna perceber seu sumiço, caso contrário, estará encrencada.

Passos indicaram que ele se afastava, soando pela passarela de mármore. Ester se virou a fim de vê-lo, porém o homem já havia sumido por entre as plantas.

— Senhor, ajude-me a entender os Seus planos, porque me sinto perdida nesse lugar — orou baixinho.

Como sempre, nenhuma voz bradou como desejava, mas tão real quanto o vento que tocava sua face, um sussurro ecoou dentro de seu coração: "*A minha graça te basta.*"



Capítulo 12

Querido futuro marido,

Seja forte e corajoso! Essa foi a declaração de encorajamento que Josué escutou do próprio Deus. Ao dizer para Josué ser forte e corajoso, Deus estava animando e fortalecendo o líder hebreu a conduzir o povo de Israel na conquista da Terra Prometida. Esse encorajamento é tão importante e emblemático, que o Senhor o repete três vezes seguidas a Josué (Josué 1:6-9). De fato, essas palavras certamente foram muito significativas a Josué. Deus lhe falou que ele deveria ser forte e corajoso em um momento decisivo de sua vida. Me sinto assim, como se Deus me dissesse para ter coragem. Eu não sei onde você está, meu amor, e não sei quais são as suas lutas nesse momento. Então, meu desejo é que o versículo 9 do capítulo 1 de Josué chegue a você de alguma forma: “Não te mandei eu? Seja forte e corajoso! Não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.”

*De sua futura esposa, cercada de temores,
mas tentando ser forte e corajosa, dia após dia,
Hadassa.*

Alexander viu quando Ester, retornou para o salão onde o baile era realizado. A moça caminhou para um canto mais afastado da multidão de convidados, onde passou a observar todos à sua volta. Parecia querer passar despercebida, porém, era quase impossível não ser notada. Além de ser uma das pretendentes, ela estava deslumbrante em seu vestido azul *royal*, atraindo olhares de diversos convidados.

Megan Rose tagarelava sem parar sobre o quanto estava feliz por estar no palácio, enquanto o príncipe a conduzia em uma valsa lenta tocada por uma camerata. Alexander se desligou do que sua parceira de dança falava, quando viu Leonel Charles Green se aproximar de Ester com seu sorriso presunçoso repuxando o canto de seus lábios. O homem ziguezagueou os convidados com os olhos cravados na moça, da mesma forma que sempre fazia quando algo o atraía.

O príncipe nunca soube quando foi que passou a sentir tanta repulsa do psicólogo de sua irmã Alexia. Charles havia crescido pelos corredores do palácio aprontando todo tipo de peraltices, e tendo o seu pai, um dos conselheiros de confiança do rei, para limpar sua barra.

Leonel Charles Green, definitivamente, não era a melhor companhia para qualquer garota. Alexander recordara de certa vez, quando Charles, com o lorde Maxuel, primo do príncipe e terceiro na linha de sucessão ao trono, foram pegos em um dos aposentos do palácio em um tipo de festinha particular com mulheres de caráter duvidoso. Na época, eles tinham apenas dezesseis anos e o ocorrido foi um escândalo colossal, levando o rei a banir Maxuel da Corte por tempo indeterminado. O que Alexander nunca entendeu, foi como o primo havia tido um castigo tão duro, enquanto Charles ainda circulava e até trabalhava no palácio sem qualquer restrição.

Charles se apresentou e pegou a mão direita de Ester, deixando um beijo entre seus dedos. Em seguida, indicou o meio do salão, convidando-a a dançar. Ela negou, limpando a mão beijada na saia do vestido, mas o homem não desistiria tão fácil.

— Alteza — Giovanna chamou pelo príncipe e atraindo sua atenção indicou que ele deveria trocar sua parceira de dança. — Essa é Mellanie Johnson.

Megan Rose fez uma reverência, dando lugar à outra. Alexander conduziu a recém-chegada nos primeiros passos da valsa retornando os

olhos para o ponto onde Ester e o doutor Charles conversavam momentos antes, no entanto, eles não se encontravam no mesmo local.

Mellanie Johnson começou a falar sobre ela, antes mesmo que ele fizesse qualquer pergunta. Por quase dois minutos, o príncipe tentou dividir sua atenção entre a jovem e o salão, sem muito sucesso.

Uma eternidade depois, no meio da multidão dançante, avistou o vulto azul *royal* do vestido de Ester, com sua longa trança brilhando a cada movimento que fazia. Alexander trincou o maxilar ao ver Charles descer a mão até a base da cintura dela, apertando-a para mais perto. Ester pôs a mão dele de volta no meio de suas costas, enquanto ele a girava, pondo-a em um ângulo em que o príncipe poderia ver seu rosto. Assim que o fez, seu campo de visão se cruzou com o dela. Seu olhar era aflito, como se gritasse por socorro.

Alexander travou uma batalha dentro de si, enquanto via Charles sendo o ser humano desprezível que sempre fora. O conflito se dava pelo telefonema de seu melhor amigo, Ewan, no dia da revelação das candidatas.

— Que droga, Alexander! Por que não atende essa coisa?

Ewan gritou quando ele respondeu a ligação.

— Ei, vai com calma. Por acaso está morrendo?

— Não, mas é como se estivesse! — Disparou sem paciência.

— Ewan, não tenho tempo agora para os seus chilikues. Se for urgente, você tem trinta segundos para falar, se não, preciso voltar para uma reunião importante.

O príncipe resmungou, sem muita paciência para aturá-lo no momento. Sua cabeça estava a mil, ele teria que cortejar dez garotas pelos próximos meses e o Conselho estava o pressionando de todas as formas possíveis em várias questões.

— Acabou — choramingou Ewan, com a voz arrastada.

— O que acabou? — indagou Alexander, impaciente.

— Com a Ester. — Ewan deixou escapar um suspiro do canto mais escuro do seu coração. — Acabou.

Alexander parou de andar e olhou para o céu. Já era demais lidar com seus problemas, agora teria que lidar com os dilemas do amigo.

— Esse desespero todo é por que você terminou com sua namoradinha?

Ele não gostaria de parecer presunçoso, mas seu tom de voz o denunciou.

— Ela não era minha namoradinha! — disse, indignado por tamanha falta de sensibilidade do outro. — E você não faz ideia da confusão em que eu e você estamos, meu nobre.

— Quando eu entrei nessa história?

— O nome, Ester, não te lembra nada?

A fala de Ewan veio carregada de sarcasmos.

— Deveria?

— Onde você estava na hora da revelação das suas pretendentes?

— Ewan debochou.

— Seja mais claro, por favor. Eu não gravei o primeiro nome de todas elas, na quarta garota, já não sabia qual era o nome da primeira.

Era como se a paciência de Alexander estivesse esvaindo suas últimas gotas. Ele já estava tendo que se submeter a um iminente casamento com um completa desconhecida, não fazia a mínima ideia de como lidaria com todas aquelas garotas, esperando nada além de perfeição da parte dele, sem falar que precisava cumprir com a agenda do pai por motivos de saúde do rei. Toda aquela carga emocional o estava consumindo.

— Sullivan, refresca a sua memória?

— A garota de Gamaliel? — indagou sem ter muita certeza.

Na verdade, só se lembrava vagamente, pois fora a última província citada.

— E de onde eu sou, vossa inteligência? — disse Ewan, intransigente.

Alexander parou e pressionou o ponto acima do nariz entre os olhos.

— Não acredito!

— Eu a quero fora — exigiu ao príncipe. — Não sei o que você irá fazer, mas ela não pode fazer parte do seu harém. Ester mentiu para mim, disse não ter enviado sua inscrição, confessou estar apaixonada por mim e depois me dispensou.

— Eu sinto muito, Ewan. — Alexander ignorou a palavra “harém” e a forma que o amigo falava como um garoto mimado, para não piorar a situação. — Vou pensar em alguma coisa, não se preocupe.

— Obrigado.

Houve silêncio do outro lado da linha por um tempo e Alexander sabia o que precisava dizer ao amigo, mesmo que aquele discurso já tivesse sido feito tantas vezes.

— Ewan, eu sei que já te disse isso inúmeras vezes, mas preciso falar novamente. — Alexander parou por um instante, ponderando cada palavra que estava prestes a dizer. — Sou seu melhor amigo e, como tal, não posso ignorar certas coisas. Entenda-me, por favor. Preocupo-me com seu bem-estar.

— Eu sei. — Ewan estava ciente que Alexander não perderia a oportunidade de lhe dar um belo sermão por, mais uma vez, ter entregado seu coração com tanta facilidade. A conduta ilibada do príncipe não lhe permitia ignorar a situação sem dizer como ele deveria agir e se resguardar de posteriores frustrações. Ewan havia decorado a preleção que Alexander não se cansava de repetir desde a faculdade: "Guarda seu coração", "Se entregando dessa maneira, quando realmente encontrar a pessoa certa, pode ser que não tenha mais espaço aí dentro", "Tudo tem o seu tempo", "Espera no Senhor". E a que mais doía: "Quando é que você vai crescer, Peter Pan?" — Vossa Alteza não tinha apenas trinta segundos?

Ewan resmungou e Alexander sorriu.

— Eu sempre tenho tempo para o meu melhor amigo.

— Tudo bem, mas não precisa se incomodar dessa vez.

— Eu faço questão. — Alexander fez outra pausa e depois de um longo suspiro, voltou a falar: — Você já tem vinte seis anos, não acha que está na hora de tomar uma posição mais madura em relação à maneira como anda vivendo? — Era possível ouvir a respiração pesada de Ewan do outro lado da linha. — Entenda que eu quero te ver feliz. Talvez você não saiba, mas oro por você a esse respeito. — Ewan riu. — É sério!

— Essa conversa está bem estranha — Ewan caçoou.

— Mas eu estou falando sério, de verdade, oro por você. — Ewan não respondeu ou fez qualquer outra piada. — Ouça, eu preciso ir agora. A partir de amanhã, minha vida vai virar de cabeça para baixo e talvez você não consiga mais falar comigo por um tempo.

— Tudo bem. Boa sorte com seu harém — Ewan alfinetou uma última vez.

— Vê se cresce, Peter Pan.

Como questão de honra, o príncipe havia prometido a si mesmo que ficaria o mais distante possível de Ester Sullivan e não se esforçaria para conhecê-la. Ewan estava apaixonado pela moça e na primeira oportunidade, a enviaria de volta para sua província.

Problema resolvido.

Contudo, Alexander havia flagrado a escapada de Ester para o jardim. Intrigado com sua atitude, resolveu segui-la. Ele não sabia nada sobre a moça, a não ser o que Ewan lhe contara e isso o incomodava sobremaneira. Como seu melhor amigo, ele deveria confiar no julgamento dele, mas de repente, não parecia ser o suficiente para o príncipe, ainda mais conhecendo Ewan tão bem como conhecia.

E se Ewan estivesse errado? E se ela não tivesse mentido? E, se ela não mentiu, por que estaria ali? Nenhuma resposta, seja ela qual fosse, mudaria sua decisão inicial, porém, ele precisava saber, apenas para desencargo de consciência.

Vê-la chorando no jardim levou suas defesas ao chão e a sinceridade no seu discurso varreu para longe o entulho. A dissolução de todos os seus questionamentos estavam ali, diante dos seus olhos, fazendo-o compreender que, na verdade, o amigo acabara de ganhar um *não* de Deus, aquele que o próprio príncipe havia alertado para que se preparasse para receber e que Ewan, com certeza, havia ignorado. Ele nunca aprendia a lição.

Todavia, entre sua decisão de não envolvimento e a atitude lasciva de Charles, que ainda dançava com a moça, Alexander optou por salvar Ester das garras daquele petulante. Afinal de contas, ele teria que dançar com ela de qualquer maneira.

— Com licença, senhorita... — Alexander interrompeu a dança, tentando se lembrar quem era a jovem que dançava com ele, mas nenhum nome veio a sua mente.

Giovanna se aproximava com a próxima pretendente logo atrás.

— Alteza essa é...

— Um momento, por gentileza. — O príncipe passou entre elas e marchou rumo ao meio do salão, deixando as três mulheres sem entender o que ocorria.

"Você vai até lá, tira a moça das garras desse pervertido, dança dois minutos com ela e depois a ignora até arrumar uma desculpa plausível para mandá-la de volta para casa."

Para o príncipe, o plano era perfeito.

Alexander parou ao lado do casal e limpou a garganta alto o suficiente para ser ouvido.

— Doutor Charles, se importa? — Estendeu a mão em direção a Ester, que a agarrou no mesmo instante, indo para o seu lado.

— De maneira alguma. — O terapeuta fez uma reverência e depois dirigiu seu olhar a Ester. — Ela é toda sua. — Com uma pequena mesura, deixou outro beijo no dorso da mão livre dela. — Creio que cruzaremos pelos corredores do palácio em outras oportunidades — disse com uma piscadela.

A moça mal acreditou na audácia daquele homem e ficou ainda mais exasperada por Alexander não dizer nada para repreendê-lo. Era isso que ele deveria fazer, não era? Afinal de contas, ela estava ali por ele, pela posição de sua futura esposa e a atitude repugnante do outro não parecia lhe afetar nenhum pouco.

Alexander a encarou inexpressivo, enquanto ela exalava indignação. A camarata finalizou a peça que tocava, iniciando outra, tão graciosa quanto a anterior.

O príncipe a guiou nos primeiros acordes, seus movimentos eram leves e suaves, quase como se ele não a estivesse tocando. Não lembrava em nada o homem asqueroso que Charles era. Gradualmente, tudo dentro de Ester foi se acalmando e ela sentiu que deveria agradecê-lo pela interrupção.

— Obrigada — ela sussurrou sem olhá-lo.

— Sente-se melhor?

Algo naquela pergunta fez o coração da moça bater mais forte e suas pernas vacilarem no passo. O tom da voz do príncipe lhe soou familiar, trazendo o que ela não havia percebido antes, dado ao seu estado emocional. Ester ergueu os olhos arregalados para ele.

— Era você no jardim? — Sua pergunta soou mais como uma afirmação.

Em resposta, o príncipe sorriu, não o sorriso congelado que ela vira muitas vezes na televisão durante os anúncios reais, mas um sorriso singelo e verdadeiro, daqueles que faz criar linhas perto dos olhos, a ponto de quase fechá-los.

— Não se preocupe — ele murmurou quase inaudível, olhando nos olhos dela. — Seu segredo está guardado comigo.

Antes que Ester pudesse pensar no que dizer, Giovana surgiu mais uma vez com Annie Roberts ao seu lado.

— Alteza, a senhorita Roberts está pronta para dançar, agora. — Seu tom de voz ecoou como uma ordem ao príncipe.

Alexander se afastou obediente, ainda sorrindo para Ester.

— Bem-vinda à Corte, senhorita Sullivan — despediu-se com seu gesto característico, inclinando levemente a cabeça antes de oferecer o braço para Annie em seguida.

Quando ambos saíram, Giovanna encarou Ester com um vinco entre as sobrancelhas.

— Por onde você andou, senhorita? Te procurei nesse salão como se fosse uma agulha no palheiro!

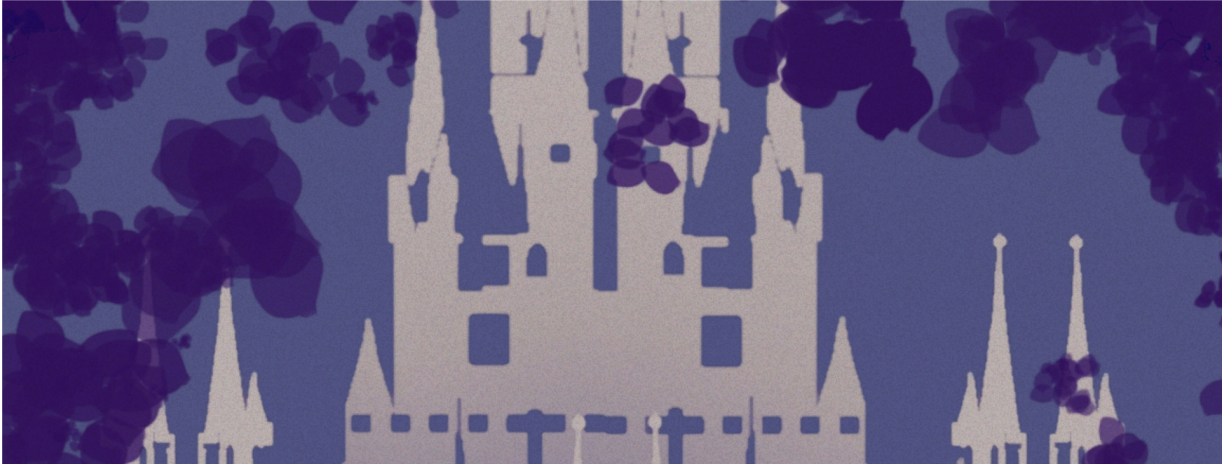
— Eu...

— Esquece. — Giovanna espalmou a mão no ar, calando-a. — Preciso encontrar Rachel Miller. Ela é a próxima a dançar com o príncipe. — A mulher saiu, mas parou no meio do caminho. — Vê se não some! — Apontando suas enormes unhas vermelhas, concluiu: — Estou de olho em você.

— Sim, senhora.

Nas horas que se seguiram até o fim do baile, Ester preferiu ficar sentada em uma das mesas, bem à vista de Giovanna, bebericando uma taça de água. Seu estômago se recusava a aceitar qualquer coisa sólida, retraindo a cada minuto. A angústia ainda estava lá também, mas o mesmo sussurro que ouvira no jardim ia e vinha, como ondas de conforto, acalmando seu coração. Porém, outro versículo o acompanhava.

"A minha graça te basta... Seja forte e corajosa. Não temas!"



Capítulo 13

Querido futuro marido,

Nos últimos dias, confesso que deixei o medo me dominar, e até duvidei dos cuidados de Deus para comigo. Mas o Senhor é tão extraordinário! Quando penso que estou me afogando, Ele me traz à tona de uma forma inexplicável e mostra que há muito mais nessa jornada do que a minha limitada visão é capaz de enxergar.

*De sua futura esposa,
Hadassa.*

Ester dormia, confortável e afundada, entre os travesseiros sobre uma enorme cama dossel, quando sentiu um cutucão em sua costela. Ela pulou assustada, sentando-se na cama em um único movimento.

John, o *personal stylist* do dia anterior, a encarava com cara de poucos amigos, enquanto três mulheres idênticas se esforçavam para segurar o riso. Ester esfregou os olhos, tentando focar a visão para enxergar com nitidez e se perdeu com a visão dos seus aposentos à luz do dia.

Seu quarto consistia em uma suíte que mais parecia um apartamento, as paredes eram pintadas de bege e adornadas por dois

quadros cujas pinturas lembravam uma paisagem do movimento impressionista. Havia também uma lareira e, em frente a ela, duas poltronas cor de pêssego. Do outro lado, um *closet* aberto com tantas roupas e calçados, que poderia calçar todas as moças de Galav.

— Até que enfim, querida! — Ele conferiu a hora em seu relógio no pulso. — Você dorme como uma pedra!

— O que faz no meu quarto? — Ester puxou o cobertor, cobrindo-se. Ela não estava devidamente vestida e achou estranho um homem em seu quarto quando ainda estava na cama.

— Essas são Yumi, Sayuri e Hanna. — Elas levantavam a mão à medida que John pronunciava seus nomes. — Deve se lembrar delas de ontem. Ester assentiu, buscando recordar. Os acontecimentos do dia anterior ainda eram um borrão difícil de decifrar, afinal, o que fora real e sonho? — Estamos aqui para te arrumar — continuou ele. — Na verdade, você já deveria estar pronta a essa hora!

Antes que estivesse desperta completamente, Yumi a tirou da cama — ou seria Hanna, ou Sayuri? — Ela já não se lembrava do nome da mulher que a conduzia ao banheiro.

— Eu posso fazer isso sozinha! — protestou, quando a moça ameaçou entrar com ela.

— Eu sei que sim, senhorita — disse ela, em um sotaque arrastado —, mas o meu trabalho é...

Antes de qualquer justificativa, Ester bateu à porta do banheiro, trancando-se do outro lado. Quando saiu, vestida em um roupão macio e felpudo, sua cama estava arrumada e sobre ela, uma infinidade de peças de roupas e calçados que combinavam entre si.

As mulheres a fizeram sentar em frente a penteadeira ao lado da entrada da sacada. Elas iniciaram os trabalhos, obedecendo às instruções que John gritava mal-humorado, ditando como deveriam arrumar o cabelo e fazer a maquiagem. Ester rebatia cada uma das sugestões, procurando entrar em um acordo com seu *personal* de gosto um tanto quanto bizarro.

— Eu odeio amarelo!

— Mas é a cor da estação!

— Esse colar pesa mais que eu, não vou pôr isso no meu pescoço!

— São pedras preciosas originais de Galav!

— Não vou usar esse batom roxo!

— Ele dá um contraste esplêndido com esse vestido!

— Eu não vou usá-lo! É amarelo!

Dando-se por vencido, John massageou as têmporas, deixando Ester escolher o que gostaria de usar. Ela optou por um vestido vinho na altura dos joelhos — o mais simples da coleção do rapaz —, um colar discreto, com brincos combinando, que segundo John, estavam ali por engano. Por falta de um calçado baixo, foi obrigada a usar uma sandália de salto, mas que, para sua surpresa, deixava os pés confortáveis.

Quando Ester saiu pronta de dentro do *closet* e John concordou, aprovando suas escolhas, a moça ficou tão feliz e aliviada que lhe deu um abraço apertado, pegando-o desprevenido.

— Essa sou eu, John. — Ela se afastou, dando um tapa de leve no ombro dele. — Eu te disse ontem, nada, além disso, vai me agradar. Então acho bom você reformular o meu guarda-roupa. — Ela empinou o nariz e girou sobre os saltos para ficar em frente ao espelho móvel posicionado no meio do quarto.

— Você ainda não é a rainha... — John resmungou entre dentes.

Ester voltou seu olhar para ele, colocando ambas as mãos na cintura. John cruzou os braços, inflou o peito e levantou o queixo para encará-la.

— Segundo a Giovanna, enquanto eu estiver aqui, você trabalha para mim.

John fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes.

— Claro, senhorita, seu desejo é uma ordem — disse sarcástico.

— Grata. — Ester ignorou sua provocação, pondo a perna direita atrás da esquerda ao flexionar os joelhos em uma referência propositalmente exagerada.

John revirou os olhos e saiu pisando firme, seguido por suas ajudantes. Uma delas se virou e sorriu com uma piscadela em sinal de apoio. Ester sorriu, divertindo-se com o ataque nervoso do jovem.



— Está atrasada, senhorita Sullivan — Giovanna bradou, quando Ester adentrou a sala onde todas tomariam café da manhã com o príncipe.

As outras nove jovens já se encontravam acomodadas em volta de uma mesa farta de um desjejum magnífico. Ester se sentou na cadeira ao lado de Mary Kelly e quando ia justificar seu atraso, Alexander passou pela porta e caminhou até a cabeceira da mesa, lugar reservado a ele. Todas ficaram de pé para recebê-lo com uma reverência.

O príncipe se posicionou em seu lugar e sorriu, pousando os olhos rapidamente em cada garota.

— Bom dia, senhoritas.

Indicando as cadeiras, pediu para ocupar seus lugares e se servirem. O silêncio tomou conta do salão nos minutos seguintes, já que ninguém tinha permissão para falar uma só palavra diante dele sem ser solicitada.

Alexander tomou um pouco de café e correu os olhos pelas dez garotas. Ele deveria ter tirado um tempo para estudar as fichas de suas pretendentes antes que todas estivessem ali. O nome de nenhuma delas lhe vinha à mente, então seus olhos pararam em Ester, a única que não esquecia o nome, graças a Ewan.

— Dormiu bem, senhorita Sullivan?

Ester levantou a cabeça quando a voz de Alexander quebrou o silêncio, interrompendo a trajetória de um *croissant* em direção a sua boca. Ela colocou o pãozinho de massa folhada de volta no prato, percebendo ser a única entre as garotas que havia se servido até aquele momento.

— Ah, sim! Dormi muito bem, obrigada. Tanto que perdi a hora.
— Ester deu um sorriso culpado em direção a Giovanna.

— Sendo assim, suponho que o seu quarto seja confortável o bastante.

Ester sorriu ao recordar da cama aconchegante e de como se sentiu pequena em meio a imensidão do móvel.

— Muito! Meu quarto é bem maior que o apartamento onde moro com meu tio em Gamaliel.

Algumas moças olharam para ela como se ela tivesse cometido uma gafe colossal ao expor sua opinião de maneira tão espontânea.

— Eu amei o meu também, se me permite dizer, Alteza — Mary Kelly falou receosa por não ser solicitada. — Confesso que ele também é bem maior que a humilde casa da minha família em Gad. — Ela deu um sorriso amigável para Ester, em sinal de apoio.

— Fico feliz que estejam bem instaladas. — O príncipe sorriu para as duas garotas de forma genuína.

Dado a falta de formalismo do príncipe, de repente todas tinham algo para falar de seus aposentos, desviando o foco de Ester e Mary. Alexander ficou aliviado por elas conduzirem as conversas daquele ponto em diante, assim não precisaria fazer perguntas direcionadas e nem as chamar pelos nomes.

No fim do desjejum, Giovanna se aproximou e lhe entregou dez dossiês, contendo um relatório detalhado de cada uma delas, para auxiliar nas entrevistas individuais que se seguiriam a partir daquele momento.

Ao perceber do que se tratavam os documentos, Ester se remexeu pouco à vontade em seu assento. Quais informações dela poderiam ter ali? O tio havia garantido que tudo relacionado as suas origens estava apagado para sempre, mas ela não estava convencida de que uma vida inteira pudesse desaparecer tão fácil. Cefas era parte de sua história, um fragmento importante que compunha quem era e de sua formação na pessoa que se tornara.

Alexander colocou as pastas na ordem em que conversaria com suas pretendentes em particular. Ele se levantou e, imediatamente, as conversas cessaram.

— Sei que essa situação foge um pouco do convencional. Não sei quanto a vocês, mas ainda estou tentando me acostumar com todo esse processo. Peço, desde já, compreensão com meus horários e disponibilidade de estar com cada uma. Porém, o rei achou por bem que esse procedimento fosse adotado. — Enquanto falava, passeava os olhos entre uma e outra, nada à vontade. — Preciso conhecê-las um pouco melhor, pois quero manter qualquer uma de vocês aqui apenas pelo tempo necessário. — Ele parou, dando se conta que, talvez, suas palavras houvessem saído um pouco ásperas demais. — Perdoem-me a sinceridade. — Desculpou-se ao ver o choque estampado em alguns rostos. — Gostaria de conversar com cada uma a sós, a fim de conhecê-las melhor. Senhorita Kelly, me acompanhe, por gentileza, as demais, sintam-se à vontade para conhecer o palácio. Alguém as chamará quando for sua vez.

Mary saltou da cadeira com um sorriso dançando de um lado ao outro de seus lábios, seguindo-o para fora da sala.



Após avisá-las de que no período vespertino iniciaram as aulas de etiqueta, Giovanna liberou as demais garotas. Todas já tinham alguém com quem se identificava e Ester ficou sem saber para onde ir.

Hellen William e Mellanie Johnson eram como que se conheciam desde sempre. Sarah Tandel e Rachel Miller, as típicas patricinhas. Annie Roberts e Megan Rose pareciam ter assuntos para um ano de conversa, sempre rindo e olhando às demais com superioridade. Brittany Brown e Emily White eram mais discretas, no entanto, ainda assim, tinham um ar de supremacia presente em seus gestos. Mary Kelly era a única que havia conversado com Ester durante o café da manhã. Enquanto comiam, engataram um bate-papo animado sobre trivialidades.

A sala estava quase vazia quando Ester se lembrou do jardim da noite anterior. Se conseguisse encontrá-lo, era lá que se refugiaria. Antes de sair à procura do lugar, ela voltou ao seu quarto em busca de seu diário. Logo em seguida, tentou refazer os seus passos, do quarto ao salão onde o baile havia acontecido. Porém, ela se perdeu. Os corredores eram um enorme labirinto que dava acesso a *halls*, escadas e portas.

Prestes a pedir ajuda a um dos funcionários que passavam por ela a todo instante, Ester avistou um portal que abria caminho para o lado exterior do palácio. Sorriu e apertou o passo para atravessar as altas portas de vitral de *tiffany*. Não era o mesmo jardim, mas o lugar era tão lindo quanto. O sol naquela manhã estava ameno e o clima mais agradável da primavera perfumava o ambiente. As plantas ali cheiravam muito bem e, cada brisa que soprava trazia até ela uma fragrância diferente.

Bancos de mármore faziam parte da decoração e ela correu animada até um deles. Sentou-se e ergueu o rosto para o céu buscando sentir o calor do sol tocar sua pele, aproveitando para fazer uma oração. Diferente da noite anterior, agora ela não se sentia tão angustiada. Era como se o sussurro de Deus estivesse cobrindo seus temores. A graça dEle era suficiente!

Alguns minutos depois, quando ela já havia escrito quase uma página inteira de seu diário, relatando seus sentimentos desde que chegara ali, ouviu passos ligeiros se aproximando.

— Oi — uma voz meiga a cumprimentou.

Ester se virou de imediato, deparando-se com uma menina muito pálida, cabelos loiros e olhos claros. Vestia roupas meia estação e luvas, apesar do clima naquele dia não exigir trajes tão quentes.

— Oi! — Ela sorriu para a criança e depois olhou para além dela, à procura de quem a estivesse acompanhando ou de um sinal de quem ela era e de onde tinha vindo, mas não viu ninguém.

Alexia baixou as vistas por alguns instantes, como se hesitasse em prosseguir com a conversa.

— Você é a senhorita Sullivan, não é?

— Sim, sou eu. E quem é você?

A princesa se aproximou cautelosa, sentando-se ao seu lado.

— O que você está escrevendo? — A menina ignorou a pergunta de Ester, como se ela não tivesse sido feita.

— Apenas alguns pensamentos. — Ester fechou o diário, abraçando-o contra o peito.

— Pode ler para mim? — Alexia perguntou, mirando-a com o cenho franzido devido à claridade do sol.

Seus olhos eram tão claros e brilhantes como água cristalina. No entanto, não foi a beleza neles a chamar a atenção de Ester. Seu olhar era vago, triste e outra coisa que ela não soube decifrar.

Uma sensação estranha percorreu seu corpo, a ponto de contrair seu coração ao recordar do grupo de meninas do orfanato que cuidara antes de sair de Cefas. Eram garotas cheias de traumas, retraídas pela timidez, algumas com transtornos sérios. Em seus olhos, muitas vezes, não se via emoção, assim como os da criança ao seu lado.

— Você não vai se interessar, são apenas rascunhos.

Constrangida, Alexia baixou o olhar para fitar a grama sob seus pés.

— Meu irmão sempre lê para mim, no entanto, ele não tem mais tanto tempo para isso no momento.

Ester se compadeceu.

— Bem, eu não tenho nada escrito aqui que eu possa ler para você, mas sou ótima em contar histórias. Quer ouvir uma?

As bochechas da princesa ficaram rosadas e ela assentiu, porém, sem muita empolgação. Ester decidiu contar o conto que mais gostava de ouvir de sua mãe. Deixando o diário de lado, começou a narrar:

— Certa vez, em um reino muito distante, um homem decidiu que precisava se casar e constituir uma família. Apesar de possuir muitos amigos, ele se sentia sozinho. Mas, esse homem tinha um sério problema, ele não confiava em ninguém! Achava que todos que viviam perto dele, estavam ali apenas por seus bens. Como ele poderia escolher uma moça para se casar? Como teria certeza de que ela estaria casando-se apenas por amor e não por interesse? Foi então que ele teve uma ideia e bolou um plano. Mandou que um de seus empregados saísse pela sua província, anunciando que seu senhor procurava uma esposa. Todas as moças solteiras logo se agitaram, pois se tratava do melhor partido de toda a região. O homem era de caráter íntegro e bondoso.

Ester fez uma pausa, estudando a fisionomia da menina enquanto a ouvia. A princesa olhava para ela atenta a história.

— Uma grande festa foi organizada para ele conhecer suas pretendentes. Cada uma se arrumou com seu melhor vestido e foi para a comemoração. Chegando lá, o homem tinha um presente para as moças que de fato quisessem se casar com ele. Um vaso e uma semente. Ele, então, lançou um desafio. Em um ano, daria outra festa e a donzela que lhe trouxesse a flor mais bela, seria sua esposa. Todas ficaram muito animadas e levaram para suas casas os vasos com as sementes. Um ano se passou, e mais uma vez o homem mandou seu empregado sair pela cidade, chamando as mulheres de volta para um baile em sua casa. Elas deveriam levar seus vasos com suas flores, pois naquele mesmo dia, faria sua escolha. Todas voltaram, trazendo uma flor mais linda que a outra. Porém, entre elas, havia uma moça que levou apenas seu vaso, sem nada dentro dele.

Alexia apareceu confusa, como se estivesse tentando decifrar o porquê de o vaso estar vazio.

— Quando chegou a hora do rapaz decidir, todas apresentaram suas flores. A moça com o vaso vazio ficou lá atrás, escondida e morrendo de vergonha por não ter nada para mostrar. Após analisar com muito cuidado cada planta, ele se pronunciou: "Eu já fiz a minha escolha!" Elas lhe ouviam com muita atenção. "Eu escolho você", o homem apontou para a jovem que não tinha nada em seu vaso.

A menina ergueu as sobrancelhas surpresa, porém, não questionou, continuando calada.

— Todos ficaram espantados pedindo uma explicação. Então ele revelou que suas sementes, na verdade, eram estéreis. Ele queria saber

quem delas iria ser sincera e quais iriam trapacear, colocando outra semente no vaso. "Esta foi a única que cultivou a semente que a fez digna de se tornar minha esposa", disse ele. Moral da história: se para vencer, estiver em jogo a sua honestidade, perca. Você será sempre um vencedor^[7].

A criança exibiu um pequeno sorriso, o único desde sua chegada. Ester a observou por um tempo, tentando entender por que ela era tão reservada para uma garotinha que aparentava ter dez anos.

Anastácia, a babá da menina, entrou correndo no jardim momentos depois, ofegante.

— Princesa Alexia, que susto você me deu! — A jovem ajoelhou ao lado da garota, analisando-a com olhos aflitos e Ester notou a luva de seda e renda que a jovem usava. — Nunca mais faça isso, por favor. Você sabe que não pode ficar no sol e ao ar livre por muito tempo. — Abrandou a voz, acariciando os cabelos da princesa. — Eu te procurei por todo o palácio!

Dois guardas entraram apressados logo em seguida, parando assim que avistaram Alexia em segurança. Ester se pôs de pé em um salto ao se dar conta que falava com uma princesa que ela nem ao menos tinha conhecimento da existência.

— A princesa está bem, pessoal. Obrigada pela ajuda. — Anastácia dispensou os seguranças, ficando de pé.

— Ela surgiu aqui do nada — Ester se pôs a explicar, antes da mulher pensar mal dela. — Eu nem me dei conta de quem era ou se estavam procurando pela princesa, me desculpe. Nós estávamos conversando, perdi a noção do tempo.

Anastácia olhou cética para Ester, com os olhos semicerrados.

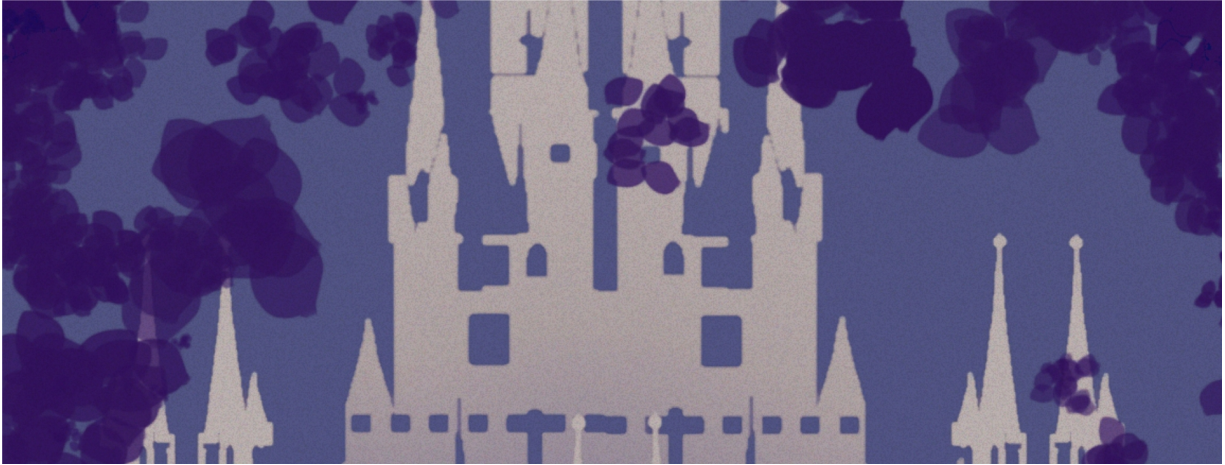
— Alexia estava conversando com você? — Pelo tom de voz dela, era óbvio que Anastácia não havia acreditado em uma só palavra da pretendente do príncipe.

— Na verdade, quem falou mais, na maior parte do tempo, fui eu. — Ester observou que a menina evitava contato visual.

Anastácia alternou o olhar entre a princesa e Ester duas vezes antes de tomar a criança pela mão.

— Obrigada por cuidar dela.

Ester assentiu e acenou para Alexia em despedida. Tímida, a princesa retribuiu, seguindo de volta para o interior do palácio com a babá, deixando-a intrigada.



Capítulo 14

Querido futuro marido,

O propósito de Deus é que vivamos plenamente para Sua glória. À medida que lhe entregamos nossa vida em Sua presença, é que aprendemos a pensar com clareza e a agir de forma correta, quando nos colocamos diante dEle em oração e compreendemos Seus propósitos, sentimos conforto, direção, paz, amor, alegria, contentamento, perdão, esperança e Sua libertação. Sentimo-nos livres de emoções negativas como a raiva, a ansiedade, a depressão, a dúvida, a solidão, o medo e a culpa, pois nos tornamos completos no Senhor. E assim eu sigo dia após dia, buscando ser uma pessoa melhor, para que minhas atitudes sempre glorifiquem a Ele.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Do canto da sala de instruções, folheando uma revista, Ester ouvia as garotas dando os seus pareceres após se encontrarem com o príncipe, enaltecendo como o sorriso, o olhar, o cavalheirismo e até mesmo o modo calado e introspectivo dele, era de derreter seus corações.

Algumas semanas se passaram desde a chegada delas ao palácio e todas já haviam tido a oportunidade de se encontrar com Alexander mais de uma vez, menos Ester, que até o momento não tinha sido convidada a estar com ele.

Ela apenas observava uma após a outra ser chamada esporadicamente e, ao voltar, vinham cheias de histórias de como foram os encontros. A princípio, Ester não se importava e até se sentia aliviada por nunca ser convocada. Estava de bom grado vê-lo durante os cafés da manhã, que ele fazia questão de tomar com elas. Porém, com o passar dos dias, algo dentro de si mudou e Ester começou a se sentir incomodada com a rejeição.

Quanto mais analisava, mais aquela constatação fazia sentido e o que a fez ter certeza, foi o fato de que havia um rodízio nas refeições matinais, onde cada dia, uma das moças ficavam na cadeira ao lado de Alexander e ela nunca se sentara lá.

As garotas riam, deixando a imaginação voar em um milhão de possibilidades ao sonhar com o que aconteceria nos encontros vindouros. Em dado momento, Mary se virou em direção a Ester, buscando incluí-la na conversa.

— E você, Ester, como tem sido seus encontros com o príncipe Alexander? — perguntou despreziosa.

Entre todas, Mary era a única que parecia gostar dela, sempre tentando fazê-la parte do grupo.

— Eu ainda não tive a oportunidade de me encontrar com ele — ela disse sem tirar os olhos da revista que tentava ler. No entanto, pelo silêncio após sua resposta, sabia que todos os olhos estavam cravados nela.

— É uma pena... — Emilly olhou para Rachel e deu de ombros, segurando o riso.

Ester fechou os olhos e suspirou. Para seu alívio, Giovanna entrou na sala e pediu a atenção de todas, dando início às aulas. As horas da tarde se dividiam entre uma infinidade de instruções de etiqueta social e de convivência. Havia uma tonelada de regras que elas deveriam memorizar. Por horas a fio, repetiam tudo de novo e de novo. Quando a noite caía, Giovanna as levava a outro ambiente, onde o jantar era servido, incluindo uma aula de instrução rigorosa de modos à mesa. Não importava o que fariam, a preceptora sempre transformava em uma oportunidade de aprendizagem.

Mais alguns dias monótonos e de completo abandono se passaram e, assim como vinha fazendo, Ester despertou antes que John aparecesse com suas ajudantes para poder se arrumar sozinha e sem os *pitacos* dele. Desanimada para se produzir naquela ocasião, ela vestiu uma calça de alfaiataria e a blusa mais simples que encontrou no *closet* cheio de peças estapafúrdias. Prestes a terminar uma trança no longo cabelo, John irrompeu pelo quarto puxando duas malas gigantes. Ele usava uma calça jeans rasgada e uma blusa amarela como o ouro, nos pés, calçava um tênis da mesma cor. O cabelo molhado exibia um penteado despojado, com alguns fios caídos na testa.

Ester deixou o queixo cair ao ver tamanha extravagância. Ele sorriu de forma provocativa, jogando o cabelo para trás, como se sua escolha de cores naquela manhã fora apenas para implicar com ela. As mulheres que o acompanhavam, entraram em seguida carregando diversas peças cobertas por um saco plástico. Elas as dispuseram sobre a cama e se afastaram antes de John falar.

— Como você desprezou o trabalho de meses de criação de uma coleção fabulosa, tive que passar várias noites em claro pensando em um novo repertório. — Ele apontou para as vestimentas sobre a cama e suspirou com desgosto. — Isso foi o que eu consegui fazer. Essas peças, definitivamente, não me representam.

— Eu amei, John! — Ester se aproximou, tocando os tecidos sofisticados. — São lindas!

— Sério? — Ele franziu tanto a sobrancelha que Ester riu da fisionomia engraçada que se formou em sua face.

— Claro! Era isso que eu queria. — Os olhos dela reluziam gratidão. — Obrigada, de verdade.

— Então você pode usar esse aqui hoje. — Apontou animado para um vestido lilás com um corte romântico.

— Eu já estou pronta. — Ester espalmou as mãos nas laterais de seu corpo. — Uso ele amanhã, com maior prazer.

— O quê? — A voz de John alcançou algumas oitavas acima. — Nem pensar que você vai usar isso!

— Por que não? — Ester cruzou os braços, assumindo a defensiva.

— A calça até que é bonita, mas essa blusa está muito sem graça. Está querendo passar despercebida?

Despercebida...

A palavra fez seu corpo estremecer. Era isso que estava acontecendo com ela? Ela realmente não estava sendo notada? A culpa era por não querer se enfeitar como as demais? Alexander não a chamava por isso? Uma indignação tomou conta de seus poros. Se fosse esse o real motivo, ele era ainda pior do que ela imaginava.

— Não quero ser notada pela minha aparência e sim pelo que sou.
— Ester cerrou os punhos com tanta força, que sentiu as unhas ferir as palmas de suas mãos.

— Depois não diga que eu não avisei — John rebateu. — Sente-se — ordenou, revirando os olhos. — Pelo menos o seu cabelo e a maquiagem precisam ser mais apresentáveis do que isso que está usando. Minha reputação está indo ladeira abaixo com você, senhorita Sullivan — disse, retirando-se para *closet* a fim de fazer a troca das roupas antigas pelas novas.

Magoada demais para questionar, Ester obedeceu para que as mulheres pudessem fazer o seu trabalho. Enquanto Sayuri dividia seu cabelo em mechas para iniciar o penteado, Ester procurava pensar em qualquer outra coisa que não fosse sua atual condição. Logo, sua mente divagou até a princesa Alexia e no dia em que haviam se encontrado no jardim. A forma como a babá a questionou não saía de sua cabeça, o comportamento retraído da menina, a extrema timidez, o olhar perdido e as poucas palavras, a perturbavam. Ester ficou a se questionar, tentando encontrar uma explicação para a atitude distante dela, mas os motivos que lhe ocorreram não faziam o menor sentido.

Já pronta, Ester se juntou às demais garotas para o desjejum e, como previsto, o lugar reservado para Ester não era a cadeira próxima ao príncipe, no entanto, Mellanie ocupava o posto pela terceira vez.

Seu estômago se retorceu e um nó ficou parado em sua garganta. Lágrimas juntaram-se em seus olhos com a dor da rejeição cutucando o mais profundo de seu âmago, mas ela se obrigou a segurar enquanto caminhava até o seu assento. Não demorou muito, Alexander entrou, seguido pela primeira vez por sua mãe, a rainha Elizabeth e a irmã, a princesa Alexia.

Todas se levantaram antes deles tomarem os seus lugares e Ester ficou observando Alexia, que parecia presa em seu próprio mundo, como no jardim, limitando sua comunicação a alguns acenos de cabeça quando a mãe lhe dirigia atenção.

Em poucos minutos, a rainha interagiu com as moças a sua volta, assim como o filho. Risadas preencheram o ambiente, que agora tinha deixado de ser tão reverente quanto nos primeiros dias delas ali. Todas se sentiam em casa, menos Ester. Uma lágrima escapou de seus olhos e ela a secou rapidamente com o guardanapo antes que alguém percebesse. Concentrou sua atenção nas frutas em seu prato, desejando sumir do palácio. O que ela mais queria naquele momento era um abraço do tio e ouvir suas palavras tão cheias de sabedoria. A saudade de seu lar veio como outro forte soco no estômago. Tentava conter suas emoções quando sentiu um leve toque em seu cotovelo.

— Oi. — Alexia curvou os lábios em um sorriso contido.

— Oi, princesa. — Ester exibiu um sorriso afetuoso.

— Tenho uma coisa para você.

A menina colocou a mão enluvada dentro do bolso do casaco que usava e tirou de lá uma folha de papel dobrada, hesitando por alguns instantes antes de entregar.

Ester abriu com cuidado e olhou admirada para Alexia após analisar o desenho detalhado de um homem e uma mulher sorridentes, segurando um vaso vazio, assim como na história contada no jardim.

— Você quem fez? — Ester perguntou cética. Não parecia um desenho feito por uma criança de dez anos e sim a obra de um profissional. — As bochechas da princesa ruborizaram antes dela assentir. — É lindo. — A pretendente voltou a admirar o desenho. — Você tem um talento maravilhoso! — Fitou-a tentando mais uma vez decifrar a menina.

— Você não parece bem, eu estava te observando. — Alexia a surpreendeu com o comentário. Os olhos de Ester marejaram, e ela teve que se controlar para não ir às lágrimas outra vez. A moça apenas assentiu em afirmação, com medo de sua voz sair embargada. — Tem certeza?

Ester forçou um sorriso.

— Eu vou ficar bem.

— Minha mãe sempre me abraça quando me sinto assim. Ela diz que um abraço pode curar qualquer tristeza.

— Eu acredito.

Sem aviso, Alexia deu dois passos para mais perto e pondo-se nas pontas dos pés, jogou seus finos braços em volta do pescoço de Ester. O pequeno gesto foi suficiente para arrombar as comportas das emoções que a moça vinha tentando conter até então. Ela envolveu a pequena e pousou sua

cabeça no ombro dela, deixando sua alma lavar-se em um choro silencioso e dolorido. A princesa permaneceu ali, até vê-la se acalmar por completo. Ao se afastar, alcançou o guardanapo apoiado ao lado de uma xícara, entregando a ela.

— Obrigada. — Ester enxugou as lágrimas. — Sinto-me muito melhor.

Alexia sorriu em resposta, envergonhada. Em seguida, olhou para o chão e voltou para o lado da mãe.

Ester terminou de secar o rosto e paralisou quando se virou para os demais a mesa. Ela não havia percebido, mas as conversas tinham cessado e todos a encaravam. A rainha acariciou os cabelos da filha, sussurrando algo em seu ouvido quando ela se sentou e Alexander não desviou o olhar.



Todas as pretendentes estavam reunidas para o início de mais uma aula sobre a história de Galav, quando um dos funcionários do palácio parou na porta da sala e pediu autorização de Giovanna para entrar.

— Senhorita Sullivan, a rainha solicita sua presença. Poderia me acompanhar, por favor?

Um burburinho de murmúrios preencheu o ambiente. Desde o café da manhã, era apenas isso que Ester ouvia: cochichos entre as demais mulheres, como se o que aconteceu no desjejum tivesse sido a pior coisa que poderia ter ocorrido naquele dia. Mesmo que a seu ver não fora nada de mais, era evidente que nem todos pensavam como ela e, talvez, a prova disso era o chamado da rainha.

Ester saiu da sala e seguiu o senhor de cabelo grisalho três andares acima de onde elas estavam. O coração errava as batidas e suas mãos suavam com a taquicardia. O homem pediu para ela aguardar, enquanto era anunciada. Em seguida, Ester foi autorizada a entrar em um ambiente espaçoso e iluminado. As paredes eram brancas, assim como todos os móveis e o carpete do chão. Rosas vermelhas ornavam a sala, criando um contraste sofisticado.

A rainha Elizabeth a esperava sentada em uma poltrona ao lado de uma estante de livros no canto da sala. Quando a jovem surgiu, ela se

levantou para recebê-la. Ester se inclinou em uma reverência, procurando controlar seu coração. Por mais que tentasse não criar teorias malucas em sua cabeça, temia o motivo de ser chamada até ali.

— Por favor, sente-se. — Elizabeth apontou para outra poltrona em frente a que ocupava.

Com os olhos cerrados, ela encarou a moça do alto da sua cabeça até os seus pés. Naquele momento, Ester desejou com todas as suas forças voltar no tempo e ter aceitado a sugestão de John, optando por usar o vestido lilás sofisticado. Jurou nunca mais ir contra ele.

Para se livrar do nervosismo, passou as mãos na lateral da calça a fim de descartar o suor que tomava conta delas. Uma copeira transitava pela sala, preparando, em uma bandeja, duas xícaras de chá. A mulher se aproximou, servindo-as.

— Fale-me um pouco sobre você, senhorita Sullivan. — Elizabeth empunhou sua bebida sobre o pires de porcelana, quebrando o silêncio que pairava entre elas. — Conte-me sua história.

O fôlego ficou preso nos pulmões de Ester e ela teve a impressão de que sua xícara tremia em suas mãos. Estava odiando ter que omitir tudo sobre ela e a verdadeira identidade.

— Bem... — Ester deixou sua xícara na mesinha de centro com diversos temores invadindo o seu coração e limpou a garganta numa vã tentativa de se acalmar. Como poderia dizer a rainha quem era sem revelar demais? Seus olhos claros cravados nela davam a impressão que podia ler sua mente. — Sou de uma família humilde de Gamaliel. Na verdade, só tenho o meu tio nesse momento, meus pais morreram há alguns anos e foi ele quem cuidou de mim até hoje. — Procurou ser a mais sucinta possível.

— Sinto muito pelos seus pais.

Ester secou as mãos na calça outra vez e depois as entrelaçou sobre o colo.

— Eu gostaria de pedir perdão pela forma que me comportei no café da manhã. — Ela se adiantou, não suportando mais a tensão. — Pode ser que a senhora não tenha se agradado e eu...

— Não solicitei que viesse até aqui para chamar sua atenção. — Com um sorriso singelo tomando conta de seus lábios, a rainha a interrompeu, devolvendo a xícara vazia a copeira. — Desculpe-me se dei essa impressão, foi deselegante de minha parte. Eu apenas estava tentando compreender o que Alexia viu de diferente em você.

Ester relaxou os ombros tensos e sorriu de volta.

— Sou apenas uma garota comum, não tenho nada de especial.

Elizabeth se levantou e foi até a janela com vista para uma campina que começava a ganhar as flores da primavera. No horizonte, o sol tentava romper as nuvens, lançando feixes de luz entre elas.

— Estou muito confusa com tudo o que eu vi — disse ela, ainda mirando a paisagem. — Alexia nunca agiu assim com ninguém.

— Não entendo, Majestade.

Elizabeth caminhou de volta à poltrona.

— O que vou te falar agora, senhorita Sullivan, é extremamente particular e precisarei contar com sua inteira descrição.

— Claro, Majestade.

— Alexia sempre teve uma saúde muito frágil desde o seu nascimento. Quando cresceu, isso não mudou e precisamos redobrar os cuidados com ela. Tudo ao seu redor é planejado com muita cautela para não lhe causar desconforto, tanto que decidimos que ela nunca compareceria a eventos ou em público conosco para não ficar exposta, tendo em vista sua baixa imunidade. — Ester se recordou de como a princesa sempre estava agasalhada apesar do calor e das luvas que a babá usava ao acompanhá-la. — Infelizmente, a algum tempo, Alexia começou a apresentar um sério problema de pele e as coisas saíram do controle. Minha filha, que antes já era tímida e reservada, se tornou ainda mais retraída e calada, até que parou de falar completamente. Desde então, nunca a vimos interagir com ninguém, mesmo que do jeito dela, além do meu filho, Alexander. Anastácia, sua babá, nunca conseguiu essa proeza. — Elizabeth suspirou antes de prosseguir. — Segundo o psicólogo dela, o doutor Charles, ela está com sérios problemas emocionais devido ao complexo das manchas espalhadas pelo seu corpo. Mas vê-la se comunicar com você daquela maneira hoje mais cedo, foi maravilhoso e espantoso.

A rainha continuou a falar sobre o diagnóstico e Ester a escutou com atenção, imaginando como deveria ser difícil a batalha que a princesa enfrentava. Em Cefas, ela convivera com garotas, no orfanato em que era voluntária, que enfrentavam situações parecidas e até mesmo piores do que as da princesa, e sabia o quanto era desafiador lidar com o preconceito social, comentários maldosos que impactavam de forma negativa a autoestima de portadores de qualquer anomalia. Pelo medo de julgamento ou da rejeição, algumas se isolavam socialmente e viviam em uma luta

constante com sua imagem, levando muitas a depressão e outros problemas emocionais. Em alguns casos, o inimigo eram elas mesmas, por conta da falta de aceitação pessoal.

— Sei que está aqui por outras razões, no entanto, gostaria de fazer um apelo. — A rainha mirou Ester suplicante. — Irei chamar o doutor Charles para avaliar o comportamento dela com você e pedir que me esclareça o que está havendo, pois o que vimos parecia um sonho muito distante.

"A vontade de Deus é perfeita e agradável e Seus planos são sempre maiores."

O corpo de Ester estremeceu ao recordar do que o tio havia dito antes dela partir para o palácio. Sim, Deus tinha um propósito e ele ia além do que sua limitada visão conseguia enxergar. Ela entendia isso agora e estava certa de que Ele a tinha colocado naquele lugar por Alexia. Ao pensar nisso, o desejo de ir embora que latejava em seu peito desde que pisara no palácio, evaporou como fumaça.

— Pode contar comigo no que precisar. Eu não me importo em gastar o meu tempo aqui com a Alexia, se isso for ajudá-la. — Se Alexander não a queria por perto, ela seria útil de outra forma.

— Antes que vá, preciso pedir mais uma vez descrição total sobre esse assunto. Pouquíssimas pessoas sabem sobre essa condição da minha filha e eu e meu esposo preferimos que seja assim.

— Não se preocupe, Majestade, serei discreta. — Ela já guardava tantos segredos que se sentia *expert* no assunto.

Um sorriso iluminou o rosto da rainha a ponto de quase fechar os olhos, deixando claro de quem Alexander havia herdado o sorriso quando exibido de forma genuína.

— Você é uma moça muito gentil, senhorita Sullivan. — Elizabeth se levantou para acompanhá-la até a porta. — Espero que meu filho enxergue isso também.

Ester voltou à sala de instrução sob os olhares curiosos de suas companheiras. Giovanna lia sobre a descoberta de Galav em meados de 1745, quando o rei Horatio Kriger Lieber atracou seu bote salva-vidas no pequeno arquipélago, após naufragar e perder mais da metade de sua tripulação. Foi resgatado duas semanas mais tarde, no entanto, quando voltou ao seu país, o trono era ocupado pelo primo, que havia decretado a sua morte e usurpado seu título. Horatio, então, decidiu fundar seu próprio

reino, retornando a ilha inabitada e farta onde tinha se abrigado, levando consigo mais da metade dos súditos fiéis a ele. Em poucos anos, Galav já era considerada um refúgio a todos os que buscavam um recomeço. Antes que terminasse a leitura daquela página, outro funcionário interrompeu novamente a aula.

— Senhorita Sullivan, o príncipe a espera. Acompanhe-me, por gentileza.

Ester torceu o nariz, pois não queria sair dali. Estava envolvida na linda história de Galav e queria saber mais, sem falar que não sentia nenhum pouco interessada em estar com ele. Não mais.

— Vá, senhorita Sullivan — Giovanna ordenou, ao vê-la imóvel.

Como antes, exclamações salpicaram pelo ar, enquanto Ester fechava o livro, seguindo para a porta em seguida. Desanimada, andou alguns passos atrás do homem de postura impecável até o mesmo corredor onde estivera com a rainha. Ele parou duas portas depois da sala de Elizabeth, abrindo-a e indicando que já estava autorizada a sua entrada.

Diferente da sala da rainha, o escritório do príncipe tinha mobílias escuras e armários de madeira tomavam conta de todas as paredes, exceto a que ficava atrás da mesa, pois possuía uma enorme janela, de onde podia ver as montanhas além das planícies. No teto, uma luminária banhava o cômodo com uma luz fluorescente, destacando a decoração rústica.

Alexander se encontrava atrás da escrivaninha, rodeado por pilhas de papéis. Ester ficou ali parada por quase dois minutos inteiros até o príncipe levantar os olhos em sua direção.

— Perdão por ter que falar com você enquanto trabalho. — Ele voltou a sua tarefa, sem alterar sua expressão. — Minha agenda anda muito corrida nos últimos dias — justificou.

— Eu entendo — disse ela, concentrada nas linhas de expressão na testa do príncipe, indicando que o documento em suas mãos não lhe agradava.

— Sente-se, eu devo terminar em alguns minutos — solicitou, ao notar que ela ainda estava em pé atrás da poltrona estofada em couro, do outro lado de sua mesa.

Ester não se moveu, o que realmente ela queria era sair daquela sala. O modo frio como Alexander vinha tratando-a já estava passando dos limites. O que custava a ele ser gentil? O príncipe parecia absorto a sua presença, fazendo o coração da moça encolher outra vez. Não que ela

quisesse a atenção dele por completo, mas achou muita falta de consideração de sua parte chamá-la até ali, se nem ao menos poderia olhar para ela enquanto falava.

— Com todo respeito, Alteza, acho que não deveria tentar me encaixar em meio aos seus compromissos. — As palavras voaram para fora de sua boca, antes que tivesse tempo de ponderá-las. — É evidente que o senhor é muito ocupado e eu não me importo se tiver que me deixar de fora dos seus cortejos por falta de tempo. Compreendo perfeitamente suas obrigações.

— Como?

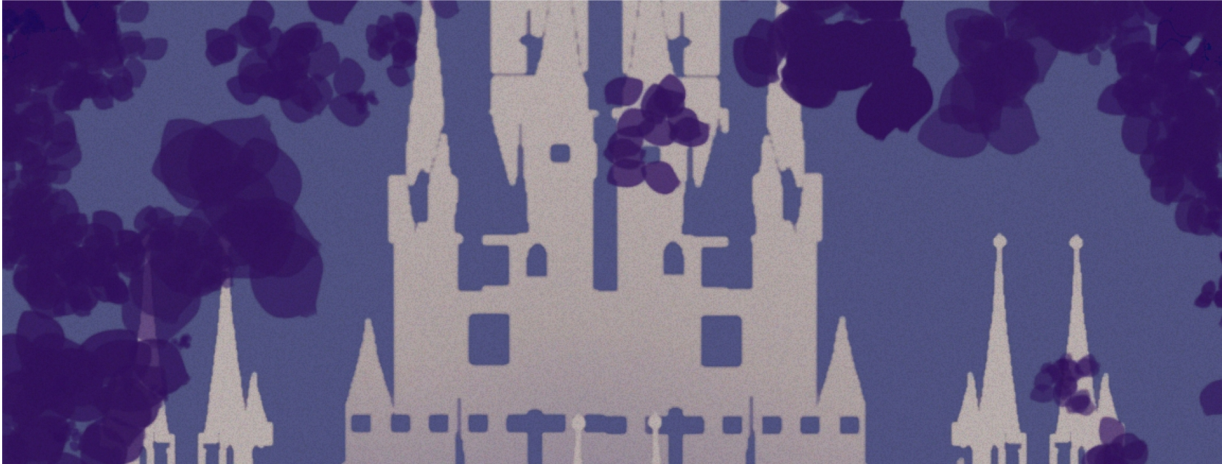
Ele levantou o queixo, com uma expressão cautelosa ao deixar a caneta e o documento que segurava sobre a mesa. Ela sustentou seu olhar, sem se importar em disfarçar o descontentamento que lhe afligia. Naquele instante, um segurança irrompeu pelo escritório, ofegante. Gotas de suor corriam por sua testa e seu uniforme estava um pouco desalinhado.

— Alteza! — Ele parou de repente, alternando o olhar entre Alexander e Ester. — Perdão, Alteza, não sabia que estava acompanhado.

— O que houve, Robert? — Alexander se levantou, ante a interrupção exasperada do guarda. Aflito, o segurança mirou Ester e depois o príncipe. — Fala, Robert! — o príncipe bradou.

— É o seu pai, Alteza...

O olhar apavorado do homem foi o suficiente para Alexander abandonar os papéis e Ester, correndo porta afora, antes que o guarda terminasse a frase.



Capítulo 15

Querido futuro marido,

A oração nos aproxima de Deus, permite-nos ter visão do futuro e compreender melhor nosso propósito. Sei que Deus ainda não terminou Sua obra em mim e é exatamente isso que venho aprendendo dia após dia. Muitas vezes, Deus nos coloca em situações com um propósito maior do que imaginamos. Como agora. Eu descobri o meu e ele vai além de mim, do meu futuro ou da minha realização pessoal. Não tem nada a ver comigo. A vontade do Senhor é suprema e basta a nós, reconhecer e não questionar.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Enquanto seguia até a ala sul do palácio, Alexander se advertia internamente pelo que estava prestes a fazer, pois ia contra seus planos. Tinha feito o possível para manter distância durante aquelas semanas e ia muito bem até que o episódio com Alexia e Ester aconteceu no café da manhã.

O príncipe tomou o corredor onde ficavam os quartos de hóspedes do palácio de Galav, mas parou por alguns instantes, inclinado a retornar. O rosto de Ester lhe veio à mente e ele praguejou, passando as mãos pelos cabelos, certo de que não tinha para onde correr. Não se orgulhava nem um pouco do modo que vinha agindo com a pobre moça e a mágoa evidente em seus olhos quando esteve em seu escritório, era prova de que ela percebera suas intenções de tentar evitá-la a todo custo.

Alexander passou pelo guarda de quase dois metros de altura que estava de plantão no corredor e o cumprimentou com aceno de cabeça ao parar de frente a porta ao lado de onde o grandalhão se encontrava. Não dava mais para adiar o encontro com Ester. Sem falar que Giovanna já havia percebido suas intenções e tudo o que ele não queria era vê-la zangada. A mulher sempre lhe botava medo desde criança e ele estava ciente que, a qualquer momento, Giovanna o confrontaria por estar negligenciando umas de suas garotas. Esse foi mais um dos motivos que o fez chamar Ester em seu escritório. Ele passaria alguns minutos com a jovem, entenderia o que havia acontecido entre ela e sua irmã, e logo a liberaria. No entanto, foram interrompidos por Robert avisando-lhe sobre o seu pai.

O príncipe não pensou duas vezes antes de abandoná-la e correr até a enfermaria, onde encontrou o rei discutindo com seu médico:

— *Eu já disse que estou bem, doutor Russell.*

— *Majestade, o senhor apresenta sintomas que são indícios de um novo infarto. Precisa repousar.*

O homem de jaleco branco e óculos de grossas lentes, tentava auscultar os batimentos cardíacos do rei com o estetoscópio.

— *Tem uma sala cheia de chefes de províncias me esperando para uma reunião.*

— *Tenho certeza de que eles entenderão se precisar remarcar* — Alexander adentrou a sala, advertindo o pai.

— *Por que o chamou?*

O rei deixou a cabeça cair de volta no travesseiro, dando-se por vencido.

— *E por que não chamaria?* — O príncipe parou ao lado do leito, pondo as mãos nos bolsos. — *Como ele está, doutor Russell?*

O médico pendurou o estetoscópio no pescoço e ajeitou os óculos em cima do nariz.

— Nada bem, Alteza. Os resultados dos últimos exames foram preocupantes. Constatamos uma aterosclerose. O rei está com alguns pontos das principais artérias do coração obstruídas e, se a oclusão evoluir, o pior pode acontecer. Eu o receitei repouso, alguns medicamentos e uma dieta especial, mas ele não obedeceu às minhas ordens médicas e passou mal novamente.

— Doutor Russell, assim você vai assustar o meu filho.

O rei sorriu, como se o caso não fosse grave.

— Estou preocupado com sua saúde, Majestade. Sem o tratamento adequado, a redução na capacidade de bombeamento do sangue pode acarretar o surgimento de arritmias cardíacas. Em casos mais complexos, pode haver formação de coágulos no coração levando a um acidente vascular cerebral ou infarto fatal. Eu não descarto a possibilidade de uma cirurgia.

A rainha entrou na enfermaria, ouvindo a última frase da explicação do médico.

— Sebastian!

— Eu estou bem, querida.

Ele a olhou com ternura.

— É o que você vem dizendo há semanas. — Elizabeth se sentou na lateral da cama, tomando as mãos do marido entre as suas. — Você desmaiou no meio de uma reunião. É certo que há algo muito errado com você. Eu não sei o que faria se... — sua voz embargou, enquanto lágrimas enchiam seus olhos.

Alexander balançou a cabeça e tentou se concentrar no agora, deixando de lado as lembranças dolorosas que lhe acompanhavam desde que viu a mãe tão aflita com a saúde do esposo. Temores também lhe afligiam. Definitivamente, ele não estava preparado para ser rei. Tinha muito a aprender antes que ascendesse ao trono. Mirando a porta fechada do quarto de Ester, cerrou o punho e suspendeu a mão no ar, no entanto, recolheu-a para dentro do bolso. O segurança olhou de soslaio para o príncipe, como se tentasse entender seus dilemas. Em um surto de coragem, Alexander tirou a mão do bolso antes que se arrependesse, dando três batidas na porta do quarto. Quase que imediatamente, ela se abriu e Ester

apareceu usando um vestido jovial, com os longos cabelos soltos por cima dos ombros.

— Alteza? — indagou surpresa, prestando uma reverência.

Alexander pigarreou procurando as palavras.

— Desculpe-me por incomodá-la tão tarde.

— Aconteceu alguma coisa? — Ela manteve-se atenta, esperando sua resposta.

Alexander não havia reparado antes como os olhos dela eram tão verdes, lembravam-lhe esmeraldas.

— Gostaria que fosse comigo a um lugar — disse ele por fim.

— Agora? — Ester olhou para ele desconfiada, pois a hora já era avançada.

— Bem, você disse que não quer que eu te encaixe entre meus compromissos. Eu estou livre agora. — Um brilho divertido surgiu no semblante dele.

Ela crispou os olhos, identificando a provocação.

— Tudo bem.

Eles andaram em silêncio, descendo escadas e tomando três corredores diferentes que dava acesso a uma parte do palácio que Ester ainda não conhecia. Alexander cumprimentava os guardas pelo caminho, parecendo íntimo de todos eles. Viraram em outro corredor que acabava em uma grande porta vai-e-vem. A luz se acendeu automaticamente ao passarem por ela, revelando uma enorme cozinha equipada dos mais variados utensílios e eletrodomésticos.

O príncipe apontou para uma das muitas estações, puxando uma cadeira alta e estofada para ela se sentar. Em seguida, pendurou o blazer e a gravata que usava em um gancho próximo a um dos armários e arregaçou as mangas longas de sua camisa até os cotovelos.

"*Não é um encontro*", pensou ele. Não tinha razão para ficar tão alinhado.

— Diz em sua ficha que é fanática por chocolate. — Alexander olhou por cima do ombro ao abrir a geladeira.

— Sou uma chocólatra confessa.

Ester entrelaçou as mãos sobre o balcão, estranhando o modo como o príncipe parecia descontraído, diferente de sua habitual postura impecável e gélida.

— Desse crime também sou culpado. — Ele colocou sobre a mesa uma bandeja repleta de morangos que havia tirado do refrigerador e uma tigela de calda de chocolate que estava sobre o fogão.

No canto da ilha, havia uma máquina que Ester nunca tinha visto na vida, muito parecida com um mini chafariz. Alexander despejou o chocolate derretido na base da fonte e ligou o aparelho. O chocolate passou pelo tubo no centro e escorregou pelas laterais, retornando à base, fazendo o mesmo processo, formando uma cascata.

— Abigail sempre deixa alguma sobremesa esperando por mim desde que eu tinha doze anos. À noite, depois que todos estão dormindo, eu venho aqui.

O príncipe espetou um morango e o colocou debaixo do chafariz de chocolate, em seguida, o ofereceu a Ester. A moça hesitou por alguns instantes antes de aceitar. Era estranho ter o príncipe de Galav lhe servindo.

— Obrigada — agradeceu, sem olhar para ele.

Ambos comeram em silêncio por um tempo, enquanto Alexander a fitava esporadicamente, como se procurasse algum assunto para iniciar a conversa. Na verdade, ele gostaria de fazer algumas perguntas desde que viu abraçar sua irmã no café da manhã, só não sabia como faria de uma maneira menos invasiva.

— O meu rosto está sujo? — Ester perguntou ao notar o modo como ele a encarava.

— Não! — Ele sorriu, envergonhado. — Estou apenas tentando...

— Enxergar o que a Alexia viu em mim? — Ester completou a frase, banhando outro morango no chocolate.

— Como sabe?

— Sua mãe fez a mesma coisa quando me chamou em seu gabinete.

— Então você já sabe. — Alexander deixou sua sobremesa em um prato, pondo-a de lado.

— Sim. — Ester notou como um vislumbre de tristeza passou pelo semblante do príncipe ao entrar no assunto. — Creio que não deve ser fácil para uma criança tão pequena lidar com essa situação.

Alexander apoiou o cotovelo sobre o balcão, pensativo.

— E não é.

— Eu sinto muito.

— É dilacerante vê-la tão aborrecida o tempo todo e sem a alegria característica das crianças da sua idade.

— Sua mãe disse que você é o único com quem ela ainda se comunica.

O príncipe passou os dedos sobre o queixo e uma linha de expressão tomou conta de sua testa à medida que fitava um ponto qualquer na cozinha.

— Ela também disse que depois que o doutor Charles iniciou seu acompanhamento, Alexia passou a falar ainda menos comigo? — disse, voltando o seu olhar para Ester. — Eu não confio nele. Os meus pais, por outro lado, apostam todas as fichas em seu trabalho. Eu li muitos artigos sobre a anomalia que ela possui, pois é algo raro em Galav e, por vezes, o desconhecido é uma porta de entrada para oportunistas.

— Esse doutor não está fazendo um bom trabalho?

— Alexia deveria estar melhorando, não se sentindo pior cada vez que sai de uma sessão com ele.

— E por que ele ainda é o terapeuta dela?

Alexander deixou um sorriso de escárnio escapar.

— Essa é uma longa história. — O príncipe se acomodou melhor em seu assento e brincou com a ponta do guardanapo sobre a mesa. — Isso não vem ao caso agora. — Ele olhou para ela cheio de curiosidade. — O que me deixou intrigado foi a maneira que Alexia se comportou com você. Nunca a vi esboçar qualquer gesto de carinho a outra pessoa que não fossem os meus pais ou eu, e ainda assim, com eles, foram raríssimos os momentos.

— Eu estava precisando daquele abraço. — Ester fitou as mãos sobre o colo.

Alexander viu a mesma mágoa de mais cedo estampada no semblante de Ester, fazendo o remorso tomar conta de seu coração por ser ele o provável causador da dor que a assolava.

— Você falou sério? — o príncipe atraiu o olhar dela. — Realmente não se importa em não se encontrar comigo? — indagou, à procura de qualquer explicação que o pudesse eximir da responsabilidade.

Ester mordeu os lábios por dentro avaliando se era prudente abrir seu coração naquele momento. Não lhe parecia certo guardar suas frustrações, ainda mais quando se tratava de algo tão sério. Era ciente que o futuro do príncipe estava em jogo e se ele, de alguma forma, não tivesse se

agradando dela, precisava saber que ela não ligava a mínima, assim, poderia cada um seguir suas vidas. Até porque, Ester estava convencida de que sua ida até o palácio não tinha nada a ver com um futuro casamento e, sim, com Alexia.

— Eu posso ser sincera com você?

— Você deve! — Alexander se atentou ao que ela tinha a dizer.

— Eu não queria estar aqui. — O príncipe elevou o cenho ao ouvir Ester dizer tais palavras com tanta convicção. — Não me inscrevi nessa corrida maluca em busca do seu coração. — Agora ela parecia indignada. — Foi o meu tio e eu não fazia ideia que estava no meio de tudo isso, até a minha foto aparecer na TV no dia do anúncio.

Alexander não soube o que dizer. O mais estranho, era que sempre perdia suas habilidades de articulação diante dela. Porém, admirou a franqueza da moça.

— Você tem alguém lá fora — ele afirmou, certo de que os sentimentos que Ewan nutria por ela ainda eram correspondidos.

Ester balançou a cabeça e um sorriso triste escapou sem sua permissão.

— Tenho apenas o meu tio.

— Nenhum pretendente? — instigou ele, a fim de arrancar qualquer informação a mais sobre o envolvimento dela com o amigo

Ester mordeu o lábio outra vez, hesitante.

— Teve alguém recentemente. No entanto, nosso relacionamento ocorreu fora dos padrões que Deus tem para Seus filhos. — A moça suspirou ao perceber que o seu coração ainda doía ao falar sobre o assunto.

— O *não* de Deus, muitas vezes, é um soco no estômago — divagou Alexander, recordando das inúmeras orações que fizera ao Senhor para não passar por todo aquele processo a fim de encontrar uma esposa. Contudo, ali estava ele, hospedando dez garotas em sua casa. No final, passaria o resto dos seus dias ao lado de uma delas.

— Exatamente! — Ester sorriu. — Mas, ao mesmo tempo, Deus nos traz um bálsamo e a certeza de que Ele nos concederá muito mais do que sonhamos e almejamos naquele momento, porque a vontade dEle é muito melhor do que a nossa, e Seus propósitos são para nosso bem.

— Sim, os planos de Deus são sempre mais ricos e melhores do que qualquer coisa que conseguimos imaginar — Alexander completou, admirando Ester por entender a resposta de Deus, enquanto Ewan não

conseguia enxergar uma vírgula dos propósitos do Criador em sua vida. Por mais que amasse o melhor amigo, tinha que admitir: Ester Sullivan merecia alguém muito melhor ao seu lado. — Por que veio para o palácio? — ele indagou. — Você não era obrigada a vir.

— Creio que Deus me queria aqui — Ester afirmou com uma convicção incomum a ela, quando o assunto era sua mudança para o castelo. — Depois que conversei com a rainha, compreendi isso com clareza. — Ela levantou o queixo e com um tom provocativo, completou: — Não estou aqui por você, Alteza, e sim pela Alexia.

Os lábios do príncipe se curvaram em um sorriso espontâneo.

— Você é bem sincera, já te disseram isso?

— Isso te incomoda?

— De maneira alguma! — Alexander negou, energicamente. — Só não estou acostumado a tanta franqueza por parte de uma de vocês. Estão o tempo todo tentando me agradar ou dizer o que acham que quero ouvir.

Ester sorriu ao constatar um desânimo descomunal presente na frase proferida por ele. Uma luz piscou no alto de sua cabeça, trazendo uma ideia que seria a resolução de seus problemas de uma vez por todas. Ela corrigiu a postura e tamborilou os dedos na bancada.

— Não me ache uma maluca, mas eu acabei de pensar em algo.

— No que pensou?

— Se eu não estiver no páreo, será menos uma garota para você se preocupar — falou com calma, atenta a reação que o príncipe teria. — Eu estaria em uma posição privilegiada, infiltrada entre as suas pretendentes, seria seus olhos e ouvidos e te ajudaria a encontrar sua futura esposa.

Alexander não respondeu de imediato e a expressão indecifrável que as garotas tanto falavam tomou conta de seu rosto por pelo menos um minuto. Para ele, a ideia não era maluca, era a resolução do seu pior dilema. A repentina ligação de Alexia com Ester, de certa forma, frustrava seu plano inicial de mandá-la embora assim que possível. Ele havia ponderado sobre isso o dia todo e ali estava a solução.

— Você faria isso? — perguntou cético.

— A rainha me incumbiu de uma tarefa essa manhã e gostaria de me dedicar ao máximo. Ela quer que eu passe algum tempo com a princesa para o psicólogo reavaliar seu comportamento. Então, se eu não tiver que conquistar seu coração — ela fez uma pausa dramática —, será de muito valia.

— Como se você tivesse pelo menos tentando — Alexander alfinetou.

— Como eu disse, Deus quis que eu viesse pela Alexia. — Ela estendeu a mão por cima da bancada. — Quer uma espiã ou não?

Alexander encarou sua mão suspensa, achando toda aquela situação cômica. Quando havia se sentido tão à vontade com uma garota daquela maneira? Na verdade, ele não saberia responder se algum dia já se sentira assim com qualquer outra pessoa que não fosse de seu restrito e seletivo círculo íntimo. E mesmo eles, não o deixavam confortável. Era como se, com Ester, ele fosse quem gostaria de ser, sem a necessidade de se portar com a pompa que o seu título exigia. A prova fora o modo que a conversa entre eles fluía natural, como se a simplicidade da moça dissesse que deveria agir da mesma maneira.

— Tenho uma contraproposta. — Ele se inclinou, revelando um brilho intenso nos olhos. — Não gosto de espiões, ficaria mais tranquilo se fosse uma amiga. — Ele parou e então sussurrou. — Sinto que posso confiar em você e que nunca mentiria para mim.

A declaração do príncipe chegou até ela como um soco no estômago. Se ele soubesse que ela já escondia muitas coisas a seu respeito não confiaria cegamente nela. No entanto, Ester sentia uma grande necessidade de provar que era digna de confiança.

— Amigos podem aparecer por aqui e comer chocolate na calada da noite? — Ester sussurrou de volta, inclinando-se da mesma forma que o príncipe fazia.

— *Mi chocolate, su chocolate* — parafraseou um antigo ditado.

— Os termos parecem bons para mim. — Ela se recolheu, estendendo a mão novamente.

Sob a luz âmbar do lustre que iluminava a imensa cozinha do palácio de Galav, Alexander e Ester apertaram as mãos selando o compromisso de serem amigos, perante uma promessa pitoresca: chocolates em troca de uma esposa para o futuro rei.

— Já que você comeu meu chocolate, tenho o direito de exigir que comece a prestar os seus serviços agora mesmo. — Alexander desfez o contato, apoiando-se no antebraço.

— O que você quer saber?

— Comece me dando um resumo geral de suas impressões de cada uma delas. Pode começar por Sarah Tandel.

— Hmm... — Um lampejo divertido cruzou os olhos de Ester. — Ela é sua preferida?

— Foi só o primeiro nome que me veio à mente.

Ester riu irônica e pelos minutos que se seguiram, expôs suas opiniões sobre as pretendentes do príncipe, buscando ao máximo falar apenas as qualidades, por mais difíceis que fosse encontrar alguma. A seu ver, com exceção a Mary Kelly, nenhuma das garotas era amável, prestativa, solidária e empática, qualidades de uma boa rainha. Mas quem era ela para julgar? Talvez elas não fossem o que aparentavam ser.

— Brittany, Annie e Emilly são as que menos tive contato. Não sei por que, mas tem algo nelas que não me deixa aproximar. — Ela concluiu sua explanação com cautela. — Você deveria investir em Mary Kelly — completou.

Alexander ficou reflexivo por um momento.

— Ela é legal.

— Mas...?

— Ainda é cedo para saber. — Ele olhou no relógio em seu pulso. — Diferente de agora. Está muito tarde! — A madrugada havia chegado sem que eles percebessem as horas avançarem.

Seguiram de volta até a ala sul com tantos assuntos que o caminho pareceu mais curto. Ester já não se lembrava de seus temores e Alexander sentia-se cada vez mais à vontade em sua companhia. Era como se um laço invisível os envolvesse de repente, ligando um ao outro. Todos os planos, tanto dela quanto dele, haviam se frustrado naquele dia. As impressões que Ester tinha do príncipe não faziam jus ao que ele realmente era, e a moça o havia surpreendido com seu jeito peculiar de ser.

— Boa noite, senhorita Sullivan — Alexander se despediu, parando em frente à porta do quarto.

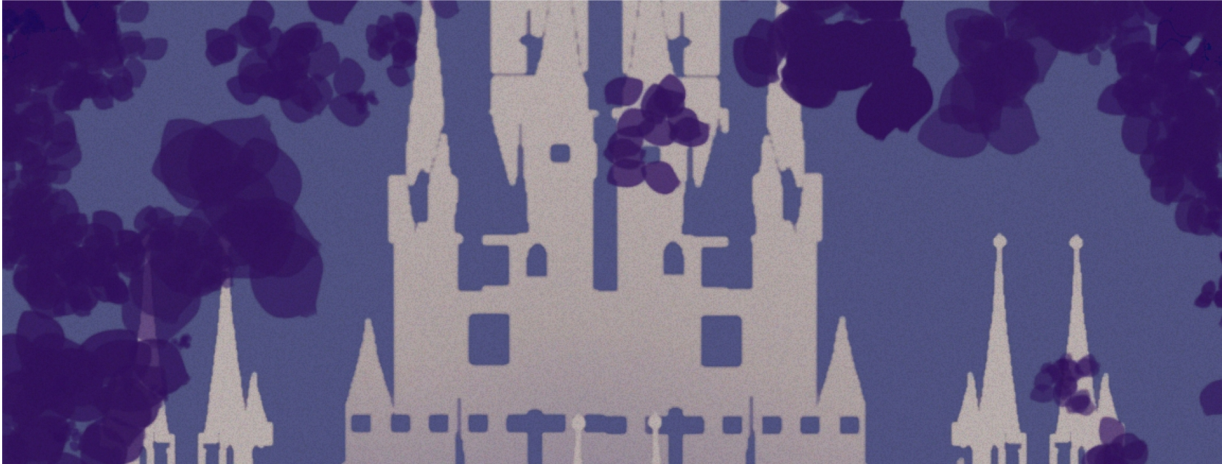
— Já que agora somos amigos, me chame de Ester, por favor. Deixe as formalidades apenas para as pretendentes.

— Eu gosto de formalidades. — Ele pôs as mãos nos bolsos e deu de ombros. — Porém, não me oponho ao seu pedido. — Eles se encararam por alguns instantes, ambos rindo um para o outro. — Boa noite, Ester — despediu e a moça prestou uma reverência. — Meus amigos não costumam me reverenciar — disse ao se afastar.

— Jura? Isso é ótimo! Eu odeio ter que ficar me curvando — ela elevou a voz para que fosse ouvida, pois Alexander já seguia pelo corredor.

Ester ficou ali, parada, observando-o se afastar até que não pudesse ser mais visto. Virando-se para abrir a porta do quarto, percebeu o guarda próximo a encarando, provavelmente descrente com sua irreverência.

— O que foi? — indagou ela. — Somos amigos. — Deu de ombros, adentrando em seus aposentos.



Capítulo 16

Querido futuro marido,

Segundo o dicionário, confiança é a crença na probidade moral, na sinceridade, lealdade, competência, discrição de outrem, para que algo não falhe, seja bem-feito ou forte o suficiente para cumprir sua função. Às vezes, fico pensando sobre o peso dessa palavra e toda a responsabilidade que vem com ela. Outros dias, como hoje, sinto cada ação minha sendo pesada para um propósito maior. Eu posso não entender o que isso significa hoje, mas algo me diz que em breve saberei.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Ester se sentou no banco de mármore e fitou um botão de rosa-vermelha, dentre vários que compunham a roseira. A primavera dava seus frutos, trazendo consigo o maravilhoso cheiro de flores. Uma brisa amena agitou seus cabelos causando uma sensação tão boa, que ela fechou os olhos para inalar a fragrância por alguns instantes antes de abrir seu diário e começar a escrever mais uma de suas cartas. Seu coração estava

particularmente tranquilo naquela manhã após o encontro com o príncipe, e se sentia feliz por ter posto tudo em *pratos limpos*. A ideia de ser amiga de Alexander, sem a pressão de ser sua futura esposa, muito lhe agradava.

Um sorriso tomou conta de seus lábios ao recordar como ele havia agido, contrariando todos os seus pré-julgamentos. A maneira leve que o diálogo seguiu, passados os constrangimentos do início, a surpreendeu, levando por terra os resquícios de qualquer sentimento de desagrado que ainda pairava em seu íntimo.

— Posso me sentar aqui com você? — Mary se aproximou, com dois copos de refrescos.

Ester olhou além dela, para as outras garotas espalhadas pelo jardim. Giovanna dera o dia de folga a todas depois das semanas de intenso treinamento. Durante a manhã, tomariam banho de sol no jardim, saboreando um farto *brunch*^[8]; à tarde seria reservada ao embelezamento que cada uma faria nas comodidades de seus aposentos, pois à noite, todas jantariam com a família real.

— Claro! — Ela fechou o diário e aceitou o suco que Mary lhe oferecia.

— Você gosta de escrever, não é mesmo? — Mary indicou o diário sobre o colo de Ester. — Não é a primeira vez que a vejo absorta na sua escrita.

— Sim, gosto muito.

— Do que se trata? — perguntou a outra com curiosidade.

— São apenas pensamentos. — Ester acariciou a capa dura de couro do seu bem mais estimado. — Não é nada importante.

Mary solveu o que restava em seu copo, virando-se para ficarem frente a frente.

— Como foi o seu encontro ontem com o príncipe? — Mudou de assunto, jogando o cabelo recém cortado para trás. — Pelo que percebi, foi o primeiro. Aconteceu como você imaginou?

Ester sorriu e balançou a cabeça, recordando-se mais uma vez da noite anterior.

— Não foi nada do eu imaginei.

— Bem-vinda ao clube! — Mary abriu os braços de maneira descontraída. — Todas nós ficamos decepcionadas na primeira vez também. — Diminuiu o tom da voz e se inclinou para sussurrar: — O príncipe é muito calado. Eu tive que falar o tempo todo para preencher o silêncio

extremamente extenso por parte dele. Até pareceu que estava sendo torturado e não via a hora do encontro acabar.

— Tenho certeza de que não foi proposital, ele ainda está nos conhecendo. Com o tempo de convivência, pode ser que se sinta à vontade e tenha mais assunto. — Ester saiu em defesa de Alexander.

— Assim espero. — Mary suspirou e olhou para o céu. — Eu quis muito isso durante toda a minha vida. Lembro-me de vê-lo pela primeira vez quando tinha oito anos durante o Desfile das Flores, e ter pensado em como gostaria de me casar com ele. — Ela deu um sorriso, acompanhado de um murmúrio apaixonado. — Aqui estou eu, quinze anos depois, e com o mesmo desejo no meu coração. Eu o amo! Amo desde aquele dia. — Ela voltou os olhos brilhantes para Ester, que a ouvia com atenção. — Minha mãe diz que se desejarmos tanto uma coisa, uma hora ela se torna realidade. Eu desejei isso com todas as minhas forças e estou esperançosa que esse é o meu destino.

Ester nunca tinha parado para pensar como aquela oportunidade era importante para cada uma das outras garotas. Elas haviam crescido sonhando com Alexander, o príncipe encantado de seu reino, fantasiando serem suas esposas, nutrindo o sonho de um dia ser a futura rainha de Galav. Ester, por outro lado, até alguns meses atrás, não fazia ideia de quem ele era. Constatar isso a fez mais convicta de sua decisão em se retirar do páreo. Mereciam ter seus sonhos realizados, mesmo que apenas uma delas.

— Me desculpe, estou te enchendo com meus sonhos e devaneios, esquecendo que estamos aqui com o mesmo propósito — Mary disse envergonhada, devido ao silêncio da colega.

— Eu não me importo com isso. — Ester lhe ofereceu um sorriso gentil.

Mary fitou o copo em suas mãos, cheia de pesar.

— Sabe, sinto falta das minhas amigas e da minha família. Minha casa estava sempre cheia e falávamos sobre tudo o que acontecia em nossas vidas. Não ter isso aqui é torturante! Acho que foi por isso que comecei a falar sem ponderar...

— Sei bem como se sente. — Ester tocou o braço da moça, atraindo sua atenção. — Meu tio faz muita falta também. Para falar a verdade, não imaginei que sentiria tanto sua ausência!

— Temos que viver um dia de cada vez. — Mary reassumiu sua atitude descontraída.

— E entregar nossas ansiedades nas mãos de Deus — completou Ester.

Mary concordou e outro suspiro escapou por entre os lábios.

— Bem, vou deixar você voltar ao que estava fazendo. — A moça apontou para o diário, levantando-se para sair.

— Mary — Ester chamou, antes da moça se afastar —, sempre que precisar de uma amiga ou alguém para conversar, estou aqui.

— Obrigada, isso é muito importante para mim.



Quando Ester adentrou em seus aposentos, John já se encontrava no quarto com suas fiéis escudeiras: Yumi, Hanna e Sayuri, apostos para lhe arrumar. Ela achou um exagero estarem ali tão cedo, porém, como havia prometido a si mesmo que não voltaria a questionar as decisões do *personal*, preferiu se calar. Percebeu que a infinidade de roupas e adereços que John sempre escolhia não estavam espalhados por todos os lados como antes. Apenas ele e as três mulheres de traços asiáticos estavam ali.

— Giovanna me informou sobre o jantar de hoje. O que gostaria de usar? — John perguntou sem muito entusiasmo.

Ester notou um desapontamento estampado nos olhos do rapaz e a empolgação sempre presente, não existia.

— Quer saber, John, você escolhe hoje. — A jovem parou próximo a ele, pondo ambas as mãos em seus ombros.

O moço crispou os olhos.

— Eu escolho? — indagou cético. — Assim, sem nenhuma objeção?

— Você já me conhece e sabe do que eu gosto. Quero ver se aprendeu alguma coisa — ela implicou.

Um sorriso zombeteiro surgiu nos lábios dele, exibindo seus dentes brancos e alinhados.

— Você será a mais linda nesse jantar, senhorita Sullivan.

— Me chame de Ester, por favor.

— Certo, Ester. — John correu para o *closet* com sua conhecida euforia, enquanto as mulheres se encarregavam do banho da jovem.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, vestida em um roupão longo e com uma toalha na cabeça, Ester analisava o vestido vermelho sangue disposto em um manequim de mesmas medidas que ela, a qual John havia mandado fazer exclusivamente para momentos assim. Um colar longo com pequenos brilhantes cravados na corrente de ouro caía pelo decote discreto em forma de coração. O vestido era lindo, porém, justo demais.

— E então? — John quis saber com expectativa, indicando o autômato de forma exagerada.

— Gostei. — Ester torceu os lábios à medida que andava ao redor do manequim para analisar a parte de trás.

— Então por que estou vendo um grande, *porém* estampado na sua testa? — John lamuriou.

— Eu só acho que o vestido é muito justo, vai marcar demais em lugares onde eu não quero evidenciar.

— Entendi. — O rapaz torceu os lábios, pensando por alguns instantes. — Eu posso resolver agora mesmo. A costura é dupla, se eu desmanchar uma delas, ganhamos alguns centímetros que evitará ficar tão colado ao corpo, mas ainda será justo.

— Tudo bem.

Um estalar de dedos de John foi suficiente para suas ajudantes começarem os ajustes. Após tudo pronto, o vestido caiu como uma luva em seu corpo, deixando-a muito elegante. Um penteado foi feito, permitindo que a maior parte do cabelo ficasse solto, assim como Ester preferia. A maquiagem simples, mas muito bem elaborada, foi o toque final perfeito.

Quase duas horas depois, parada em frente ao espelho de corpo inteiro, Ester pôde ver o brilho de satisfação nos olhos de John, por ela finalmente estar como ele sempre quis desde que começaram a trabalhar juntos. A moça se sentia bonita, assim como no dia em que acompanhou Ewan ao jantar de noivado da afilhada de uma cliente da *Brook*. A noite havia sido maravilhosa, mas o que se seguiu foi um completo desastre que resultou em escolhas erradas e corações partidos. Ester levou a mão até o tórax, devido à aflição causada pelas lembranças. Não conseguiu evitar pensar em como Ewan estava lidando com sua mudança para o palácio e se Sharon o havia explicado como tudo acontecera, expondo os reais motivos de ela estar ali.

Batidas soaram na porta, tirando-a de seus devaneios e John se adiantou para abri-la.

— Alteza! — A voz do rapaz soou aturdida no primeiro momento. — Em que posso ajudá-lo? — Ele prestou-lhe uma reverência meio atrapalhada.

— Boa noite, John. Poderia chamar a senhorita Sullivan, por favor?

— Claro, Alteza!

John andou apressado de volta para dentro do quarto, quase sem fôlego.

— Ele está aí! — Apontou para a porta. — E sabe quem eu sou!

— Quem? — Ester juntou as sobrancelhas, perdida no entusiasmo dele.

— O príncipe! — John revirou os olhos. — Quem mais seria? E ele sabe o meu nome!

Ester sorriu, levantando-se para atendê-lo.

— Eu te disse! — John bradou orgulhoso. — Quando você me deixasse fazer meu trabalho, você seria notada.

— Ah, claro — Ester ironizou. — O príncipe é vidente e previu que esse dia seria hoje.

— Nunca se sabe. — John deu de ombros. — Mas isso não importa. Vá logo, não é cortês deixar o príncipe aguardando.

Imitando o gesto habitual de John, Ester revirou os olhos enquanto se afastava.

Alexander estava no corredor quando ela apareceu na porta. Os cantos dos lábios do príncipe se ergueram em um sorriso ao avistá-la. Ela sorriu de volta e juntou as mãos em frente ao corpo.

— Olá, Ester. — Ele se aproximou.

— Olá, Alexander. — Ainda sorrindo, a moça olhou de soslaio para o guarda ao lado de sua porta, o mesmo da noite anterior.

— Quero falar com você, poderia me acompanhar até meu escritório?

— Claro.

Ester o seguiu, notando como parecia apreensivo e preocupado, apesar de tentar esconder o que se passava. O príncipe abriu a porta do gabinete, permitindo que ela entrasse primeiro.

A moça desacelerou o passo, ao avistar no meio da sala um quadro retangular com fotos de cada uma das moças, inclusive a dela, a mesma do

dia do anúncio. Alexander parou ao lado de Ester e mirou o painel a sua frente.

— Hoje vou mandar algumas garotas para casa — revelou, pondo as mãos nos bolsos.

— Algumas? — Ester arqueou as sobrancelhas, encarando o perfil do rosto dele. — Eu pensei que seria uma por vez. Era isso que estava no regulamento da Giovanna.

— Sim, a princípio seria, mas... — Alexander passou a mão na nuca, como se ajeitasse os cabelos já alinhados. — Não posso continuar alimentando expectativas daquelas que não irei escolher.

— Está certo disso?

— Sim.

— Considero muito sensato de sua parte. Não seria justo com elas. Alexander respirou fundo.

— Tomara que meus pais vejam por essa ótica também.

— Eles não sabem sobre a sua decisão? — Ester questionou, surpresa.

— Não, exatamente. — Alexander caminhou até as duas poltronas próximas a escrivaninha e convidou Ester para acompanhá-lo. — O meu pai vive dizendo que preciso tomar as rédeas da minha vida e decidir sobre meu futuro de uma vez por todas. — O príncipe deu de ombros. — Chegou a hora. Pelo menos nisso tenho que ter carta-branca.

— Eu entendo — Ester procurou os olhos de Alexander —, contudo, é sempre bom ter uma segunda opinião ou um conselho. Eles são mais experientes nesses assuntos, você não acha?

— Não me sinto à vontade falando com meus pais sobre isso. — O príncipe fixou seus olhos no carpete sob seus pés. — Foi por isso que te chamei aqui, para me ajudar a decidir quais devo dispensar.

— Eu? — A voz da jovem saiu estridente.

Alexander a fitou, sério.

— Esse não foi o nosso combinado? Que você me ajudaria?

— Sim, mas não achei que opinaria tão diretamente. — Ester se levantou subitamente. — Eu concordei falar sobre as garotas e a decisão final seria sua.

— Tem razão. — Um suspiro escapou lá do seu íntimo e Alexander também se levantou. — Não posso exigir isso de você.

— Tenho medo de estar errada, entende? — A voz da moça estava mais baixa agora, mais compassiva. — E se eu te levar a eliminar quem não deveria? — Encarando as fotos dispostas no quadro, ele não respondeu. — Alexander, você já orou em relação ao que está preste a fazer?

Ele permaneceu em silêncio por alguns segundos diante da pergunta de Ester.

— Sim. — O príncipe se virou para ela, com um pequeno sorriso repuxando seus lábios. — E acaba de me ocorrer que eu já tinha a resposta esse tempo todo. Sei exatamente quais devo mandar embora.

— Está mesmo certo quanto a isso?

— Sim. Quer saber quem são?

— Não. — Ester disse taxativa. — Eu prefiro descobrir com as outras garotas.

— Como quiser. — O príncipe conferiu a hora. — Temos que ir, já devem estar todos à mesa.

— Chegaremos juntos? — perguntou ela, pouco à vontade com a ideia.

— Sim, qual o problema?

— Nenhum. Eu espero.

Alexander riu ante aos temores estampados nos olhos brilhantes dela.

— Somos amigos, não somos? — Ela assentiu. — Então que mal há em dois amigos fazerem companhia um ao outro? — Ofereceu o braço direito para guiá-la.

— Eu só não quero instigar o ciúme de ninguém. — Mesmo contrariada, enlaçou seu braço ao do príncipe. — Essas meninas podem ser bastante competitivas. Quanto mais eu passar despercebida, melhor será.

Alexander e Ester entraram de braços dados na sala de jantar, atraindo os olhares de todos os presentes no recinto e interrompendo as conversas. Ester se firmou um pouco mais forte no braço dele, incomoda com a atenção que recebiam e com o olhar inquisitivo das demais garotas. O príncipe, percebendo sua reação, pousou sua mão esquerda sobre a dela em apoio.

— Eu te disse — ela sussurrou entre dentes, apenas para ele ouvir.

— Relaxa, Ester — ele devolveu no mesmo tom, segurando o riso.

O rei e a rainha estavam sentados lado a lado em uma extremidade da mesa, do lado oposto estava o lugar do príncipe e outra cadeira vazia.

Ester olhou ao redor e notou que não faltava nenhuma moça. Seu estômago revirou ao constatar que ficaria em um lugar de destaque logo no primeiro jantar com a realeza.

Alexander se adiantou e puxou a cadeira para ela se sentar antes que o mordomo de prontidão pudesse assim fazer. Quando todos estavam acomodados, o rei se levantou, e Ester se sentiu aliviada, pois agora o soberano era quem tinha a atenção para si.

— Gostaria de externar minha gratidão e dizer que está sendo um prazer tê-las aqui no palácio. Tenho ouvido coisas ótimas a respeito de cada uma de vocês. Antes do jantar ser servido, gostaria de fazer uma oração.

O rei elevou a voz em uma prece eloquente e longa, pedindo por cada um ali presente, pelas províncias e por aqueles que não tinham alimento em suas mesas, para que Deus, em Sua infinita bondade, provesse de alguma forma. Por fim, clamou uma bênção especial na vida de cada uma das moças.

De olhos fechados e cabeça baixa, Ester deixou que cada palavra entrasse em seu coração. Era incrível como o Espírito Santo parecia lhe abraçar naquele momento, trazendo paz, tranquilidade e contentamento.

O jantar foi servido e enquanto todos conversavam animados, Ester notou Alexander calado, respondendo com poucos monossílabos apenas quando necessário. Era evidente seu desconforto e apreensão com o anúncio iminente.

No fim, após a sobremesa ser servida, Alexander se levantou e pediu a atenção de todos os presentes. Gradativamente as conversas e as risadas cessaram, concentrando-se no que ele tinha a dizer. O rei apoiou o cotovelo no braço da poltrona e passou os dedos pela barba espessa, atento ao que o filhoalaria.

— Como todas aqui estão cientes, esse processo se fez necessário com o propósito de escolher minha futura esposa. — Alexander comprimiu os lábios, procurando a melhor forma de transmitir o que precisa proferir. — Nesses poucos dias, consegui perceber as peculiaridades de cada uma e não seria justo manter vocês aqui por muito tempo.

— Alexander — o rei interrompeu —, aonde quer chegar com esse discurso?

O príncipe exalou devagar o ar para dentro de seus pulmões, encarando seu progenitor.

— Estou tomando as rédeas, papai.

Ambos se fitaram por algum tempo com a tensão girando entre pai e filho. O príncipe suspirou, pousando os olhos em cada uma das garotas até chegar em Ester, ao seu lado.

— Senhoritas Brittany Brown, Annie Roberts e Emilly White, agradeço a disposição de vocês em estarem aqui, mas nesse momento, as libero deste compromisso. Desejo um futuro esplêndido a cada uma e que o Senhor Jesus guie seus passos por onde forem.

Exclamações de surpresa salpicaram pelo ar, inclusive do rei e da rainha, tamanha a surpresa com a revelação proferida pelo príncipe, mandando três garotas para casa de uma só vez e sem prévio aviso. Ester olhou para ele desacreditada, pois Brittany, Annie e Emilly, eram as garotas que ela havia declarado não ter conseguido se aproximar até aquele momento.



A cozinha estava escura, exceto pela luminária sobre uma das estações, quando Ester entrou no cômodo horas após o jantar. Com os cotovelos apoiados no balcão e o rosto coberto por ambas as mãos, Alexander remoía em sua mente a conversa que tivera com o pai após se despedirem das três moças:

— *Esse não era o combinado, Alexander — o rei bradou, na privacidade da sala do trono. — Se queria enviar alguém para casa hoje, que fosse apenas uma moça e eu gostaria de ter sido avisado sobre sua decisão antes de qualquer coisa.*

— *Eu errei não lhe informando com antecedência, estou ciente disso. Contudo, não acho que tenha errado ao dispensar as três moças. — Com o corpo rígido e braços cruzados na altura do peito, o príncipe manifestava sua escolha de forma firme.*

— *Eu sei o que você está pretendendo fazer. — Sebastian aproximou-se do filho, encarando-o veemente. — Você nunca concordou com a ideia de ter tantas garotas aqui com esse propósito. Quer acabar com tudo isso o quanto antes, não é mesmo?*

Alexander comprimiu os lábios e desviou os olhos para longe do pai.

— Não estou sabotando o processo.

— Então me explique sua atitude de mais cedo — o rei inquiriu, exasperado. — Porque, sinceramente, Alexander, você não está me parecendo empenhado o bastante.

O príncipe deixou o ar sair de seus pulmões de uma só vez, tentando organizar seus critérios de avaliação e os motivos que o levaram a tomar a decisão.

— Elas não se encaixavam em meus padrões.

O rei riu de forma sagaz.

— Eu entendo que não é qualquer garota que atende os moldes da realeza. Entendo também que, como cristãos, devemos ter certas diretrizes na escolha de nossa companheira. Porém, às vezes, eu fico me perguntando quem se encaixaria nos seus parâmetros. Você teve vinte e seis anos da sua vida para encontrar alguém digna de tais exigências, mas tudo o que vi foi uma falta de interesse descomunal de sua parte quando o assunto é esse.

— Exatamente, papai! — o príncipe respondeu, ignorando a insinuação sutil do rei quanto a sua masculinidade. — Se em vinte e seis anos eu não consegui, espera que eu consiga em alguns meses? — Alexander questionou, aflito.

— É aí que está a questão, meu filho. — O rei pôs a mão no ombro do príncipe, buscando sua inteira atenção. — Você não deu chances às pobres garotas. Apenas alguns dias se passaram. Já imaginou que nesse seu ato desesperado possa ter mandado embora a garota certa?

— Esses dias foram suficientes. Elas não eram o tipo de esposa que quero ao meu lado.

— Então você já sabia tudo sobre elas. — Impaciente, o rei se afastou cerrando os punhos.

— Assim como o senhor em apenas dois dias soube que a mamãe era a mulher da sua vida.

Sebastian voltou para Alexander, com o maxilar contraído.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— No que isso é diferente? — o príncipe inquiriu.

O rei massageou o peito, subindo os cinco degraus até o trono a fim de se sentar. Toda aquela discussão estava sugando suas energias.

— Quero que você entenda, meu filho, que eu nunca tive problemas para me apaixonar. E não é segredo que me enamorei por sua mãe desde o primeiro momento que a vi.

Com um pequeno sorriso tomando conta de seus lábios, Sebastian deixou sua mente vagar até o exato momento em que conhecera a bela jovem de longos cabelos dourados, em um baile organizado para que ele conhecesse algumas moças. Elizabeth arrebatou o coração do futuro rei de Galav no mesmo instante em que os olhos de ambos se cruzaram.

— Apenas confie em mim, papai. — Alexander abrandou seu tom de voz, sentando-se ao lado do trono, no lugar que pertencia a sua mãe e que em um futuro bem próximo seria de sua esposa. — Eu prometo que vou escolher uma delas. Acredite no meu julgamento quando eu digo que aquelas três jovens não tinham nada a ver comigo.

Sebastian tocou a mão do filho com um sorriso complacente.

— Tudo bem. Mas, por favor, me deixe a par de suas decisões a partir de agora. Eu sei que isso é algo particular, no entanto, eu gostaria de saber quem pretendes escolher para ser a minha nora.

Ester caminhou em direção a bancada, observando o príncipe absorto. Ao notar sua presença, Alexander retirou as mãos do rosto, revelando um semblante cansado. A camisa com as mangas arregaçadas, gravata frouxa em seu pescoço e os cabelos despenteados, davam-lhe um ar desleixado, não se parecendo em nada ao homem perfeitamente alinhado que ela vira na porta de seu quarto mais cedo.

A expressão séria de Ester o fez suspirar. Ele deixou o corpo escorregar pela cadeira, desconfiando do porquê de seu desgosto.

— Vai lá, grita comigo também — disse ele, com os olhos fitos na bancada de mármore.

Ester ergueu o cenho, com repentina compaixão. Era isso que ela mais desejava fazer naquele momento, gritar por ele ter mandado embora as três moças que ela não gostava, tornando-a ligada diretamente à sua decisão. Porém, um sentimento de empatia pelo príncipe inundou seu coração. Não era justo ele suportar os seus chilies quando o rapaz deveria ter uma explicação plausível que justificaria seu ato.

— Eu sinto muito, Alexander. — Com palavras calmas e olhar terno, Ester atraiu a atenção do príncipe para si. — Eu apenas gostaria de

saber o porquê de ter eliminado as garotas que citei ontem como não sendo as minhas favoritas.

Alexander afrouxou um pouco mais a gravata, tirando-a do pescoço.

— Brittany, Annie e Emilly, não me causaram uma boa impressão desde o dia em que as conheci. As atitudes, a forma de se portarem, as roupas sempre tão provocantes, davam a impressão de que queriam me seduzir a todo custo em nossos encontros. Isso me enojou profundamente. — O príncipe passou a dobrar a gravata, conforme prosseguia com seu relato. — Eu já vinha orando para Deus me dar uma saída, já que não queria mantê-las aqui por muito mais tempo. — Alexander suspirou e encarou Ester, constrangido. — A natureza do homem é perigosa, Ester, e, às vezes, as mulheres agem como se não fizesse ideia do quanto! — Um silêncio desconcertante surgiu entre eles por vários segundos e Ester passou a indagar se ele também se referia a ela. O vestido justo que usara no jantar não era tão recatado. Na verdade, ele não era nada modesto. Pelo visto, a trégua com John duraria pouco, pois nunca mais aceitaria vestir algo parecido com aquele vestido. Alexander pigarreou, enquanto entrelaçava as mãos sobre o balcão antes de voltar a falar. — Quando conversamos ontem à noite e você destacou as três, entendi que não era por acaso. Mas, mesmo assim, eu estava em dúvida se deveria eliminá-las de uma só vez e queria uma confirmação. Por isso te chamei antes do jantar. Eu esperava que me desse a resposta. Porém, não era preciso. A Bíblia diz que devemos correr da aparência do mal e foi isso que fiz.

Admirada com a conduta de Alexander, Ester lhe ofereceu um olhar benevolente e por algum motivo, pensou que o príncipe era muito parecido com o tio Joseph em seus princípios.

— Você agiu certo.

— Obrigado! — Um sorriso satírico emoldurou o rosto do príncipe. — Pelo menos alguém concorda comigo.

— Seus pais não entenderam?

— Para o meu pai, estou tentando sabotar todo processo. — Ele fixou sua visão na escuridão que tomava a cozinha ao redor. — Minha mãe nunca se atreve a expressar uma opinião contrária a dele. Ela não disse nada. Não sei o que achou da minha decisão. Talvez não quisesse aborrecê-lo tendo em vista seu atual estado de saúde.

— O rei não está bem?

Alexander voltou a olhá-la, como se desse conta apenas naquele momento do que havia falado, revelando algo sigiloso. No entanto, aquilo não o impediu de prosseguir segundos depois.

— Meu pai tem sérios problemas cardíacos. — O príncipe recostou-se na cadeira um pouco hesitante. — Por isso a pressa para que eu me case e assumo o trono. Segundo as leis de Galav, um rei só pode governar se estiver totalmente saudável.

Algo na fala do príncipe fez Ester recordar de Alexia. Aquilo queria dizer que sua frágil saúde poderia ser um empecilho para ela herdar o trono algum dia?

— Sinto muito, não deve ser fácil toda essa pressão.

— Estou acostumado com pressão, Ester. — Alexander se levantou, indo até a geladeira logo atrás. Tirou de lá um bolo de chocolate e o pôs sobre a bancada. Em seguida, serviu uma fatia a ela. — Eu preciso ir agora. Logo pela manhã devo viajar. Ficarei dois dias fora, mas já avisei a Abigail para continuar abastecendo a geladeira com as sobremesas noturnas. — Ele sorriu para ela, exibindo pela primeira vez um pouco de humor após os acontecimentos das últimas horas. — Os guardas também já estão avisados e você terá livre acesso à cozinha na minha ausência. — Ester assentiu de boca cheia, sentindo a explosão de sabor do chocolate do generoso recheio. Ele voltou a sorrir e dessa vez seus olhos brilharam enquanto observava ela tentar engolir a sobremesa. — Posso te fazer um pedido, Ester?

— Claro.

— Agora, mais do que nunca na minha vida, eu preciso de sabedoria para tomar algumas decisões importantes. Sinto que sem ajuda não conseguirei, então... — ele parou por alguns instantes, hesitante com o pedido. — Ore por mim, por favor.



Com o olhar perdido, Ester seguia absorta às explicações da aula de história de Galav. A aflição de Alexander quando pediu que ela orasse por ele, ainda a perturbava mesmo depois de quatro dias de sua partida. E

foi isso que ela fez. Orou fervorosamente pelo príncipe, rogando para que Deus o orientasse, protegesse e, acima de tudo, o desse sabedoria.

Alexander não voltou na data prevista e uma grande preocupação caiu sobre Ester, levando seu coração a se contrair em angústia pela falta de notícias. Tamanha era sua distração naquele momento, que nem ao menos percebeu que a rainha havia entrado na sala de instrução e se encontrava ao lado de Giovanna.

— Temos um grande desafio para vocês. — Elizabeth sorria com empolgação. — Uma boa rainha tem que ser hospitaleira. Pensando nisso, lançaremos a vocês a difícil missão de preparar um baile. Afinal, qual é a melhor ocasião para se receber pessoas, senão em uma festa? — As moças logo ficaram eufóricas com a novidade. — Vocês trabalharão em equipe e quero ver total dedicação de cada uma, pois as supervisionarei de perto. Quanto aos convidados, não se preocupem, eu me encarregarei dos convites.

— Teremos quanto tempo? — perguntou Mary, animadíssima.

— Quatro semanas, apenas.

— Como vamos organizar um baile real em quatro semanas? — Mellanie disse, exasperada.

— Como eu disse, trabalhando em equipe. — A Rainha sorriu gentilmente. — Não se preocupem, é possível, com bastante dedicação, organizar uma festa desse nível em tão pouco tempo. Eu vou ajudá-las no que for preciso.

As garotas fizeram mais algumas perguntas e quando todas as dúvidas foram sanadas pela paciente rainha, ela se dirigiu a Ester.

— Senhorita Sullivan, poderia me acompanhar um momento?

— Claro.

Ester a acompanhou até o corredor.

— Desculpe-me ter que conversar aqui mesmo. Tenho um compromisso em alguns instantes e gostaria de falar antes de partir.

— Eu não me importo, aconteceu alguma coisa?

— Conversei com o psicólogo da Alexia e lhe contei sobre a maneira que ela havia se portado com você. — A rainha comprimiu os lábios e balançou a cabeça. — Ele pareceu não acreditar em uma só palavra do que eu disse. Então, pedi que viesse até aqui para ver de perto. Se importaria de passar um tempo com ela e o doutor Charles amanhã?

— Será um prazer estar com a Alexia. Já tem alguma atividade em mente?

— Você tem carta-branca para planejar algo. — Sorriu de forma jovial.

— A Alexia gosta de ir à praia?

— À praia? — a rainha perguntou com o cenho franzido.

— Quando estava vindo para o palácio, notei que tem uma praia a poucos metros daqui.

— Sim, temos uma praia particular atrás do palácio.

— Me autoriza levá-la até lá?

— Alexia não pode tomar sol ou ficar muito tempo exposta a esse clima seco dos últimos dias. Não fará bem a sua pele.

— É uma pena, acredito que ela gostaria muito. — Ester não queria abrir mão da ideia, pois aquela também seria uma ótima oportunidade para se livrar um pouco da rotina estressante que havia sido imposta a todas as garotas nos últimos dias. Além do mais, mal podia esperar para ver a princesa. Passaria momentos agradáveis com a menina e deixaria de se preocupar tanto com o sumiço de Alexander. — E se eu prometer não ficar muito tempo por lá? Acredito mesmo que a princesa precise de um pouco de ar fresco e ver o mar possa fazer bem a ela.

Elizabeth parecia irredutível.

— Eu não sei...

— A senhora disse que eu teria carta branca e sei que posso cuidar dela como minha própria vida. Por favor, Majestade.

A rainha respirou fundo e comprimiu os lábios, pensativa por alguns segundos.

— Tudo bem. No entanto, terei que conversar com o dermatologista e solicitar que te passe orientações expressas ou até mesmo acompanhá-las no passeio.

Ester não achava tudo aquilo necessário, mas concordou sem ressalvas.

— Majestade, posso te fazer uma pergunta? — tímida, Ester solicitou.

— Há algo mais que gostaria de saber sobre a Alexia?

— Não. É sobre o seu filho, na verdade. — A rainha assentiu, indicando que ela poderia falar. — Antes do príncipe viajar, ele me pareceu

um pouco aflito. Também disse que ficaria apenas dois dias fora e já faz quatro dias de sua partida. Estou preocupada.

A rainha apenas sorriu por um longo período.

— Alexander está bem — disse, enfim. — Surgiram outros compromissos para ele atender antes de voltar para casa. — Elizabeth suspirou e o sorriso sumiu de seus lábios. — Acredito que de agora em diante será sempre assim. Meu filho está cumprindo, além das suas obrigações, as do rei também. Por isso eu e Giovanna vimos a necessidade de realizarmos um baile. Assim vocês estarão ocupadas o bastante para não sentirem a falta dele.

— Compreendo — Ester respondeu, com o rubor tomando conta de suas faces. — Desculpe a minha indiscrição.

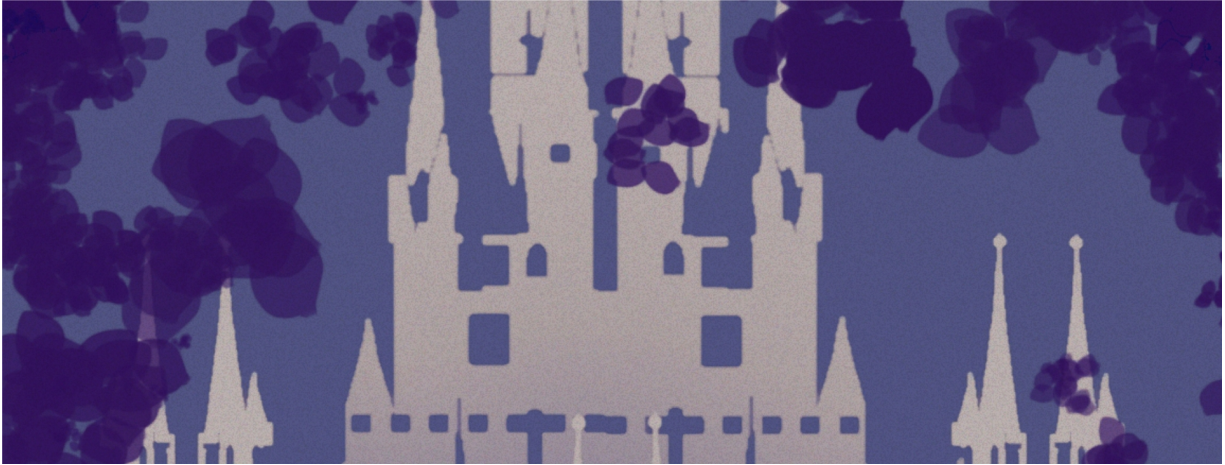
— Não precisa se desculpar. — Elizabeth tocou o braço de Ester. — Fico feliz em saber que o bem-estar do meu filho não é apenas uma preocupação minha. — A rainha fez uma pausa com um sorriso travesso iluminando suas faces. — A propósito, Abigail está sendo generosa com suas sobremesas noturnas?

Pega de surpresa, Ester gaguejou:

— Sim, ela é sempre muito generosa.

— Pelo que conheço do meu filho, você deve ter se tornado muito especial para ele dividir algo tão particular. — Ester apenas sorriu ainda mais envergonhada. — Acho que vocês estão no caminho certo. Como diz um velho provérbio de Galav: "A amizade é um amor que nunca morre"^[9], então, case-se com seu melhor amigo."

Dito isso, a rainha piscou para Ester antes de sair, deixando a jovem desconcertada.



Capítulo 17

Querido futuro marido,

O amor é um dom de Deus, e é à base de todo relacionamento saudável. Porém, muitas vezes, nós usamos a palavra “amor” para coisas insignificantes. Com todo esse “amor” pairando no ar, fica fácil perder a noção do que ele é realmente. Em 1 Coríntios 13, Paulo nos faz refletir sobre o significado desse sentimento poderoso: “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. E é agarrada ao versículo 7 deste capítulo, que espero por você, ciente que haverá dor, haverá dificuldades, haverá espera. Mas, sobretudo, haverá força, paciência e haverá a recompensa.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Charles levou uma bala de hortelã até a boca para mascarar o hálito de uísque e recolocou a gravata no lugar antes de seguir para os aposentos da princesa Alexia. Enquanto isso, sua mente voava até a lembrança da bela moça do baile de apresentação das pretendentes do príncipe. Os olhos brilhantes e o modo como ela corava sempre que ele a encarava o deixava fascinado. Com seu melhor sorriso, ajustou o terno sobre o corpo e irrompeu pela porta do quarto de sua paciente. Meia dúzia de funcionários do palácio e sua equipe circulavam pelo ambiente, um grupo seletivo de inteira confiança.

Alexia estava sentada na escrivaninha, desenhando como sempre fazia, enquanto Anastácia escovava seus cabelos. Charles sentiu a empolgação diminuir ao perceber que Ester ainda não se encontrava lá. Anastácia, virou-se e sorriu ao perceber sua presença, cumprimentando-o. A babá era bonita, mas não o tipo que o atraía, porém, adorava a atenção recebida dela todas às vezes que se encontravam nas consultas da princesa.

Charles foi até ela e espiou por cima dos ombros de Alexia a fim de conferir qual era o desenho do dia. O psicólogo uniu as sobrancelhas ao ver do que se tratava. Ele tinha que admitir, a menina tinha um talento inigualável para a arte e suas criações eram realistas, como uma fotografia. Reconheceu a figura de Alexander e Ester de mãos dadas no meio de um jardim florido, tendo como plano de fundo uma cópia fiel do palácio.

Ele limpou a garganta, atraindo a atenção da princesa.

— Bom dia, Alteza. Belo desenho! — cumprimentou animado, buscando ser retribuído pela primeira vez. Alexia levantou o olhar até ele, mas não respondeu.

Era sempre assim. Charles nunca havia conseguido arrancar uma única palavra da princesa. Tal atitude o irritava porque a menina o ignorava ao longo dos anos. Por outro lado, ele preferia dessa maneira, já que lidar com crianças nunca fora de seu agrado. Mas, se ela retribuísse a um pequeno cumprimento, ajudaria na credibilidade do seu trabalho perante o rei e a rainha, indicando algum avanço, não que quisesse isso de verdade. No entanto, o olhar era apático direcionado a ele, como se sua existência fosse insignificante, e isso fazia seu sangue ferver. Porém, Charles estava disposto a relevar, desde que o recheado salário continuasse a cair em sua conta todas as semanas, ele não ligava à mínima.

A porta do quarto se abriu e Ester foi anunciada. Charles jogou suas lamúrias para escanteio e se concentrou na moça. Ela trajava um

vestido longo com estampa floral e uma bolsa grande pendurada no ombro. Em suas mãos trazia dois chapéus, um era enorme e o outro, do mesmo modelo, menor. Charles a observou se aproximar e parar no meio do quarto, hesitando em prosseguir quando notou sua presença. Anastácia, que já havia terminado de escovar os cabelos da princesa, fez as apresentações sem muito entusiasmo.

— Doutor Charles, essa é a senhorita Sullivan. Senhorita, esse é o terapeuta da princesa Alexia.

— Já tivemos o prazer de nos conhecermos. — Como no dia em que Ester chegara ao palácio, Charles seguiu em sua direção sorrindo de modo galante. Tomou sua mão direita e deixou um beijo nela. — Está encantadora, senhorita Sullivan, assim como da primeira vez que a vi.

— Obrigada, doutor Charles. — Ester forçou um sorriso educado ao se afastar dois passos para trás.

— Pode me chamar apenas de Charles, por favor.

A jovem ajeitou a bolsa nos ombros e arqueou as sobrancelhas, deixando seus olhos brilhantes ainda mais intensos.

— Então, doutor Charles — ignorou o pedido —, a rainha disse que o senhor gostaria de passar um tempo comigo e a princesa — pronunciou cada palavra com cautela.

Charles sorriu sem se importar com o menosprezo.

— Ah, sim! Sua Majestade me ligou há alguns dias, mas eu estava em uma viagem, por isso não pude vir antes. Disse que Alexia a havia surpreendido com um comportamento incomum. Preciso ver de perto.

Ester assentiu e se aproximou de onde Alexia estava a fim de cumprimentar a princesa. A menina, ao perceber sua presença ao seu lado, olhou para ela e sorriu.

— Bom dia, princesa. — A moça fez uma reverência. — Preparada para um dia inteiro de diversão? — Alexia mordeu o lábio inferior e assentiu, contendo um sorriso envergonhado. Foi então que os olhos de Ester repousaram no desenho sobre a escrivantina. — O que é isso? — perguntou com surpresa ao se reconhecer em um vestido de noiva.

— Você e meu irmão — Alexia sussurrou.

Surpresa com a declaração, Ester olhou para Charles e Anastácia, que observavam à distância.

— Como tem certeza de que serei eu e não outra garota a se casar com seu irmão?

Alexia deu de ombros e desviou os olhos para o desenho.

— Ouvi meus pais conversando.

O coração de Ester disparou.

— Sobre mim?

— Não exatamente. — Alexia comprimiu os lábios e voltou sua atenção a Ester. — Na verdade, isso foi antes de todas vocês virem para o palácio. A escolha das garotas obedeceu a um critério específico. Minha mãe disse que o Alexander gosta de mulheres de cabelos longos. Mas, todas as moças cortaram o cabelo quando chegaram aqui, menos você. Então ele vai te escolher.

Charles se remexeu inquieto em seu lugar. Era a primeira vez que escutava Alexia falar e ainda pronunciava uma sentença longa, colocando em xeque suas habilidades de psicólogo na tentativa de fazer a garota se abrir com ele.

Buscando assimilar a lógica da princesa, Ester demorou um pouco até prosseguir.

— Você está pronta?

— Sim. — Alexia exibiu seu sorriso contido, contraindo os lábios de um canto ao outro. — Aonde vamos?

— À praia.

— Verdade? — A menina olhou para Anastásia em busca de confirmação.

— Só se você quiser — a babá respondeu.

Alexia assentiu e Ester colocou um dos chapéus na cabeça da princesa. Ela já estava vestida com roupas com proteção UV, projetadas especialmente para ajudar a bloquear os raios solares nocivos à pele sensível da princesa. O dermatologista não as acompanharia, mas Ester havia se encontrado com ele um dia antes, quando esteve no palácio para a consulta semanal. O médico havia feito tantas recomendações que a moça mal conseguia acompanhar e fazer as anotações necessárias e solicitadas por ele. Diante das ressalvas, imaginou como era difícil para Alexia viver dentro daquela bolha de proteção e isso a impulsionou a proporcionar um dia incrível para a princesa.

Antes de partirem, Ester precisou colocar uma um par de luvas, como as que a babá usava. Segundo orientação, ela nunca deveria tocar na garota se suas mãos estivessem desprotegidas, a fim de não transmitir nada contagioso à frágil criança. Quando saíram do quarto, parte da *multidão* que

estava no aposento os seguiram. Por algum motivo, a menina parecia estar incomodada com a presença de tanta gente, mas ninguém parecia notar esse desconforto além de Ester.

— Todos vão conosco? — Ester perguntou para Anastácia.

— Sim. — Charles se adiantou. — São da minha equipe e preciso deles.

— De todos eles? — Ester olhou para um garoto magricelo que carregava uma pasta preta. Parecia que aquela era sua única função.

— Sim, todos — disse ele, taxativo.

Ester encarou o grupo.

— É só um passeio, doutor Charles, não vamos transformá-lo em um projeto de pesquisa. — O tom de sua voz era suave para não deixar a princesa ainda mais incomodada. — Creio que apenas Anastácia, o senhor e alguns seguranças serão necessários.

Charles crispou os olhos, encarando-a de volta e ela sustentou o olhar com determinação. Definitivamente, aquela moça a sua frente muito lhe agradava e até a petulância que exibia naquele momento o fascinava. O terapeuta olhou para sua equipe e com apenas um aceno de cabeça os dispensou.

— Obrigada. — Ester retomou seu trajeto.

Na entrada do palácio, alguns carros já os aguardavam. Quando estavam prestes a embarcar, ouviram ao longe o grito de uma mulher.

— Esperem! Esperem! — Uma senhora trajando uma *dolman*^[10] comprida, calça vermelha e uma toca como as dos mestres cucas que Ester sempre via nos programas matinais de culinária, acenava e corria em sua direção. — Ainda bem que os alcancei — disse ofegante, ao chegar até o grupo parado na porta do automóvel.

— Por Deus, Abigail, você não está mais com idade para correr dessa maneira. — Anastácia se adiantou para pegar das mãos da mulher uma cesta de piquenique. — Nenhum de seus ajudantes poderia fazer isso por você?

— Bobagem. — Abigail deu um tapa no ar, corrigindo a postura. — Quando a rainha me informou que Alexia iria em um passeio com a senhorita Sullivan, eu fiz questão de preparar os quitutes e entregar pessoalmente.

Ester retribuiu o sorriso simpático da mulher rechonchuda de bochechas rosadas e sardentas, que parecia ter saído de um desenho

animado. Alguns fios de cabelos ruivos escapavam do *toque blanche*^[11], denunciando sua nacionalidade irlandesa.

As duas trocaram olhares cúmplices. Ester, por fim, poderia associar o nome à pessoa, aquela que deixava os seus fins de noites mais doces. Abigail, obedecendo ordens do príncipe, não deixou de preparar algo especial todos os dias exclusivamente para ela durante sua ausência. Parecendo satisfeita com o que via, Abigail se despediu e voltou para dentro do palácio com as mãos apoiadas na lombar.

O caminho até a praia foi curto. O carro apenas circulou pela pequena estrada de cascalho em volta do palácio, ladeada de palmeiras altas, até entrarem na área restrita. Os seguranças inspecionaram todo o local antes que pudessem desembarcar.

Eles desceram a colina e a primeira coisa que Ester fez quando chegaram à beira-mar, foi tirar o calçado e fincar os pés na areia para senti-la entre os seus dedos. A brisa marítima, leve e suave, agitou seus cabelos e a imensidão do mar parecia tocar o firmamento no horizonte, misturando seus diferentes tons de azul e laranja do céu da primavera.

Alguns seguranças se espalharam para verificar a área mais uma vez, enquanto outros se mantiveram a certa distância. Ainda era estranho ter tanta gente por perto, mas Ester procurou ignorá-los e aproveitar o passeio.

— Eu e a Anastácia vamos dar espaço a vocês, mas estarei observando — Charles disse, como se lesse seus pensamentos, antes de sair com a babá.

Descalça, Ester instruiu a princesa a fazer o mesmo. Alexia abaixou os olhos e mordeu os lábios.

— Acho que vou ficar com meus sapatos.

— Estamos na praia, meu bem. E não se usa sapatos aqui. Os pés precisam sentir a areia, isso repõe nossa energia — Ester brincou.

A princesa olhou para os pés, hesitante outra vez. As mãos pendidas ao lado do corpo apertavam o tecido com UPF 50+^[12] da calça enquanto ela permanecia calada.

Ester se abaixou e tocou em seu queixo para que a princesa olhasse para ela.

— Não precisa ter medo, é saudável andar descalça.

— Não é isso — a princesa sussurrou, receosa. — Tenho vergonha.

— Ela quase não escutou a menina.

— Vergonha do quê, querida?

Lentamente, Alexia ergueu alguns centímetros da manga longa da blusa UV, relevando manchas brancas irregulares e distintas, contrastando com sua pele saudável, criando um padrão único e marcante.

— Tenho nas minhas pernas, espalhada pelo corpo e nos pés também.

Ester a observou com atenção. Então aquele era o motivo de tanta preocupação por parte da rainha e o culpado por Alexia ser mantida em uma bolha de proteção? Em Cefas, era tão comum, que ela achou a situação banal. As pessoas em seu país que possuíam a mesma condição, conhecida por lá como pele despigmentada, executavam suas rotinas sem nenhuma intercorrência, apesar do grande preconceito em torno da condição. A moça se compadeceu da princesa, ciente que tal problema vinha roubando uma parte importante de sua infância e indignada por Charles não ser capaz de fazer a menina se aceitar. Pior ainda era o dermatologista, criando tanto estardalhaço sem necessidade. Era óbvio que algo de errado estava acontecendo e depois de saber sobre a lei que exigia um soberano saldável, ficou ainda mais certa disso. Ester pôs em seu coração descobrir o quanto antes o que era.

Alexia manteve o rosto virado, olhando para outra direção, como se estivesse recusando encarar as manchas na pele.

— Essa aqui tem o formato de um coração — Ester disse, atraindo a atenção da princesa. — Olhe, bem aqui. — A moça sorriu e contornou com o dedo a borda curva de pele clara no pulso de Alexia. — Conseguiu ver?

— Não parece um coração para mim.

Ester abriu a sua bolsa e retirou de lá a caneta que trazia acompanhada de seu diário. Em seguida, riscou a pele da menina onde seu dedo havia delineado momentos antes.

— E agora, parece um coração para você?

A princesa tentou segurar o riso, mas cedeu, quando observou com mais atenção o desenho.

— Sim!

— Eu aposto que existem outros desenhos incríveis escondidos debaixo de toda essa roupa. E aposto também que os mais legais estão nos seus pés. — Alexia, sem hesitar dessa vez, retirou os calçados e remexeu os dedos na areia quando Ester olhou para eles. — Eu não disse? Já vi uma borboleta e duas joaninhas.

— Onde? — a princesa perguntou.

Ester a guiou até o lugar reservado para elas, debaixo da sombra de um enorme guarda-sol e juntas se sentaram sobre uma larga toalha estendida no chão. Nos minutos subsequentes, procurou encontrar os desenhos mais inusitados que subiam dos pés até as pernas, depois das mãos aos braços da princesa.

— Deus é maravilhoso, não é? — Ester suspirou quando não havia mais manchas a ser desenhadas. — Ele é o maior artista deste mundo. — Ela encarou Alexia com um sorriso. — Tudo que existe foi Ele quem fez e devemos ser gratos ao Senhor o tempo todo pelas maravilhas ao nosso redor e em nós. — Apontou para a pele da menina. Erguendo os braços e olhando para o céu, Ester bradou: — Obrigada, meu Deus! Não me canso de te agradecer por Suas maravilhas.

A risada de Alexia ecoou ao seu lado. Era a primeira vez que a moça escutava aquele som tão doce, daqueles que só vem do fundo da alma mais inocente do mundo. Para sua surpresa, a princesa, imitando-a, ergueu os braços para o céu e com os olhinhos apertados e um sorriso singelo nos lábios, sussurrou:

— Obrigada, Deus, por criar a senhorita Sullivan.



Quando Ester e Alexia retornaram de sua caçada por conchinhas pela praia, após passar algumas horas só delas, Anastácia tinha tudo pronto para o piquenique. Sobre a toalha vermelha quadriculada havia uma infinidade de petiscos e doces que Ester nunca havia provado. Ao sentar-se, percebeu que a babá e Charles continuavam distantes, sem interferir. Ele parecia incomodado com o calor. Impaciente, já havia retirado o paletó, os sapatos, a gravata e a barra da calça estava dobra alguns centímetros acima dos tornozelos.

— Vocês podem se juntar a nós. Tem comida para um batalhão.

Charles abriu um largo sorriso diante do convite de Ester, sentando-se ao lado da moça. Perto demais. A proximidade com o rapaz a incomodou, no entanto, ela se manteve inerte, concentrando sua atenção apenas em Alexia. Diferente de antes, a princesa parecia um pouco mais

relaxada na presença do terapeuta. Mas ainda preferia manter-se quieta em sua companhia.

Ester fez questão de servir os seguranças com suco e bolo. Eles pareciam perplexos no primeiro momento com a atitude da moça antes de aceitar tamanha gentileza, agradecendo mais de uma vez.

Uma conversa agradável surgiu entre os adultos, enquanto a princesa comia em completo silêncio. Anastácia os entretinha com histórias engraçadas de algumas experiências em piqueniques, como a vez em que foi atacada por abelhas e precisou se jogar no lago para escapar delas. Ester estava contente por poder espairecer e relaxar fora dos muros do palácio.

— Você está com açúcar de confeitiro no rosto. — Charles apontou para a bochecha de Ester, quando havia terminado de comer.

Ela passou o guardanapo para limpar, porém, ele estava com o glacê de um bolinho recheado, manchando-a ainda mais. Todos riram, inclusive Alexia, enquanto Ester se sujava à medida que esfregava a região.

— Deixe-me fazer isso para você. — Charles se inclinou e passou um guardanapo de papel no rosto de Ester, até ficar limpo. — Prontinho — sussurrou, com seu hálito quente tocando a pele da moça.

— Obrigada — Ester agradeceu e recuou alguns centímetros, sentindo o rubor tomar conta de suas faces por conta da aproximação exagerada.

Charles levantou os cantos dos lábios, percebendo seu constrangimento. Ele adorava causar aquele efeito nas mulheres. Era o ponto alto de sua existência. Ester sentiu náuseas e desviou o olhar, e lá estava Alexander, mirando-os. O príncipe vestia roupas informais compostas por calça jeans e camiseta branca. O vento chicoteava seus cabelos, enquanto ele permanecia parado os encarando. O rapaz não se moveu ao lado de Ester, com as mãos apoiadas no chão e o braço roçando o dela.

— Alteza! — Anastácia foi a primeira a se pronunciar, levantando-se para prestar uma reverência.

Alexia deixou de lado o biscoito que comia e correu para abraçar o irmão. Ester observou Alexander se abaixar na altura da princesa, tomando-a em seus braços. Ela repousou a cabeça no ombro do príncipe e ele acariciou os cabelos da menina. A cena silenciosa de afeto deixou Ester emocionada. Era lindo o laço de carinho entre eles.

— Informaram-me que estava em uma viagem, Alteza — disse Charles, interrompendo o momento de reencontro entre os irmãos.

— Sim, cheguei há uma hora.

O silêncio pairou entre eles enquanto Alexander olhava para Ester. Não parecia a mesma pessoa de antes da viagem. Já não tinha sua peculiar expressão gentil. Dando-se conta do clima desconcertante que se seguia, Charles se levantou.

— Bem, se vocês me dão licença, eu preciso ir. — Ele recolheu seus pertences, direcionando sua atenção para Ester. — Gostaria de um tempo com a senhorita para podermos conversar sobre minhas observações.

— Claro. — A jovem assentiu, sem saber como agir.

— Hoje farei um relatório e algumas pesquisas. Creio que amanhã será um bom momento. Aceita jantar comigo, senhorita Sullivan?

Ester olhou para Alexander antes de responder, à procura de uma sugestão melhor ou algum sinal se deveria ou não aceitar o convite. No entanto, ele não estava mais prestando atenção neles. Seus olhos miravam o horizonte, onde o sol começava a descer e ela se surpreendeu aceitando.

— Tudo bem.

— Excelente! Te mando orientações.

— Você também pode ir, Anastácia. Cuido da Alexia — disse Alexander, sem manter contato visual com a babá.

Anastácia prestou uma reverência e seguiu Charles sem questionar.

— Eu também devo ir? — Ester tinha uma leve impressão de que ele gostaria de ficar longe de sua companhia. Alexander respirou fundo e olhou para ela. Ester o sondou, à medida que ele abaixava para se sentar sobre a toalha. O príncipe estava diferente, com uma postura fria, fazendo-a se recordar da figura gélida que observava na TV. E aquele príncipe não lhe agradava nenhum pouco. — Você está bem? — ela perguntou, quando ele não a respondeu.

A mandíbula dele contraiu, enquanto evitava contato visual outra vez.

— Sim.

Sentindo-se deslocada, Ester se preparou para sair.

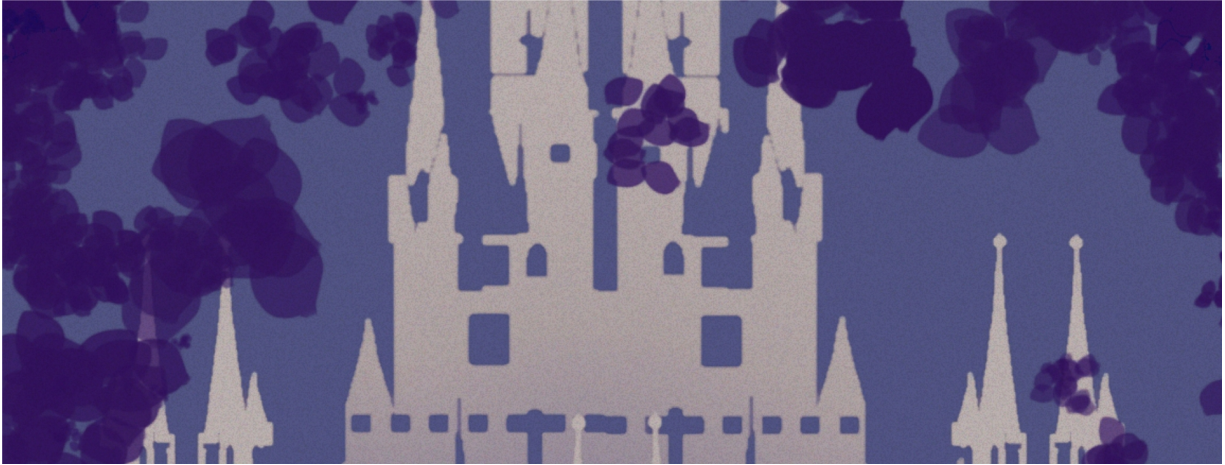
— Acho que também vou voltar ao palácio. Foi muito divertido o nosso passeio, Altezinha. — Tocou a ponta do nariz de Alexia, mas logo se deu conta da intimidade exagerada. — Perdão! Acho que não é apropriado te chamar assim, não é?

— Na verdade, você não é a primeira pessoa que me chama assim.
— Alexia sorriu, franzindo o nariz. — O Ew...

— Se correr, você alcança o carro da Anastácia e do doutor Charles. Eles ainda não partiram — o príncipe interrompeu Alexia antes de concluir a fala.

Muito chateada e sem entender o comportamento de Alexander, Ester saiu sem olhar para trás.

— Você foi bem deselegante — Alexia o confrontou de cara feia.



Capítulo 18

Querido futuro marido,

Não é possível evitar as frustrações ao longo da vida. Ao passar por esses momentos, diversas emoções nos tomam, como raiva, tristeza e um desejo incontrolável de fugir daquilo que nos deixa aflitos. E é assim que me sinto quando os percalços da vida me alcançam. É difícil se manter forte. A mente vacila e o corpo padece. Queria tanto te ter ao meu lado em momentos como estes. Contar com seu auxílio, conforto e mão amiga, sempre velando por mim.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

No dia seguinte ao passeio da praia, durante o intervalo após o almoço, Ester ainda tentava entender a conduta hostil do príncipe na tarde anterior. Ela estava tão chateada, que preferiu ficar em seus aposentos naquela noite e não descer para o jantar. Algo estava errado com ele e, por mais que quisesse confrontá-lo, optou também por não ir à cozinha no fim da noite a fim de deixar seus ânimos se acalmarem. Em momentos assim, a

saudade do tio aumentava e seu desejo por um abraço dele, a afligiu profundamente. Mary Kelly, percebendo-a absorta, se aproximou:

— Uma moeda por seus pensamentos.

— Quero ir para casa — Ester choramingou, farta da montanha-russa de sentimentos desde sua chegada ao palácio.

— Não diga bobagens. — Mary riu de forma espontânea. — Eu sei que nos últimos dias tem sido um tédio sem fim devido à ausência do príncipe, mas ele retornou e até jantou conosco ontem. Onde você estava?

— Não me sentia bem e preferi ficar no meu quarto.

— Ele foi tão atencioso com todas nós! — Mary suspirou sonhadora.

"Então o problema sou eu", pensou Ester, a preocupação agitando seu coração.

Mary passou a tagarelar sobre suas expectativas para o baile vindouro e como sempre sonhara participar de um evento tão pomposo. Após quase dez minutos de falatório, que mais pareceu uma eternidade, a moça interrompeu seus devaneios abruptamente com os olhos fixos na porta do salão onde todas estavam reunidas.

Alexander sorria para as garotas, com algumas gardêneas brancas nas mãos. Aquelas flores eram as preferidas de Ester, pois representavam inocência e doçura. Em Galav, quem recebesse uma gardênia sabia da intenção do presenteador em dizer que a pessoa era adorável. As brancas indicavam pureza e as com as pétalas amarelas significavam amor secreto.

O coração de Ester deu um salto no peito quando ele pousou os olhos nela, mas eles não transmitiam nada além de algidez.

— Senhorita Kelly, gostaria de levá-la a uma caminhada.

Como se não acreditasse no que ouvia, Mary saltou de onde estava com um gritinho eufórico.

— Claro, Alteza! Será um prazer. — Ela correu até ele, aceitando as flores que lhe oferecia, antes de entrelaçar seu braço ao dele.

Já era tarde quando Alexander e Mary retornaram do passeio. As demais garotas estavam empenhadas nas listas de afazeres do baile. Havia tanto a decidir que, aparentemente, as semanas estipuladas pela rainha não seriam suficientes.

Mary arrastou Alexander para dentro do salão, enquanto sorriam um para o outro como se compartilhassem um milhão de segredos. O

príncipe se sentou à mesa ao lado de sua acompanhante, de frente para Ester.

— Já decidiram o tema? — ele perguntou ao se acomodar.

— Sim! Vai ser um baile de máscaras, como nos filmes — Rachel foi quem respondeu.

Em questão de minutos, todos falavam sobre filmes com a temática. Ester permaneceu em silêncio, apenas observando as demais garotas empolgadas com os seus filmes preferidos assistidos no cinema.

— E você, Ester, qual o melhor filme que já assistiu no cinema? — Mary, como sempre, tratou de incluí-la no bate-papo.

Ester levantou por breves segundos o olhar para a colega.

— Eu nunca fui ao cinema.

— Como assim, nunca foi ao cinema? — Megan indagou perplexa, da outra extremidade da mesa.

— Apenas nunca tive a oportunidade.

— Que horror — Mellanie sussurrou ao seu lado.

Ester sentiu que suas palavras encontravam um empecilho em algum lugar bem lá no fundo de sua garganta. O modo que algumas moças olhavam para ela a incomodou, como se fosse uma aberração. Então preferiu se calar, no lugar de dizer o que desejava.

Para seu alívio, Mary sugeriu outro assunto, e assim como o anterior, ele tomou conta do ambiente e Ester foi esquecida. Em dado momento, uma das empregadas do palácio entrou no salão e entregou discretamente um bilhete a Ester. Era o doutor Charles confirmando o jantar daquela noite. O estômago da jovem se apertou ao recordar que precisaria passar algumas horas na companhia dele. O que Alexander pensava sobre o assunto? Ela deveria permanecer nessa decisão? Por que ele a estava ignorando quando mais precisava dele?

Ester olhou de relance para o príncipe, procurando dar algum sinal de que necessitava falar com ele, porém, Alexander estava concentrado no que Hellen dizia. Ela estava à deriva à própria sorte.

Seguindo sua intuição, levantou-se e saiu do salão sem ser notada. Pedindo informações, foi até o escritório de Charles. O terapeuta estava concentrado na leitura de um arquivo quando a moça adentrou ao local. Ele levantou os olhos para ver quem era, mas logo voltou a olhar dando conta da figura da moça de pé na porta.

— Senhorita Sullivan? Não esperava vê-la agora. — Deixou o documento sobre a mesa, indo recebê-la.

— Desculpe interromper o seu trabalho.

— Imagina, pode interromper sempre que quiser. — Tomou as mãos da moça, deixando um beijo suave nelas.

Ester recolheu as mãos, sentindo-as trêmulas. Odiava o modo que Charles a fazia se sentir vulnerável.

— Eu sei que aceitei jantar com o senhor, mas não poderíamos conversar em uma situação menos formal? — Foi logo entrando no assunto, antes que ficasse ainda mais desconcertada com os galanteios do doutor. — Não sei se devo fazer certos compromissos com outro cavalheiro, tendo em vista os motivos da minha estadia aqui no palácio.

— Deixe-me adivinhar... — Charles cruzou os braços e a encarou com um meio sorriso. — Alexander se opôs?

— Não! — A moça negou veemente. — Sou eu que não acho apropriado.

Charles não pareceu se incomodar com o pedido, apenas continuou sorrindo para ela.

— Tudo bem. Eu tenho algumas horas agora. Um chá seria apropriado a seu ver?

Ester expirou lentamente.

— Creio que um chá não teria problema.

— Certo! Vou pedir para servir no jardim então. — Fazendo um sinal ao seu secretário, acrescentou cheio de sarcasmo: — Um lugar público, cheio de guardas e serviçais.

Como se não bastasse o modo que Alexander vinha lhe ignorando, a conversa com o psicólogo de Alexia havia sido a mais desmotivadora possível, deixando claro que ela estava ali por absolutamente nada, povoando de dúvidas suas convicções.

Charles quis que ela falasse primeiro, então, Ester expôs seus pensamentos quanto ao caso de Alexia. A moça confrontou o doutor tendo como base pessoas na mesma condição da princesa que conhecia em Cefas, buscando saber o que ele estava fazendo para que a menina se aceitasse tal como era. Ela ansiava entender qual era o seu papel em meio a tudo, já que percebeu que todos, inclusive ele e o dermatologista, faziam questão de manter a menina em uma bolha de proteção, enquanto ela sabia que não era para tanto. Incomodado com suas especulações, Charles permaneceu em

silêncio, no entanto, era possível notar as engrenagens de seu cérebro trabalhando em sua tese de defesa, enquanto contraía a mandíbula.

— As pessoas nunca aceitam de bom grado o diagnóstico de qualquer doença, senhorita Sullivan. Elas tentam o tempo todo achar outra explicação, assim como a senhorita está fazendo agora. — Ele se inclinou, apertando a lateral da mesa de ferro fundido. — Alexia precisa sim de um cuidado redobrado, pois sempre foi uma criança frágil e doente. A despigmentação em sua pele trouxe um agravo a situação, pois interferiu em sua saúde emocional e mental. Eu venho unindo forças nessa batalha a fim de trazer algum conforto mesmo que momentâneo, mas o paciente precisa estar disposto a realizar o tratamento. — Ele elevou seu tom de voz, dando ênfase a sua fala. Exasperado, tirou um maço de folhas soltas de dentro de sua pasta de couro, entregando a ela. — Essas anotações são um resumo dos vários problemas que a princesa Alexia apresenta. Não estamos falando apenas de sua pele sensível. A princesa enfrenta sérios infortúnios que vão muito além dos seus conhecimentos. Então, não venha querer apontar o dedo e julgar um árduo trabalho que uma competente equipe realiza há muito tempo — concluiu com um pequeno sorriso zombeteiro. Ester o encarou, sentindo seu estômago revirar com o deboche que faiscava dos olhos do homem. — Alexia é assim — ele prosseguiu —, e apesar de possuir uma inteligência acima da média, ainda é muito jovem e não consegue responder ao meu tratamento como deveria. — A moça o encarou, enquanto ele mordida um bolinho recheado, espalhando migalhas para todos os lados. Àquela altura da conversa, Ester já estava prestes a vomitar. Ela não saberia explicar, mas a petulância e cinismo visível em cada palavra penetravam os poros de seu corpo, causando-lhe repulsa e calafrio. Em Galav poderia não haver estudos suficientes sobre o assunto, mas em Cefas sim e ela já sabia de tudo o que ele estava falando. Ester largou as anotações e abraçou o próprio corpo, trêmula de repente. Alguma coisa não estava se encaixando e ela temeu ser algo terrível. — Eu te entendo, Ester. — Charles se inclinou buscando os olhos dela. — Como eu disse, as pessoas nunca recebem bem esse tipo de diagnóstico. — Ele sorriu, tentando ser terno, mas só piorou o mal-estar da moça. — E você, de certo modo, criou neles expectativas de melhoras repentinas, quando sabemos que não será assim. Alexia gostou de você, foi apenas isso. Não é nenhuma surpresa, a meu ver. A senhorita é adorável. — Ester não queria chorar, mas o sorriso de satisfação dele com o sofrimento alheio, fez seus

olhos lacrimejarem. — Não se sinta mal, senhorita Sullivan. A vida nem sempre é tão perfeita como gostaríamos.



Ester transitou pelos corredores do palácio, cumprimentando com um pequeno sorriso os funcionários que a encontravam pelo caminho, com o mal-estar crescendo dentro de si após o encontro com o doutor Charles no jardim. Tanta coisa havia acontecido nas últimas vinte quatro horas, que a decepção tomava conta de seu ser de maneira arrasadora.

Com um suspiro trêmulo, Ester abriu a porta de seu quarto, ansiosa por poder se entregar ao choro que vinha engolindo. Porém, foi recepcionada por um John furioso, além da conta.

— Por onde você andou? Estou à sua espera há horas! — o estilista exclamou, assim que pôs os olhos nela.

Exausta, a moça caminhou até onde o rapaz esbravejava suas lamúrias por conta do pouco prazo para confeccionar o vestido dela para o baile e, sem aviso, o abraçou. John enrijeceu seu corpo, espantado com a atitude inesperada.

— Por favor, só hoje, não briga comigo — disse ela com a voz entrecortada, deixando as lágrimas saírem sem impedimento e sentindo todo peso de suas angústias caírem sobre si.

— O que houve? — John retribuiu o abraço, desajeitado.

— Eu não sei o que estou fazendo aqui, John. Eu não nasci para isso!

— Não fale um absurdo desses. Todo mundo nasceu para a realeza.

— Sou totalmente despreparada. Eu nunca fui ao cinema!

John se afastou, confuso.

— E o que isso tem a ver?

— Nada! — Ela se arrastou até a cama, desejando se aninhar entre as dezenas de travesseiros dispostos sobre ela. — Vou dizer a Giovanna que quero ir para casa. — Com lágrimas nos olhos, Ester se encolheu e abraçou uma almofada.

John se compadeceu da moça. Sabia da pressão que aquele processo impunha a ela não era fácil. Ele mesmo já havia se sentido assim

alguns meses atrás, antes das garotas irem para o palácio. Tinha participado de um processo parecido, quando Giovanna selecionava os profissionais que trabalhariam durante a escolha da esposa do príncipe. Foi um calvário ser o único homem na competição e vencer as milhares de estilistas talentosíssimas e, mesmo assim, ficou como reserva por pura implicância dos organizadores. Por obra do destino, no último momento, Jade, a moça que ficaria responsável por Ester, teve que se ausentar, deixando a vaga livre para ele.

— Sabe o que você precisa agora? Um belo banho quente, uma sopa da Abigail e uma boa noite de sono. O vestido pode esperar para amanhã.

Com desenvoltura, John distribuiu as tarefas para as ajudantes. Sayuri foi preparar o banho, Yumi saiu para providenciar a sopa e Hanna permaneceu ao lado de Ester dando apoio.

Após o banho, era como se Ester estivesse ainda mais exausta. A sopa estava deliciosa, mas mal conseguiu tomá-la, deixando a maioria na tigela. Deitou-se na confortável cama e a última coisa que viu antes de se entregar ao sono, foi Hanna a cobrir com o grosso edredom.



— Ester, está na hora de acordar. — John a despertou no dia seguinte, com um olhar preocupado. — Sente-se melhor?

— Não, minha cabeça está latejando — ela gemeu. — Estou péssima.

O rapaz tateou o rosto dela.

— Parece que você está com febre. Quando isso começou?

Ester tentou engolir, mas era como se tivesse um pedaço enorme de jujuba presa na garganta.

— Eu não sei. Quando me deitei ontem já sentia o meu corpo dolorido.

— Acho melhor você ficar na cama. — John a olhou com gentileza e preocupação. — Você precisa de um médico e eu vou chamá-lo agora mesmo.

— Eu só preciso dormir mais um pouco. Tenho certeza de que vou me sentir melhor.

John a ignorou e saiu para buscar um médico.

Hanna se aproximou da cama, avisando que a banheira estava pronta para seu banho. Desde criança, Ester estava acostumada com um tratamento especial sempre que ficava doente. Sua mãe era uma enfermeira nata, cuidando dela com todo o amor que só uma mãe consegue desenvolver. Ela mimava-a, fazia seus sucos preferidos, pesquisava sobre todos os tipos de medicamentos naturais e a forçava a tomá-los. Quando sua progenitora já não estava mais ao seu lado, foi o tio quem sempre cuidou dela. Naquele momento, sentiu-se grata por John, Hanna, Yumi e Sayuri estarem ali, tão preocupados com seu bem-estar.

Lentamente, sentou-se na cama. Parecia que o quarto estava rodopiando. Mal se firmando nas pernas, atravessou o chão acarpetado até o banheiro, onde Hanna já tinha colocado uma bandeja com um copo de água sobre um guardanapo. Um cheiro estranho subia do vapor da banheira.

— Coloquei vinagre de maçã na água do banho — disse a mulher com um olhar complacente diante da careta de dor de Ester. — Minha avó dizia que ajuda a retirar as toxinas do corpo. Fique de molho aí por um tempo, está bem?

— Você está parecendo a minha mãe — gracejou Ester, sentindo a garganta doer ao falar.

Hanna sorriu e fechou a porta do banheiro, mas dava para ouvi-la cantarolando baixinho enquanto executava as diversas tarefas. Ester ficou na banheira até Hanna voltar e dizer que o médico já a aguardava. Ela parecia estar melhor, mas ao se levantar o banheiro girou e os pés doeram quando ela caminhou até o *closet* para se trocar, com Hanna lhe amparando para que não tropeçasse e caísse. Era como se uma tonelada estivesse nos ombros dela quando sua cabeça tocou o travesseiro macio novamente para o médico a examinar.

Quando o doutor Carter se retirou, John se aproximou com um semblante preocupado, sentando-se na beirada da cama.

— Quer tentar comer alguma coisa?

— Acho que não consigo.

Ester estava exausta após o banho quente e até o perfume de John fazia seu estômago nausear. John não questionou, cobriu-a com o cobertor e minutos depois, ela já havia se entregado a um sono profundo.

Algum tempo mais tarde, Ester sentiu uma mão reconfortante tocar sua testa.

— John? — Queria saber se ele ainda estava ali cuidando dela.

A mão se retirou e a voz profunda de Alexander preencheu o ambiente em volta.

— Como está passando? — Ester tentou falar, mas as palavras ficaram presas na garganta inflamada. — Não precisa se esforçar. O doutor Carter disse que você tem de tomar bastante líquido e repousar. Quer um pouco de água? — Ester assentiu e ele ergueu o copo até os seus lábios, auxiliando-a. — O médico me pediu que a fizesse tomar todos esses comprimidos. Acha que dá conta de engolir esse aqui? — Ela assentiu e Alexander colocou entre os lábios dela um comprimido de vitamina, segurando para ela o copo de água novamente. Ester não sabia se tudo aquilo era um sonho ou se de fato o príncipe estava ali cuidando dela. Tendo em vista os últimos acontecimentos entre eles, atribuiu aquilo a sua imaginação ou ao delírio por conta da febre. — Volte a dormir. Você precisa repousar. — Alexander passou a mão nos cabelos dela, acariciando-os enquanto os afastava da testa.

Ester foi aos poucos embarcando num sono, e, sonhando, ficou a imaginar como seria ser amada por Alexander. Sua voz terna ressoava em seu interior e o calor reconfortante de sua mão afagando os seus cabelos aqueciam seu coração, espalhando por todo o seu corpo uma sensação de bem-estar que poucas vezes havia experimentado na vida. O coração pairava nas alturas e a moça sabia que algo em seu interior havia mudado em relação a eles. Chegara ao palácio blindada, fugindo de outro envolvimento amoroso, porém, Alexander era diferente de Ewan em todos os sentidos. Ele temia a Deus e suas palavras e atitudes sempre apontavam para Cristo em primeiro lugar e acima de qualquer coisa.

Era o fim da tarde quando Ester começou a despertar. Lembrou-se da mão de Alexander sobre sua testa e pensou ser parte do sonho ou algum delírio absurdo. Certamente, aquele toque tinha sido só uma alucinação por conta da febre. Precisava verificar, mas hesitou, pois se aquilo fosse mesmo um sonho, ela jamais gostaria que terminasse. No entanto, o som do movimento de alguém numa cadeira a fez abrir os olhos. Ele estava lá. De verdade. Não era um sonho. O príncipe encontrava-se de cabeça baixa, lendo um livro. Ester ficou apenas o observando, sem ele perceber que ela tinha acordado.

A porta do quarto se abriu e Ester fechou os olhos, fingindo dormir como a personagem de um livro que lera^[13], onde uma adolescente fazia a mesma coisa em uma situação muito parecida com aquela. Sentiu vontade de sorrir com sua atitude infantil, mas logo estremeceu sob o edredom ao reconhecer a voz da rainha.

— Como vai a nossa paciente?

— Ainda dormindo. Parece que a febre baixou.

— Graças a Deus — sussurrou a mãe do príncipe. — Sabe, Alexander, não imaginei que você e Ester já estivessem tão próximos a ponto de te fazer desmarcar todos os seus compromissos apenas para ficar o dia todo com ela.

— Aqui está bem mais tranquilo do que qualquer lugar no palácio. Além disso — sua voz ganhava um tom mais tímido e grave — meus sentimentos pela Ester vão além do dever de amizade.

“Ele está dizendo a sua mãe o quanto gosta de mim! Espera, o que isso significa? Argh! Então por que você foi tão rude comigo?”

— Você sabe que tem a minha bênção neste aspecto.

Ester quase se engasgou na própria saliva ao ouvir a declaração da rainha e antes que qualquer outra palavra fosse dita, se remexeu sob o cobertor, suspirou e abriu os olhos.

A rainha estava de pé ao lado da cama e o príncipe ainda sentado na poltrona. Ao perceber que ela estava desperta, ele deixou o livro de lado e se levantou.

— Boa tarde, Ester, sente-se melhor?

“Ah, então agora Vossa Alteza está gentil de novo?”

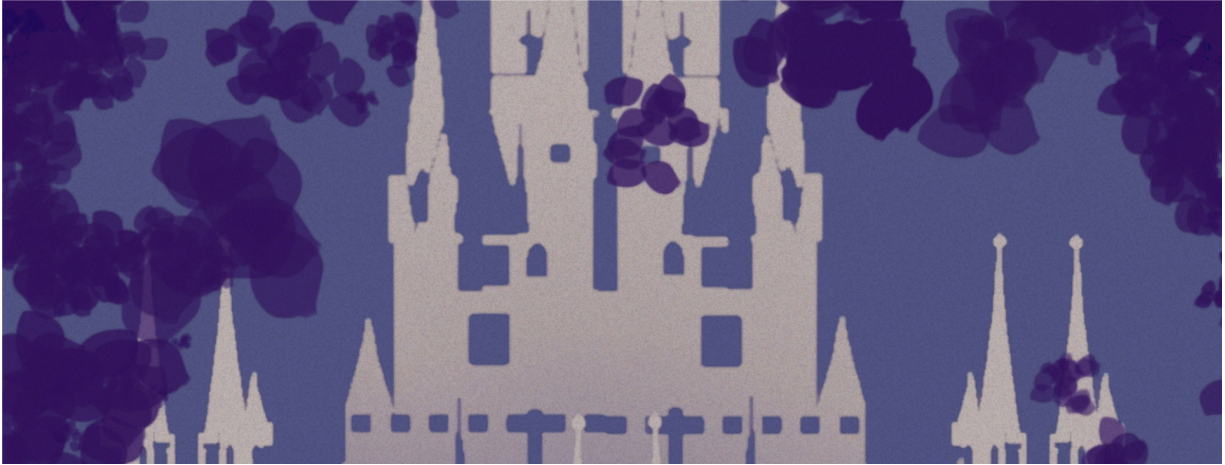
Ela se sentou na cama e puxou o cobertor para se cobrir, não se lembrava se estava com roupas apropriadas para receber visitas, ainda mais quando se tratava da rainha e seu filho.

— Parece que a febre cedeu — disse a rainha, tateando a testa da moça como Alexander havia feito antes. — E a garganta, como está?

— Bem melhor, senhora.

— Ótimo! — Alexander sorriu para ela. — Agora você deve tomar uma sopa. Já te disseram que a da Abigail é a melhor do mundo? Pedirei para trazerem.

Enquanto Ester e Alexander interagiam, conversando sobre as delícias que a chefe de cozinha sempre fazia para eles todas as noites, a rainha os observava com um sorriso de contentamento dançando nos lábios.



Capítulo 19

Querido futuro marido,

A fraternidade é um sentimento que valoriza a confiança mútua, proporcionando uma conexão perfeita entre as pessoas, pois são relacionamentos pacíficos e emocionais, longos e estáveis, profundos e comprometidos. A fraternidade é um sentimento muito forte de afeto, devoção, preocupação com o seu semelhante, gera emoções positivas e construtivas, podendo até, por vezes, levar à frustração pessoal, realizar muitos sacrifícios, que só poderia fazer por si mesmo. Tudo isso me lembra o amor de Cristo por sua Igreja. Então, meu amor, é assim que eu me dedicarei a você.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Ester fitava o céu estrelado, debruçada sobre o parapeito da sacada de seu quarto, enquanto aguardava Alexander encerrar o telefonema que o ocupava há quase quarenta minutos. O vento gelado da noite ainda lhe causava um leve arrepio, pois não estava totalmente recuperada do forte

resfriado que lhe atingiu nas últimas horas. Contudo, a brisa não lhe incomodava, pelo contrário, trazia vigor para recarregar suas energias.

Ali, fitando o manto estelar cobrindo todo o firmamento, Ester tentou organizar o emaranhado confuso de pensamentos e sentimentos que a invadia. Buscava entender o que havia acontecido com Alexander que, de ranzinzo, tornou-se alegre e terno como um dia de sol. Sem falar nas revelações recentes. O que Alexander queria dizer com um sentimento além da amizade? E ela, o que sentia por ele? Definitivamente, Ester não estava preparada para ponderar questões tão confusas. Seu coração estava fechado para qualquer coisa além de uma amizade sincera. Tentava, sem sucesso, juntar os cacos após Ewan e não pretendia passar por tudo outra vez.

Era difícil se imaginar com o príncipe em outras circunstâncias se não a amizade. E ele estava se dando bem com Mary. Eles faziam um belo casal e Ester torcia por aquela união. Talvez, ponderou, o que o príncipe dissera à mãe, fosse um sentimento entre a amizade e o amor, se é que isso existia. Mas, amor, tinha que estar fora de cogitação.

Ainda perdida em meio ao dilúvio de dúvidas, Abigail interrompeu seus devaneios ao colocar duas tigelas fumegantes de sopa e uma pequena cesta de pão de alho sobre a mesa oval posicionada no canto da sacada.

— O cheiro está maravilhoso. — Ester deixou de lado os seus dilemas e se aproximou.

— Como se sente, menina?

Os olhos da senhora eram carregados de afeição quando segurou, com ambas as mãos, o rosto da moça.

— Muito melhor, obrigada.

Alexander juntou-se a elas. Parecia cansado, mas tinha um sorriso de garoto iluminando seus olhos.

— Espero que não se importe, pedi para Abigail trazer para mim também.

— Claro que não me importo. — Ester retribuiu o sorriso, porém, em sua cabeça ainda existia um poço de pensamentos contraditórios em relação a ele.

— Aproveitem o jantar — disse Abigail. — Espero que essa sopa te anime um pouco mais. Você está muito pálida — acrescentou, com preocupação.

— Obrigada, de novo. — Ester segurou as mãos da velha senhora com gratidão. — Da maneira que estou sendo tão bem tratada, estarei

melhor em breve.

— Orarei por isso — disse a cozinheira antes de partir.

Alexander puxou a cadeira para Ester, convidando-a se sentar. Logo em seguida se acomodou de frente para ela, ponderando suas próximas palavras.

— Te devo um pedido de desculpas. — Alexander atraiu o olhar de Ester.

— É, eu acho que sim.

Seu coração parecia querer sair correndo, então Ester cruzou os braços sobre a mesa.

— Perdão, eu fui extremamente deselegante com você.

— Estou me perguntando até agora o que aconteceu. Foi algo que fiz ou disse?

— Não! — Ele negou com a cabeça e depois sorriu. — Talvez, sim. — Ester ofereceu um olhar confuso, instigando-o a prosseguir. — Charles. — Alexander proferiu o nome com desgosto. — Ele é o real motivo do meu descontrole. Não gosto dele. Charles é libertino, inconsequente e sem senso de responsabilidade.

— Se ele é tão mal assim, por que é o psicólogo da princesa?

Alexander respirou fundo e ao voltar a falar, seu tom de voz tinha um quê de decepção.

— O pai dele é um dos conselheiros do rei. Quando jovens, o senhor Green e meu pai eram muito amigos e essa amizade se estendeu ao longo dos anos. Charles só está aqui por conta desses laços. — O príncipe inclinou-se para frente, os antebraços apoiados sobre a mesa enquanto examinava Ester. — Sabe, Ester, hoje percebi que o que sinto por você vai além de um sentimento de amizade. — Ela paralisou. — É um sentimento fraternal. — Alexander acrescentou rapidamente, analisando a reação silenciosa dela. — Da mesma maneira que me incomoda em ver Charles com a Alexia, me incomodei de vê-lo tão próximo a você. E o modo como isso aconteceu... Ele estava fazendo o que o vi fazer por anos!

— E o que seria? — Ester indagou, buscando entender tanta amargura por parte do príncipe, enquanto permitia que sua declaração se assentasse aos poucos em sua mente e coração.

Alexander demorou a responder, mas quando fez, foi enfático.

— Charles estava tentando te seduzir. Assim como o vi fazer diversas vezes. Ele é um homem perigoso e não quero você perto dele. —

Suas palavras soaram não como um pedido, mas sim como uma ordem. Ester empertigou sua postura na cadeira e fitou a sopa intocada. A preocupação presente na expressão de Alexander intensificava seu discurso e ela se viu boba e ingênua. Era bem verdade que ficava incomodada em sua presença, mas não imaginava que o intento de Charles era tão perverso. Por fim, Ester assentiu com a cabeça, mas não conseguiu encontrar sua voz. — Sei que errei e não soube expressar meus sentimentos — o príncipe continuou. — Só depois me ocorreu que você não fazia ideia das reais intenções dele.

— Deveria ter me alertado e não me ignorado — ela rebateu, com indignação. — Prometemos ser amigos um do outro, Alexander, e no primeiro mal-entendido, você me abandonou!

O coração do príncipe apertou ao perceber o quanto havia magoado Ester. Tudo aquilo era novo para ele. Nunca precisou ter a preocupação em ponderar seus atos ou palavras para não ofender alguém. Fora criado para agir com certa altivez, a fim de manter o distanciamento necessário à realeza. Até aquele momento, se comportava de forma inconsciente acerca daquilo, mas agora, começava a entender que se tratando de Ester, teria que melhorar em muitos aspectos se não quisesse ferir seus sentimentos outra vez.

— Perdão — Alexander se desculpou com toda sinceridade que possuía em seu coração. — Eu só percebi como havia sido mal-educado além da conta quando Alexia me repreendeu. Em seguida, fiquei muito envergonhado com meu comportamento e talvez por isso eu a tenha ignorado. — Tentou dar-lhe uma justificativa plausível.

— Alexia te repreendeu? — Ester indagou com divertimento e espanto.

— Sim! — Ele deu um sorriso tímido. — Eu mereci.

Ester voltou a ficar séria.

— Ontem à tarde, quando me encontrei com o doutor Charles, ele parecia disposto a provar para mim uma série de coisas. Não gostei do modo como ele diminuiu a princesa. Como seu psicólogo, sua abordagem não deveria ser tão repulsiva. Ele pareceu furioso com minhas especulações e me veio com uma desculpa qualquer. Fiquei tão perplexa em como estava tentando me manipular, que não soube revidar. — Ester respirou fundo tão aflita, que seu estômago doeu. — Era como se ele quisesse justificar algo.

— É perda de tempo questioná-lo — Alexander disse, resignado.

— Por que não procuram outro psicólogo para ela?

Um meio sorriso se formou nos lábios do príncipe. Faltava pouco para sua expressão ser um sorriso de escárnio.

— Segundo meu pai, seria um desrespeito com o senhor Green se demonstrássemos desconfiança sobre o trabalho do filho. O que é um absurdo, a meu ver.

Mesmo inconformada, Ester não questionou e preferiu seguir Alexander que começava a se servir da sopa de galinha e legumes.

— Perdão a intromissão, Alteza. — Um rapaz alto e robusto interrompeu o jantar. Ele olhou para Ester de relance antes de prestar uma reverência.

— Pode falar, Estevan.

— Vossa Alteza pediu para informar quando a senhorita Willian deixasse o palácio. — Olhou novamente para Ester sem ter certeza se deveria revelar o motivo de sua visita para que a moça escutasse.

— Certo. — Alexander não pareceu se importar. — Obrigado.

O funcionário prestou outra reverência e se retirou. Alexander voltou a comer, ignorando o olhar inquisitivo que recebia de Ester.

— O que aconteceu com a Hellen? — indagou, ao perceber que o príncipe não diria nada por livre e espontânea vontade.

— Sua sopa vai esfriar.

— Alex!

O príncipe ergueu os olhos e a encarou surpreso.

— Alex? — repetiu, reprimindo o riso.

Ester revirou os olhos, sentindo suas faces ruborizarem, mal acreditando no que havia falado.

— Não mude de assunto.

— Alex — ele repetiu, divertindo-se. — Ninguém me chama assim. Gostei.

Ester sorriu, rendendo a sua gafe.

— Estou falando sério, *Alexander*. Por que você mandou a Hellen para casa? Aconteceu alguma coisa?

O príncipe suspirou, deixou o sorriso de lado e empurrou para longe o que sobrara da sopa.

— Não gosto de pessoas rudes e odiaria ter uma esposa assim.

— Ela foi rude com você?

O príncipe permaneceu em silêncio, recordando-se do café da manhã tumultuado e do comportamento hostil por parte de sua pretendente. Era como presenciar um discurso de ódio:

— *Isso é inadmissível! Ester nunca está aqui. É injusto conosco que estamos dando duro em todas as atividades propostas — Hellen lamuriou durante o desjejum. — Antes de ontem, ela sumiu a tarde inteira. Sabe-se lá onde estava. Nem apareceu para o jantar de boas-vindas da sua volta, Alteza. Ontem, ela saiu no meio da nossa reunião para se encontrar com outro homem.*

— *Muito bonito, por sinal — interferiu Megan, bebericando sua xícara de café.*

— *É um desrespeito com Vossa Alteza, não acha? Aposto que está fazendo tudo isso às escondidas! — Hellen sorriu com desdém. — Ela nunca me enganou com sua “passividade fingida” — enfatizou, fazendo aspas no ar com os dedos. — Sempre buscando ficar bem com todas. Puro fingimento!*

— *Chega, Hellen. Já entendemos que você está inconformada. Mas não adianta nada ficar tão exaltada. — Mary tentou apaziguar a situação. — Ela deve ter uma explicação.*

— *Onde ela está agora? — a moça voltou a se dirigir ao príncipe, ignorando a colega ao continuar seu discurso irritado.*

— *Estou ciente dos compromissos da senhorita Sullivan — disse Alexander, incomodado com o tom áspero que Hellen usava para falar com ele. — Creio que ela já está descendo para se juntar a nós.*

— *Se o senhor me permite, Alteza — a moça que lhe servia, sussurrou pedindo licença para falar —, não sei se o senhor já foi informado, mas a senhorita Sullivan não passou bem ontem à noite. Eu estava na ala médica quando buscaram o doutor Carter para examiná-la. Até onde sei, ela ainda não se sentia bem hoje pela manhã.*

Alexander olhou para Giovanna, que se encontrava ao seu lado, em busca de explicações.

— *Eu não fazia ideia, Alteza. — A assessora arregalou os olhos, já empunhando o seu celular em busca de mais informação.*

Jogando o guardanapo na mesa, Alexander se levantou e seguiu a passos firmes em direção ao quarto de Ester.

— Aonde vai com tanta pressa, Alteza? — Doutor Charles vinha na direção contrária da que o príncipe seguia, fazendo-o interromper seu trajeto.

— Sai da minha frente, Charles. — Alexander o contornou, a fim de prosseguir o seu caminho.

— Opa! — Charles levantou as mãos na defensiva. — Que bicho te mordeu?

Alexander cerrou os punhos e deu meia volta. Paciência nunca foi o seu forte quando o assunto era Leonel Charles Green e naquele momento, algo lhe dizia que o real motivo do súbito mal-estar de Ester estava ligado ao terapeuta. O sangue pulsava quente em suas veias e ele precisou usar todo o seu autocontrole para não fazer nada que depois se arrependeria.

— Fica longe da Ester — Alexander rosnou entre dentes.

— Ah, esse bicho... — O rapaz deixou escapar um sorriso sarcástico.

— É sério, Charles. O que você fez ontem para Ester precisar de um médico após o chá?

Charles piscou algumas vezes, confuso.

— O quê? Eu não fiz nada! Do que você está falando? Vou vê-la agora mesmo. — Tentou passar por Alexander, mas este o impediu, segurando-o pelo braço.

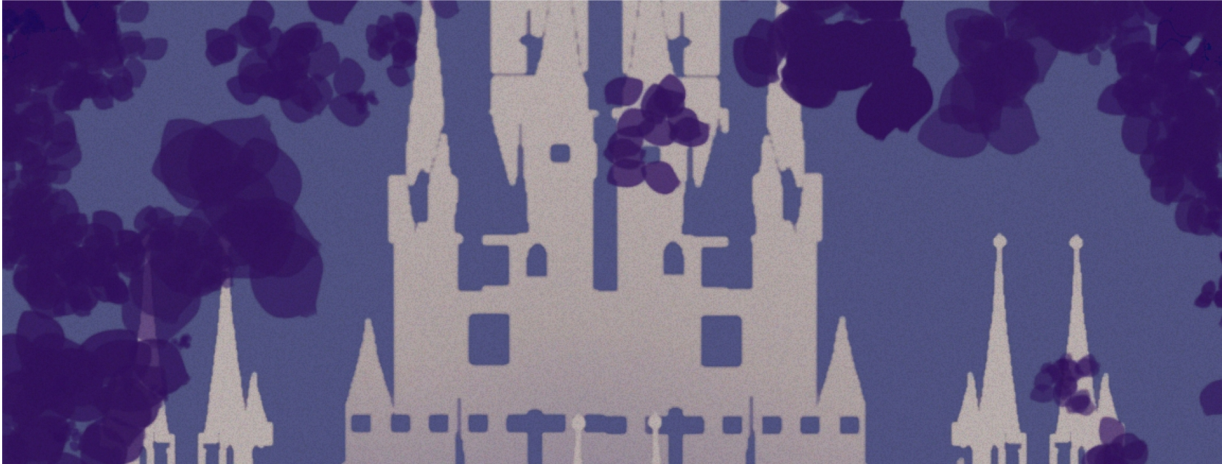
— Não. Você não chegará perto dela — o príncipe falou com firmeza. — Isso é uma ordem.

Charles desvencilhou o braço com um solavanco e contraiu o maxilar com os olhos faiscando de raiva. Deu um passo para trás e depois seguiu seu caminho.

Alexander apertou os olhos e balançou a cabeça, dissipando as lembranças e se dando conta que aquela moça a sua frente havia se tornado mais importante para ele do que estava disposto a admitir. Constatar aquilo fez cada músculo de seu corpo contrair. Ele havia prometido a si mesmo que não permitiria se envolver daquela maneira com ela. O que estava acontecendo com essa promessa?

— Há coisas que é melhor nunca serem reveladas.

Alexander deu o assunto como encerrado, recusando-se a expor o motivo da eliminação de Hellen Willian. Porém, Ester não fazia ideia do significado por trás daquelas palavras, carregadas de duplo sentido.



Capítulo 20

Querido futuro marido,

Em Provérbios capítulo 11 está escrito: “A alma generosa engordará, e o que regar também será regado”, e isso nos mostra que a empatia possui um papel importante na vida das pessoas à nossa volta. Embora ser empático não signifique necessariamente querer sempre ajudar os necessitados, é um componente vital para a compaixão alheia. Oro para que você, meu amor, seja um homem altruísta, que faça o bem sem olhar a quem ou esperando receber algo em troca, que entenda as necessidades de quem está a sua volta, pronto para supri-las.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

— Ah, é tão bom te ver melhor! — John abraçou Ester cheio de alegria.

— É bom estar de pé outra vez. — Ela segurou as mãos do amigo, com o coração cheio de gratidão. — Obrigada por cuidar de mim, John. Significou muito.

O rapaz deu um tapa no ar com falsa modéstia.

— Não foi nada. Você precisava de mim e eu podia ajudar. —
Quicou os ombros com um sorriso travesso e, com sagacidade, acrescentou:
— Soube que Sua Alteza real, o príncipe, passou o dia todo em uma poltrona ao lado de sua cama.

Ester jogou a cabeça para trás e riu alto.

— Que absurdo, John! Ele passou algumas horas aqui, é verdade, mas não deve ter sido o dia todo. De onde você tirou essa ideia?

— Os funcionários sabem de tudo o que se passa nesse palácio, querida, e comentam. Achei o máximo! Isso significa que ele tem sentimentos por você.

Ester deixou o sorriso de lado e cruzou os braços.

— Ah, ele tem mesmo. — A moça fez uma careta, ainda tentando se acostumar com a declaração de Alexander no dia anterior. — Sentimentos fraternais, segundo ele.

John estalou a língua no céu da boca e apertou o braço dela.

— Melhor do que nada. Tenho certeza de que as outras garotas se matariam por essa "*fraternidade*".

Dando-se conta de que não deveria estar se importando com aquele assunto, Ester decidiu mudar o rumo da conversa. Afinal de contas, o baile se aproximava e ela ainda não tinha o vestido de gala que usaria.

— Que tal você me mostrar as opções de vestidos para o baile?

— Você está ficando mestre em mudar de assunto, sabia?

— Então vamos ao que interessa. — Ela piscou e John revirou os olhos.

— Antes, gostaria de te fazer uma pergunta — disse John.

— Pode fazer.

— Você desistiu daquela ideia maluca de pedir para ir embora, não é? Porque eu não quero ficar desempregado agora que está tudo indo tão bem para mim.

Ester franziu o cenho, voltando-se para o amigo.

— Como assim, ficar desempregado?

— Os estilistas foram contratados apenas para cuidar das garotas durante o processo de escolha da futura esposa do príncipe. Quando uma delas volta para casa, a equipe cai fora também. Apenas o *personal* da moça que ele escolher, assinará o contrato de permanência.

— Eu não sabia de nada disso.

— Trabalhar no palácio sempre foi o meu sonho.

John suspirou e seus olhos brilharam. O coração de Ester se partiu em dois.

— Sinto muito, John. Não vou me casar com Alexander. — A moça se afastou, evitando a expressão de surpresa que tomava conta do rosto do rapaz.

— O quê?

— Eu e ele fizemos um trato. Vou ajudá-lo a escolher sua esposa.

Somente após proferir as palavras, Ester percebeu que não deveria ter revelado o combinado. Porém, já era tarde demais.

— Ficou maluca! — O grito de John fez Hanna, Yunni e Sayuri parar o que estavam fazendo para prestar atenção na conversa dos dois.

— Fez sentido para mim quando selamos o acordo. — Ester tentou soar indiferente, como se o combinado fosse a coisa mais normal do mundo. No entanto, agora que dissera aquelas palavras em voz alta, sentiu-se perturbada. — Posso falar com o Alexander para te manter aqui depois que eu for embora.

— Isso aqui não é um conto de fadas, Ester, é a vida real!

— Está sendo dramático. Você é muito talentoso e tenho certeza de que após a sua experiência no palácio, seu currículo será muito valorizado. Outras portas vão se abrir.

— Dramático? — John deixou escapar um sorriso zombeteiro. — É do meu futuro e sonhos que estamos falando. Essa oportunidade é única e eu não quero estar em outro lugar.

Ester revirou os olhos, querendo pôr um ponto final naquela discussão.

— Não vamos sofrer por antecipação. — Ela segurou John pelos ombros e forçou um sorriso. — Vamos viver um dia de cada vez, pois o futuro a Deus pertence. Agora, me mostre os seus desenhos.

Como se tivesse com uma tromba de elefante pendurada no rosto, John expôs suas criações. Os vestidos de gala eram esplêndidos, tanto que Ester teve dificuldades para escolher apenas um e John não estava ajudando. A chateação dele era tão evidente que começou a incomodá-la a ponto de se sentir mal, ainda mais depois de tudo que ele fizera quando estava enferma.

— John, eu sinto muito — disse, enquanto ele recolhia seus pertences antes de partir.

— Tudo bem, Ester, não se preocupe comigo, vou ficar bem.

Ele pendurou a mochila nos ombros e a olhou com sofrimento.
— Me perdoa, por favor — Ester suplicou com compaixão.
— Só te perdoo se mudar de ideia e considerar se casar com o príncipe.

— Isso é complicado.

— Então não te perdoo. — Marchou decidido rumo a porta.

— E se eu te convidar para ser meu par no baile?

John parou e virou para ela com um brilho nos olhos.

— Não brinca com meus sentimentos!

— Estou falando sério.

— Você pode fazer isso? Quer dizer, me convidar para o baile?

— Acha mesmo que o convidaria se não pudesse?

— Você já me iludiu uma vez.

Ester pôs as mãos na cintura.

— Você aceita ou não?

— Aceito, mas fique bem claro que isso não quer dizer nada. Ainda estou chateado com você.

John se virou de costas e sorriu, com o coração quase explodindo de felicidade pelo convite.



Os preparativos para o baile seguiram o mais rápido possível. As moças cuidavam de todos os detalhes, decidindo o que serviriam para os convidados, desde os aperitivos até o prato principal. Escolheram uma banda e um quarteto de cordas que revezariam durante a festa. O tema, decoração e vários outros detalhes também já estavam decididos e em andamento.

Restavam apenas seis garotas no palácio, e Alexander fez mais uma rodada de encontros programados. Ninguém sabia quando seria convocada. Ele apenas aparecia no salão e chamava a garota do dia, que saía feliz da vida pendurada no braço dele. O príncipe já havia informado que logo após o baile, ele mandaria alguém para casa e isso deixou todas apreensivas e ansiosas para impressioná-lo.

Os encontros noturnos na cozinha entre Ester e Alexander seguiram acontecendo todas as noites, estreitando cada vez mais os laços entre eles. Era evidente a afinidade que possuíam e Ester começava a se incomodar com algo crescendo dentro dela. Alexander também parecia mais íntimo e compartilhava seus dilemas profundos, fazendo o receio da moça aumentar sobremaneira. Ela temia criar uma relação muito intensa e depois sofrer quando partisse. Por várias vezes tentou se afastar, mas o príncipe não colaborou e a convocava até a sua presença sempre que possível, encaixando-a entre seus compromissos mesmo sabendo o quanto ela odiava aquilo. Ele, a cada dia mais de convivência, se mostrava muito parecido com Joseph e Ester o admirava pela referência de homem piedoso que era. Suas ações sempre demonstravam seus princípios inegociáveis. E os assuntos com os quais sempre conversavam por diversas vezes eram sobre as Escrituras. Alexander era o tipo de pessoa que fazia qualquer um se sentir próximo do Criador e ela prezava por cada minuto ao seu lado.

O rei estava ainda mais enfermo e os médicos e todos no reino temiam por sua vida. Com muito custo, o soberano aceitou fazer a cirurgia necessária em seu coração e desde então, Alexander precisou assumir a agenda do pai. Mesmo assim, ele fazia questão de reservar um tempo especial para Ester. A simples presença dela era um bálsamo para aliviar o cansaço e estresse que recaía sobre si devido aos intermináveis afazeres, mesmo sabendo que tudo aquilo seria passageiro e chegaria a hora que precisaria se despedir dela. Alexander se recusava abster-se daqueles momentos, ciente que sofreria quando a moça fosse embora do palácio. Ester era diferente de todas as outras que estavam ali e seria difícil encontrar alguém como ela em qualquer outro lugar. A moça o instigava a ser melhor, a fazer sempre o certo e por vezes o confrontou, até sem perceber, quando estava prestes a tomar uma decisão sem antes consultar ao Espírito Santo. Seu agir, seu modo de falar, de se vestir e se portar, diziam muito sobre ela e da esposa que seria para alguém um dia.

Uma semana antes do baile, o príncipe viajou outra vez, e Ester respirou aliviada. Porém, algo estranho aconteceu. Uma saudade avassaladora tomou conta dela com sua ausência, tanto, que chegou a doer o peito. Os dias pareciam cinzas e sem vida, a comida não tinha sabor, as piadas do John não eram mais engraçadas e as flores não exalavam mais um cheiro bom.

Seu único conforto era Alexia. Passou a se concentrar na menina, esperando que com isso amenizasse seus dilemas. No entanto, tarde demais se deu conta que ela também teria que se despedir da princesa, assim como de Alexander.



O dia amanheceu com uma forte chuva. Ester fitou o temporal, que tilintava com vigor sobre o vidro da janela, onde todas estavam reunidas recebendo as últimas orientações da rainha referente ao baile. Nunca chovera em seus aniversários. O céu era sempre claro e quente em Cefas nessa época do ano e as palmeiras dançavam embaladas pelo vento e Sol do verão. Naquela ocasião, porém, o palácio parecia mais gélido que de costume. O baile aconteceria em dois dias e por onde olhava se via funcionários empenhados em cumprir com sua parte na organização. O frenesi era total e Ester não via a hora de tudo aquilo acabar também.

Ainda estava com os olhos fixos na chuva e nos raios cortando o céu, quando percebeu que a sala ficou em silêncio de repente. Relutante, desviou os olhos para encontrar Alexander de pé ao lado da porta, surpreendendo as mulheres ali presentes, já que sua volta para casa estava prevista apenas para o dia seguinte.

— Filho, que surpresa maravilhosa! — Elizabeth foi até ele, puxando-o para se juntar a elas.

Ele deixou um beijo carinhoso no rosto da mãe e depois passou os olhos pelo salão à procura de Ester. Quando a localizou no fundo da sala, sorriu. O coração dela se aqueceu, fazendo todo o seu corpo responder. De repente, a chuva e o frio não a incomodavam mais.

— Posso roubar a senhorita Sullivan por algumas horas? — disse ele, ainda fitando a moça.

— Claro! Já está tudo resolvido por aqui. — Com um sorriso provocante, Elizabeth acrescentou apontando para a jovem: — Ela é toda sua.

Pelo canto dos olhos, Ester viu algumas garotas empertigando a postura sobre suas cadeiras e não pôde conter o sorriso que inundou seus

lábios. Levantou-se graciosamente e mal sentiu os pés tocarem o chão quando caminhou ao encontro do príncipe.

Ele ofereceu o braço e assim a guiou para fora da sala sob os olhares inquietos das outras garotas. Seguiram envoltos em um silêncio confortável até o corredor, apenas apreciando a presença um do outro.

— Você não chegaria só amanhã? — Ester foi quem falou primeiro, sem esconder o contentamento com a surpresa.

— Sim, mas consegui adiar alguns compromissos. Eu precisava estar aqui hoje.

Alexander parou, pondo-se em frente a ela.

— Algum problema com o rei? Ele está bem?

— Meu pai está bem — o príncipe falou sem abandonar o sorriso que desenhava seus lábios. — Vim por sua causa.

Ester piscou algumas vezes para acompanhar as batidas aceleradas e descompassadas de seu coração.

— Sentiu saudades de mim, Alex? — gracejou para despistar os sentimentos inoportunos.

— Quase isso, *estrelinha*.

Ester não conseguiu se conter ao ouvir o apelido. Jogou a cabeça para trás e gargalhou, atraindo a atenção de alguns seguranças e funcionários que estavam por perto. A sua risada enchendo o ar soou como uma explosão no peito de Alexander. Ele ficaria feliz se pudesse ouvi-la o dia inteiro.

— Estrelinha?

— Eu queria retribuir o *Alex*, mas não consegui pensar em nada. — Ele deu de ombros e desviou os olhos, colocando as mãos nos bolsos de maneira tímida. — Foi quando me ocorreu que Ester significa estrela e como você é pequenininha e delicada, logo, *estrelinha*. — Ele fez uma careta. — Agora que falei isso em voz alta, soou brega, estou ciente disso.

— Não! — Ester juntou as mãos e inclinou a cabeça para o lado. — Achei fofo. — Alexander se virou, e uma covinha apareceu no lado direito de seu rosto quando ele a olhou, divertido. — Falando sério agora. Por que veio? — ela sondou outra vez, cheia de curiosidade.

Os olhos do príncipe brilharam e Ester percebeu mais uma vez que ele permitia que ela visse quem realmente era. Gentil, amoroso e que se importava com ela.

— Feliz aniversário, *estrelinha* — disse apenas.

— Cancelou os seus compromissos devido ao meu aniversário? — sussurrou ela quase sem voz. — Sabe que não precisava fazer isso.

— Precisava sim. — Ester sentiu o calor da mão de Alexander na sua antes de ele roçar o polegar sobre seus dedos. Um toque tão gentil, que era quase doloroso. — Tenho um presente para você e queria muito estar aqui quando recebesse. — Voltaram a andar sem desfazer o contato das mãos.

— O que é? — perguntou ela, fitando suas mãos dadas.

— Prefiro que seja surpresa. — Ele a olhou de soslaio. — Mas você irá gostar muito. Só não vale chorar.

— Por que eu choraria com um presente?

— Bem, você chora por quase tudo. — Alexander provocou e foi alvejado por uma cotovelada nas costelas.

— Isso não é verdade! — Alexander não respondeu, mas sua fisionomia dizia que ele tinha uma lista quase infinita de situações que ela havia chorado em sua presença. — Tudo bem, não vou chorar dessa vez — ela prometeu, reconhecendo ser emocionada além da conta.

Eles pararam em frente a duas portas grandes em uma parte do palácio que Ester ainda não conhecia. Relutante, soltou-lhe a mão.

— Preparada?

— Sim.

O segurança que os seguia as empurrou, revelando uma enorme biblioteca com altas prateleiras e cortinas de veludo na cor púrpura, que cobriam as janelas até tocarem o chão de piso polido.

Ester ainda analisava o ambiente quando Joseph saiu de trás de uma das estantes de livros. A moça piscou várias vezes, certificando-se de que o que via não era obra de sua imaginação. Seu maior desejo e pensamento naquela manhã, era poder abraçar seu tio no dia tão especial para ela. As lágrimas vieram à tona e Ester olhou para o príncipe, depois para Joseph novamente, sem palavras. Impulsionada pela emoção do momento, ela abraçou Alexander, contornando seu pescoço com os braços.

— Obrigada — sussurrou ela. — Muito obrigada.

— Você merece. — Ele retribuiu e acariciou os longos cabelos dela, deixando-se embriagar pelo aroma que emanava deles. — Agora vai lá e aproveite seu dia. — Afastou-se constrangido com a proximidade e por se deixar levar mesmo que durante breves segundos.

Ester olhou em seus olhos e agradeceu mais uma vez sem se importar de estar chorando como havia prometido não fazer.

— Olá, querida — disse o senhor, também emocionado, estendendo os braços e convidando-a para se aconchegar neles quando ela se voltou para ele.

Ester correu para o tio ansiosa por aquele abraço. Ao sentir o seu perfume característico, deitou a cabeça no ombro dele, como sempre fazia quando estava aborrecida ou carente.

— Que saudade! Não sabe como senti sua falta.

— Também estava com saudades. — Ele se afastou após prolongar o carinho por algum tempo e analisou a sobrinha. — Como você está linda! — elogiou, cheio de orgulho.

— Estou do mesmo jeito.

— Não está, não. Está com um brilho diferente nos olhos — falou, olhando de relance para o príncipe que os observa de longe.

— Deve ser as lágrimas — Ester gracejou, enxugando o rosto. — Já conheceu o príncipe Alexander?

— Não fomos apresentados ainda. — O príncipe se aproximou estendendo a mão para se cumprimentarem. — É um prazer conhecê-lo, senhor Sullivan. Ouvi coisas ótimas a seu respeito.

— Falou o que sobre mim? — perguntou Joseph a Ester, curioso.

— O quanto o senhor foi sábio em mandá-la para o palácio, por exemplo — o príncipe respondeu com o mesmo tom divertido que costumava falar com Ester.

— Ela também te contou que não queria vir? — Joseph deu um sorriso tenso.

— Sim, ela é uma garota muito sincera e eu a admiro por isso. Aliás, essa é a qualidade que eu mais prezo em alguém, a sinceridade.

Os ombros de Ester enrijeceram e um tremor percorrer seu corpo. Olhou para Joseph, que a compreendeu na mesma hora. Ela não era totalmente sincera, assim como Alexander achava. Ester escondia suas origens, era refugiada em seu país e não sabia o que Alexander pensava sobre o assunto. Fora instruída pelo grupo de apoio aos refugiados e pelo tio a não revelar aquele segredo. Por mais que Galav fosse aberto a recebê-los e como toda árvore existem frutas podres, ali também havia gente poderosa que não apoiava a decisão do rei em aceitar cidadãos de Cefas em sua nação.

— Bem — Alexander conferiu a hora no relógio de pulso, alheio ao conflito de Joseph e Ester —, tenho uma reunião em cinco minutos e devo ficar preso nela pelo resto do dia. Aproveitem para passarem um tempo só de vocês e a noite nos encontramos para o jantar, tudo bem?

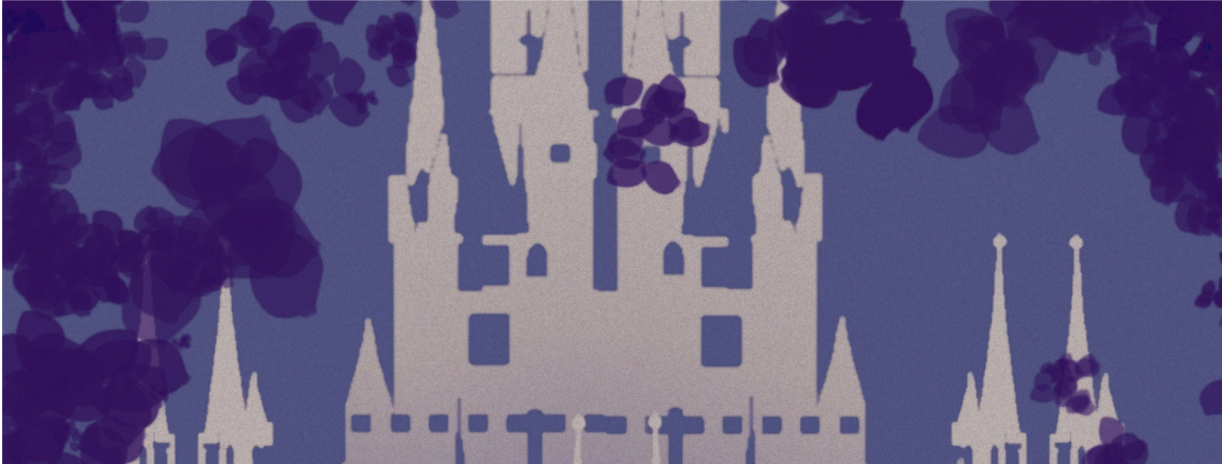
Ester assentiu, varrendo seus temores para longe, concentrando-se no homem a sua frente e no quanto ele parecia mais admirável após realizar o maior desejo de seu coração.

Quando o príncipe saiu, Ester olhou para o tio e choramingou.

— Não gosto de mentir para ele. Sinto-me a pior pessoa do mundo por ter que fazer isso.

— Também não me agrada a ideia, mas você não pode falar nada ainda. No tempo certo ele saberá. Confie em mim, querida, você não precisará guardar esse segredo para sempre.

Ester mordeu os lábios, aflita e temerosa com a reação de Alexander ao descobrir que ela, na verdade, não era apenas uma refugiada, mas que vinha do reino rival de Galav.



Capítulo 21

Querido futuro marido,

Quando eu era apenas uma criança, amava as histórias de faz de conta onde todas as coisas eram possíveis e os sonhos sempre se tornavam realidade. Agora, já adulta, por vezes sinto falta de como tudo era simples. Temos que enfrentar a realidade dolorosa e encarar situações que nos fazem querer correr de volta para o mundo de fantasias e resolver todos os problemas com o poder da imaginação. Ou fugir para um lugar onde apenas um desejo era suficiente para te transportar em direção ao que seu coração almejava.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Ao se despedir de Joseph no final do dia, Ester sentiu suas forças renovadas. O afago do tio vinha como um bálsamo, acalentando seu coração fragilizado pela saudade. Joseph ouviu com atenção, enquanto a sobrinha relatava os acontecimentos desde sua chegada ao palácio. Seu humor, sentimentos e anseios a deixava com as emoções à flor da pele,

constatando pela enésima vez que não nascera para a realeza. O tio sorria e meneava a cabeça ante a aflição da moça, rebatendo sempre com uma palavra de ânimo.

— *Eu sei que não deve ser fácil todo esse processo. Mas a consequência do polimento é o brilho e você está sendo polida, preparada para o que está por vir. acredite em mim, seu dia de brilhar chegará e você estará pronta, então, não importa as adversidades que possam aparecer, entre na arena e enfrente o leão.*

— *O senhor fala como se isso fosse tão simples!*

— *A vida é simples, a gente é que complica tudo.*

— *Seria tão mais fácil se nós, seres humanos, não criássemos tantas expectativas com os acontecimentos a nossa volta...*

Joseph ofereceu um olhar paciente.

— *Deus tem um propósito em tudo e Seus planos não podem ser confundidos. Ele é muito organizado e detalhista. Como eu disse, somos nós que bagunçamos tudo.*

— *Mas, tio, se é a vontade dEle eu e o Alexander ficarmos juntos, por que não consigo sentir nada além de uma profunda amizade por ele e ele por mim? — Era nisso que ela acreditava, que os laços que os ligavam eram apenas fraternais, como ele dissera.*

Joseph sorriu, do jeito que sempre fazia quando estava prestes a dizer algo sábio e que ela sem dúvidas se sentiria boba depois.

— *Às vezes, meu bem, o amor não é tão espetacular quanto fogos de artifício. Ele pode ser suave como uma pluma, tão imperceptível como uma brisa amena em um deserto quente e seco. Mas acredite, até mesmo em sua versão mais branda, é o mais poderoso dos sentimentos.*

Suas palavras queimaram no coração de Ester até a hora que ela se despediu do tio. Joseph a abraçou pela última vez e, novamente, proferiu a mesma bênção de quando ela estava preste a partir para o palácio:

— *Que o Senhor te abençoe e te guarde. Que o Senhor sobre ti levante o rosto e te dê a paz. E que você sempre ame a Jesus em primeiro lugar, acima de tudo^[14].*

Da porta de entrada do palácio, Ester observou o carro que levava o seu tio se afastar, porém, grata pelas horas que, graças a Alexander, pôde passar ao lado daquele homem tão importante em sua vida. Seu coração palpitava ao recordar das palavras de Joseph:

“Às vezes, o amor não é tão espetacular quanto fogos de artifícios...”

Se isso era verdade, era provável que os sentimentos por Alexander estivessem além da amizade. Talvez, aquilo que ardia em seu interior quando pensava nele fosse mesmo amor, e era de uma forma nada fraternal, como ele confessara amar ela.

“Eu amo o Alex?”

O pensamento ecoou em sua cabeça, depois no coração. O corpo se aqueceu, o estômago apertou e ela ficou sem ar por alguns segundos. Um suspiro trêmulo escapou de um cantinho do seu interior e devagar, o sentimento foi se assentando delicadamente em seu âmago.



Ester analisou pela última vez sua imagem refletida no espelho, sob os olhares atentos de um John calado e magoado. As mãos da moça tremiam e o mesmo pensamento de horas antes a perturbava. Por mais que quisesse conversar com John e acertar as coisas entre eles, naquele momento, não conseguia concentrar sua atenção em outra coisa que não fosse os seus conturbados sentimentos.

Às sete horas, como combinado, Alexander bateu na porta de seu quarto. O coração de Ester deu um salto no peito ao vê-lo à sua espera, trajando um *smoking* completo. Os cabelos penteados para trás destacavam seus olhos claros, os quais pareciam querer lhe contar algum segredo.

— Estrelinha. — Ele se aproximou e deixou um beijo suave em seus dedos.

Ester não esperava por aquilo. Ela prendeu a respiração e engoliu em seco, ante ao toque dos lábios do príncipe em contato com sua pele.

— Alex. — Ela sorriu em uma vã tentativa de mandar para longe o tremor que agora se alastrava por todo o seu corpo.

— Você está linda — ele a elogiou, enquanto seguiam pelo corredor na direção oposta a que Ester estava acostumada a trafegar.

— Você também está muito elegante.

Alexander sorriu em agradecimento, conduzindo-a à enorme escada que dividia a área comum do palácio da ala restrita à família real.

— Aonde vamos?

— Tem um lugar no terraço que é o local perfeito para um jantar de aniversário.

Ester encarou os degraus à medida que subiam.

“*Por que ele tinha que ser tão romântico?*”

Quanto mais alto iam, mais seu estômago e seu coração se apertavam, tornando difícil de suportar. Ela partiria mais cedo ou mais tarde, não deveria estar se envolvendo tanto. Sem falar que ainda tinha a pequena verdade sobre sua origem omitida a Alexander. Sem dúvida alguma, o grande príncipe de Galav a repudiaria quando a verdade viesse à tona.

— Você está bem? — Alexander perguntou, diante do silêncio e de como ela havia ficado tensa de repente.

— Sim. — Ester sorriu, mas sua vontade era chorar ante a sua cruel situação.

No entanto, como se nada daquilo importasse, Ester procurou se recompor. Era seu aniversário, pensou, e ela podia fantasiar uma vida sem nenhum daqueles dilemas. Deixaria ser a garota apaixonada pelo príncipe e permitiria imaginar que ele também fosse por ela. Eles jantariam, tendo as estrelas como testemunhas e no outro dia, voltaria a se preocupar com a realidade. Aquela em que, sem dúvidas, continuaria apaixonada por ele, mas o sentimento seria totalmente platônico.

— Aproveitou bem o dia com seu tio? — Alexander a puxou de dentro de seu *faz de conta*.

— Sim. — Ela relaxou a musculatura rígida dos ombros. — Foi revigorante vê-lo novamente.

— Achei mesmo que você fosse gostar.

— Eu amei. Você foi muito gentil ao fazer isso por mim. Obrigada, mais uma vez.

— Não foi nada.

Eles já transitavam pelo andar restrito há algum tempo, mas Ester mal percebeu até que chegaram ao terraço. O lugar parecia ter saído de uma revista, daquelas que costumava ler em seu intervalo na *Brook*. Um jardim tomava conta da maior parte do espaço, com plantas e flores, muitas das quais Ester nunca vira em sua vida. Um pergolado coberto de jasmim

decorava todo o lado direito. Sob ele, poltronas e almofadas convidativas para passar um dia preguiçoso na companhia de um bom livro. Uma mesa estava posta mais adiante. Ester ficou deslumbrada perante tanta perfeição e frustrada ao lembrar que no dia seguinte, tudo aquilo seria apenas uma recordação dolorosa.

Alexander a conduziu até o parapeito para mostrar a vista. De lá, era possível ver o mar no horizonte. As estrelas brilhavam com mais intensidade naquela noite, e a Lua era um presente à parte. As dez províncias ao longe circulavam o palácio, como se fossem um tentáculo da parte principal onde ela se encontrava. O príncipe apresentou cada uma delas, dizendo seus nomes e particularidades. Eles deram a volta completa, mirando as luzes a perder de vista, até que chegaram próximo à mesa onde jantariam.

— O que achou? — perguntou Alexander com expectativa.

— Esse lugar é incrível! Tenho a sensação de que se eu erguer a mão, posso tocar as estrelas. E poder ver todo o reino é maravilhoso. Eu não fazia ideia como Galav era tão extensa.

O príncipe puxou a cadeira para ela se sentar e em seguida deu sinal para o *chef* servi-los.

— Incrível mesmo é ver uma chuva de meteoros aqui do alto — comentou ele, olhando para o céu.

— Chuva de meteoros?

— Acontece a cada vinte anos. Eu tinha seis anos quando vi uma pela primeira vez e a próxima está prevista para algumas semanas após o baile.

— Eu nunca vi uma chuva de meteoros.

— É magnífico! — disse ele empolgado. — Podemos ver juntos se quiser.

Ela poderia abrir mais uma exceção no dia da tal chuva de meteoros, mas seria só mais esse encontro, prometeu a si mesma, depois disso, começaria seu processo de afastamento.

— Eu adoraria.

— Diz a lenda que coisas mágicas acontecem durante a chuva e qualquer pedido se torna realidade. — Os olhos do príncipe brilharam sob a luz tremulante das velas sobre a mesa.

— E você acredita nisso?

— Na verdade, não. — Ele balançou a cabeça ainda sorrindo. — Mas lembro de ter desejado um amigo na época. Semanas depois, um casal foi contratado para trabalhar aqui no palácio e eles tinham um filho da minha idade. Felipe foi meu melhor amigo por anos.

— E onde ele está agora?

Durante o jantar, Alexander contou sobre a amizade com o tal garoto e as peraltices que fizeram juntos até Felipe, aos dezoito anos, se alistar no exército de Galav. Eles nunca mais se viram.

Foi bom ficar imaginando o príncipe em sua infância e adolescência. Assim, o foco sobre seus sentimentos era esquecido e tudo realmente pareceria mais com um jantar entre amigos e menos com um encontro romântico. Porém, a *friendzone* durou pouco. Após a refeição, Alexander disse ter outra surpresa. Cheio de mistério, conduziu Ester até uma enorme porta corrediça localizada no mesmo andar.

Alexander deu dois toques na porta e um empregado a abriu pelo lado de dentro, de imediato.

— Bem-vindo, Alteza — um senhor de cabelos grisalhos os cumprimentou. — Senhorita. — Meneou a cabeça para Ester. — O lugar estava escuro, impedindo-a de ver do que se tratava. — Está tudo como o senhor solicitou. Caso precise de algo mais, estarei à disposição.

— Obrigado, Tom, mas pode se recolher.

— Obrigado, senhor. Tenham uma excelente noite.

O homem saiu e Ester percebeu estarem apenas Alexander e ela naquele lugar escuro e frio. Ela havia visto o último guarda há uma distância considerável de onde estavam agora, fazendo-a se sentir desconfortável.

— Que lugar é esse, estamos sozinhos aqui?

— Seria melhor se tivesse um guarda aqui conosco? Posso chamar.

— Vou me sentir mais segura. — Ela brincou e Alexander olhou para ela com falsa indignação. — Quem me garante que aí dentro não é um calabouço ou outra coisa parecida?

— O calabouço fica no subterrâneo do palácio — rebateu, divertindo-se.

Com um comando de voz, Alexander ordenou que as luzes fossem acesas, revelando várias poltronas estofadas em frente a enorme tela de led presa a parede da confortável sala. No canto, uma mesa com pipoca e uma infinidade de guloseimas esperavam por eles.

— Não é como um cinema de verdade, mas é bem parecido. Pelo menos foi o que me disseram. — Alexander deu de ombros, encarando-a. — Eu também nunca tive a oportunidade de estar em um.

A paixonite de Ester aumentou, a ponto de extrapolar o nível estabelecido em sua cabeça.

— Você se lembrou... — Ela não queria, mas sua voz embargou ao tentar falar.

— Estou sempre atento ao que você diz, Ester. — Ambos se encararam por alguns segundos, antes de o príncipe limpar a garganta e se afastar até a mesa de comida. Ester sorriu ao vê-lo se aproximar com um *cupcake* sustentando uma vela em formato de estrela. — Não vou cantar porque sou desafinado e estragaria o momento. — Ester continuou a sorrir, incapaz de controlar a felicidade que tomava conta de cada parte de seu coração. — Faça um desejo e apague a vela.

O sorriso foi sumindo aos poucos dos lábios de Ester enquanto ela encarava o *cupcake* em suas mãos. O que ela realmente gostaria de desejar era impossível de se realizar! Mas era seu aniversário, não era? Era o dia de sonhar com algo fora de cogitação. Aliás, fora o que fizera em todos os seus aniversários. Certa vez, quis ter um unicórnio. Desejou poder voar e ter superpoderes. Depois disso, fantasiou um sonho mais louco que o outro. Por fim, desejou viajar no tempo, assim nunca permitiria que os seus pais morressem, e essa utopia durou vários aniversários, até ser grande o suficiente para saber que eles nunca mais voltariam.

Antes da vela apagar por conta própria, Ester fechou os olhos e desejou com todas as suas forças ser amada por Alexander. Tanto quanto ela sabia que o amava agora. Abriu os olhos e riu dela mesmo.

“*Que viagem!*”

Quando voltou a olhar para Alexander, ele a encarava, não sorria e seus olhos pareciam ter um tom mais escuro e profundo.

— Você tem razão. Não podemos ficar aqui sozinhos — ele disse com a voz tão grave, que era quase possível sentir o pequeno cinema vibrar.

Escoltados por dois guardas, Alexander e Ester iniciaram o filme. Mas a concentração de ambos estava bem longe do que a tela exibia. Com o tempo, tudo começou ficar longe, as imagens, as vozes do longa-metragem e os sons dos guardas comendo a pipoca que Ester fez questão que eles aceitassem.



— Ester, acorda, precisamos ir. — A voz de Alexander soou longe, interrompendo o sono da moça. Ela resmungou, aconchegando a cabeça em algo que mais parecia uma pedra. — Dormimos aqui — sussurrou próximo ao seu ouvido.

Ester despertou de repente, ao sentir o hálito quente dele tocar sua face, percebendo que a pedra, na verdade, era o ombro do príncipe.

— Como assim? — Ela deu um pulo da poltrona, avistando os dois guardas em pé, próximos à porta.

— Passamos a noite aqui. Já são oito horas da manhã, meu pai deve estar louco atrás de mim. — Alexander esfregou o rosto e tentou arrumar o cabelo, mas só piorou o estado em que ele se encontrava.

— Oito horas? Ai, meu Deus, a Giovanna vai me matar! — Fuzilando os guardas com os olhos, acrescentou: — Por que vocês não nos acordaram?

— Eles não tinham permissão para nos incomodar — o príncipe respondeu.

— Mas a gente dormiu! Não poderíamos ter dormido! Aqui! Eu! Você!

Tentando controlar a respiração, Ester avistou suas sandálias jogadas embaixo da poltrona. Quando é que havia tirado? Pegou o par de salto para colocá-los, mas estava tão apavorada, que não serviu em seus pés.

— Não dá tempo de pôr a sandália. — Alexander pegou o calçado do chão e a puxou pela mão.

— Dei pipoca para vocês! Poderiam ter retribuído a gentileza! — choramingou ela, encarando os guardas ao passar por eles. — Não acredito que fizemos isso! Como foi possível?

— Eu estava exausto da viagem e você teve um dia bem cheio com seu tio. — Alexander conferiu os dois lados do corredor antes de sair pela porta, certificando-se que não haveria ninguém por ali.

— Isso não está certo! Que vergonha! Como vamos explicar esse deslize?

— A gente se casa e fica tudo certo. — Ester fincou os pés no piso acarpetado do corredor e o príncipe voltou para ela. — Estou brincando!

O príncipe riu alto da expressão de espanto dela.

— Não é hora de brincadeiras, Alex!

“Isso que dá ficar sonhando acordada!”, se advertiu. *“Agora estou em apuros e tudo por querer brincar de ser princesa.”*

— Vem, eu conheço um atalho, mas vamos ter que correr. — Alexander apertou o passo, puxando Ester pela mão outra vez. — Você consegue?

— Claro que consigo correr! Não sou nenhuma boneca de porcelana — rebateu ela, irritada.

Era tudo culpa dele! Eles não deveriam ter dormido. Giovanna com certeza estaria louca a sua procura e certamente a mataria quando se encontrassem.

— Seu humor não é dos melhores pela manhã, não é?

Alexander, que seguia alguns passos à frente, olhou por cima dos ombros com as vistas semicerradas. Ester o encarou de volta sem muita paciência. A paixonite da noite anterior parecia ter evaporado como fumaça.

Os dois correram de mãos dadas pelo longo corredor do andar restrito e desceram as escadas, entrando na área comum do palácio. Sempre que precisavam mudar de corredor, Alexander verificava se não vinha alguém. Em dado momento, pararam para recuperar o fôlego atrás de uma parede.

— Tivemos sorte, pois está na hora da troca dos turnos dos guardas. Mas, a partir de agora, será mais difícil passar despercebido — Alexander informou. — Se conseguirmos chegar até a próxima ala sem sermos vistos, estamos salvos. Vou para o meu escritório e você pode seguir para o seu quarto. — O príncipe terminou a frase com um sotaque engraçado.

— Por que parece que você está se divertindo com tudo isso?

— Você não está? — ele repetiu o sotaque.

Antes que Ester pudesse responder à provocação, Alexander a puxou pela mão novamente, voltando a correr. No entanto, assim que dobraram o último corredor, deram de frente com Giovanna e as outras garotas indo para o salão de baile. Por instinto, ambos deram meia volta, mas já era tarde demais.

— Fiquem onde estão, agora! — Giovanna esbravejou, marchando até eles.

Ester e Alexander se entreolharam ainda com as mãos unidas, virando lentamente para encarar a mulher furiosa. Ambos estavam ofegantes, com as roupas amassadas, cabelos desalinhados, e como se não bastasse, a moça estava descalça.

Giovanna encarou os dois jovens e passou os olhos pelo estado deplorável deles até parar nas mãos dadas e depois no calçado de Ester que Alexander trazia.

— Não é nada do que você está pensando — Alexander respondeu, lendo as indagações no semblante da mulher.

— Você, Alteza, se explique com seu pai. Ele está quase tendo um ataque com seu sumiço. E você, Ester, recomponha-se e junte-se as outras garotas imediatamente. Temos um dia cheio pela frente. — Giovanna falava devagar, mas era possível notar como ela estava se controlando para não esbravejar.

— Sim, senhora. — Ester soltou a mão do príncipe e juntou os cabelos em um coque, passando para o lado de Giovanna.

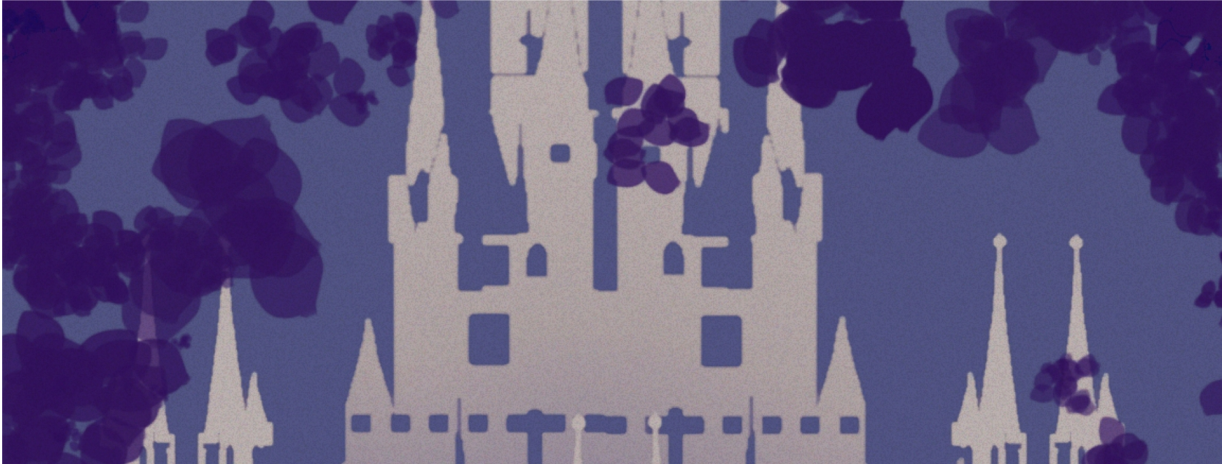
Alexander não parecia constrangido com toda a situação. Diferente de Ester, que desejava um buraco bem grande no chão para ela se esconder. Ele se despediu com um aceno de cabeça e partiu.

— Alteza — Giovanna o chamou, impedindo-o de seguir seu caminho —, as sandálias da moça. — Indicou o calçado com um floreio de mãos.

Alexander olhou para os sapatos e sorriu. Ao levantar os olhos, tinha algo divertido em sua expressão. Ester congelou quando ele andou até ela e ajoelhou para calçá-la, sob os olhares espantados das outras garotas.

— Serviu! — brincou ele, arrancando risos forçados de todas, que até aquele momento, só os observava com desgosto.

Ele se levantou e piscou para Ester, antes de virar e desaparecer apressado ao dobrar o corredor.



Capítulo 22

Querido futuro marido,

Certa vez ouvi em uma canção que, assim como as estações, a vida tem ciclos. Os melhores dias são como memórias antigas de um verão regado de risadas, de aventuras e de calor. Mas, depois do verão, vem o outono. As folhas caem, as circunstâncias mudam. E o inverno é tão traiçoeiro que é quase impossível notar quando de fato começa e quando termina. Os dias são escuros, mais curtos. Parecem saber que se fossem longos derrubariam até os mais valentes entre nós. As estações nos dão a oportunidade de redescobrirmos o significado do que é paciência. Nos levam à reflexão, e à esperança de uma nova primavera^[15].

*Sua futura esposa, sempre esperando,
Hadassa.*

Enquanto batia a ponta da caneta sobre a mesa, Alexander tentava se concentrar na leitura do documento a sua frente. Já havia lido e feito anotações em dezenas iguais àquela, enquanto centenas de outros aguardavam seu veredicto antes de os passar para o rei.

Porém, sem consentimento, sua mente vagava até a noite anterior e os acontecimentos daquela manhã. Não se lembrava a última vez que havia se sentido tão leve e feliz. Com Ester, ele podia ser apenas o Alex, nada mais. E isso o agradava além do que imaginou ser possível.

Talvez tenha sido por esse motivo, e o fato de ter relaxado tanto, que acabaram adormecendo no cinema. Em seu íntimo, sabia que, na realidade, ele queria que aquela noite nunca mais acabasse, permitindo-se ficar ao lado dela enquanto ainda podia.

Alexander virou a página do documento e leu mais algumas linhas. No entanto, seus devaneios lhe puxaram de volta. Por que estava fazendo aquilo consigo mesmo? Estava ciente que não deveria e sabia disso antes mesmo de ela vir para o palácio. Ewan nunca o perdoaria e ele não pretendia entrar em uma guerra com o melhor amigo, mas estava cada vez mais difícil controlar o coração. Entendia agora, mais do que nunca, as sábias palavras de Jeremias ao alertar quão corrupto é esse órgão vital.

A amizade com Ewan Marshall era valiosa demais para o príncipe. Desde que o conheceu na faculdade, o rapaz havia provado ser um amigo fiel. Não se importava com sua posição e não era bajulador. Pelo contrário, sempre o tratou como um universitário comum, dando total liberdade para ser ele mesmo. Apesar de Ewan não possuir um único neurônio no lugar, demonstrou ter um coração enorme, não apenas porque a cada semana estava apaixonado por uma garota diferente, mas porque sua lealdade e companheirismo eram inigualáveis.

Por essas e outras razões, Alexander não poderia se permitir nem sonhar com Ester. O que estava ficando cada vez mais difícil. Assim como Ewan, a moça despertava o melhor dele. Sentia-se tão livre, que era como se seu coração tivesse asas, fazendo-o agir por impulso, sem pensar com clareza quando estava em sua presença e se arrependendo logo em seguida.

Não, ele não estava apaixonado por Ester. Mas, se fosse possível medir o amor pelo quanto uma pessoa se importava, então, na verdade, ele a amava profundamente. Como se não bastassem seus próprios sentimentos, ainda tinham os dela que nunca poderia demonstrar serem correspondidos.

O príncipe mordeu a tampa da caneta, aflito. Por que Ester tinha que ser a mulher piedosa que ele sempre idealizou como esposa? Isso não ajudava em nada sua tarefa de mantê-la longe. Até o seu terrível humor pela manhã a deixava fascinante. Alexander sorriu ao se lembrar como ela ficara tão nervosa por passarem a noite no cinema. Seu lado garoto aflorou e,

quando percebeu, já estava provocando sem se dar conta, se divertindo às custas dela.

Largou o documento e a caneta, e esfregou o rosto com as mãos.

“E o que foi aquilo de colocar as sandálias em seus pés? Eu definitivamente não estava pensando com clareza. Era só juntar dois mais dois e pronto. Decifriariam meus sentimentos!”

Alexander respirou fundo algumas vezes e procurou pensar com clareza a fim de recuperar a sanidade. Isso precisava parar. Por mais que fosse doloroso, deveria se concentrar nas outras cinco garotas que ainda estavam no palácio. Elas, sim, eram as opções para ele. Não deveria estar perdendo seu tempo com Ester. Ela nunca seria sua. Ao se lembrar disso, sentiu uma dor aguda na alma, como se o próprio Senhor estivesse espetando agulhas em sua consciência.

Relutante, e sem um pinga de entusiasmo, voltou ao trabalho. Ainda tentava se concentrar na leitura quando duas batidas leves soaram na porta antes de Ester colocar metade do corpo entre a abertura.

— Mandou me chamar, Alteza?

Ela não sorriu como de costume e seu semblante estava abatido.

— Sim. — Alexander abandonou o documento para lhe dar atenção. — Entre, por favor.

Ester caminhou até a poltrona posicionada do lado oposto da escrivaninha do príncipe e sem qualquer cerimônia desabou sobre ela. Seu cabelo sustentava um coque malfeito com vários fios soltos cobrindo as laterais de seu rosto sem maquiagem, mas, mesmo assim, sua presença encheu a sala, fazendo Alexander engolir em seco.

Ele a sondou por alguns instantes, em busca de qualquer indício da moça da noite anterior, que parecia apaixonada por ele, ou isso fora fruto da sua imaginação? Não encontrou nenhum vestígio. Ester permaneceu lá, imóvel, com a cabeça apoiada no encosto da poltrona, encarando o teto.

— Você está bem? — o príncipe perguntou ao vê-la massagear as têmporas e fechar os olhos.

— Se não se importar, vou tirar meu calçado. Meus pés estão me matando!

Alexander riu com a espontaneidade dela.

— Fique à vontade.

— Obrigada! — Mais do que depressa, ela se livrou das sandálias e deslizou os pés sobre o carpete macio enquanto apoiava a cabeça outra vez.

— Dia difícil?

Ester grunhiu.

— Terrível!

— Imaginei que seria.

— Essa é a primeira vez no dia que consigo me sentar. Eu mal tive tempo de almoçar e nem pude tomar um banho. Ainda estou com o vestido de ontem à noite e essas malditas sandálias estão acabando com meus pés. Minha cabeça e cada parte do meu corpo doem por pernoitar em uma poltrona.

Alexander se compadeceu. Queria providenciar naquele mesmo instante algo para aliviar seu cansaço. Mais do que isso, queria ele mesmo ir até lá e massagear os pés da moça. Ao pensar nisso, sentiu como se olhos grandes e santos estivessem focados nele, penetrando sua mente e sua alma, sondando seus pensamentos, motivos e intenções, renegando tudo e gritando em seu ouvido que era um traidor.

— Sinto muito — disse, sem saber se estava se desculpendo com Ester ou com Deus.

Ester se aconchegou na poltrona e apoiou o pescoço de um modo mais confortável.

— Estou tão cansada e sinto que vou adormecer a qualquer momento.

— Não aqui, por favor. Não iriam acreditar em nós se um segundo deslizasse desse acontecesse — o príncipe gracejou.

Ester empertigou a postura, desperta de repente.

— Nem brinque com isso!

Rendendo-se ao lado cômico da situação embaraçosa, Ester sorriu pela primeira vez desde que entrou na sala. Seu sorriso provocou uma descarga de adrenalina em Alexander. Ele mudou de posição, o coração batendo contra a parede do peito. O medo juntou-se à dança das emoções que estavam em seu interior. Centenas de temores inflamaram suas entranhas, e uma náusea forte e rápida veio sobre ele.

— Ficou muito encrencada? — Tentou manter a postura descontraída.

— Giovanna me deu um sermão de quase meia hora e depois me entupiu de afazeres.

— Isso é bem típico dela. — Alexander sabia por experiência própria do que Ester estava falando. — Não te deixei em maus lençóis em

relação às outras garotas, deixei? Elas não me pareceram muito satisfeitas ao ver nosso estado.

Ester suspirou e mordeu o lábio inferior. Era bem verdade que o sermão de Giovanna havia sido difícil de ouvir, mas isso ela já esperava. Surpresa foi a reação de Mary Kelly. A moça, que até aquela manhã era puro amores e compreensão, havia mostrado um lado que Ester odiou conhecer.

Giovanna dividiu as garotas em duplas para que todas as atividades fossem realizadas mais rápido. Como primeira atribuição, Ester e Mary foram escolhidas para cuidarem da disposição dos talheres sobre as centenas de mesas. Mary estava calada, incomum ao seu comportamento sempre alegre e extravagante.

— *Você está bem? — Ester sondou a colega.*

A outra suspirou, e quando olhou para ela, não tinha nenhuma expressão no rosto.

— *Isso foi baixo. Extremamente baixo. — Ester arqueou as sobrancelhas, surpresa com as palavras ásperas da colega. — Não me olhe assim, como se não tivesse noção do que estou falando. — Mary se concentrou em sua tarefa.*

— *Eu não tenho mesmo. — Mary deixou um sorriso de escárnio escapar por entre os lábios e então Ester percebeu do que a outra mulher se referia. — Eu e o Alex não fizemos o que todo mundo está achando. Ele me levou para ver um filme e nós acabamos adormecendo. Foi só isso. Eu juro!*

— *Estão tão íntimos assim? — Agora Mary parecia mesmo irritada. — Alex? Isso é sério, Ester? Porque se for, não sei o que todas nós ainda estamos fazendo aqui.*

— *Não é nada disso, Mary. Nós nos tornamos amigos, só isso. Não tem nada decidido. Se tivesse, tenho certeza de que o príncipe já teria colocado um ponto final nessa coisa toda.*

— *Você não precisa se justificar. — Mary se dirigiu até a outra mesa. — Acho que minha ficha caiu só agora. Isso é uma competição e as outras meninas estão certas em não criar vínculos. É uma grande perda de tempo.*

— *Não diz isso. — Ester a seguiu. — Sua amizade é de grande valia para mim, você deveria saber.*

— *É como o velho ditado: amigos, amigos, amores à parte, não é mesmo? — Ester deixou o ar dos pulmões sair devagar, procurando controlar suas emoções diante de tanta sagacidade. — Sejamos realistas, essa nossa “amizade” não iria muito longe mesmo, todas estamos aqui pelo príncipe. — Sem voltar a encarar Ester, Mary concluiu: — Seja lá o que tínhamos, acaba aqui e agora.*

Ester abriu a boca para respondê-la, mas Mary se afastou, decidida a romper com a única coisa perto de uma amizade que ela conseguiu criar com qualquer outra garota ali presente.

Ester voltou a relaxar sua postura e seus olhos se estreitaram de um modo sério ao olhar para o príncipe.

— Quer queira ou não, estamos em uma competição e o seu coração é o grande troféu final, ninguém está disposto a perder. — Alexander se inclinou um pouco para trás na cadeira e ergueu a sobancelha, concentrado no olhar perdido de Ester enquanto a examinava carregada de emoção. A moça abriu um sorriso tenso, deu de ombros e desviou os olhos para as mãos pousadas no colo. — Se me der licença, gostaria de me recolher agora. Amanhã é o grande baile e eu preciso me recompor. — Levantou-se e pegou as sandálias do chão, recusando-se a recolocar os saltos altos. — Boa noite, Alteza.

O coração do príncipe se encolheu diante da formalidade outrora dispensada. Ela se virou, sem esperar resposta e, assim como quando havia adentrado ao escritório, caminhou lentamente para sair.

— Tem certeza de que está bem, *estrelinha*?

De costas, Ester parou e apertou os olhos. Uma lágrima solitária escapou de seus olhos e ela a limpou antes que fosse notada. Estava mais difícil a cada momento dominar os seus sentimentos, ainda mais quando ele se mostrava tão preocupado com ela, como agora.

— Sim.

— Mentira.

O tom firme na voz de Alexander a fez estremecer. Ela se virou e ele estava de pé com as mãos apoiadas sobre a mesa. A dor refletida no rosto de Ester o deixou arrasado. Sem se conter, o príncipe deu a volta na mesa e se aproximou dela. Seus olhos, que antes parecia abraçar os dele, agora estavam distantes, embaçados num nevoeiro agudo.

Quando ela desviou o olhar, ele compreendeu que já era tarde demais. Ester estava tão envolvida quanto ele. Engoliu em seco, com o coração partindo em mil pedaços e se odiando por permitir que ilusões fossem criadas, defraudando-a sem perceber. Ester sofreria de novo, e a culpa seria toda dele dessa vez.

Alexander estendeu a mão e, com um toque leve, alcançou o queixo dela e levantou seu rosto para que voltasse a olhá-lo.

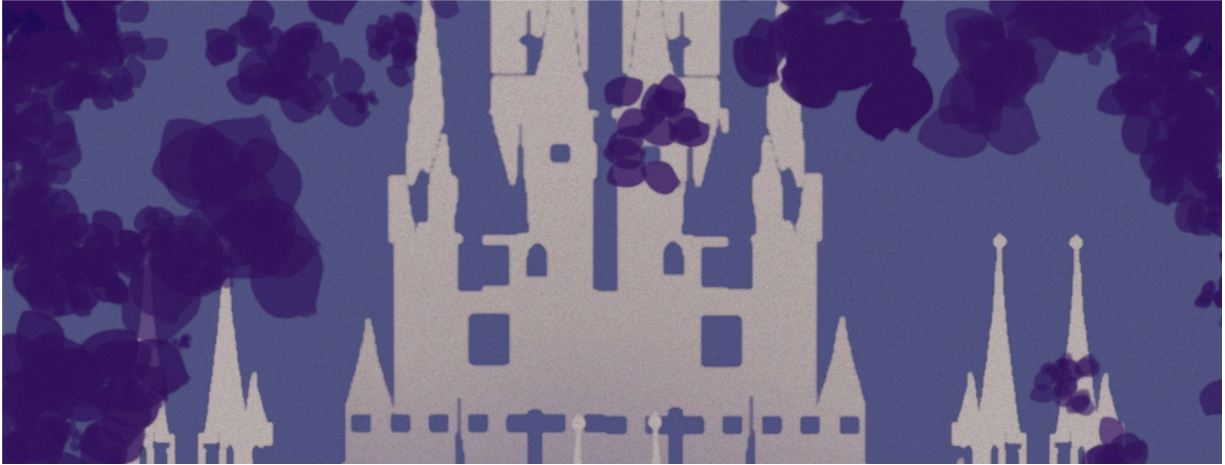
— Perdão por te fazer passar por isso.

Ester forçou um sorriso e tentou controlar o tom de voz.

— Não se preocupe comigo.

Antes dos sentimentos os traírem ainda mais, Ester saiu do escritório e o príncipe voltou para sua mesa. Seu celular pessoal se encontrava sobre a mesa como um grande sinal do que precisava ser feito. Ele encarou o aparelho e depois apertou o ponto entre os dois olhos, ciente do próximo passo. Estava mais do que na hora de acabar com aquela confusão e começar a se concentrar nas demais garotas. Deveria ter feito isso há muito tempo. Com certeza, elas tinham algum atrativo, só necessitavam de um pouco mais de atenção. Mas não conseguiria com Ester ali.

Temendo perder a coragem, discou o número memorizado, aquele que vinha evitando as ligações há dois meses. No segundo toque, ouviu o clique da ligação sendo atendida e a voz impaciente de Ewan ecoou estridente em seus tímpanos.



Capítulo 23

Querido futuro marido,

Não sei por que meu coração dói tanto nesse momento. Porém, me ocorre que pode ser porque o final dos meus dias felizes de primavera e verão estão se aproximando e o outono está batendo à porta para me mostrar a realidade. Então fico a me perguntar incessantemente: por onde andas, meu amado? Por que ainda não estás aqui? O inverno se aproxima outra vez e o meu anseio é o calor de sua presença para eu não congelar em meio às adversidades.

*De sua futura esposa
Hadassa.*

A primeira ação de Ester, quando entrou em seus aposentos, foi dirigir-se ao banheiro para encher a banheira. Seu corpo clamava por um banho quente e relaxante. Cada músculo reclamava por conta do cansaço do dia e da noite mal dormida, porém, todo desconforto não era maior que a dor em seu coração.

Jogou os sais de banho na água e se sentou na borda da banheira, enquanto fitava as pequenas flores azuis no azulejo, buscando se convencer a seguir em frente. Ela havia obtido muito sucesso durante o dia em sua

persistência em não pensar no príncipe e no aniversário maravilhoso proporcionado a ela. Giovanna a manteve tão ocupada, que Alexander fora apenas uma lembrança remota. Contudo, ele a convocou no escritório, como vinha fazendo nas últimas semanas. Ester tentou manter-se distante e se orgulhou por conseguir se sair tão bem. No entanto, quando ele a chamou de estrelinha, o muro bravamente erguido no decorrer do dia, foi ao chão em um baque ruidoso e a determinação escapou de seu coração como o ar de um pneu furado.

Ester se sentia triste, como nunca em sua vida. Sua respiração ainda parecia presa, seus olhos ardiam e algo se quebrava dentro dela. Um mau pressentimento caiu sobre si durante o banho e uma dor terrível tomou conta de seu peito, impedindo-a de respirar com facilidade. Tomada pelo cansaço e frustração, vestiu um de seus roupões felpudos, enrolou uma toalha na cabeça e se deitou na cama, dormindo de imediato.

Quando despertou, o quarto estava escuro. O relógio digital sobre o móvel ao lado da cama indicava que era quase meia noite. Relutante, levantou e se dirigiu para a sacada a fim de pentear os longos cabelos. A noite de primavera estava quente, mas uma brisa serena soprava. Ester fitou o céu em meio a sua tarefa e sussurrou uma oração:

— Senhor, preciso de forças... — Como se não bastasse a enchente de emoções em relação ao príncipe, a maneira como era tratada pelas outras garotas, e agora por Mary, também apertou seu coração. — O que o Senhor tem para mim, meu Deus?

Ester ficou ali por algum tempo até que uma referência bíblica lhe veio à mente. Correu até a cabeceira da cama e pegou sua Bíblia. Voltou para a sacada e a abriu em Romanos capítulo 12.

Ela leu os primeiros versículos e parou na epígrafe do versículo nove: *O Amor*. Fitou-o por alguns instantes, tentando entender o que Deus queria falar com ela.

"O amor deve ser sincero. Odeiem o que é mau; apeguem-se ao que é bom. Dedicuem-se uns aos outros com amor fraternal."

Ester uniu as sobrancelhas e riu desolada. Seria esse um sinal? Alexander já tinha confessado que seus sentimentos eram fraternais. Ela estava sendo boba em achar que seria diferente? Eles tinham feito um trato, não tinham? Divagou ela, melancólica. Eles seriam amigos e nada mais. Isso ficou bem claro mais cedo, quando, obviamente, Alexander percebeu

seus sentimentos em relação a ele e pediu perdão por lhe fazer passar por isso.

Ester estreitou os olhos, forçando-se a se concentrar no que Deus queria dizer e ouvir a voz dEle acima do calor das emoções lutando para ocupar um lugar em seu coração. Foi então que seus olhos pararam no versículo 12 e ela o leu uma, duas, três vezes.

"Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração". O coração se aqueceu ao identificar a mensagem que o Senhor direcionava a ela: *"Seja paciente, querida..."*, um sussurro doce ecoou em seu âmago, firmando seus pés em terra firme.

Ester fechou a Bíblia e foi até o parapeito. Recostou-se ali e orou mais uma vez, sentindo suas inquietações se acalmarem gradativamente. Ainda estava de olhos fechados, quando ouviu uma risada ressoar pelo ar. Ao abri-los, avistou Alexander e Megan caminhando lado a lado pelo jardim abaixo da sacada. A moça riu alto de novo antes de entrelaçar seu braço ao do príncipe e recostar a cabeça no ombro dele.

Ficou observando a cena enquanto o versículo 15 do capítulo que acabara de ler vinha à sua mente: *"Alegrem-se com os que se alegram"*. Ela tentou ficar feliz, mas tudo que sentiu foi seu coração se partindo em dois quando Alexander virou a cabeça e disse algo no ouvido da outra. Megan se afastou e empurrou o ombro dele antes de gargalhar.

Desolada demais para continuar bisbilhotando, Ester voltou para o quarto e se deitou. Demorou horas para pegar no sono e assim que dormiu, teve um sonho horrível: estava no meio de um lago profundo. Havia água por todos os lados. Ela tentava nadar, mas, por mais esforço que fizesse, não conseguia sair do lugar. Sem fôlego e cansada, parou de pelejar, submergindo. Era tão real, que sentia a água em seu rosto à medida que se afogava.

Acordou em um salto, ofegante e tossindo. Já era de manhã e John estava ao lado da sua cama com um jarro na mão, encarando-a espantado.

— Não me olhe assim. Fui obrigado a fazer isso. Você não acordava por nada e estava se debatendo como louca.

Foi só então que ela percebeu estar molhada de verdade.

— Você jogou água em mim? — indagou, desacreditada.

— Sem mi-mi-mi hoje. — John revirou os olhos, entregando o jarro para uma de suas assistentes. — Você tem um dia longo de beleza e o baile para ir.

Ester se deixou cair de volta nos travesseiros sem um pingo de vontade de encarar tanta gente importante. John a puxou pelos pés, arrancando-a da cama.

Emburrada, a moça foi para o banheiro e fez questão de demorar muito lá dentro. Quando saiu, o *personal* estava ainda mais irritado, batendo portas e gavetas no *closet*.

— Não vai me dizer que ainda está chateado comigo.

— Não tem nada a ver com você.

— Então o que é?

John respirou fundo e encarou a jovem.

— O que você vê ao olhar para mim? — Ester piscou várias vezes ante a pergunta inusitada. Ele abriu os braços e girou até ficar de frente para ela outra vez.

Ester limpou a garganta e analisou John dos pés à cabeça. Ele usava uma camiseta preta justa ao corpo e uma calça jeans esfarrapada demais para o seu gosto. Nos pés, seu habitual tênis amarelo.

— Bem, vejo uma pessoa... — ela principiou e John espalmou a mão no ar, interrompendo-a.

— Por que disse *pessoa* e não homem ou rapaz? — Agora sua voz estava aguda e irritada outra vez.

Ester arregalou os olhos e abriu a boca para responder, depois a fechou. Não sabia o que falar.

John grunhiu e de forma dramática, deixou seu corpo cair no *puf* no meio do *closet*.

— O que ele tem? — Ester sussurrou para Hanna passando ao seu lado. A moça deu de ombros e sorriu.

John ficou fitando o teto de gesso, atordoado. Há algumas semanas, uma coisa maravilhosa havia acontecido a ele. Anastácia, a babá da princesa, havia lhe procurado com uma proposta esplêndida. Fazer o vestido de Alexia para o baile de máscara que as pretendentes do príncipe estavam organizando, pois, a responsável pelas vestes precisaria se ausentar de suas funções por algumas semanas.

Os dias seguintes haviam sido magníficos, não só por sua atribuição e como ele ficaria conhecido depois da princesa usar uma de suas criações em uma aparição em público depois de anos evitando os holofotes, mas porque estar na companhia de Anastácia lhe causava um pouco mais de ânimo do que de costume. Porém, naquela manhã, sem querer, havia

presenciado uma conversa da babá com uma funcionária, quando estava prestes a entregar o vestido da princesa.

— O John é lindo, atencioso, um perfeito cavalheiro, mas é *gay*! O que posso fazer?

Ao ouvir tal declaração, não sabia se ficava feliz ou furioso. Feliz por saber que Anastácia o achava atraente, furioso por deduzir que ele jogava no mesmo time dela. Isso, aliás, acontecia com certa frequência devido a sua profissão e seu gosto por moda.

Para fugir um pouco do pré-conceito a seu respeito, comprou uma motocicleta, achando que, assim, pareceria um pouco mais másculo, só que isso não causou tanto efeito. A prova disto, era a conversa que presenciou, magoando-o. Desde sua chegada ao palácio para trabalhar, vinha nutrindo sentimentos por Anastácia e escutar sua opinião sobre ele rompeu suas expectativas.

John suspirou e balançou a cabeça para dissipar o desgosto e o orgulho ferido. Foi quando a voz de Alexia encheu o *closet*.

— Olá, senhorita Sullivan!

A menina trazia um sorriso radiante nos lábios, surpreendendo Ester.

— Princesa, o que faz aqui? — Ester procurou por Anastácia. — Você está sozinha?

— Ah, você está aí, sua fujona. — A babá apareceu ofegante e John saltou do *puf*, pondo-se pé. — Não pode sair sem me avisar, eu já te disse isso mil vezes! — advertiu a garota, que respondeu com uma careta.

John observava a jovem que ainda respirava com dificuldade. Seu rosto estava corado, fazendo suas sardas ficarem ainda mais destacadas no nariz. Ele as achava incrivelmente charmosas e sem perceber, fitou a moça por tempo demais. Anastácia empertigou a postura ao perceber que ele a olhava diferente.

— Eu não sou *gay*, Anastácia! — A frase voou da boca de John, antes mesmo que ele se desse conta.

Os olhos da moça arregalaram em surpresa, ciente que ele ouvira a conversa de mais cedo.

— Não? — Ester perguntou e logo tampou a boca com a mão ao receber um olhar indignado do rapaz.

— Até você, Ester? — John esbravejou, desapontado. — Não! Eu não sou *gay*! — disse mais uma vez para ficar bem claro, de uma vez por

todas, a sua orientação sexual.

— Você não é *gay*? — Hanna, Sayuri e Yumi se materializam no *closet*, pareciam chocadas.

— Não querem um megafone para avisar o palácio todo de uma só vez? — disse John irritado pela proporção que aquilo estava tomando.

Um silêncio sem igual tomou conta do *closet* durante alguns segundos, sem ninguém ter coragem de dizer qualquer coisa para quebrar o constrangimento.

— O que é *gay*? — Alexia perguntou com inocência.

As mulheres se entreolharam antes de começarem a rir. Riram tanto, que lágrimas escorriam pelas bochechas, enquanto John, aborrecido, fitava a todas de braços cruzados. Sem entender nada, Alexia correu para o lado de Ester e agarrou a sua mão.

— Vou me arrumar aqui com você.

Ester assentiu, direcionando sua atenção à princesa.

— Não vai não, Alteza. — Anastácia se abaixou na altura dela e sussurrou: — Esqueceu que vai ser uma surpresa?

— Surpresa? — indagou Ester, curiosa.

— Sei que seu aniversário foi há dois dias e eu queria te dar um presente.

— Amo presentes! Pode me dizer o que é?

A menina tampou a boca e sorriu para John, que mesmo emburrado, retribuiu.

— O que vocês estão aprontando?

— Hora de ir, Alteza.

Anastácia conduziu a princesa para fora do *closet*, sob o olhar intrigado de Ester, não apenas pelo misterioso presente, mas porque Alexia parecia diferente, mais comunicativa e extrovertida com a babá.

Ao pensar um pouco, percebeu que não havia visto o doutor Charles desde o dia do chá no jardim. O que explicaria a mudança de atitude da menina, já que ficava evidente que ela não sentia simpatia por ele.

— Chega de enrolação. — John interrompeu seus devaneios. — Você já está muito atrasada nos preparativos.

Nas horas seguintes, John e sua equipe se empenharam em aprontá-la para o baile. Surpreendendo os quatro profissionais, Ester solicitou que fizesse um corte curto em seu cabelo, o suficiente para mudar

o seu visual. Yumi assumiu a função, deixando as madeixas em forma de cascata poucos centímetros abaixo dos ombros.

Ester tentou não pensar em Alexander durante todo processo de preparação e no que aconteceria ao vê-lo naquela noite. Mas ele estava constantemente em sua cabeça; quando fechava os olhos, o rosto dele lhe vinha à memória lembrando-a de como era lindo e gentil. Para piorar, a imagem dele e de Megan no jardim não a abandonava. Ela odiava admitir para si mesma, mas estava se corroendo de ciúmes.

Em certo momento, John desapareceu, dizendo que também precisava se arrumar para o baile, deixando-a aos cuidados das três ajudantes. A confusão de mais cedo lhe veio à mente e ela se sentiu desconfortável, estranhando pela primeira vez ter um homem sempre tão perto dela, cuidando de coisas íntimas, como suas roupas e aparência. Porém, John nunca ficara sozinho em seus aposentos. Hanna, Yumi e Sayuri sempre estavam por perto e as obrigações mais particulares, as meninas executavam sozinhas. A verdade era que ela tinha John como um irmão. Via que os cuidados dele para com ela também seguiam por essa mesma linha. Havia provas suficientes quanto a isso, como no dia em que adoeceu.

Apenas quando já estava pronta, foi que John voltou para o quarto. Ele trajava um *smoking* preto, camisa branca e sua gravata borboleta era rosê, pensado para combinar com o vestido que ele havia feito para ela.

— Uau — disse ele com um assovio, ao vê-la. — Sem dúvida, você será a mais bela do baile! — Ester sentiu as bochechas corarem, o que era novidade diante dos elogios vindo de John. Ele notou sua reação e revirou os olhos. — Pode ir parando com isso! — a advertiu. — Ainda sou eu, Ester. O cara estressado, lembra?

— Eu sei, mas é estranho ter um *homem* me elogiando.

— Se você preferir, eu não elogio mais. — Ele deu um sorriso torto. — Pensando bem, você está horrorosa.

Ester riu alto, empurrando-o.

— O que você tem aí? — ela quis saber, apontando para uma caixa que ele trazia em suas mãos.

— O toque final. — Retirou a máscara em formato de borboleta para ela. — Espero que goste. Tomei a liberdade de escolher sozinho.

— Eu amei, John.

— Achei que combinaria com você. — Ester posicionou a máscara em seu rosto e se virou para que John pudesse fazer o laço na fita de cetim.

— Acho fascinante todo o processo para uma lagarta se tornar borboleta. Como diz um antigo provérbio: “*A lagarta que teme a metamorfose, jamais plainará como uma borboleta leve no azul do ar.*”^[16]

Ester sorriu, identificando a alfinetada em relação ao medo dela em se tornar rainha um dia. Ficaram um ao lado do outro analisando sua imagem no espelho de corpo inteiro. O vestido rendado dela caía justo ao seu corpo até certa altura, quando se abria em uma calda, como se fosse uma sereia. O novo cabelo estava solto e cheio de cachos minuciosamente elaborados pelas garotas. John ofereceu o braço e juntos, seguiram rumo ao salão. O estilista estava muito animado por poder participar do baile ao lado de Ester, fazendo a moça rir o tempo todo.

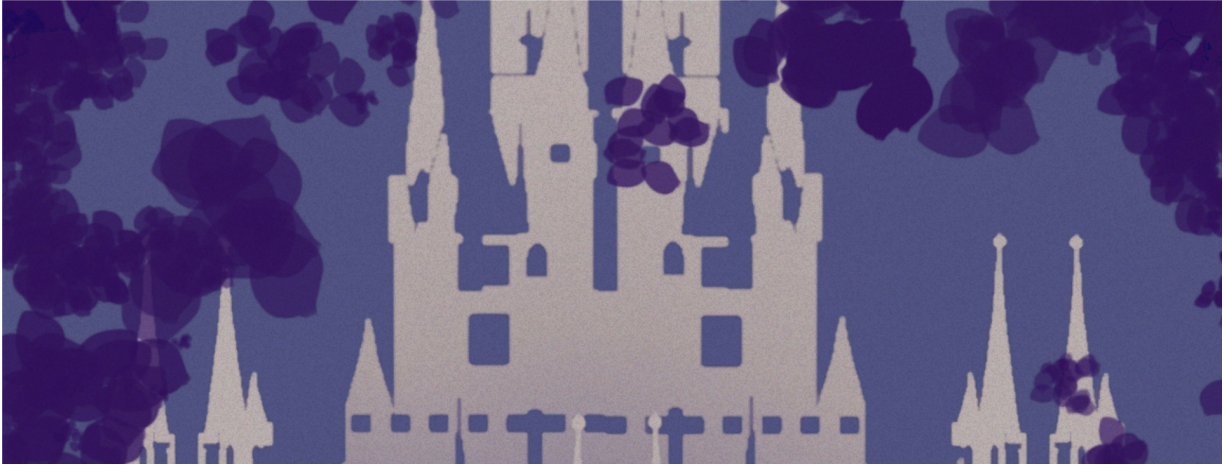
— Estou falando sério, Ester. Você me deve isso. É seu dever me apresentar para pessoas importantes e deixar claro que fui eu quem fez o seu vestido, já que não desistirá daquela ideia descabida que me deixará desempregado mais cedo ou mais tarde.

— No que depender de mim, todos saberão quão talentoso você é.

Dobraram o corredor do salão de festa do palácio. Uma multidão já transitava pelo local em seus trajes de galas e máscaras. Agora que todas as luzes estavam acesas, o brilho das paredes dava uma cor irreal ao ambiente, transportando-a para os enredos que tanto amava ler nos livros de contos de fadas.

— Ester? — Uma voz conhecida sobressaiu entre as conversas animadas que enchia o corredor.

Os pés da moça vacilaram um passo quando ela se virou e avistou Ewan sorridente, caminhando em sua direção.



Capítulo 24

Querido futuro marido,

Houve um momento em minha vida que decidi não criar expectativas em coisas, sonhos ou pessoas, e falhei miseravelmente. Tentei criar uma barreira a minha volta, compelida a impedir que a decepção chegasse até mim, afinal, pensava eu, a decepção é o triste fim de um conto de fadas cheio de expectativas. Quando se passa por tantos conflitos durante sua existência, tudo que se procura é paz e tranquilidade. No entanto, a vida não é realmente vivida sem tais percalços no meio do caminho, pois sem eles, não há aprendizado algum; sem eles, quais experiências terá para contar a próxima geração? Espero, do fundo do meu coração, que mesmo o caminho sendo tortuoso, ao término desta caminhada, ele me leve até você.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

À medida que Ewan se aproximava, tudo ao redor de Ester ficou em câmera lenta. *O que ele fazia ali? E por que sorria tanto?* Naquele

momento, ela só conseguia lembrar da última vez em que se viram. Ewan estava furioso com ela. Havia feito acusações sobre seu caráter, imputações, essas, que ainda doíam em seus ouvidos ao recordar.

Ewan parou de frente para ela e o perfume dele a alcançou. Ester engoliu em seco, com as paredes de seu orgulho balançando a ponto de quase cederem. O rapaz pareceu analisar cada detalhe de Ester, como se tivesse esquecido como ela era e precisasse refazer cada contorno da fisionomia em sua memória antes de cumprimentá-la.

Em meio ao estupor, a moça avistou Alexander a alguns metros atrás de Ewan, saindo de uma das salas próximas de onde se encontravam. No momento em que o campo de visão deles se cruzou, o príncipe abaixou o olhar e saiu na direção oposta. Atordoada, Ester voltou a encarar Ewan, tentando entender o que estava acontecendo.

— Podemos conversar por um instante? — Ewan pediu, olhando de relance para John ao lado dela.

Ester apertou o braço do acompanhante e lhe lançou um olhar suplicante. O estilista observou os sinais que o corpo dela emitia desde que avistou o homem e identificou o gesto como um pedido de socorro.

— Perdão, cavalheiro, mas preciso levar a senhorita Sullivan até a sala de espera das *pretendentes do príncipe*. Se ela não chegar lá nesse exato momento, Giovanna irá nos decapitar na primeira oportunidade.

Um suspiro de frustração passou pelos lábios de Ewan quando ele acenou positivamente, antes de John guiar a moça para longe, se despedindo com um meneio de cabeça.

Ester sentia dificuldades para respirar ao entrar na antessala do salão onde aconteceria o baile, lugar que aguardaria ser anunciada, e ficou aliviada por serem os primeiros a chegarem ali. Ela soltou o braço de John e começou a andar em círculo, amassando a saia do vestido com as mãos.

— Pode ir falando, senhorita — John cruzou os braços e indagou quase explodindo de curiosidade. — De onde você e Ewan Marshall se conhecem?

Ester parou de andar e o encarou, surpresa.

— Como você sabe quem é ele?

John fez uma expressão exagerada de espanto.

— Em que mundo você vivia antes de vir para o palácio? Todos em Galav sabem. Ewan Marshall é o melhor amigo do príncipe. — Ainda mais atordoada, Ester deixou o corpo cair na poltrona mais próxima após

ouvir a revelação. — Eles se conheceram na faculdade e, desde então, não se desgrudaram mais — John continuou a falar tudo que sabia a respeito da amizade dos dois. — Quando o príncipe completou vinte e um anos e precisou assumir suas atribuições oficiais ao lado do pai, os dois saíram em uma turnê em nome do palácio e depois disso, Ewan se tornou como um membro da família real. Ele está sempre presente em todos os eventos e segundo alguns tabloides, é frequentador assíduo da casa nas montanhas da família real.

A moça arrancou a máscara e recostou a cabeça na poltrona, enquanto sua cabeça girava ao tentar digerir as informações. Será que eles estavam brincando com ela? Enquanto tentava se recompor, John tirou o telefone do bolso e começou a digitar freneticamente. Após alguns segundos, colocou o aparelho ao lado do rosto dela e alternou o olhar entre ela e o que via ali. Deu um pulo para trás, assustando-a.

— Não acredito! — Ele voltou a olhar o telefone. — Não pode ser! — exclamou exagerado como sempre. — Eu sempre tive a impressão de que a conhecia de algum lugar. Você é a moça que andaram especulando ter um romance com o amigo do príncipe meses atrás.

Ester arrancou o celular da mão de John para ver do que ele estava falando. Sua foto ao lado de Ewan no jantar de noivado da afilhada da senhora Robin, cliente da *Brook*, parecia ter sido tirada há séculos.

— Eu não era sua namorada, se é isso que você quer saber. Trabalhei para o Ewan. Começamos a nos envolver, mas não foi longe. — Ela respirou fundo, procurando se acalmar um pouco mais. — Ewan não aceitou muito bem. Depois, descobri que meu tio tinha me inscrito, sem meu consentimento, para vir para o palácio e ele ficou furioso. — Ester exalou um longo suspiro, à medida que todo aquele sentimento pungente agitava o seu coração. — Por fim, decidi vir para o palácio mesmo aos pedaços. Foi um processo de cura muito doloroso e agora que eu pensava estar superando, ele reaparece e essa bomba de revelações caem sobre mim. Eu nunca fui de acompanhar tabloides e revistas, por isso não tinha ideia que eles se conheciam.

Novamente, Ester precisou usar muito bem as palavras para não evidenciar que não pertencia àquele país até alguns meses atrás. John pareceu se convencer com sua resposta.

— Você ainda gosta do Ewan? É por isso que me disse que não vai se casar com o Alexander?

Ester esboçou um dar de ombro indiferente.

— Não o amo, caso seja esse o seu questionamento. — Ela levou a mão até o coração. — Mas algo se agitou aqui dentro quando o vi depois de tanto tempo.

— É natural, tendo em vista o que viveram. — John tentou ser complacente.

— Se ele e o Alexander são melhores amigos, então o príncipe sabia quem sou desde o início. O que não entendo é porque ele nunca disse nada e o que eu ainda estou fazendo aqui. Estão planejando me humilhar?

Algo se quebrava lentamente dentro dela, temia que a amizade que eles haviam compartilhado não passasse de uma farsa.

— Não parece ser do feitio do príncipe uma coisa dessas. — John pensou por um instante. — Ou talvez ele tenha se apaixonado por você. Aquela coisa de amor à primeira vista e está passando a perna no amigo te mantendo aqui no palácio. Ewan veio para tirar satisfação porque ficou furioso com a atitude do amigo. Aposto que rolou uma pancadaria.

John viajou em suas suposições e Ester o olhou perplexa com a imaginação fértil em um momento tão confuso.

— O Alex não é assim.

— Alex? — John assoviou. — Uau, já estão se tratando por apelidos? Do que ele te chama? Esterzinha? Bebê? Amor? — O estilista mexeu as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Como pode brincar em meio aos meus dilemas, John?

— Desculpa! Só estou animado. Sinto-me no meio de um clichê daqueles! Envolvendo um príncipe ainda por cima.

Ester levou a mão ao peito, ela estava mesmo apaixonada e não queria mais negar isso. Porém, a aparição de Ewan e as recentes revelações deram um nó em sua cabeça.

— Sinto muito, por tudo isso. — John a abraçou. Do alto de seus 1,75m, não parecia que ela havia recebido um abraço, mas sido envolvida por um. — Não chore, vai estragar o trabalho maravilhoso das meninas. Vai ficar tudo bem.

Questionamentos giravam em sua mente e a vontade de chorar era imensa, mas Ester foi obrigada a se recompor antes que as demais garotas comessem a chegar e John a ajudou, recolocando sua máscara. Quando Mary Kelly, Sara Tandel, Mellanie Johnson, Megan Rose e Rachel Miller adentraram a saleta, Ester já não estava tão abalada, mesmo assim, preferiu

ficar afastada, como sempre, procurando se acalmar, pois ainda tinha que enfrentar um baile cheio de etiquetas a serem cumpridas.

Uma a uma, as garotas foram sendo anunciadas. Na vez de Ester, ela parou no topo da escada e fitou a multidão que a encarava. Cerrou os punhos na lateral do corpo e ponderou dar meia volta e correr para longe dali. Mas só conseguiu forçar um sorriso e cumprir com o protocolo.

— Senhorita Sullivan — principiou o cerimonialista com eloquência —, acompanhada de sua Alteza real, princesa Alexia Kriger Lieber.

Ester se virou a tempo de ver Alexia caminhar até ela. A princesa era sua cópia fiel, da máscara ao vestido. Os braços e pescoço estavam à mostra, deixando evidente sua pele despigmentada. Posicionando-se ao seu lado, a menina sorriu com timidez antes de se agarrar a ela com força. Conhecendo os desafios de Alexia, Ester compreendeu que a pequena estava fazendo um esforço descomunal para poder surpreendê-la em meio a tantas pessoas e aparecendo em público pela primeira vez depois de anos escondendo sua condição.

A princesa não tinha noção, mas com aquele gesto, acabara de ajudar Ester a enfrentar os próprios temores.

No fim dos degraus, Alexander a aguardava. Ele não se importava em transparecer nada além do que sentia, parecendo tão abatido quanto ela em seu âmago. Contudo, Ester estava chateada demais para perceber qualquer sentimento se não os dela.

John se adiantou quando terminaram de descer, a fim de conduzir Alexia de volta para a rainha e o rei, deixando bem claro, com sua gravata borboleta feita do mesmo tecido dos vestidos, que ele era a mente criativa por trás dos trajes elegantes delas.

Ester prestou uma reverência a Alexander, mas se recusou a retribuir o olhar dele ao aceitar sua mão estendida. Posaram para algumas fotos como rezava o protocolo do baile, agradecendo por estar com uma máscara camuflando o desapontamento, apesar do sorriso desenhado em seus lábios.

Os fotógrafos recuaram satisfeitos e Alexander a acompanhou entre os convidados que começavam a se dispersar para socializarem. Na primeira oportunidade, Ester livrou sua mão do braço príncipe, apertando o passo para se afastar. Ele a impediu, segurando-a gentilmente pelo cotovelo.

— Não me odeie, quero explicar tudo.

A moça engoliu a raiva e respirou fundo, contendo suas emoções.

— Por que você fez isso comigo? — Ela se virou e encarou os olhos tão familiares quanto seu próprio nome. Uma expressão ainda mais séria surgiu no rosto do príncipe, enquanto ele dava uma olhada ao redor. — Por que, Alex?

Alexander tencionou o maxilar e a mirou com os olhos carregados de pesar.

— Mais tarde, senhorita Sullivan.

O tom de voz e a forma que ele a chamou caiu sobre ela como uma avalanche fria. Ela não queria que fosse mais tarde, gostaria de pôr tudo em pratos limpos o quanto antes. Contudo, entendia que não era o momento de examinarem o quebra-cabeça de suas emoções à procura de peças que se encaixassem.

Ester deu um passo, recuperando o pouco de dignidade que ainda lhe restava.

— Como quiser, Alteza — disse tão gélida quanto ele, ao se afastar.



O baile seguiu animado e alheio aos conflitos entre eles, os convidados pareciam estar se divertindo e Ester não cruzou outra vez com Alexander. Acompanhada das outras garotas, ela cumpriu a programação estipulada pela rainha. Giovanna circulou com todas pelo salão, apresentando-as aos membros do Conselho: condes, duques, chanceleres e chefes de províncias.

Orientadas a se espalharem pelo recinto e agirem com graciosidade e gentileza, Giovanna as liberou para aproveitarem o baile, sob a advertência de não se negarem a dançar com nenhum cavalheiro que as pedisse. Em dado momento, o príncipe as procuraria para uma dança oficial, deveriam estar atentas e não desaparecerem. Ao se ver livre, Ester escolheu um lugar para se sentar a fim de descansar os pés, já que a noite seria exaustiva se continuasse naquele ritmo.

Quando estava sozinha, John se aproximou trazendo-lhe uma bebida de frutas.

— Você está bem?

— Sim.

Ester tomou todo o líquido da taça em completo silêncio com a mente a quilômetros de distância dali.

— Você não sabe mentir, querida. — Ester deu de ombros, culpada. — É normal ficar chateada. Bem, os homens podem ser uns monstros terríveis! — Ela o olhou, desolada. — Há alguns que são maravilhosos! — John corrigiu depressa. — Sei disso porque sou *um deles!* — enfatizou. — Fomos criados para sermos fortes, capazes e para compartilhar uma união tão magnífica que você até vai se esquecer de como era antes de colocar o anel. Ester — John a fez olhar para ele —, o amor é mágico. E você, está apaixonada! Dá para ver em cada gesto, em cada suspiro que você dá. Por isso ficou tão arrasada. Você ama o príncipe e pare de negar isso.

— Algo mudou, John. Ele não parece o mesmo.

— Não fique tirando conclusões precipitadas antes de falar com ele.

Ester suspirou, imaginando o quanto aquela conversa seria difícil.

— Vem, quero dançar com você.

John se pôs de pé decidido a animá-la. Uma música mais dançante tocava e o rapaz começou a se remexer, arrancando um sorriso dela com sua falta de ritmo. Sem muita vontade de voltar a circular pelo salão, Ester aceitou o convite, rindo de verdade pela primeira vez naquele baile. John, com seus passos inusitados sem nenhum sincronismo com a música, logo chamou atenção, mas surpreendentemente, Ester não se importou.

— Obrigada, por tudo. Não sei o que seria de mim se tivesse que enfrentar essa noite sem você — ela agradeceu ao deixarem a pista de dança, rindo dos olhares estranhos que recebiam.

Àquela altura, ela já estava convencida de que não duraria por muito mais tempo no palácio, então só lhe restava aproveitar o baile que tanto suaram para organizar.

— Para isso que servem os amigos. — Ele colocou o braço dela no seu, conduzindo-a em direção ao local reservado à família real. — Por falar em amizade, Alexia quer dançar com você e eu prometi que te levaria até ela.

— A princesa ficou tão fofa. Amei a surpresa, John. Se esse for meu último dia aqui...

— Lá, lá, lá, lá... — John cantarolou no ritmo da música que tocava. — Não estou te escutando. — Apontou para o próprio ouvido.

A princesa não estava com os pais, mas ao ver Ester se aproximar, a rainha fez sinal para os guardas em volta permitirem que ela chegasse até eles.

— Alexia volta em alguns instantes. Ela está muito animada para dançar com você — disse Elizabeth, após receber uma reverência da moça.

O rei mirava os convidados esporadicamente, enquanto assistia ao baile sem demonstrar entusiasmo. Ester e John o reverenciaram, recebendo um breve sorriso em agradecimento.

— Enquanto ela não vem, me concederia a honra? — o rei perguntou, pegando Ester de surpresa com o convite.

Giovanna havia falado sobre a possibilidade de o soberano desejar dançar com as moças, porém, dois dias antes do baile, a ideia havia sido descartada por orientações dos profissionais que acompanhavam sua saúde. A cirurgia se aproximava e a junta médica não queria nenhuma complicação causada por esforços desnecessários.

— Sebastian, o seu coração... — a rainha tentou argumentar, mas o rei já havia se levantado e seguia até Ester.

— Bobagem. — Ele ajeitou seu traje real púrpura e azul *royal*, com um sorriso repuxando os cantos dos lábios. — Posso muito bem conduzir essa bela jovem em uma dança lenta. Sem falar que estou farto de ficar sentado aqui enquanto todos se divertem.

O rei estendeu a mão e Ester a pegou, ainda sem reação. A multidão de convidados abriu caminho para o rei e ela passarem e, como era de costume, o meio do salão ficou vazio ao pisarem na pista de dança formando um grande círculo em volta deles. A moça engoliu em seco, com as mãos suadas e trêmulas. Em uma rápida olhada ao redor, percebeu que todos os presentes os observavam, inclusive o príncipe.

— Algum problema, filha? — o rei perguntou ao percebê-la tensa.

— Devo confessar que não sei dançar muito bem, Vossa Majestade — disse ela, sincera.

Ester estava prestes a desmaiar. Odiava ser o centro das atenções.

— Não tem segredo. — O rei, com uma pose confiante, ofereceu um sorriso terno ao posicionar uma de suas mãos acima da linha do meio das costas dela e com a outra, segurou a mão esquerda da jovem. — Conte "1" quando eu for para frente e você for para trás, "2" quando ambos

formos para o lado direito e "3" quando juntarmos os pés novamente. Apenas isso. — Continuou sorrindo ao vê-la apavorada. — Vamos tentar. Relaxe e deixe-me guiá-la. Imagine que somos apenas nós dois aqui nesse salão. — No primeiro movimento, Ester olhou para os pés, com medo. — Não olhe para baixo — advertiu de modo caloroso. — Você precisa olhar para o seu parceiro. Sei que não sou tão bonito quanto o meu filho, mas mantenha seus olhos nos meus.

— Se eu pisar em seu pé, não reclame depois — disse ela no calor do nervosismo, sendo surpreendida com uma risada alta e espontânea do rei.

Soube naquele instante de onde Alexander herdara tanta simpatia e bom humor.

— Você está indo bem. Não tem segredo — encorajou, ao concluírem os três primeiros passos, iniciando os próximos, embalados por uma valsa clássica tocada pelo quarteto de cordas.

— Só não posso parar de contar. — Ester o levou a rir como antes.

— Você não é qualquer garota, senhorita Sullivan, tem um... — pareceu procurar as palavras certas — brilho diferente. — Os olhos do rei Sebastian encheram-se de compreensão. — Entendo agora o motivo da Alexia se apegar tanto a senhorita. Você foi a única que a olhou sem receios e a tratou como uma criança normal, muito melhor de como eu e minha esposa vínhamos tratando-a. Ela reagiu positivamente a isso. Obrigado.

Ester meneou a cabeça, recebendo o elogio. Talvez não tivesse outra oportunidade e achou aquele um ótimo momento para dizer o que tanto queria há tempos. Era bem provável que o rei desaprovasse sua atitude, mas precisava tentar ou morreria sufocada pelas suspeitas que possuía de Charles e até mesmo do tal dermatologista.

— Se me permite, Majestade, gostaria de dizer algo — principiou ela, sondando.

— Pode falar, filha.

— A princesa é uma garota incrível e por mais que sua condição atual seja bem delicada, creio que o motivo não é apenas a falta de aceitação pessoal.

Ele franziu o cenho, pensativo.

— O que está tentando me dizer, senhorita Sullivan?

— Vossa Majestade, é certo que a doença na pele dela traz muitos transtornos a sua saúde emocional, no entanto, não acha estranho Alexia

não estar evoluindo com o tratamento do doutor Charles? Em nossos momentos juntas, percebi que o que ela precisa é apenas um pouco mais de empatia.

— Está insinuando que não passo tempo suficiente com minha filha para perceber se há ou não algo de errado com ela?

Ester engoliu em seco e balançou a cabeça veemente.

— De maneira alguma, Majestade. Essa não foi a minha intenção.

— Sei que sou não tão presente quanto gostaria e como ela precisa que eu seja.

— Como meu tio sempre diz, um filho sempre precisa de um beijo de boa noite, mesmo que já esteja dormindo.

A música parou e Ester se afastou, prestando uma reverência e percebendo que não havia cometido nenhum deslize, fora o de falar com o rei além do que seria apropriado. Contudo, o que ela tinha a perder? O rei precisava ser alertado que algo muito estranho estava acontecendo bem debaixo de seu nariz e que providências deveriam ser tomadas.

Em silêncio, acompanhou o rei de volta ao seu assento. Alexia já havia retornado e assim que percebeu a sua aproximação, saltou da cadeira em que estava sentada ao lado da mãe e correu para ela.

— Já podemos dançar? — perguntou, com uma euforia incomum a ela.

O rei intercalou os olhos entre as duas, com uma atenção silenciosa.

— Sim, podemos.

Ester prestou mais uma reverência para o rei e outra para a rainha antes de partir.

O quarteto de cordas havia feito uma pausa e agora a banda contratada embalava o salão com uma música jovial. As duas dançaram animadas, rindo muito, sem se importar com os olhares nada discretos que todos lançavam a princesa, mal disfarçando a curiosidade com as manchas em sua pele. Ester apenas queria que Alexia se divertisse e que todos vissem quão alegre e especial a princesa era.

Alexia ficou com sede depois de um tempo e Anastácia, que permanecia por perto, se retirou com a menina. Ester voltou a se sentar, procurando descansar os pés após a maratona dançante. Enquanto recuperava o fôlego, observou o salão. Avistou Alexander se aproximar de

Rachel Miller e a tirar para dançar. Como acontecera com ela e o rei, a pista ficou vazia, dando espaço para o casal.

De onde ela estava, possuía uma visão *privilegiada* dos dois. À medida em que eles se moviam no ritmo da valsa, o aperto em seu peito aumentava e ela se perguntava por que havia permitido se envolver daquela maneira. Ester estava decidida a manter-se apática durante todo o processo. Como tudo ficara fora de controle?

Aplausos soaram com o fim da música e Alexander e Rachel agradeceram, retirando-se em seguida.

— Me concede a próxima dança, senhorita Sullivan? — A voz grave do doutor Charles soou ao seu lado para seu desgosto.

— Não sei dançar.

Charles sorriu e o som de sua risada fez o estômago de Ester revirar.

— Você acabou de dançar lindamente com o rei e com Alexia. Mas, se por algum acaso você não se recorde como fazer isso, eu te ensino. — Estendeu a mão, sem abandonar o sorriso presunçoso.

Ester respirou fundo, recusando-se a olhar para ele. No entanto, Giovanna a encarava a alguns passos e com apenas um olhar a obrigou a aceitar. Com má vontade, Ester esticou o braço, pondo sua mão sobre a dele, permitindo-o a conduzir para a pista de dança.

— Parece que você conquistou mesmo a princesa Alexia — disse ele, colando seu corpo ao dela. — Ela até está vestida como você.

— Foi a Alexia quem me conquistou. — Incomodada com o modo que ele passeava a mão por suas costas, retirou a mão do ombro dele e posicionou a do rapaz onde elas deveriam ficar.

Charles contraiu os lábios em um sorriso contido.

— Você é um caso a ser estudado, senhorita Sullivan — continuou a falar com sua voz aveludada.

— Por quê?

— Você teve mais avanço com ela em alguns meses do que eu tive em anos. Estive pensando que, se você concordar, poderíamos trabalhar juntos. Assim a gente se conhece melhor e quem sabe, não descobrimos algumas coisas em comum. — Ester o fitou incrédula diante de tanta audácia. — Convenhamos que Sua Alteza real, o príncipe, já está muito bem servido com suas outras pretendentes e uma não lhe faria falta.

Ester mal esperava o momento daquela música acabar, a fim de se desvencilhar dos braços que insistiam em puxá-la para mais perto dele. Charles era repulsivo, sua voz era melodiosa, seu perfume enjoativo, o toque de suas mãos insuportáveis e toda aquela conversa enfadonha lhe causava vontade de vomitar.

A música começou a dar indícios que estava terminando e ele a apertou mais uma vez. Aquilo já estava sendo demais para Ester suportar. Sem demonstrar o quanto estava furiosa, pisou no pé dele de propósito.

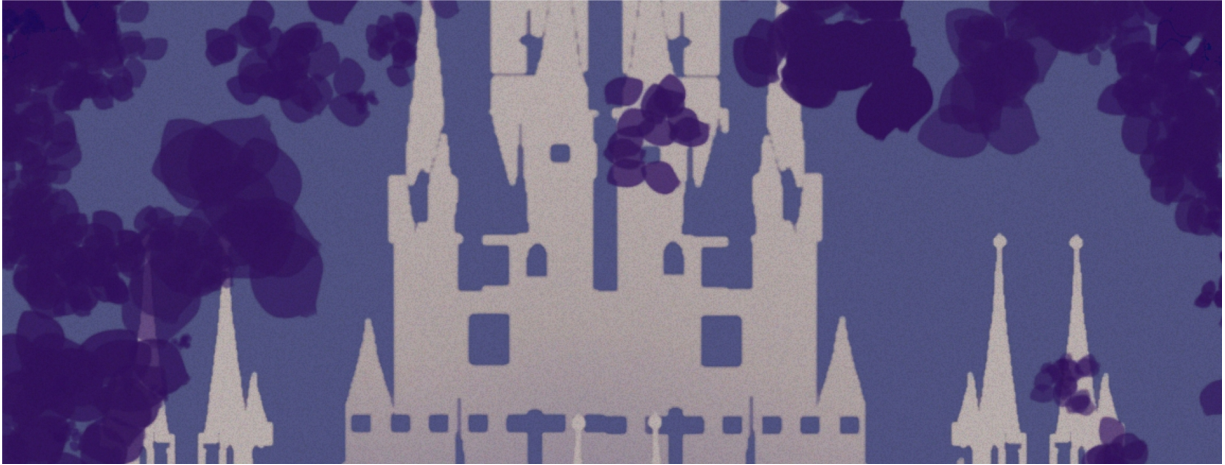
— Perdão! — Ela levou as mãos à boca de forma teatral e ele finalmente se afastou. — Eu disse que não sabia dançar. — Charles a olhou com os olhos semicerrados, o rosto contorcendo-se de dor.

Como se o momento não estivesse ruim o bastante, Ewan surgiu ao lado deles. O psicólogo bufou nada contente e endireitou a postura ao vê-lo.

— Ewan.

— Satã.

Charles comprimiu os lábios ante a provocação do recém-chegado. A tensão entre os dois era quase palpável enquanto se encaravam, revelando uma rixa oculta entre eles. Os olhos de ambos faiscaram e Ester podia jurar ser questão de tempo para um voar na jugular do outro. Estava prestes a sair de fininho, no entanto Ewan se virou para ela e sem dizer nada, tomou-a pela mão e a conduziu para longe da pista de dança.



Capítulo 25

Querido futuro marido,

Em um canto bem profundo do meu coração, eu sempre acreditei que saberia te reconhecer assim que cruzasse o meu caminho. No entanto, me parece que as adversidades tentam a todo momento desviar minha atenção, levando-me por outra correnteza, para longe do que realmente importa. Quando me encontrar, faça de tudo para eu te notar, caso eu esteja absorta por coisas sem importância; lute por mim, como se sua vida dependesse disso, não me deixe escapar, grite comigo se precisar, mas não me perca de vista.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Ewan ziguezagueou entre os convidados rumo a porta lateral que dava para o jardim, levando Ester com ele. Passaram pelos guardas, por algumas pessoas do lado externo até os bancos de mármore localizados no meio do jardim e se sentaram lado a lado, ainda mergulhados no silêncio. Uma brisa brincou com os cabelos da moça e ela fechou os olhos, recusando-se a olhar para ele, mas ciente do calor da mão dele, na sua.

— Eu não fazia ideia de que você e o príncipe eram amigos.

— Eu sei.

— Quando vocês pretendiam me contar?

Ester olhou para as mãos, sentindo-se péssima.

— Não pretendíamos — Ewan disse em meio a um sorriso de frustração. — Você deveria ter saído antes mesmo disso tudo começar.

Ester meneou a cabeça, desolada.

— Então vocês resolveram brincar um pouco com meus sentimentos. Afinal de contas, eu sou uma mentirosa hipócrita. — Repetiu as acusações feitas por ele ao descobrir que ela viria para o palácio.

Ewan se virou de frente para ela e a obrigou a fazer o mesmo.

— Não é nada disso. — Ele mordeu os lábios por dentro e respirou fundo. — Me desculpe pelas minhas palavras naquele dia. Quando Sharon me contou como tudo realmente aconteceu, voltei até a sua casa para me desculpar, mas você já tinha partido. — O rapaz inclinou o rosto e seus olhos brilharam, sinceros. — Acho que Deus tinha outros planos.

Ewan sorriu, constrangido com o olhar cético que recebia.

— Você, acreditando nos planos de Deus?

Ele remexeu no banco e concordou com a cabeça.

— Tudo mudou depois que você veio para o palácio, Ester. Tenho uma visão diferente de certas coisas agora e devo isso a você.

— Não me lembro de ter feito nada.

— Mas você fez. — Ewan olhou ao redor e respirou fundo outra vez. Parecia decepcionado, como se esperasse uma atitude diferente vindo de Ester. Apesar de suas mãos ainda estarem unidas, ela se mantinha absorta, dando a entender que sua presença ali não a abalava. — Alexander te mandaria embora na primeira oportunidade, mas Alexia se apegou a você e os planos mudaram — ele continuou, diante do silêncio da moça. — Foi por isso que ficou.

Ao menos, era essa a justificativa que Ewan se esforçava para acreditar. A ligação do amigo no dia anterior havia sido breve e vaga. Ewan estava furioso pela falta de notícias e explicações do porquê de Ester ainda estar no palácio. Ele queria discutir, mas Alexander foi sucinto, prometendo conversar pessoalmente e com calma.

Ewan chegou ao palácio horas antes do baile, ansioso por aquele encontro. Queria olhar nos olhos do amigo e dizer tudo o que estava entalado na sua garganta. O príncipe estava trabalhando em seu escritório,

quando ele irrompeu pela porta pronto para brigar. Com a paciência que irritava Ewan, Alexander deixou os documentos de lado e se levantou para o cumprimentar.

— *Está cedo. Esperava por você pouco antes do baile.*

— *Seria assim, se não tivéssemos tanta coisa para conversar, já que vem ignorando minhas ligações por dois meses.*

Alexander passou a mão no pescoço e apertou um ponto de tensão.

— *Muita coisa aconteceu, Ewan.*

— *Claro que aconteceu, você se apaixonou por ela!*

O músculo da mandíbula do príncipe pulsou ao ser contraído, mas sua expressão permaneceu a mesma.

— *Alexia se apegou a ela desde o primeiro momento. Você sabe a luta que enfrentamos. Não podíamos ignorar os laços que se formaram entre elas.*

— *Então, por que não me ligou e contou o que estava acontecendo?* — *Alexander voltou a se sentar. Inclinou um pouco para trás na cadeira e passou os dedos pelo queixo, sem uma resposta para o amigo.*

— *Que droga, Alexander!* — *Ewan esbravejou, apoiando os cotovelos no joelho ao se sentar com um baque. Respirou devagar e estreitou os olhos em direção ao príncipe absorto em seus pensamentos.* — *Você sabia que eu a amava. Por que permitiu isso acontecer? Logo você!* — *Era como se algo desmoronasse dentro dele.* — *O que planeja fazer?*

Alexander continuou em silêncio por um longo tempo, escolhendo suas palavras, tentando não ser egoísta e dizer que se importava muito mais com seus próprios sentimentos e o quanto estava apaixonado.

— *Ester chegou aqui arrasada e eu a vi juntar cada pedaço a fim de seguir em frente.* — *O príncipe suspirou.* — *No entanto, no fundo dos olhos dela, ainda existe dor. O relacionamento de vocês ficou mal resolvido e esse é o motivo de você estar aqui.* — *Agora foi a vez de Ewan ficar em silêncio. Seu coração doía, a respiração estava presa na garganta e um mal presságio tomava conta de seu âmago.* — *Nós fizemos um pacto — o príncipe continuou.* — *Seríamos amigos e foi isso que fomos durante esses meses.*

Ewan riu de forma sarcástica.

— *Amizade entre um homem e uma mulher não existe. Pelo menos era isso que vivia me dizendo.*

— Não existe quando as verdadeiras intenções são outras. Toda vez que você se aproximou de uma garota com esse pretexto, na verdade, estava interessado em algo além.

Ewan se exaltou e lançou um olhar desdenhoso para o príncipe.

— Não vem querer me dar lição de moral agora, Alexander. O foco aqui é a sua traição!

Alexander se inclinou para frente com o sangue esquentando em suas veias. Deus sabia o quanto lutara contra todos aqueles sentimentos por consideração ao amigo.

— Você não estaria aqui se eu quisesse que isso tudo tivesse acontecido. Acredita que realmente permiti tais sentimentos por livre e espontânea vontade? Eu não escolhi nada disso!

Ewan se levantou e foi até a janela com vista para as planícies. Ficou observando o Sol se pôr, assimilando a situação em que se encontrava. Ele já havia se apaixonado por muitas garotas ao longo de sua jovem vida, mas nunca como agora. Ester tinha envolvido seu coração de uma forma que ele duvidava ser possível. Não estava preparado para deixá-la ir. Não aceitou abrir mão dela antes e não estava disposto naquele momento também.

Olhou por cima dos ombros e viu Alexander com os cotovelos apoiados sobre a escrivaninha e os punhos cerrando os olhos. Nunca o vira abalado por nada, nem tão pouco por uma garota. Naquele momento, Ewan se recordou de algo que um amigo havia lhe dito não fazia muito tempo: "Amar, é deixar partir quando for necessário."

Era isso? Ele teria que desistir de Ester por consideração aos sentimentos de Alexander? Parecia injusto aos seus olhos. Ele não queria que ela fosse. E quanto ao que sentia? Isso deveria importar, não deveria?

"O amor não deve ser uma prisão, Ewan. O amor precisa ser liberdade."

Ewan contraiu os lábios, ciente que aquela decisão não dependia de nenhum dos dois, pois estava bem claro que lutariam por ela até o fim.

— Ester é quem deve decidir. Estou disposto a deixá-la partir, se a escolha dela for você.

Ewan não imaginou que doeria tanto dizer aquelas palavras. E elas doeram, como se algo estivesse sendo arrancado de dentro de seu peito.

Um vento mais forte soprou, dissipando as lembranças recentes e trazendo o perfume de Ester até ele. Mais uma parte de seu coração partiu. Se continuasse assim, em breve não restaria mais nada.

— Não tem nenhum plano mirabolante, Ester. Só têm dois amigos apaixonados pela mesma mulher. — Ester o encarou. Os olhos do rapaz pareciam sinceros e penetrantes. Os cantos de sua boca se levantaram até o meio do caminho, quando ele esboçou um sorriso. — Eu nunca vi o Alexander tão vulnerável e apaixonado como agora. — O coração de Ester se aqueceu com a revelação. — Hoje vim aqui decidido a fazer qualquer coisa para te ter de volta. — Ewan quicou os ombros, melancólico. — Mas, se você escolher ficar aqui, com ele, eu ficarei bem, vivendo um dia de cada vez.

Novamente, as palavras de meses atrás vieram à mente do rapaz e ele fechou os olhos, entendendo o que a pessoa tentava fazê-lo enxergar.

"O amor é um exercício de confiança, Ewan. O maior risco de todos é ir atrás de uma pessoa com todo o seu coração, com a possibilidade de não ser correspondido. E você tem que aceitar isso."

— Não sei se pertença a esse lugar. — Às palavras de Ester fizeram acender um fio de esperança em seu interior. No entanto, ela estava errada e ele precisava ser sincero.

— Estive te observando durante todo o baile. Você pode não achar, mas acredito que se encaixa perfeitamente aqui. Você é cativante e os convidados ficaram atentos o tempo todo enquanto falava com eles. Você dançou com o rei como uma verdadeira rainha. Se não nasceu para a realeza, ninguém possui tal dom.

Vendo-a tão frágil, Ewan passou o braço pelo ombro de Ester, puxando-a para ele. A jovem repousou a cabeça em seu ombro e, sem protesto, se aconchegou na curva do pescoço dele, seu corpo tremendo com a descarga de emoção. Ewan a trouxe para mais perto e acariciou seus cabelos enquanto sussurrava palavras de conforto.

Apenas a alguns metros, Alexander presenciava a cena como se tivesse acabado de levar um soco no estômago. Ele recuou alguns passos, antes de sair do jardim. Atravessou o salão de baile e foi direto para o seu escritório. Fechou a porta com um baque e ficou de pé no meio da sala escura.

Estar apaixonado era isso? Era se corroer de ciúmes sempre que outro se aproximava de sua amada? Era querer impedi-la de dançar com

qualquer outro? Ele só conseguia desejar ser ele a sorrir da maneira como o rei sorria em sua companhia.

Seu sangue ainda fervia desde que a viu dançar com John e Charles. Com John ela parecia feliz. Mais feliz do que jamais esteve com ele. Charles, como da outra vez, não perdeu a oportunidade de ser o mesmo babaca de sempre. Contudo, o pior foi ver Ewan indo ao resgate e não ele, como da última vez.

No entanto, a cena mais dolorosa da noite, sem sombra de dúvida, foi ver Ewan e Ester juntos no jardim. Era evidente, o amigo não sairia do caminho e nem o julgava por isso. Se fosse ele, faria a mesma coisa. Agora, Alexander entendia o que o seu pai quis dizer na noite anterior. O príncipe havia acabado de desligar o telefone após falar com Ewan, quando o rei Sebastian entrou em seu escritório e se sentou, onde há poucos instantes Ester se encontrava.

— *O que se passa, meu filho? — perguntou, ao vê-lo se levantar e ir até a janela.*

Corroendo-se de angústia, Alexander relatou tudo que vinha acontecendo entre ele, Ewan e Ester. Falou sobre seus temores e seus sentimentos. Pela primeira vez em sua vida, havia sentido uma necessidade enorme de desabafar e conversar coisas tão pessoais com o pai, sentindo-se melhor quando terminou de falar. O rei parecia satisfeito em ouvir o príncipe e não o interrompeu até que ele terminou o seu relato.

— *Estou completamente perdido! — Alexander voltou a se sentar e esfregou o rosto, impaciente. — Estar apaixonado de verdade é essa loucura?*

— *Ah, meu filho, quando os homens se apaixonam, eles se apaixonam mesmo. A queda é terrível, caem na água e sem salva-vidas. — O rei riu. — Agora você é um desses homens, Alexander. — O príncipe reclinou-se para trás na cadeira e suspirou olhando para o teto. — Quer um conselho? — indagou o rei.*

— *Sim.*

— *Seja homem e lute por ela.*

Alexander não esperava aquele tipo de conselho. Estava preparado para ouvi-lo mandar recuar e se concentrar nas outras cinco pretendentes.

— Você está pedindo para eu trair o meu melhor amigo? —
Alexander crispou os olhos para o pai.

— Pelo que você me contou, eles não têm e nunca tiveram nada sério. A resposta de Deus para esse relacionamento foi não há muito tempo e por isso ela está aqui. A meu ver, filho, você não está traindo ninguém.

— Não sei se Ewan vai pensar dessa maneira.

— Se ele ainda for como eu me lembro, superará antes que você e essa moça estejam casados.

Alexander não conseguiu manter-se sério diante dos gracejos do pai.

— Tem algo mal resolvido entre eles. Eu o chamei para vir ao baile. Preciso esclarecer logo essa situação, se não ficarei maluco!

Sebastian concordou.

— Fez bem.

— E se ela ainda tiver sentimentos por ele?

O coração de Alexander se apertava apenas com a possibilidade.

— Você está certo de seus sentimentos por ela?

— Como nunca estive tão certo sobre nada em toda a minha vida.

Alexander escorregou um pouco pela cadeira. Seu corpo reagindo exatamente como sentia.

— Você já consultou a Deus sobre isso?

— Sim, é tudo que venho fazendo nas últimas semanas.

— E você acha que Deus está te respondendo?

— Coisas aconteceram como se Ele estivesse confirmando de alguma maneira. Mas, o meu medo é se eu estiver interpretando os sinais de maneira errada. E se for apenas o meu coração se confundindo com a voz de Deus?

O rei pensou por alguns instantes.

— Além da oração e de enxergar Deus direcionando tudo, você deve fazer especulações sobre o caráter dela, em especial na questão cristã. Alexander, você quer uma esposa, e como príncipe precisa aprender a fazer escolhas difíceis e arriscadas, e nem sempre tem como a gente esperar Deus jogar um raio indicando a resposta. Muitas vezes, a razão e a sabedoria sobrenatural se portam como coisas naturais. Vejo que o Senhor nos instrui e nos deu inteligência para tomar certas decisões arriscadas, e muito bem pensadas, com certeza. — Sebastian mudou de posição na cadeira, enquanto Alexander mantinha-se concentrado ao que ele dizia. —

Você deve pensar nos atributos dela como mulher cristã e como esposa. Ela é virtuosa? O tipo de pessoa que gostaria de passar a vida, indo acima dos seus sentimentos?

Alexander já havia ponderado tudo aquilo e seu coração se aqueceu com a certeza de que Ester preenchia todos os requisitos, sem falar que para ele, ela tinha a risada mais maravilhosa do mundo, capaz de fazê-lo sentir coisas misteriosas em seu coração. Porém, ainda havia um ponto: Ester não queria ser rainha.

— Não é só isso, papai. Ela não queria estar aqui, foi o seu tio que a inscreveu. Ester afirma não ter nascido para a realeza, não quer ser rainha e, me escolher, significa levar o pacote completo. Isso me causa ainda mais medo de eu não ser digno dela.

O rei deu uma risada profunda.

— Nenhum de nós merecemos as mulheres em nossas vidas, mas ai de nós se não nos esforçarmos a cada dia para nos tornarmos dignos do amor delas! — Alexander coçou a nuca, impaciente. — Fale com ela, meu filho. Deixe bem claro os seus sentimentos e suas intenções. Seja o mais claro possível. Não prometa que será fácil, porque não será, mas prometa amá-la para sempre e fazer de tudo para diminuir o fardo sobre seus ombros. — Com um sorriso, acrescentou. — O que não estiver ao seu alcance, Deus faz por você.

Estevan entrou no escritório, interrompendo os devaneios do Príncipe, confuso por ele estar ali no escuro.

— Alteza? — Alexander se virou para ele, autorizando-o a falar. — A senhorita Clark me pediu para localizá-lo. Ainda falta a dança com a senhorita Sullivan. Ela o espera.

— Irei em um minuto. — Alexander tentou se recompor, decidido a seguir o conselho do pai, mesmo tudo indicando que aquela batalha já estava perdida. — Estevan — ele chamou, antes que o rapaz saísse —, providencie uma gardênia amarela, por favor.

— Agora? — o assistente indagou surpreso.

— Sim, agora. — O rapaz ficou com o olhar perdido, como se imaginasse onde encontraria. — Tem no jardim do terraço. — O jovem se virou para cumprir a ordem. — Mas, tem que ser amarela — o príncipe frisou. — E tem que ser rápido. Pegue e me entregue imediatamente.

— Sim, senhor.

Quando Alexander retornou para o baile, Ewan e Ester se encontravam de lados opostos do salão. Ele respirou fundo e caminhou até onde Ester conversava com duas senhoras. Ao se aproximar, seus olhos foram de encontro aos dela e ali ficaram. Gradativamente, um sorriso tomou conta do rosto de Ester. Outro sorriso de satisfação se formou nos lábios do príncipe, porém, ao chegar mais perto, percebeu que o dela não apagava a distância que havia em seus olhos.

Talvez o gesto fosse ensaiado, assim como fora orientada a fazer. Se tratando de realeza, sempre havia aquele um por cento de dúvida dos verdadeiros sentimentos e intenções das pessoas, tendo em vista a infinidade de protocolos a serem cumpridos. Um suspiro preocupado escapou lá de seu íntimo.

— Senhorita Sullivan — as mulheres recuaram alguns passos —, me concede essa dança?

— Com certeza, Alteza. — Ester se inclinou em uma reverência e depois aceitou a mão dele estendida.

Ao levantar os olhos, eles estavam mais suaves e diretos do que antes. Caminharam até o centro da pista vazia que nos próximos minutos seria só deles. Ele colocou os braços em volta dela. Não era a posição da valsa imposta pelo protocolo. O príncipe manteve as duas mãos na cintura da moça, não havia quase nenhum espaço entre eles. Por instinto, ela pousou suas mãos nos ombros dele. Os corações de ambos batiam forte no peito e ele sentiu a respiração acelerada de Ester tocar o seu rosto e o aroma do perfume que ela usava.

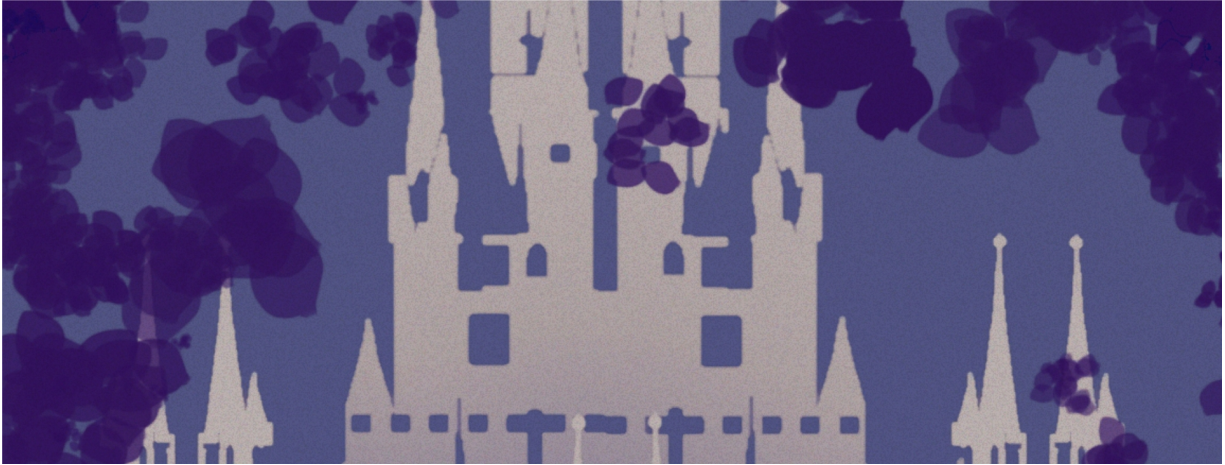
De repente, era como se não tivesse mais ninguém ali. Eram apenas eles e a música cantada pela banda. Havia uma atração que não podia ter sido mais forte, ainda que ela fosse um ímã e ele um pedaço de aço. Os olhos de Ester brilhavam como um raio de sol em uma aquarela, mas Alexander não sabia dizer se eram lágrimas ou outra coisa. Eles se moviam com a melodia do piano. A letra da música rompia em seus ouvidos como se falasse exatamente o que Alexander gostaria de dizer a ela.

“Querida, me abrace com seus braços de amor. Vamos dançar sob a luz de mil estrelas. Apoie sua cabeça sobre meu coração palpitante e ouça todo o meu amor pulsando forte só para você. Isso é real ou estou delirando? Talvez tenhamos achado o amor bem aqui, onde estamos; talvez tenhamos achado o amor bem aqui, onde estamos. Não pode ser um sonho

e se for, eu me recuso a acordar. Sim! Nós achamos o amor bem aqui, onde estamos. Achamos o amor bem aqui, onde estamos.”^[17]

E Ester fez o que a música pedia. Deslizou as mãos para as costas dele e o abraçou. Com a cabeça apoiada no peito do príncipe, fechou os olhos ao ouvir como o seu coração batia forte. Ela queria pensar direito, mas a sensação de estar nos braços de Alexander era algo que ela quase não podia suportar. As mãos do príncipe na cintura dela foram se apertando pouco a pouco, e ela perdeu a noção do tempo e de que eram assistidos por centenas de pessoas.

A música parou de repente, estourando a bolha que havia em torno dos dois. Os aplausos surgiram e eles se afastaram, mas Alexander permaneceu olhando para ela. Estevan se aproximou um pouco ofegante e com discrição entregou para o príncipe a única gardênia amarela^[18] que havia colhido no terraço. Ali, no meio de todas as pessoas, Alexander estendeu a flor para Ester, sem se importar em deixar suas intenções claras a todos os convidados. Ele estava ciente do significado que aquela ação possuía e torcia para ela entender. Então, no gesto mais lento e mais fantasioso, ele se inclinou e a beijou com carinho, de leve, no rosto.



Capítulo 26

Querido futuro marido,

Certa vez questionei o porquê de nos apegarmos às nossas expectativas e a resposta foi: o esperado nos mantém estável, ainda de pé, por mais que tenhamos consciência que podemos nos frustrar. Eu nunca lidei muito bem com essa parte da vida. E, apesar de sempre fugir disso, ela nos puxa para o olho do furacão, onde é quase inevitável escapar. A vida é um negócio louco, nem sempre a gente compreende. Ela é cheia de guerras que precisamos vencer dia após dia. Porém, algumas guerras nunca terminam, outras resultam em total e completa vitória, paz ou esperança. Mas, todas essas guerras não são nada comparadas com a mais assustadora de todas: aquelas que ainda precisamos lutar.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Ester respirou fundo e fitou a gardênia amarela em suas mãos, enquanto cada detalhe das últimas horas povoava seus pensamentos. A sensação dos braços de Alexander envolta dela, as batidas fortes do coração dele, seu perfume e a segurança que sentiu naquele instante, pareciam ainda muito vívidos. Ela remexeu no assento e olhou para a porta pela milésima

vez, esperando Alexander entrar. Encontrava-se em seu escritório o aguardando para poderem conversar. Olhou outra vez a gardênia e um suspiro trêmulo escapou por entre seus lábios.

“*Alexander me ama.*”

Ela fechou os olhos e inalou a fragrância da flor. Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios, e tão rápido quanto apareceu, sumiu.

“*Por que estou aqui? Por que estamos fazendo isso?*

O que está acontecendo, meu Deus?”

Ester balançou a cabeça e ignorou suas perguntas. De nada adiantava fazê-las. Quaisquer que fossem as respostas, ela não se afastaria, nem porque não podia, mas porque não queria. Contudo, havia muita coisa para ponderar e ao constatar esse fato, seu coração ardeu. Escolher Alexander significava ser rainha de Galav um dia e só em pensar no assunto, o estômago embrulhava.

Para matar o tempo, Ester se levantou, andou pela sala, bisbilhotou os livros na estante — a maioria sobre a legislação do país —, fitou o céu escuro pela janela e se sentou novamente, ainda mais ansiosa do que antes. Uma eternidade depois, a porta se abriu e Alexander entrou no escritório. Ele já não usava o traje oficial do baile e, diferente do habitual, vestia roupas comuns, como no dia que o viu na praia. O príncipe caminhou sério até Ester, acomodando-se na poltrona ao seu lado, de modo que ficaram frente a frente e bem próximos um do outro.

— Perdão por te fazer esperar tanto tempo. Precisei resolver uma situação que surgiu após o baile.

Ester repousou a gardênia sobre o colo e entrelaçou as mãos no seu caule.

— Deve ter sido bem sério.

— Foi sim. — Alexander recostou na poltrona. Parecia exausto. — Megan surtou por algum motivo e acabou descontando sua raiva em uma das funcionárias que a auxiliava. Ela atirou um vidro de perfume contra a moça e a coitada foi parar na enfermaria.

— Que horror!

— Enquanto você levou seu *personal* ao baile, a Megan deu de presente a assistente, cinco pontos na testa. — O príncipe cruzou os braços em frente ao peito e levantou as sobrancelhas, sugestivo. — Vocês pareciam estar se divertindo muito, aliás.

Ester crispou os olhos, identificando uma sutil provocação.

— Não mais do que você e a Megan na noite passada.

— Estava nos espionando, senhorita Sullivan? — Continuou encarando-a, tentando camuflar o brilho divertido que surgia em seus olhos.

— Claro que não. — A voz da moça seintonou. — Vocês é que estavam passeando bem debaixo da minha sacada.

Alexander sorriu espontâneo, do jeito que fazia seus olhos quase fecharem.

— Não se preocupe com ela, estrelinha. — Alexander conferiu a hora no relógio em seu pulso. — Megan já deve estar a caminho de casa. De qualquer maneira, não tínhamos nada em comum. Ela tem um gênio muito forte.

— Eu não estava preocupada. — Ao perceber um sorriso se formando, Ester mordeu o lábio.

— Tudo bem, porque eu também não fiquei incomodado com o John ao seu lado o baile todo. — Ester sorriu, não apenas pelo ciúme explícito nos olhos de Alexander, mas porque era grata ao amigo por estar com ela naqueles momentos tão conturbados. — Você cortou o cabelo...

Ester deu de ombros, puxando as madeixas para a lateral do ombro esquerdo.

— Achei que estava na hora de mudar um pouco.

— Nunca mude, Ester.

As provocações sumiram e em vez disso, um silêncio carregado de emoções sobre as quais nenhum deles estava preparado para falar. Era evidente que a intimidade compartilhada durante a dança deles no baile não existia mais, em seu lugar, havia o verniz da cautela, a amizade casual como estavam acostumados, com a qual se sentiam mais à vontade.

— Você parece exausto — disse Ester, um pouco sem jeito. — Se preferir, podemos conversar amanhã, eu não me importo.

— Não! — Alexander parecia decidido e ansioso em falar o que precisava o quanto antes. — Tem que ser agora, amanhã estou partindo em uma viagem. Devo ficar alguns dias fora.

— Ah... — Algo murchou dentro dela. As constantes viagens do príncipe sempre a faziam sentir-se assim.

— Eu gostaria de não ter que ir. — Alexander pareceu ler seus sentimentos. — Mas está cada vez mais difícil negociar à distância com Cefas. — Os músculos de Ester enrijeceram ao ouvir o nome de seu país. Ela apertou as mãos uma na outra e engoliu em seco, cheia de receio. Será

que ele ainda a amaria se soubesse de suas origens? A julgar pela sua fisionomia ao pronunciar o nome do país, era pouco provável. — Terei que ir lá pessoalmente, dada às circunstâncias — ele prosseguiu, parecendo não notar a reação da moça.

Ela queria poder falar toda a verdade naquele momento, mas algo em seu íntimo a impedia.

— Não é perigoso?

Ester bem sabia que seria. As lembranças ainda estavam bem vivas em sua memória. Era impossível estar em segurança daquele lado do oceano, ainda mais se tratando de um cristão.

— Sim. — Alexander apoiou o cotovelo na poltrona, pousando a lateral da cabeça na mão. — Mas não tem nada para se preocupar. Uma operação vem sendo elaborada há alguns meses para que eu consiga entrar e sair de lá como um homem qualquer. Até onde sei, a maioria dos habitantes daquele lugar não tem noção de quem somos. — Isso era verdade. Ester mesmo não o conhecia antes de vir para Galav. — Eu e os seguranças seremos apenas um grupo de amigos qualquer.

— É necessário que você vá pessoalmente? — perguntou ela, apreensiva com o plano.

— Estamos dando apoio a algumas ONGs de proteção aos cristãos naquele país. Quero ver de perto o trabalho feito, mostrar que estamos com eles e que podem contar conosco. Muitos estão se refugiando em Galav, e às vezes de forma clandestina, correndo risco de vida. Galav está de portas abertas para recebê-los, mas de forma segura. Tem muita gente mal-intencionada por aí. — Suas palavras eram moderadas e impregnadas de bondade.

Ester desejou falar que ela e o tio eram duas dessas pessoas, mas por algum motivo, não achou que seria a hora certa. Seu tio a havia orientado não revelar o segredo e era isso que ela faria, mesmo sem entender o seu pedido ou saber quando seria esse momento. No entanto, sentiu-se aliviada ao descobrir que Alexander era a favor dos refugiados.

— Entendo — disse apenas, com medo de sua voz denunciar sua condição.

Alexander mudou de posição na poltrona, inclinando-se para frente.

— Vamos ao assunto que nos trouxe aqui? — Em um movimento inesperado, ele trocou abruptamente de assunto e a tomou pela mão,

mantendo-as entre as suas. — Em primeiro lugar, eu quero te pedir perdão. Conversei com o Ewan antes de ele partir e fui avisado de que você já está ciente de tudo.

Ester respirou fundo e expirou lentamente.

— Por que você nunca me disse nada? — questionou ela, engolindo a vontade de esbravejar com ele e pôr para fora toda a sua chateação.

Alexander deixou os olhos pousarem nas mãos deles, evitando manter contato visual.

— Ewan me ligou muito abalado no dia da revelação dos nomes das garotas que viriam para o palácio. Eu iria te receber aqui, mas seria a primeira a voltar para casa. — O príncipe levantou os olhos e eles pareceram penetrar os dela. — Quando nos encontramos no jardim na noite da apresentação, notei o quanto estava ferida. — Ele balançou a cabeça e deu um sorriso fraco. — Conhecendo o Ewan, ele não te daria espaço para se recuperar. Você precisava de um tempo para colocar suas emoções em ordem e foi isso que fiz. — Alexander deu de ombros. — Deixei que ficasse e me concentrei nas outras garotas. Eu não tinha pretensão alguma de nos relacionarmos. No entanto, a Alexia se apegou a você e quando te chamei para conversar sobre ela, me pareceu chateada porque estava sendo deixada de lado. Eu não podia fazer mais aquilo. A meu ver, nós poderíamos ser amigos. Quando me propôs uma amizade naquela nossa primeira noite na cozinha, foi um alívio. Eu estava certo de que seria a solução do problema.

— Poderia ter me contado naquela noite.

Alexander soltou a mão de Ester e sem desfazer o contato visual, voltou a recostar na poltrona.

— Eu sei.

— Deveria ter me contado a qualquer momento. Conversamos sobre tantas coisas nesses meses de convivência! Tiveram tantas oportunidades em que dava para termos essa conversa, Alex.

O príncipe passou as mãos no rosto, parecendo ainda mais cansado, como se estivesse carregando um fardo invisível, muito pesado para suportar.

— Acho que, inconscientemente, eu tinha medo de que você fosse embora quando soubesse, mesmo que tenha afirmado estar aqui pela Alexia e não por mim.

— É, eu deixei isso bem claro desde o começo.

— Você deixou. — Alexander fitou a flor repousada sobre o colo de Ester e depois seus olhos. — Nada mudou?

Ester suspirou e forçou-se a encarar aqueles olhos cheios de expectativas, ansioso por respostas claras quanto aos seus sentimentos.

— Sabe que sim. — As palavras saíram de sua boca, antes que ela tivesse tempo de pensar melhor no assunto.

Alexander sorriu e levantou o queixo, com expressão cautelosa, como se enxergasse os conflitos internos da moça.

— Sei que essa escolha não é tão simples quanto eu gostaria que fosse. Você não queria estar aqui, a princípio. Mas, se está, é porque Deus assim permitiu. Nada acontece por acaso em nossas vidas, estrelinha. — O mundo de Ester balançou, como sempre acontecia quando ouvia o apelido. — Por isso — Alexander prosseguiu —, quero que pense bem enquanto eu estiver fora. Consegue me dar uma resposta até lá? — Ester assentiu e um sorriso iluminou os olhos do príncipe. — Essa decisão pode ser pesada demais. No entanto, saiba que não estará sozinha, pois estarei aqui, ombro a ombro, tornando-o leve. Isso posso te prometer.

Ester ficou grata por Alexander não exigir uma resposta imediata, dando-lhe alguns dias para pensar com mais clareza sobre o assunto. Naquele momento, recordou uma de suas histórias preferidas da Bíblia: quando Pedro saiu do barco e andou sobre as águas. O grande pescador ia bem, até fitar as ondas e começar a afundar. Lembrou-se do tio dizendo que Pedro afundou porque estava olhando para as ondas ao invés de olhar para os braços estendidos de Jesus.

Talvez fosse isso o que ela precisava fazer. Parar de olhar para as adversidades. Deveria se concentrar nos planos de Deus e no homem piedoso que declaradamente a amava e estava disposto a gastar o resto dos seus dias ao lado dela.

Eles se despediram e Ester já estava prestes a sair pela porta, quando sentiu um aperto muito grande no coração, ao recordar da viagem que ele faria no dia seguinte. Uma sensação que ela nunca havia tido.

— Alex. — Ela retornou ao meio da sala e Alexander veio ao seu encontro. — Será que podemos fazer uma oração juntos?

— Claro que sim.

Como antes, Alexander segurou as mãos dela e ficaram um de frente para o outro. A sensação da mão do príncipe na dela, era algo que ela

queria para sempre. Calmamente, ele entrelaçou seus dedos nos dela. O toque foi ainda mais eletrizante e Ester não conseguiu falar; na verdade, mal conseguia pensar.

Alexander iniciou a oração e com eloquência, engrandeceu a magnificência de Deus. Pediu que Ele guiasse os sentimentos de ambos e ajudasse Ester em sua decisão. Com a voz baixa e compassiva, Ester prosseguiu quando ele parou. Suplicou que Deus o protegesse em sua viagem. Concedesse sabedoria em cada momento, orientando-o a cada passo. Quando pediu para que o Senhor o trouxesse de volta em segurança, sua voz embargou, obrigando-a a interromper a oração, incapaz de continuar.

— Amém — disse Alexander, tão emocionado quanto ela quando a oração findou.

O príncipe não se importava em expor o que sentia naquele momento. Reconhecia a presença de Deus os envolvendo de uma forma poderosa. Ele poderia ser o futuro rei de Galav, mas acima de qualquer coisa, era um pecador salvo pela Graça. Um homem humildemente impressionado com o fato do Senhor do Universo se importar tanto com ele, a ponto de colocar alguém como Ester em sua vida. Para Alexander, não restavam dúvidas. Ele amava aquela mulher com todo o seu coração e por mais que ela ainda não tivesse dito um sim definitivo, a pequena oração, provava que o sentimento era recíproco.

Eles abriram os olhos e se fitaram demoradamente. Ester apertou um pouco mais suas mãos dadas antes de recitar o versículo que vinha sendo sua base nos últimos meses:

— O Senhor é quem vai adiante de ti; ele está contigo, não te deixará, nem te desampará; não temas, nem te atemorizes^[19].

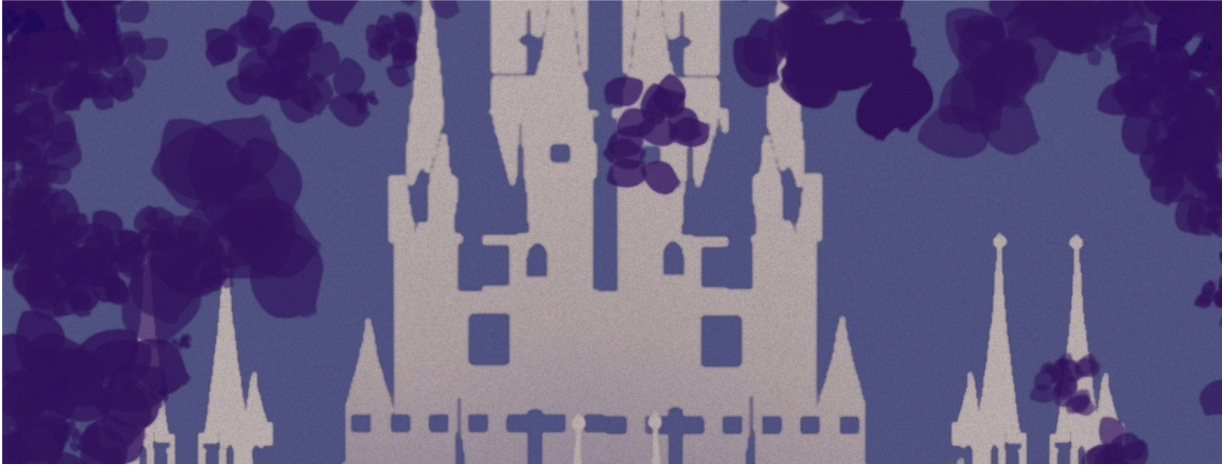
Eles se despediram pela segunda vez e Ester seguiu para o seu quarto como se segurasse o coração nas mãos. Tinha que tomar uma grande decisão nos próximos dias e como se isso não fosse o bastante, havia a viagem de Alexander. Ela sabia o quanto aquilo poderia ser perigoso, conhecia muito bem o seu país e o risco que o príncipe estaria correndo, caso descobrissem quem ele era.

Entrou no quarto, ansiosa para pôr todos os seus sentimentos para fora e escrever o turbilhão de emoções daquela noite em seu diário. Deixou as sandálias pelo meio do caminho e abriu a gaveta do móvel ao lado da

cama. Seu coração pulou algumas batidas ao fitar o espaço vazio, onde outrora repousava seu bem mais precioso.

— Não pode ser... — A voz de Ester se perdeu pelo ar.

Aflita, procurou por ele em cada canto de seus aposentos, várias e várias vezes, até se convencer que alguém o teria roubado. Não só suas cartas estavam lá, mas muitas coisas sobre sua vida. Seus sentimentos mais ocultos se encontravam naquele diário, assim como relatos do tempo que viveu em Cefas. Se estivesse em mãos erradas, ela estaria em maus lençóis.



Capítulo 27

Querido futuro marido,

Eu nunca gostei da palavra adeus. No entanto, ela me acompanha desde que consigo me lembrar. Ao longo da vida, me despedi de pessoas queridas e sonhos se tornaram rotina. Os meses se estendem, o mundo continuava seu caminho, até chegar novamente a hora de uma triste separação. Em minhas súplicas, peço a Deus que quando nos encontrarmos, essa palavra seja removida do meu vocabulário, para podermos ter uma vida longa e tranquila, um ao lado do outro, para sempre.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Deitada sobre um cobertor no meio do jardim do terraço, Ester fitou o céu escuro à espera da chuva de meteoros que aconteceria a qualquer momento. Ali, sozinha, tendo como companhia apenas o silêncio, sentiu voltar o aperto em seu interior, o companheiro desde a partida de Alexander para Cefas.

Ester massageou o peito, tentando se livrar da dor latente que assolava seu âmago, enquanto seus olhos umedeciam outra vez. A semana que o príncipe permaneceu em viagem, passou como um borrão. Foram, sem dúvidas, os dias mais terríveis da vida de Ester desde a sua ida para o palácio.

Alexander havia retornado durante aquela tarde, mas ainda não tinham se visto. Recebeu apenas um bilhete pedindo que o encontrasse no terraço por volta das oito horas da noite para assistirem à chuva de meteoros juntos.

Só Deus sabia o grande alívio que sentiu ao saber que ele estava de volta e em segurança. Ela o amava e o seu maior desejo era se tornar sua esposa. Contudo, isso jamais aconteceria.

O pensamento provocou arrepios e a fez sentir náuseas. Foi ficando mais difícil segurar o choro à medida que ela se imaginava dizendo as palavras, contando sua história, aquela que nunca contara a ninguém. Pensou na reação dele, o que diria. Alexander seria bondoso, é claro, ouviria com paciência. Talvez, até iria abraçá-la e diria todas as coisas certas. Mas, no final, ele não teria alternativa a não ser mandá-la de volta para casa.

Ela sofreria. Ele sofreria. No entanto, quando os fatos ficassem claro na mente dele, Ester seria apenas uma lembrança distante até que não houvesse mais espaço para ela em seu coração.

Alexander, por outro lado, nunca seria esquecido. A imagem partiu o seu coração e a deixou com um nó na garganta. Não havia uma coisa mais assustadora do que a ideia de vê-lo mandá-la embora, uma vez que soubesse a verdade. A realidade entrou sem pedir licença, deixando a porta aberta e permitindo que os ventos dos fatos esfriassem seus desejos mais profundos. Em meio ao seu desalento, recordou-se das palavras de seu tio antes de se mudarem para Galav:

"Quando nos deparamos com escolhas difíceis, as coisas complicam. Você começa a se questionar se está fazendo o certo, mas a decisão é exclusivamente sua."

A diferença era que naquele caso específico, ela não tinha escolha. Mary Kelly havia feito questão de deixar isso bem claro naquela manhã ao invadir seu quarto.

Como em todas as noites daquela semana fatídica, Ester não dormira muito bem. Pouco depois dos primeiros raios de sol romper pela

janela, meio dormindo, meio acordada, ela vislumbrou a silhueta de alguém sentada ao lado da sua cama. Abriu os olhos e lá estava Mary Kelly, com as longas pernas cruzadas, enquanto balançava o pé para frente e para trás como um pêndulo marcando o tempo.

— *Mary?* — *Ester apoiou o cotovelo no colchão, procurando focar a visão.* — *O que faz aqui?*

— *Bom dia, Ester.* — *A moça manteve o movimento dos pés, encarando-a.* — *Ou devo dizer, Hadassa?*

O coração de Ester deu um salto no peito e ela despertou completamente, avistando seu diário no colo da moça.

— *Foi você quem furtou meu diário?*

— *Eu sabia que tinha uma coisa muito errada com você.* — *A moça jogou o diário sobre os cobertores.* — *E eu sabia que a resposta estava aí dentro.*

Ester o folheou, para se certificar de que suas cartas ainda estivessem lá. E estavam. Passou a mão sobre uma delas e expirou o ar que nem ao menos havia notado estar segurando.

— *Sinto muito em te informar, querida, mas o príncipe não será esse tal futuro marido que você tanto sonha.* — *Mary ficou de pé e a encarou com um olhar tão frio, que Ester não a reconheceu.*

Todo o corpo tremia por saber que seu segredo acabava de vir à tona. Mas, o modo como era olhada com desprezo, fez seu sangue ferver.

— *Não é você quem tem o poder de decidir sobre isso.*

A outra pendeu a cabeça para o lado e riu.

— *Não mesmo.* — *Mary deu um passo e se sentou na beirada da cama.* — *O próprio Alexander o fará quando eu contar a ele que, na verdade, você é uma cidadã de Cefas.* — *Jogou o cabelo para trás e depois franziu o cenho, ao notar que Ester mantinha sua fisionomia inalterada.* — *Oh, céus, você não faz ideia do que estou falando, não é mesmo?*

— *Fala logo o que tem para dizer e saia do meu quarto* — *disse Ester entredentes.*

— *Se você não passasse tanto tempo por aí, com sei lá quem, não teria perdido uma parte importante das aulas da história de Galav.* — *Mary estalou a língua no céu da boca e deu um tapinha na perna de Ester.* — *Como a boa amiga que sou, vou te contar.* — *Ela limpou a garganta antes de começar seu relato:* — *Em meados de 1745, o rei Horatio Kriger Lieber*

atracou seu bote salva-vidas no nosso pequeno arquipélago após naufragar e perder mais da metade de sua tripulação. Foram resgatados duas semanas mais tarde, no entanto, quando voltou ao seu país, o trono era ocupado pelo primo, que havia decretado a sua morte e usurpado seu título. Horatio, então, decidiu fundar seu próprio reino, retornando a ilha inabitável e farta onde tinha se abrigado, trazendo consigo mais da metade dos súditos fiéis com ele. — Essa parte da história Ester se recordava, lembrou que ficara curiosa para saber mais, no entanto, precisou sair para se encontrar com Alexander pela primeira vez. — O país prosperou além do imaginado e nos primeiros cinquenta anos de vida já era uma potência comercial. Foi então que o rei Archie, filho de Horatio que acabava de sucedê-lo, após sua morte, vendo sua monarquia tão sólida e rica, e temendo golpes como o recebido anos atrás, decretou que os integrantes da realeza se uniriam em matrimônio apenas com cidadãos legítimos de Galav. — O mundo de Ester girou e a outra pareceu contente ao vê-la tão abalada. — Então, Hadassa, você e o príncipe nunca, nunca, nunca, poderão ficar juntos. — Mary se pôs de pé e observou Ester sem reação sentada sobre a cama. — É a vida — concluiu, cheia de sarcasmo. — Nem todas as histórias têm finais felizes.

Um soluço alto escapou dos lábios de Ester e ela tampou o rosto com as mãos, ainda sentindo o amargor de cada palavra de Mary proferida naquela manhã descer até o seu coração.

— Por que o Senhor permitiu que eu viesse? Por que permitiu que nos apaixonássemos? O que o Senhor quer de mim? Eu só quero entender os Seus planos, meu Deus! — O peito de Ester subia e descia ofegante, enquanto ela orava em busca de respostas. Mas, assim como todas as outras vezes, elas não vieram de imediato. Tudo que se seguiu foi o completo silêncio.

Ela limpou o rosto com as costas das mãos e encarou o céu. As nuvens que outrora escondiam a lua e parte das estrelas haviam se dissipado, revelando os astros distantes, quase como se não estivessem lá momentos antes.

"Esqueça-se do que ficou para trás. Prossiga para o alvo". O versículo 13 do capítulo 3 de Filipenses lhe veio à mente e ela tentou se acalmar antes que Alexander chegasse.

— Desculpe a demora. — Não demorou muito tempo, a voz do príncipe soou ao seu lado, quando ele se abaixou para se deitar no cobertor. — Eu ainda não consegui me desligar dos assuntos da viagem — ele disse animado. — Acredita que conseguimos firmar uma relação com Cibele^[20]? Eles são pioneiros nesse trabalho com cristãos perseguidos pelo mundo todo. Mal posso esperar para me encontrar pessoalmente com o príncipe Edwin para selarmos essa parceria o quanto antes!

— Isso é maravilhoso, Alex. — Ester sorriu de uma forma que não correspondia com os olhos.

O sorriso largo que o príncipe tinha no rosto foi sumindo aos poucos, à medida que observava Ester voltar sua atenção ao céu.

— Você está bem?

Ester limpou a garganta e apontou para o céu, vendo os primeiros fragmentos de meteoritos riscarem o firmamento.

— Está começando.

Receoso com a forma dela agir, Alexander recostou a cabeça na almofada, pausando o assunto. Ester focou seus olhos no centro do palco acima deles. A enorme quantidade de pontos de luzes brilhantes correndo para a terra pintava a imensidão em milhares de riscos cintilantes.

Alexander escorregou sua mão até tocar a dela. Lentamente, entrelaçou seus dedos. Com o toque, uma lágrima teimosa percorreu a lateral do rosto de Ester, abrigando-se com as outras que já umedeciam o seu cabelo.

Bem ao sul, a lua de marfim parecia pairar. Eles ficaram em silêncio enquanto olhavam para a bela paisagem. Uma a uma, o desfile de estrelas cadentes colidiu com a barreira invisível da terra e desapareceram.

— Não teve um minuto sequer nessa semana que eu não tenha pensado em você, minha estrelinha — disse ele, sem desviar os olhos da abóbada celeste. Ester comprimiu os lábios e engoliu em seco, com a sensação de estarem arrancando o seu coração do peito. — O amor machuca. — Alexander hesitou, como se ainda tivesse receio de externar seus sentimentos. — Todas às vezes que eu pensava em você, parecia que vou explodir. — Ele riu baixinho. — O amor é uma tortura, pode deixar a gente maluco. É a coisa mais assustadora que já senti. — Alexander soltou a mão de Ester e se virou apoiando o cotovelo sobre o cobertor ficando de frente para ela. — Como eu ainda não tenho uma resposta sobre tudo isso,

sinto-me como se tivesse em meio a um incêndio e sua decisão fosse a minha água, Ester. Só preciso saber de uma coisa.

— O quê? — sussurrou ela, quase sem voz.

— Você vai me resgatar desse tormento?

Por alguns instantes, tudo ao redor deles desapareceu e Ester só conseguia olhar para ele. O amor que vinha tentando conter rompia as barragens do seu coração, inundava todo o seu corpo e devastava seu interior por completo. Lágrimas brotaram no canto dos olhos dela e um soluço surgiu de algum lugar em meio a sua dor. Ester cobriu o rosto com as mãos e virou de costas. Ela o amava tanto que o seu corpo parecia não suportar ter que encarar seus olhos cheios de reciprocidade.

— Ester, o que houve? — Ela não respondeu. — Você está me deixando aflito!

Alexander se sentou e tocou o ombro dela. Ester se manteve deitada e de costas, encolhendo-se ainda mais com o toque, negando-se a virar para ele outra vez. Com uma paciência incomum, o príncipe esperou até ela se acalmar. A moça se moveu para que ambos ficassem de frente um para o outro. Os olhos dos dois se encontraram e ela começou a falar antes que voltasse a chorar.

— Eu não sou uma cidadã de Galav, Alex. Na verdade, eu sou uma cidadã de Cefas. — A expressão de Alexander ficou inalterada por longos segundos. Parecia que a revelação estava chegando até ele em câmara lenta. Ele abriu a boca e balançou a cabeça em negação, incapaz de falar. — Eu não sabia da lei e não podia revelar minha origem. — O príncipe se levantou em um salto e caminhou até o resguardo do terraço. Apoiou as mãos na barra de proteção e inclinou a cabeça. Ester foi até ele, mas não conseguiu se aproximar, mantendo vários passos entre os dois. — Perdão, Alex. — Vê-lo tão abalado, acabou com ela. A imagem era pior do que havia imaginado.

— Você deveria ter me contado, Ester.

— Eu não podia.

— Claro que podia! — Ele se virou para ela com os olhos transbordando desapontamento. — Você podia ter me dito há uma semana quando conversamos depois do baile e o assunto foi Cefas, o seu país. — Alexander fez uma pausa, tentando recuperar o controle de suas emoções. — Você teria me poupado uma semana de expectativa e sofrimento.

As palavras do príncipe cortaram seus ouvidos. Ele tinha razão. Ela deveria ter dito.

— Sinto muito.

Ela andou para longe dele, já estava sofrendo demais, não tinha necessidade de prolongar o tormento além do inevitável. Nada havia a se fazer a não ser ir embora logo, de uma vez por todas.

— Ester... — Com apenas alguns passos, Alexander se pôs na frente dela e a envolveu em seus braços.

A moça se aninhou no peito dele, enquanto o último pedaço intacto do seu coração se partia. Suas forças se esvaíam e ela se agarrou a Alexander como se estivesse acabado de naufragar e ele fosse sua única tábua de salvação. Lembrou-se do sonho que tivera noites atrás, onde lutava para sair de um mar bravio. A sensação de afogamento era a mesma.

— Vamos dar um jeito, eu prometo — disse ele, deixando um beijo no topo da cabeça dela. — Vamos dar um jeito.



Alexander apoiou as mãos no umbral da janela da sala do rei e encostou a testa no vidro gelado, tentando de alguma forma pensar em uma solução. Não conseguia aceitar que não havia nenhuma e que estavam no escuro total. Para onde olhavam, não viam uma saída ou uma brecha para Ester permanecer no palácio. Ficara ali por horas discutindo com o pai uma forma de reverter a situação, mas até aquele momento, a única alternativa encontrada era desistir e deixar que ela voltasse para casa.

"Faça alguma coisa, meu Deus". Alexander orava em pensamento. *"Estamos de mãos atadas."*

Ao longe, a voz de Ester ressoava calma e compassada, enquanto ela contava sua história ao rei Sebastian e a rainha Elizabeth. Alexander se mantinha afastado, fitando a escuridão da noite, sem esperanças. Os acontecimentos que Ester já havia relatado, fazia seu estômago doer. Como ela ainda estava de pé depois de tanto sofrimento? Qualquer um em seu lugar seria cheio de traumas. Ela, apesar das circunstâncias, era meiga, doce, esperançosa e com uma fé em Deus inabalável.

— Ver toda a minha família ser dizimada, foi doloroso. Eu era apenas uma criança e... — Ester não conseguiu terminar. Anos de angústia reprimida vieram à tona e a estremeceram. Alexander apertou os olhos, mantendo-se de costas, enquanto lutava para manter a calma. Sem conseguir permanecer longe dela por mais um segundo, o príncipe se sentou ao seu lado, pondo o braço em volta de seu ombro. Ela não se achava digna da compreensão de Alexander, mas, mesmo assim, ele estava sendo condescendente. Por que o príncipe não fugia? Como podia ficar sentado ali agora que sabia a verdade? Ela havia omitido uma parte importante de seu passado, ele deveria estar furioso e não afetuoso! — Os anos se arrastaram e eu perdi as contas de quantas vezes escapamos da morte. Nós só sobrevivemos porque Deus permitiu. Não era para estarmos vivos. — Uma sombra de dor atravessou o rosto de Ester. — Estava cada vez mais perigoso viver naquele lugar, então, o meu tio decidiu que era hora de fugirmos.

Todos se mantinham em silêncio e Ester não conseguia decifrar o que eles estavam pensando. Mas, dessa vez, de uma forma que suavizou as feridas doloridas no coração da moça, Alexander estendeu a mão e discretamente segurou a dela, fazendo-a se deliciar com a sensação dos dedos dele contra os seus.

Por que ela só havia percebido o quanto o amava, quando já era tarde demais, quando eles seguiriam em frente com a vida e deixaria um ao outro para trás? E, afinal de contas, por que ela estava segurando a mão dele, deixando-o se aproximar do modo como sempre jurou que ele nunca chegaria? De nada adiantava. Independentemente dos sentimentos, depois dessa noite, não haveria mãos dadas nem troca de intimidades.

— Vendemos o que ainda nos restava — ela prosseguiu depois de um tempo — e pagamos uma organização, que a cada dois meses mandavam centenas de pessoas a diversos países, para que nos tirasse de Cefas. — A rainha Elizabeth ouvia seu relato com uma expressão melancólica, como se fosse cair no choro a qualquer momento. — Ao chegar em Galav, recebemos nossos novos nomes, uma nova história de vida e fomos instruídos a nunca, em hipótese alguma, falarmos sobre nossas origens. — Ela suspirou. — Eu não fazia ideia da lei e tenho certeza de que o meu tio também não conhecia. Caso contrário, eu não estaria aqui.

O silêncio continuou quando ela terminou de relatar sua história. O rei Sebastian mudou de posição em sua cadeira e analisou o filho, depois a

moça, que mantinha a cabeça baixa. Ambos devastados.

— Eu não consigo imaginar como foi difícil tudo o que você e o seu tio passaram — disse a rainha em apoio. — Graças a Deus, vocês escaparam e agora estão aqui em Galav, seguros.

Os olhos da rainha mostravam a mesma carga de dor que Ester sentia. Ela deu um pequeno sorriso em agradecimento. Porém, na cabeça do rei, um alerta muito grande piscava incessante. Uma investigação sobre todas as garotas e suas famílias havia sido exigida por ele. Como não descobriram a origem da moça em suas análises? Não que ele desconfiasse de Ester, porém, tudo isso significava que assim como ela, outras pessoas poderiam estar por aí, infiltrados em seu reino e só Deus sabia com quais intenções.

Sem dúvida, esse acontecimento seria um prato cheio aos opositores de seu reinado que lutavam para derrubá-lo. Uma parceria com as organizações religiosas de Cefas era mais necessária do que nunca. Providências urgentes deveriam ser tomadas quanto ao modo como centenas de pessoas entravam em Galav ano após ano.

— Como já disse ao meu filho, senhorita Sullivan, as leis do nosso país são muito claras. — O rei atraiu sua atenção, fazendo tudo dentro dela retrair mais uma vez. — Nesse caso, não consigo ver qualquer saída. — Ele respirou fundo e comprimiu os lábios. — Meu coração corta em dizer não haver nada que possamos fazer.

— Entendo — a voz de Ester era baixa e contida.

— Você não precisa ter pressa. Quando estiver pronta, um carro a levará para casa — disse o rei, gentilmente.

— Eu gostaria de ir agora, se Vossa Majestade não se importar.

O rei olhou para o filho que permanecia calado, como se seus pensamentos estivessem a quilômetros de distância dali.

— Como quiser.

Um carro foi solicitado e quando estava tudo pronto para sua partida, Ester se despediu do rei e da rainha, saindo com Alexander logo atrás dela. Eles caminharam em silêncio até a porta principal. Cada um tentando juntar os pedaços de seus corações dilacerados e cheios de questionamentos que queriam gritar para Deus, exigindo respostas. O vento frio da madrugada agitou os cabelos de Ester, quando ela parou ao lado do carro e virou-se para olhar Alexander pela última vez.

— Perdão, Alex — rogou, tentando não chorar, mas as lágrimas já estavam perto demais da superfície para serem contidas. — Perdão por não ser a pessoa que você pensou que eu fosse.

Lentamente, o príncipe passou o polegar pelo rosto dela, secando-o. Ester sentiu o calor das mãos de Alexander um segundo antes de seus dedos roçarem seu queixo e depois a bochecha. Suas mãos passearam pela face dela, um toque tão gentil que era quase doloroso.

— Sim, você é.

Ela baixou os olhos por um instante e, depois, voltou a olhar para ele.

— Não entendo como pode pensar assim depois de tudo.

— Desde que a conheci, eu soube quem você é, Ester. — Alexander colocou as mãos nos bolsos, sem desviar seus olhos dos dela. — Você não é como as moças que estiveram aqui. Nunca pensei que fosse. Você é piedosa, amável, virtuosa, bondosa, apaixonada, emotiva e com uma fé invejável. Uma mulher com coragem suficiente para enfrentar as adversidades da vida sem perder sua confiança em Deus. Dentro de você bate o coração mais forte do que o de qualquer pessoa que eu conheça. — Ele examinou os olhos dela. — Saber sobre sua origem não mudou isso.

Por que ele estava dizendo isso? Como ele poderia dizer essas coisas carinhosas depois de tudo o que ela havia acabado de contar? Por que insistia em ser tão compreensivo e amável? Essa era a parte em que ele deveria dizer adeus e se livrar dela.

— Você não precisa dizer isso, Alex.

— Olhe — Alexander respirou firme —, eu estou dizendo a verdade. Saber o quanto você já sofreu, me mata! Mas, seu passado não importa para mim. O importante é que você está aqui, agora, segura, bem e pronta para me deixar ver seu coração. — Seus traços suavizaram. — Ainda que só um pouquinho.

Ester olhou nos olhos de Alexander. Será que ele realmente a amava tanto assim? Lá, nos lugares mais secretos do coração dele? Tanto que nem mesmo a verdade sobre sua origem e saber que as havia omitido poderia abalar o que ele sentia por ela? E do que adiantaria todo esse amor agora? Em poucos minutos ela entraria naquele carro e nunca mais se veriam outra vez. Ele se casaria com uma das outras moças que permaneceria no palácio e ela tentaria viver um dia de cada vez, como

sempre fizera em toda a sua existência. A realidade e a razão estavam tão perto, que a deixou apavorada.

— Alex, eu... eu não sei o que dizer.

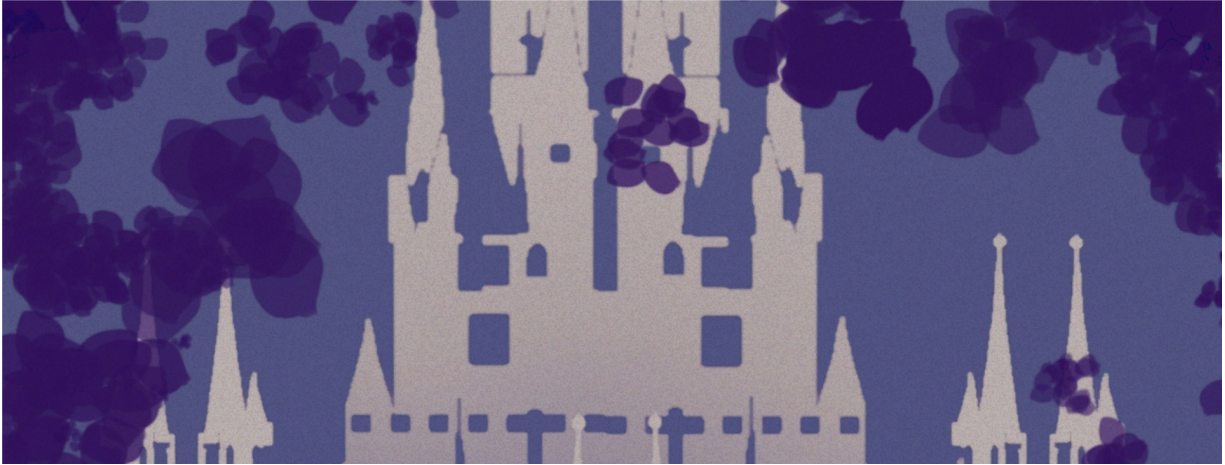
Os olhos dele dançaram entre os dela, procurando gravá-lo em sua mente.

— Você não vê, Ester? Durante anos orei para Deus me enviar alguém. Eu não tenho dúvida que essa pessoa é você. — A voz do príncipe soou com determinação. — Me recuso a acreditar que depois de tudo, não possamos ficar juntos.

— Alex...

— Não diga nada. — Ele balançou a cabeça, calando-a. O príncipe se aproximou, puxando-a para os seus braços. Seu coração estava tão machucado quanto o dela. Os sentimentos de Ester por ele eram mais maravilhosos do que qualquer coisa que podia imaginar. Estar envolvida nos braços de Alexander, acreditando que ele a amava, não apenas seu exterior ou algo imaginário em seu íntimo, mas sua pessoa na sua totalidade, era *quase* reconfortante. Porém, ao mesmo tempo, era como se fosse morrer ao se afastar. — Você me confiou seu passado — disse ele, a voz como um sussurro. — E a confiança é a única maneira pela qual vamos descobrir o que o amanhã nos reserva.

Ester ansiava por ter tanta convicção assim como o príncipe. No entanto, não conseguia pensar como ele e não via uma única luz no fim do túnel que pudesse fazer toda aquela situação reverter. Eles se afastaram e se fitaram por um longo tempo. Por mais que tentasse esconder, a verdade era que a realidade deixava Alexander exaurido e tão desesperado quanto Ester. Ela se virou para ir embora e ao fazer isso, o fôlego ficou preso na garganta dele. Seus olhos demoraram um no outro mais um instante, quando a moça se acomodou no banco de trás do carro. Então, ele fechou a porta e viu o veículo se afastar, levando embora o amor da sua vida.



Capítulo 28

Querida Hadassa,

Não basta amar tão somente, para se ter garantia de finais felizes. Quando as coisas quebram, não é a quebra real que os impede de voltar a ficar juntos novamente. É porque um pequeno pedaço se perdeu — as duas extremidades restantes não poderiam caber em conjunto, mesmo se quisessem. A forma inteira mudou. Porém, me recuso a acreditar que esse pensamento se aplique a nós. Contudo, e sobretudo, se não for você, eu desisto. Desisto de procurar alguém, desisto de tentar amar. Largo mão dos meus planos ao lado de uma mulher. Desisto de tudo. Não penso mais em vida a dois e muito menos em amor eterno. Se não for você, não será ninguém. Se não for para ser você devido ao que sou, serei capaz de deixar de ser eu. Se não for você, meu amor, se não for você, a minha vida deixará de fazer sentido. Vai doer? Vai, e muito! No entanto, teremos que simplesmente sobreviver, esperar a dor ir embora sozinha, esperar para que a ferida que a causou, sare. Mas, lá no meu íntimo, eu sei que é você. E eu serei para sempre seu...

Alexander.

De dentro do carro, Ester viu Alexander ficar cada vez mais longe à medida que o veículo se afastava até não poder vê-lo mais. Endireitou o corpo no banco e olhou para frente, deixando as lágrimas virem livremente. Uma tristeza profunda e agonizante brotou dentro dela e saiu como a oração mais simples e esperançosa que ela já havia feito.

"Por favor, Deus, permita que fiquemos juntos um dia. Por favor..."

Diante de tamanha angústia, ela travava uma luta interna a fim de manter sua fé intacta. Não poderia permitir que fosse abalada. Contudo, em toda a sua vida, Ester nunca tinha se sentido tão longe do que era mais importante: Deus. Sentia-se como se Ele estivesse de costas, ignorando seus suplícios.

O desespero penetrou em cada milímetro de sua alma por causa daquela verdade muito dolorosa: ela nunca poderia ficar com o amor da sua vida. O vazio no coração de Ester aumentou, até não ter certeza se podia suportar mais. Uma dor, uma sensação de perda incalculável que só havia sentido anos atrás com a morte dos pais.

"Quais são os planos que o Senhor tem para mim, Deus? Quando vai me deixar saber?"

A moça reprimiu um soluço para que o motorista não visse que ela ainda estava chorando.

"Diga alguma coisa, Senhor! Qualquer coisa! Diga mesmo se for para me mostrar que meus sentimentos por Alexander estão errados."

A espera de uma resposta, Ester fitou a escuridão e os vultos das árvores velozes do lado de fora na via principal que levaria até Gamaliel.

"Meus pensamentos não são seus pensamentos; nem seus caminhos, meus caminhos^[21]." O versículo pairou sobre o ar por um tempo e desapareceu. Era Deus falando com ela? Sussurrando aos lugares secretos de sua alma? Era a resposta do Senhor para ela naquele momento de angústia? Se sim, o que as palavras significavam?

"O Senhor tem um plano diferente para mim, Deus? Algo que eu não posso imaginar?"

Talvez essa fosse a vontade de Deus: que Alexander desaparecesse da vida dela, se tornasse uma lembrança, em vez de uma presença constante. Isso seria doloroso e, definitivamente, algo que ela não poderia imaginar. Ou talvez não. Talvez Deus tivesse seus próprios meios para fazer cumprir suas promessas.

Ester fechou os olhos e recostou a cabeça no apoio do assento, as perguntas a atingindo como granizo. Por alguma razão, ela estava com medo das respostas — visto que, naquele momento e diante dos fatos, não importava os sentimentos de Alexander por ela ou quais versículos bíblicos lhe passavam pela cabeça. Ela estava indo embora e ele seguiria com a escolha de sua futura esposa. A nuvem de culpa e de tristeza que a seguia durante meses estava mais densa. No entanto, o seu amor pelo príncipe era tão claro como o Sol da tarde. Ela desejava estar com ele com todas as suas forças e de todo o seu coração.

Ester suspirou, pensando em sua história. Não havia dúvida de que, às vezes, o mal parecia ser vitorioso na batalha de sua vida. Portanto, ela se esforçava para recorrer à promessa de Deus, de que Ele era superior ao mal. As palavras de Joseph lhe vieram à mente:

“Querida, ao longo da vida, quando a dor parecer insuportável, use a mensagem de 1 João como sua âncora para sua fé não se mover do lugar. Deus é maior, por piores que fiquem as coisas, por mais horríveis, diabólicas ou assustadoras que sejam. Deus vence. Simples assim”. Ester até conseguia ver o tio dar de ombros, confiante como sempre em suas sábias palavras.

E foi a isso que Ester se agarrou. Deus reinava até mesmo em um momento como esse e todas as coisas cooperavam para o bem daqueles que O amavam. No processo, o Senhor os fazia se lembrar do que era importante na vida.

Como se não bastasse toda a sua história com o príncipe, havia Alexia. Pensar na reação da princesa quando soubesse que ela não se encontrava mais no palácio era perturbador. Ester havia se apegado a menina e a amava tanto, que seu fôlego falhava ao pensar nela. Ainda não se conformava com a abordagem de Charles e orava para que suas palavras, durante a dança com o rei, no baile, causassem algum efeito a ponto de intrigá-lo a procurar um novo profissional. Para não tornar a despedida ainda pior, escolheu não ver Alexia antes de partir.

Ester tentou dormir, mas as lembranças de todos os momentos que havia vivido no palácio não a abandonavam. Pensar nas vezes que esteve com Alexander, era como se um pouco dela se esvaísse. Seu coração se apertava com as recordações dos encontros na cozinha no fim das noites, de seu bom-humor. Seu sorriso de garoto travesso, da sensação de segurança de estar em seus braços, o toque leve e gentil de suas mãos e seu olhar tão

complacente, que nunca mais seriam seus, pois em pouco tempo ele estaria se casando com outra. A realidade dos fatos a agrediu mais uma vez e conforme ia se assentando em seu interior, a dor era ainda maior.



Alexander estava exausto e seu coração parecia falhar em sua função de bombear sangue para o corpo. Imaginar-se sem Ester em sua vida, o destruía por completo. Sempre fora muito seletivo quando o assunto era sentimentos. Primeiro, porque em sua posição não poderia se envolver com qualquer garota e, segundo, nunca havia encontrado alguém com a qual se identificasse tanto, a ponto de querer dividir o resto de seus dias. Nunca. Até conhecer Ester Sullivan.

Quando o rei propôs o concurso pela primeira vez, Alexander achou um absurdo reunir dez garotas que ele nunca havia visto e dentre elas, ter que escolher uma com quem se casaria. Não acreditava que o processo em questão fosse a solução e não aceitou no primeiro momento. Então, o rei lhe deu um prazo. Alexander teria que encontrar alguém em doze meses por conta própria.

O príncipe aceitou, mas para falar a verdade, ele nem ao menos tentou. Eram tantos compromissos que o tempo passou rápido demais e quando percebeu, o período já havia expirado, obrigando-o aceitar a proposta do pai.

A escolha das garotas iniciou e ele não quis participar da comissão. Acreditava ser um absurdo tudo aquilo e ficou horrorizado com a quantidade de garotas desesperadas que estavam aceitando o chamado do rei. Após algumas semanas, chegou o grande dia, onde seria anunciado às candidatas ao seu coração, como disse Stephen, o jornalista dos informativos do processo. Tudo parecia um *reality show*, o que o deixava mais irritado com toda a exposição.

Uma a uma, as moças foram sendo apresentadas em rede nacional a ele e a Galav. Alexander admitia haver uma mulher mais linda que a outra, mas com sorrisos falsos em seus rostos e sem brilho próprio.

Provavelmente, devido a imensa camada de maquiagem que lhes cobriam. Com exceção da última. Era simples, expressão angelical e sorriso espontâneo. A dissonância com as demais, sem dúvida, era algum jogo de *marketing* de seu pai, a fim de mostrar ao povo que garotas de todas as classes estavam tendo uma chance. No entanto, o que nunca imaginaria, era que aquela moça viraria sua vida de cabeça para baixo e roubaria o seu coração.

Alexander entrou em seu escritório após Ester ter ido embora. A imagem dela partindo ainda dilacerava seu interior. Sobre sua mesa, encontrava-se o presente que havia trazido para ela de Cefas. Era o último dia de viagem e ele, com seus companheiros de jornada, estavam em uma feira de *souvenir* às margens de uma estrada. O pequeno baú, envelhecido pelo tempo e com uma estrela em alto-relevo na tampa, lhe chamou atenção.

Alexander andou pela sala iluminada apenas pelo abajur ao lado da estante de livros e pousou a mão sobre a estrela, seu coração quase não cabendo no peito. Ele deveria ter entregado o presente naquela noite durante a chuva de meteoros, mas estava tão atrasado, que o esqueceu. Pegou o baú e rumou em direção ao aposento outrora ocupado por Ester.

A brisa que entrava pela sacada aberta trouxe o perfume dela até ele quando Alexander abriu a porta, bem como uma lufada de questionamentos: por que Deus estava fazendo aquilo com ele? Por que havia permitido amá-la naquelas proporções se o Seu plano não era deixá-los juntos? No fundo, o príncipe sabia as respostas. Ele se permitiu, mesmo que de forma inconsciente, se apaixonar por Ester, porém, diante de sua dor, procurava atribuir a culpa de suas escolhas a outro apenas para amenizar seu sofrimento.

Alexander se sentou na cama dela e fitou a estrela na tampa do baú que trazia nas mãos. Uma pequena alavanca na lateral do objeto chamou sua atenção. Pressionando-a, a tampa se abriu e revelou um rolo de papéis. Ele desatou o laço de fita azul que o envolvia, dando-se conta que se tratava de uma série de cartas. Acomodou-se entre os travesseiros e leu a primeira:

Querido futuro marido,

Completei dezoito anos hoje, e sei que pode parecer excêntrico escrever-lhe isso nesse momento, contudo, esta carta é uma espécie de comprometimento que faço a você. Eu sempre me perguntei o porquê de

fazermos juramentos, sem saber se seremos aptos a realizar nossas promessas. Sei que somos seres humanos e erramos, mas também aprendemos com nossas falhas. Não podemos dar garantias, já que fazer votos de um futuro é incerto. Mesmo assim, quero registrar o meu desejo e prometer guardar para você o meu coração. Pode parecer surreal essa promessa, pois há muito que se viver e sei que até te encontrar, talvez eu seja encontrada por outros durante o caminho. No entanto, por mais que seja difícil, vou fazer de tudo para mantê-la. Meu anseio maior é estar completa quando enfim nosso dia chegar. É por isso que faço esta promessa agora, para que eu nunca me esqueça que sou uma dádiva reservada exclusivamente para você no futuro.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Por algum motivo, as palavras daquela desconhecida trouxeram-lhe alento, acalmando os sentimentos conturbados do príncipe. Alexander leu uma carta após a outra, rindo com algumas e reflexivo com outras, até que adormeceu.



— Hora de acordar, futura Rainha.

Já passava das nove horas da manhã, quando John entrou no quarto de Ester a fim de ajudá-la com o que vestiria em mais um dia. Não ficou surpreso de a moça ainda estar dormindo. Na maioria das vezes, ele tinha que arrancá-la da cama.

Como Ester não se moveu, John se aproximou e já ia bater uma mão na outra, quando congelou. Seus olhos saltaram à órbita ao ver Alexander em um sono profundo. Com o queixo quase batendo no peito e sem reação, o estilista analisou o príncipe envolto por diversos papéis e uma caixa velha de madeira sobre uma almofada.

Sayuri, Hanna e Yumi entraram no quarto, mas antes que se aproximasse o suficiente, John fez um sinal com as mãos e gesticulou com os lábios para darem meia volta e saírem. Em seguida, correu até o *closet* e

verificou o banheiro. Ester não estava em nenhum dos dois lugares. John voltou para perto da cama, ainda se perguntando o que ele fazia ali.

O príncipe se mexeu e abriu os olhos aos poucos, acostumando-se com a claridade que invadia o quarto. Pareceu demorar em se localizar, mas quando os acontecimentos de horas antes lhe vieram à mente, ele levou as mãos ao rosto. Com as vistas livres outra vez, percebeu John o fitando, intrigado.

— Volto depois — disse o *personal*, tão branco quanto uma folha de papel.

Alexander se sentou e passou as mãos nos cabelos desarrumados.

— Ela se foi, John.

Ao dizer as palavras em voz alta, a realidade voltou a atingir o príncipe.

— Como assim, ela se foi?

Alexander começou a recolher as cartas espalhadas sobre a cama a fim de esconder sua tristeza.

— Ela não é cidadã legítima de Galav. Ester é uma cidadã de Cefas, portanto, não podemos nos casar.

Uma montanha parecia ter caído sobre John quando ele desmoronou na poltrona ao lado da cama.

— Eu não fazia ideia.

— Ninguém sabia até ontem. — Alexander suspirou e lacrou o baú, guardando com cuidado as cartas de volta dentro dele. — Ela partiu após revelar.

O mundo de John girou ao se recordar da conversa com Ester semanas atrás, quando ela afirmou que não se casaria com Alexander. A angústia sentida naquele dia, nada se comparava com agora, diante dos fatos. Não por conta do seu desemprego iminente, mas porque ele de fato acreditava que Ester seria sua futura rainha. John estreitou os olhos em direção ao príncipe e o viu fitando o nada. Ah, ele também acreditava.

— Não há nada que possa fazer? — John perguntou, angustiado.

— Aparentemente, não. — John suspirou, inconformado diante da resposta do príncipe. — Ester não levou seus pertences. Quero que arrume tudo e entregue em sua casa — solicitou Alexander.

— Sim, senhor. — John assentiu e se levantou. O estilista deu alguns passos em direção ao *closet* e depois voltou. — Isso significa que também preciso ir embora, não é?

— Sinto muito, John.

O rapaz deu um sorriso fraco e mordeu os lábios.

— Tudo bem.

Antes de John sair, Alexander acrescentou:

— Você pode me fazer um favor?

— Claro, Alteza.

— Quero que volte para me dizer como Ester está. Acabou de me ocorrer que se essa história vazar e todos descobrirem suas origens, podem sofrer represálias.

Um arrepio subiu na coluna de John com a suposição do príncipe.

— O senhor acha isso possível?

— Infelizmente, muitas pessoas possuem maldade em suas intenções.

Com o coração apertado de preocupação, John foi para o *closet*, mas Alexander não conseguiu se mover. Era como se não quisesse enfrentar a realidade que lhe aguardava do lado de fora daquele quarto. Um longo tempo depois ele ainda permanecia ali, vasculhando na mente uma maneira que talvez pudesse ser a solução para aquele problema, no entanto, tudo que se via era completa escuridão.

— Deus, tantas vezes não entendemos e, sinceramente, Senhor, essa é uma delas. — Alexander suspirou, desolado. — Confiamos em Ti e cremos que mesmo que aos nossos olhos carnis seja improvável, Tu és o Deus do impossível — orou em busca de forças.

Quando estava pronto para enfrentar a realidade que o aguardava, John saiu do *closet* correndo.

— Você precisa ouvir isso, Alteza — disse, eufórico. — É o diário da Ester!

Antes de Alexander protestar, dizendo que aquilo seria invasão de privacidade, John já pronunciava as palavras da primeira frase.

— Querido futuro marido...

— Espera! — Alexander saltou da cama e pegou o diário. Passou os olhos pela página aberta. — Não pode ser... — A voz de Alexander falhou ao ler em silêncio as últimas palavras escritas no diário.

“A cada dia, posso sentir que você está mais perto de mim. Sou capaz de sentir o seu perfume, ouvir sua risada e perceber o seu olhar. Pode ser que eu esteja totalmente errada, mas acho que já nos conhecemos.

E o encontro foi perfeitamente orquestrado por Deus e, se tudo que Ele faz é perfeito, eu posso descansar nEle e crer que venha o que vier, aconteça o que acontecer, no final dará certo.

*Sua futura esposa,
Hadassa”.*

Era como se o coração de Alexander não coubesse mais em seu peito quando fechou o diário e abriu o baú mais uma vez para espalhar as cartas outra vez sobre a cama.

"Querido futuro marido...", estava escrito no cabeçalho de todas as folhas e em várias páginas do diário.

"Hadassa!", era o mesmo nome no rodapé de todas as cartas.

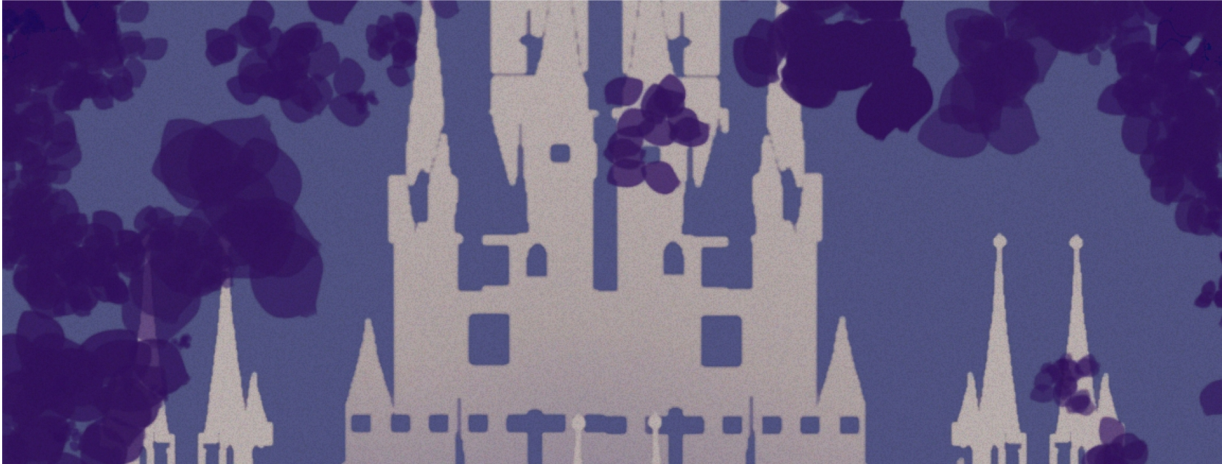
As batidas de seu coração se tornaram mais fortes, enquanto ele folheava as páginas do diário lendo as cartas, e quanto mais as lia, tinha certeza de que eram da mesma pessoa. Por fim, encontrou a carta que relatava ter perdido as demais quando se mudou para Galav, sanando qualquer dúvida que ainda existia.

Contudo, foi um papel solto o que abalou ainda mais sua estrutura.

Querido Alex,

Se estiver lendo isso, significa que você já sabe a verdade sobre o meu passado, minhas origens, e eu não estou mais no palácio. Não sei como será a nossa despedida, mas quero que saiba, eu nunca menti sobre a minha índole nesses meses de convivência. Como prova disso, deixo-lhe o meu diário. Nele, você encontrará relatos importantes sobre mim, sobre o meu país e como foi chegar até Galav. Espero que o ajude de alguma forma a identificar as organizações e garantir que muitas outras pessoas cheguem ao seu reino de modo seguro e dentro da lei.

*Com amor,
sua estrelinha.*



Capítulo 29

Querido futuro marido,

Certa vez ouvi que as perdas fazem parte da vida e que é possível crescer, mesmo quando o que amamos foi embora. O tempo tem o dever de curar tudo, aquietar a dor pungente em nosso interior e eternizar a saudade da presença de quem se foi. Quando isso acontece, é como se fossemos uma casa destruída por um vendaval, que terá que se reerguer. Estou exatamente assim nesse momento, e o que me resta é a fé e a esperança de que dias melhores virão. É apenas nisso que estou ancorada.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Joseph havia despertado às quatro horas da manhã com um mau pressentimento. Ester veio a sua mente e a preocupação logo o afligiu, pois sabia que quando se sentia dessa maneira, não era em vão e em pouco tempo a notícia chegaria. Certo disso, levantou-se e se acomodou na velha poltrona ao lado da janela da sala. Sob a luz fraca do abajur, abriu a Bíblia e ficou ali por pelo menos duas horas, intercalando a leitura da Palavra e orando pela sobrinha, tentando entender o porquê de tais sentimentos. Os

primeiros raios de sol já entravam pela janela banhando o pequeno cômodo com um pouco de calor, quando folheou a Bíblia, e dessa vez e leu 2 Coríntios 1:3-8:

"Louvado seja Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai bondoso, o Deus de quem todos recebem ajuda! Ele nos auxilia em todas as nossas aflições para podermos ajudar os que têm as mesmas aflições que nós temos. E nós damos aos outros a mesma ajuda que recebemos de Deus. Porque, assim como tomamos parte nos muitos sofrimentos de Cristo, assim também, por meio dele, participamos da sua grande ajuda. Se sofremos, é para que vocês recebam ajuda e salvação. Se somos ajudados, então vocês também são e recebem forças para suportar com paciência os mesmos sofrimentos que nós suportamos. Desse modo, a esperança que temos em vocês está firme. Pois sabemos que, assim como vocês tomam parte nos nossos sofrimentos, assim também recebem a ajuda que Deus dá."

A campanha tocou e o homem franziu o cenho, olhando para o relógio que marcava seis horas da manhã. Deixou a Bíblia sobre a poltrona e caminhou até a porta. Ao abri-la, seu coração foi ao chão quando avistou Ester com os olhos vermelhos e inchados por conta do choro. Joseph nada disse, apenas estendeu os braços e esperou enquanto a sobrinha atravessava a porta e se entregava ao seu abraço.

— O que aconteceu, filha?

Ele a conduziu até o sofá, amparando-a em seus braços. Assim que se sentaram lado a lado, Ester ergueu os olhos cheios de tristeza.

— Não posso me casar com o Alexander, pois não sou cidadã legítima de Galav.

— Como assim? — Joseph ficou tão surpreso, que recuou alguns centímetros no sofá.

— Segundo a legislação do país, só quem nasce em Galav pode pertencer à realeza.

Chocado, Joseph levou a mão à boca.

— Eu não sabia. — Ele apoiou os cotovelos na coxa. — Sinto muito por te colocar nessa situação. — Seu rosto encheu de pesar quando olhou para ela. — Se eu soubesse, não a teria inscrito.

Uma brisa fria atravessou a janela aberta ferindo seu rosto úmido e ela o enxugou com a manga da blusa.

— Não tinha como a gente saber. Éramos novos no país e ainda não conhecíamos as leis locais. — Ester segurou a mão do tio, fazendo-o

olhar para ela. — Agora é seguir em frente. — Aquelas palavras eram mais para ela do que para ele. Pela primeira vez, olhou ao redor. O apartamento ainda continuava do mesmo jeito que se lembrava, pequeno, simples, porém, aconchegante. — Estou cansada e gostaria de me deitar um pouco.

— Claro, querida. — Joseph se aproximou e a beijou na testa. — Seu quarto está da mesma maneira que você o deixou.

Ester esboçou um sorriso, mas seus olhos estavam tão carregados de tristeza, que cortou o coração de Joseph.

— Deixe que Deus assuma o controle daqui para frente. — O homem insinuou um sorriso, tentando animá-la. — Não se preocupe com o amanhã, Hadassa, o Senhor cuidará dele. — Seu tom era pensativo, profundo.

— Será mesmo, tio? — Ela deixou a cabeça cair para trás contra o sofá.

Outro sorriso, mas silencioso, veio dele.

— Muitas vezes, só entendemos o que Deus está fazendo muito tempo depois.

— Se eu tivesse contado que venho de Cefas desde o início, teria evitado muito sofrimento — disse ela, fitando o teto.

— Mas aí vocês não teriam se apaixonado um pelo outro. Guardar o segredo foi necessário por um tempo.

— E do que adianta todo esse amor agora? — Ester olhou para ele, indignada. Joseph não tinha respostas para isso nem compreendia o que estava acontecendo. Mas de uma coisa Joseph sabia: os propósitos de Deus prevaleceriam, porém, Ester teria que aprender isso por conta própria. — Vou dormir um pouco.

Joseph assentiu e a viu se afastar com os ombros curvados.



Ester rolou na cama por mais de uma hora até o cansaço ser forte o suficiente para nocauteá-la. Sua intenção era dormir para esquecer os acontecimentos da noite anterior, no entanto, os eventos a perseguiram até em seus sonhos: Alexander estava em pé no altar de uma igreja usando seu traje real e ainda mais lindo do que se lembrava. Mary, com um vestido de noiva, ia ao seu encontro e ele sorria, muito feliz com aquele momento. A

noiva se aproximou e ele se adiantou para recebê-la sem abandonar a fisionomia de contentamento. Mesmo dormindo, Ester estava ciente que se tratava de um sonho, porém, o casamento parecia tão real quanto a dor pungente em seu peito. Quando o celebrante os declarou marido e mulher, Ester acordou sufocada por um grito silencioso.

Já passava das três horas da tarde e chovia muito. O quarto estava envolto em uma penumbra nublada, a natureza revelando com precisão os sentimentos de Ester. Ofegante, chutou o cobertor para longe e se sentou na cama com a mesma angústia de quando havia se deitado.

— Essa dor nunca vai embora, meu Deus? — sussurrou, devastada.

Consciente de que não conseguiria voltar a dormir, Ester vestiu um de seus antigos vestidos e saiu do quarto. O cheiro dos famosos biscoitos de aveia e canela de Joseph pairava pelo apartamento. A moça fechou os olhos e inalou o aroma, deliciando-se com as escassas lembranças boas de sua infância, em uma época em que seus pais ainda eram vivos e ela, com a mãe, passava as manhãs de domingo assando biscoitos.

Um sorriso, ainda tímido, surgiu nos lábios de Ester enquanto ela seguia para a cozinha. Se voltar para casa tinha algo bom, sem dúvida era a companhia do tio e mimos como aquele. Antes de chegar ao seu destino, a voz de Joseph soou em uma oração. Ester caminhou com cuidado para não fazer barulho. Amava ouvi-lo em suas preces. Por diversas vezes em que oraram juntos, ficou em silêncio por um longo tempo, deixando o seu coração e alma aquecerem com a mansidão presente no timbre grave da voz dele. Como de costume, suas palavras eram firmes e eloquentes. Mas eles não estavam sozinhos. Ewan se encontrava sentado à mesa, com os olhos fechados e a cabeça inclinada em reverência enquanto seus lábios se moviam em uma súplica silenciosa. Ao seu lado estava Sharon com a filha de um ano no colo. Ainda sem entender, Ester avistou alguns livros e duas Bíblias abertas sobre a mesa, dividindo espaço com um prato de biscoito, algumas xícaras e um bule de chá. Os dois homens perceberam sua presença ao abrir os olhos, mas foi Sharon quem se levantou primeiro para cumprimentá-la.

— Amiga! — Ela abraçou Ester um pouco desengonçada, com Brenda entre elas. — Como você está?

Sharon se afastou e ajeitou a filha no colo, oferecendo um olhar caloroso à outra.

— Bem, na medida do possível. — Ester curvou os lábios em um sorriso educado.

Houve um silêncio entre elas, interrompido quando Brenda resmungou algo sem sentido. Em seguida, a bebê estendeu a mão e agarrou o cabelo de Ester.

— Parece que ela gostou de você! — Sharon parecia surpresa com a atitude da filha.

— Por algum motivo, Ester tem esse efeito com crianças. Elas simplesmente amam minha sobrinha desde o primeiro momento — disse Joseph do outro lado da mesa, observando a interação das duas. — É um dom.

Ratificando as palavras do homem, Brenda estendeu os braços e jogou o corpo em direção a Ester, pedindo colo.

— Você viu isso, Ewan? — Chocada, Sharon entregou a filha à amiga. — Ela nunca fez isso. Pelo contrário, estranha todos que se aproximam dela.

Ester aconchegou a menina em seus braços e sorriu proferindo palavras de carinho a ela.

— Brenda também gosta de mim — disse o rapaz ao se aproximar. — Não é, meu amor? Vem com o tio Ewan — a chamou com a voz estranha e melosa ao estender os braços para a bebê, mas ela recusou querendo chorar.

— Falando assim não ajuda — Sharon ironizou.

Brenda desatou a chorar após a tentativa frustrada de Ewan, obrigando Ester a devolvê-la a mãe. Sharon saiu para acalmar a filha e uma quietude desconcertante repousou entre Ester, Ewan e Joseph por alguns segundos, sem que nenhum dos três tivesse ideia do que falar a seguir.

— Vocês estavam fazendo um devocional? — Ester indicou o material de estudo bíblico sobre a mesa, a fim de puxar algum assunto.

— Ah, sim! — Joseph deu um sorriso tímido, incomum a ele. — Para falar a verdade, fazemos isso com certa frequência.

O cenho de Ester se levantou apenas o suficiente para mostrar sua surpresa.

— Lembra quando eu disse que vim até aqui para me desculpar e você já havia ido para o palácio? — Ewan baixou os olhos e examinou os sapatos com uma emoção reprimida estampada em seu rosto.

— Sim.

— Eu estava devastado naquele dia e ainda mais desorientado do que o de costume. — Ewan sorriu e olhou para o tio de Ester. — Joseph me acolheu e nós conversamos por várias horas. Minha vida nunca mais foi a mesma depois disso. — Agora o rosto do rapaz resplandecia de gratidão. — Desde então, estou o acompanhando à Igreja e nos encontramos aqui todas as tardes de domingo para estudar as Escrituras. Eu ainda estou em processo de mudança, mas posso dizer que me torno uma nova pessoa a cada dia. Joseph se tornou meu pai. — Os olhos de Ewan nublaram. — Meu pai na fé.

Ester sabia que o tio tinha esse costume de adotar pessoas com o intuito de instruí-las. Havia visto ele fazer aquilo diversas vezes ao longo de sua vida, mas nunca imaginou que Ewan poderia ser um de seus filhos espirituais dado ao passado entre eles. No entanto, seu coração se encheu de alegria ao ver Ewan sendo alcançado pela graça do Senhor.

— Isso é maravilhoso! — Ester olhou para Ewan e depois para Joseph. — Sharon também participa?

— Infelizmente, não — disse Ewan, despontado. — Sharon veio para vê-la. Vocês eram bem próximas e eu achei que iria precisar de uma amiga. — Ester engoliu em seco e puxou uma cadeira para se sentar. — Espero que não se importe.

— Claro que não. — A moça sentiu sua expressão ficar séria, então acrescentou: — Foi muito gentil da sua parte. Obrigada.

— Alexander me ligou — Ewan acrescentou, como se quisesse justificar o motivo de sua atitude. — Ele me contou o que aconteceu e está preocupado com a segurança de vocês. — Ester olhou para o tio. Ele estava tão sério e preocupado, que ela estremeceu. Lembranças não tão distantes de uma época em que corriam perigo de vida veio à mente, trazendo um grande temor. Ewan se sentou do outro lado da mesa, de frente para Ester, e a examinou com atenção antes de prosseguir. — Concordamos que o melhor é você e o Joseph ficarem comigo, na minha casa. — Ewan falava com cautela, concentrado apenas em Ester e suas reações. — Já providenciei alguns seguranças e Alexander está enviando outros, eles chegam ainda hoje.

As palavras pareciam ter fugido do vocabulário dela, pois tudo que Ester sentia era medo de passar por tudo outra vez. “*De novo não, meu Deus! Achei que esse tormento tinha acabado!*”, pensava ela, aturdida.

Compreensão brilhou nos olhos de Ewan, ciente que toda aquela situação era, no mínimo, apavorante para Ester, tendo em vista que na maior parte de sua vida, tanto ela quanto Joseph, viveram em constante perigo segundo os relatos de seu novo amigo.

— O príncipe também me ligou, querida. — Joseph se sentou ao lado da sobrinha e repousou sua mão sobre a dela em cima da mesa. — Ele me explicou a situação e eu concordei que o melhor é irmos com o Ewan. — Ester fitou os olhos do tio e viu uma grande aflição ali. — Temo mais por sua segurança do que a minha.

Ester fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Ele tem certeza quanto a isso? Estamos mesmo em perigo?

— Não dá para saber, mas tentar ficar em segurança é tudo que podemos fazer. Pelo menos até ver como serão os próximos dias. — Joseph suspirou, como quem tenta conter as emoções. — Sinto muito por ter te colocado nessa situação, filha.

Por um momento, Joseph duvidou dos desígnios do Senhor para com a sobrinha. Ele estava certo de que ela ir para o palácio era uma providência divina, mas vendo o perigo bater à porta outra vez, ficou temeroso e sua confiança abalou. Ester apertou a mão do tio e antes que dissesse alguma coisa, Sharon se juntou a eles.

— Brenda dormiu. — A moça entrou animada na cozinha. — Espero que não se importe, Ester, mas a coloquei na sua cama.

— Claro que não me importo.

Percebendo o semblante preocupado de todos, Sharon se retraiu e se sentou ao lado de Ewan.

— Você já disse a ela? — O moço assentiu, então, ela olhou para a amiga. — É o melhor a se fazer.

Ester levou as mãos ao rosto e o esfregou, lutando para não chorar na frente deles.

— Tudo bem.

Ewan respirou aliviado, pondo-se de pé no mesmo instante.

— Ótimo! Vou avisar ao Alexander que concordou. Vocês podem arrumar suas coisas enquanto isso. Quero tirá-los daqui o mais rápido possível.

O rapaz se retirou com o celular no ouvido, olhando para Ester por cima dos ombros.

— Vai dar tudo certo, amiga. A casa do Ewan é uma fortaleza. Vocês não correrão perigo lá — Sharon a encorajou. — Vem, vou te ajudar a fazer as malas.

As duas mulheres foram para o quarto de Ester a fim de começar a embalar os pertences necessários para alguns dias. Ao entrarem, Ester parou ao lado da cama e sorriu, contemplando Brenda dormir sobre sua cama desfeita.

— Ela é tão linda, Sharon. Parece um anjinho com esses cachinhos dourados.

— Sou suspeita, mas ela é linda mesmo.

— Deus é mesmo perfeito no que faz — disse Ester, observando os contornos do rostinho delicado e rechonchudo da bebê.

Sharon se agitou ao lado.

— Onde encontro uma mala?

— Em cima do guarda-roupa.

Ester apontou para o móvel e depois analisou a amiga enquanto ela subia em uma cadeira para alcançar a bolsa de viagem. As duas trabalharam em silêncio nos minutos subsequentes, enquanto dobravam as peças de roupas antes de guardá-las. Sharon havia se enclausurado e parecia estar com a mente a quilômetros de distância dali. O comportamento dela intrigou Ester, mas ela não a questionou.



Como Sharon havia mencionado, a casa de Ewan parecia uma fortaleza, como uma versão reduzida do palácio de Galav. No portão de entrada, uma guarita impedia que qualquer pessoa adentrasse sem identificação na propriedade ladeada por muros altos e câmeras espalhadas por pontos estratégicos, vigiando a mansão de três andares distribuídos em mais de seiscentos metros quadrados. Um jardim com flores brancas e azuis emoldurava toda a frente da casa de arquitetura moderna. Assim que desceu do carro, a fragrância do lugar a cumprimentou de maneira acolhedora.

O lado de dentro era ainda mais impressionante. No *hall* de entrada havia um quadro abstrato que ocupava quase todo o espaço da parede

esquerda, com uma mesinha acompanhada de uma poltrona vermelha logo abaixo da obra de arte. Duas pequenas palmeiras estavam posicionadas, uma de cada lado da porta que dava para o restante da casa, de onde já se podia ver um enorme lustre de cristal.

Uma senhora, com o cabelo impecável enrolado em um coque no alto da cabeça, os recebeu com um sorriso simpático e acompanhou Ester até o quarto de hóspedes que seria seu pelos próximos dias. Ewan e Joseph seguiram para o lado oposto do longo corredor após a escada que dava acesso ao segundo piso. Como toda a casa, o quarto era de tirar o fôlego, assim como a vista da sacada. A luz do sol reluzia e banhava a margem de um lago a sumir de vista.

Ao terminar de se instalar, Ester se sentia exausta, com o coração pesado no peito. Uma longa onda de tristeza tomou conta dela quando o sol do fim da tarde atravessou a porta de vidro da sacada e derramou seus raios para dentro do quarto. Uma série de momentos passou como um filme em sua mente, enquanto ela pedia a ajuda de Deus, sabedoria e entendimento. Ester fechou os olhos e pôde vê-lo: Alexander Kriger Lieber, o amor de sua vida, entrando pela porta da cozinha do palácio no fim da noite, vestindo roupas informais e sorrindo para ela.

Inclinada a começar uma nova onda de choro e lamentações, a moça se arrastou até a cama confortável e convidativa. Deitou-se sobre ela e fitou o teto de gesso. Seus pensamentos ainda estavam desordenados e tudo parecia esmagador. No entanto, o cansaço falou mais alto e Ester ajeitou a cabeça no travesseiro e adormeceu. Quando abriu os olhos, já era um novo dia. Mal acreditou ao ver que passava das nove horas da manhã e que adormecera sem ao menos pôr um pijama. Duas batidas soaram na porta, antes da mesma mulher que havia lhe recebido no dia anterior entrar em seu quarto.

— Perdão, senhorita Sullivan, mas você tem visita.

— Visita? — Ester uniu as sobrancelhas.

— Sim, um rapaz. — Por alguns instantes a mulher parecia constrangida. — Ele disse ser do palácio.

Um brilho cruzou os olhos de Ester.

— John? — A mulher confirmou e Ester saiu do quarto exultante. Do alto da escadaria, avistou o amigo de pé na sala de estar com pelo menos cinco malas gigantes alinhadas uma após a outra ao seu lado. —

John! — Ela correu os últimos degraus e abraçou o amigo. — O que faz aqui?

O estilista se afastou e olhou para o vestido simples que a moça trajava.

— Vim te salvar, com certeza! — Apontou para suas roupas com reprovação.

— Não seja inconveniente. Até parece que não estava com saudade de mim — disse ela, ofendida.

— Estou é furioso com você. — Ele apontou o dedo para ela. — Por que nunca me contou sobre suas origens? Achei que fôssemos amigos!

— Eu não podia.

Ester deixou o corpo cair no sofá e John se juntou a ela logo depois.

— Quer saber, isso não importa — disse o amigo, ao ver como Ester estava abalada. — Entendo seus motivos, mas gostaria que tivesse confiado em mim.

— Sinto muito. Sinto ainda mais por você ter tanto azar em ter ficado como meu estilista. Agora está desempregado.

— Não diga bobagens. — O rapaz se ajeitou no sofá para ficar de frente para a amiga. — Não era você que vivia dizendo que Deus sempre tem seus planos?

A moça deixou a cabeça repousar no encosto do sofá.

— Ele deve ter mesmo.

John estalou a língua no céu da boca e sorriu.

— Bem, eu já sei qual plano Ele tinha para mim.

Ester crispou os olhos.

— O que você está dizendo?

Outro sorriso largo iluminou o rosto de John ao recordar o que Deus havia reservado para ele. Algo muito além do que um dia havia ousado imaginar.

No dia anterior, ao terminar de embalar todos os pertences de Ester, John se dirigiu até o escritório do príncipe para avisar sobre a sua partida, assim como solicitou que o fizesse, pois tinha algo para ele entregar a Ester. O estilista foi pego de surpresa quando Alexander informou que gostaria de falar com ele por alguns instantes e pediu para entrar e se acomodar na poltrona do outro lado da sua escrivaninha.

— Estive te observando, John. — O príncipe recostou sério na cadeira e cruzou os braços sobre o peito.

John se ajeitou no assento. Uma onda de tremor passou pelo seu corpo quando ele engoliu em seco.

— Observando, a mim? — gaguejou.

Alexander assentiu e suavizou a expressão ao perceber ter assustado o rapaz com sua abordagem inicial.

— Você se mostrou alguém digno de confiança, John. Notei que a amizade oferecida a Ester, no tempo que ela permaneceu aqui, foi de grande valia para ela.

O corpo de John relaxou e ele escorregou um pouco na poltrona, se acomodando de uma maneira mais confortável.

— Eu só fiz o que fui contratado para fazer, Alteza.

— Não, você fez além e eu sou grato por isso. É muito raro encontrarmos pessoas assim para trabalhar no palácio e você foi um verdadeiro achado. — John secou as mãos suadas na calça jeans e um fio de suor desceu na lateral de sua testa. — Talvez já tenha ouvido pelos corredores, mas o senhor Pietro irá se aposentar.

O coração de John pulou uma batida, antecipando a notícia.

— Eu não sabia.

Pietro Lorenzo nada mais era que a maior referência para John. Desde jovem, Pietro se destacou no mundo da moda. Aos cinquenta anos, o senhor havia sido recrutado pelo palácio para cuidar da imagem do pequeno príncipe Alexander, com seis anos na época, mas que já estreava com aparições na companhia dos pais em diversos compromissos. Agora, aos setenta anos, o senhor estava se preparando para se aposentar e se Alexander tivesse mesmo dizendo o que John suspeitava...

O fôlego faltou ao jovem estilista assim que o pensamento lhe ocorreu.

— Há um mês estamos tentando encontrar um substituto, mas sem sucesso. Então, já que a Ester não está mais aqui e tendo boas referências por parte da Giovanna sobre seu trabalho, a minha proposta é se você aceita a...

— Aceito! — John não esperou o príncipe concluir. — É claro que eu aceito!

Ester riu alto diante do relato do amigo.

— Sério, eu achei que ele me negaria a vaga no mesmo instante pela minha falta de educação, mas o príncipe riu da minha gafe.

— Acho que o Alexander só perde para você no bom humor.

Ester engoliu em seco ao perceber que nunca mais veria o sorriso que havia lhe conquistado. A voz dela falhou e a dor do coração partido a sufocou mais uma vez.

— Estou em farrapos por vocês, sabia? — John segurou as mãos da amiga para transmitir toda sinceridade presente em suas palavras. — Ele está tão devastado quanto você.

— Sinto tanto a falta dele.

— Não se pode ter o arco-íris sem um pouco de chuva^[22], não é?

Ester levantou os olhos marejados e riu.

— De onde você tirou isso?

— Sei lá, devo ter lido em algum lugar.

— É uma frase bonita.

— Seja como for, tenha fé. O príncipe encontrará uma saída para tudo isso.

— E se não tiver nenhuma?

— Não vamos sofrer por antecipação, lembra? — John repetiu as palavras que ela havia lhe dito um dia. — Você pediu para eu não fazer isso e olha para mim agora! Se deu certo para mim, me recuso a acreditar que será diferente para vocês.

Por alguns instantes, nenhum dos dois disse nada.

— Estou muito feliz por saber que irá ficar no palácio, John. Você merece todo esse reconhecimento — Ester parabenizou o amigo e enxugou algumas lágrimas.

— Devo isso primeiro a Deus e depois a você, Ester. — A voz do rapaz saiu espremida, contendo as emoções. — Você me deixou ser eu. — Ele sorriu e deu de ombros. — Entendeu meu lado estressado, me suportou quando fui chato e me enfrentou, impondo sua opinião.

— Realmente, foram muitas provações — gracejou Ester, levando o amigo a sorrir.

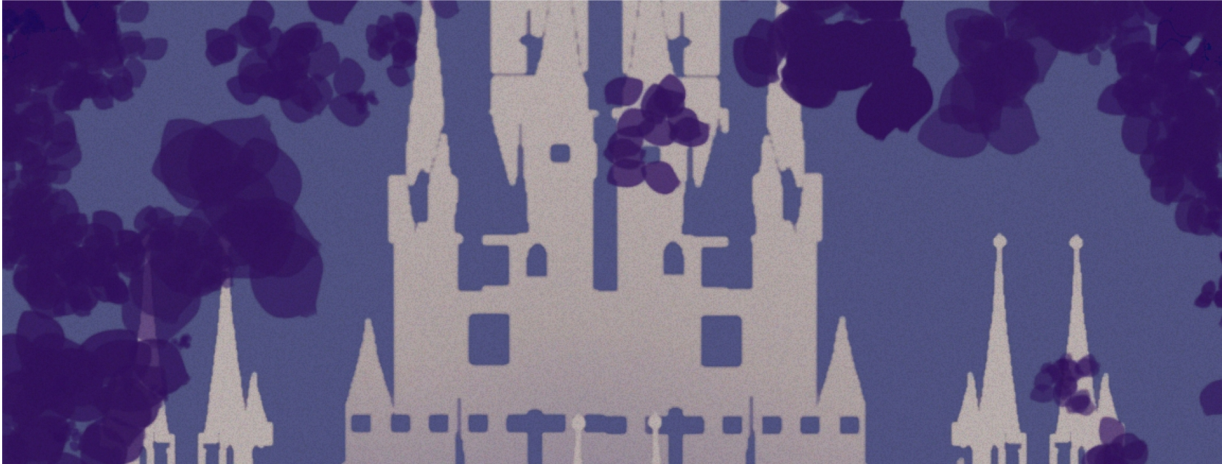
— Foram mesmo, mas vencemos e estamos aqui. O que te dá o direito a uma posição muito importante na minha vida. — John ergueu o dedo mindinho e corrigiu a postura. — Melhores amigos? — Ester gargalhou, aceitando.

Quando John foi embora e a casa se viu completamente silenciosa, Ester percebeu o quanto se sentiria sozinha naquele lugar, apesar das dezenas de funcionários circulando por ela e outras dezenas de seguranças do lado de fora. Ao questionar sobre o paradeiro do tio, a governanta informou que Ewan e Joseph haviam ido para o trabalho, o que foi uma surpresa e tanto para Ester, pois o tio não havia contado que agora trabalhava com Ewan.

Sem muito o que fazer, e recusando a insistência de uma das funcionárias em ajudá-la a desfazer as malas, Ester se trancou no quarto pelo resto do dia e concentrou sua energia em arrumar seus pertences trazidos do palácio por John. Ao abrir a primeira bolsa, avistou um envelope endereçado a ela.

“Para minha eterna estrelinha...”

Os dizeres em uma letra bem-feita sugaram as forças do corpo dela. Ester agarrou a correspondência como se sua vida dependesse dele. Com os olhos marejados, leu o conteúdo da carta por várias vezes, como se um pedaço dela fosse arrancado pela saudade. Porém, ao ler pela última vez, se sentiu indignada. Como Alexander poderia pensar em renunciar ao trono por ela? A ideia parecia inconcebível. Ele havia nascido para ser rei. Aliás, esse título o pertencia antes mesmo de seu nascimento e quem era ela para lhe tirar isso? Aflita com a possibilidade, Ester orou com fervor para que Alexander tirasse aquela ideia maluca da cabeça e aceitasse os planos de Deus em suas vidas, sejam eles quais fossem.



Capítulo 30

Querido futuro marido,

Talvez eu venha sendo repetitiva ao longo das minhas cartas, no entanto, o vazio no peito torna-se por vezes impossível de suportar. Não acredito que seja provável repor o espaço do que se perdeu. Mudamos com cada experiência e os pedaços não serão da mesma forma, impedindo-se de se encaixarem novamente. Resta-me, então, apenas a esperança. Fé de que algum dia tudo possa ser diferente. Crença de que, em algum momento, um vislumbre de expectativa me resgate do estupor de meus dias.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Os dias na casa de Ewan se arrastaram e a carta de Alexander deixava Ester preocupada. Após reler várias vezes, estava certa de que ele realmente queria renunciar à coroa para se casar com ela, tal atitude, no entanto, não teria sua aprovação. Deus o havia colocado naquela função e ela só concordaria com a sua decisão se essa também fosse a vontade do Senhor. Porém, a atitude do príncipe parecia um tanto quanto desesperada. Não que ela não se sentisse lisonjeada por ele cogitar tal ideia devido ao

amor que nutriam, contudo, essa era uma culpa que não queria carregar, mesmo que isso significasse viver para sempre com o homem da sua vida.

Três semanas se passaram sem que Ester tivesse permissão para sair das *muralhas* que cercavam a casa de Ewan. Joseph estava liberado para seguir sua rotina, contando que ele sempre estivesse acompanhado por dois ou três seguranças. A superproteção de Joseph, Ewan e Alexander já estava irritando Ester. Os burburinhos em torno de sua nacionalidade pareciam ter cessado e caído no esquecimento após um escândalo de uma celebridade. Galav seguia seus dias, enquanto ela definhava dentro de *quatro paredes*. Literalmente.

Na quarta semana, Ester persuadiu a cozinheira a deixá-la tomar conta das refeições do meio-dia a fim de passar o tempo. Apenas ela e os funcionários ficavam na casa nesse horário, assim, poderia espair e ter algo com que se ocupar por algumas horas. Mas, mesmo se distraindo com a pequena atribuição, Ester ainda tinha muitos momentos de ociosidade.

No dia em que completaria cinco semanas de sua “prisão domiciliar”, Ester acordou mais cedo e seguiu para a cozinha decidida a preparar o café da manhã para todos. Sob protestos da responsável pela tarefa, assumiu os preparativos do desjejum. Em poucos minutos, o cheiro de uma infinidade de receitas invadiu o ambiente, assim como uma sensação de bem-estar dentro de si.

— Onde está a Maila? — Ewan entrou na cozinha quando a moça finalizava o último prato.

— Dei o dia de folga para ela hoje. — Ester olhou por cima dos ombros e os olhares dos dois se encontraram. — Aquela mulher trabalha demais.

— Ah, você deu?

Ewan ergueu as sobrancelhas com divertimento e serviu uma xícara de café com leite.

— Perdão se passei dos limites, mas eu não aguento mais ficar aqui sem ter o que fazer.

Ester desligou o fogo da panela e se virou para o rapaz.

— Imagino que não seja fácil, mas é para o seu bem.

— Já se passou mais de um mês de prisão!

Ewan riu, compreensivo.

— Tudo bem, você pode sair, mas com uma condição.

Ester saltou de onde estava, indo até ele.

— Eu faço qualquer coisa.

Ewan riu outra vez e tomou o último gole de seu café.

— Você só sairá desta casa se eu e todos os seguranças formos com você.

— Todos? — A moça fez uma careta. — Isso é um absurdo!

— Sei de um lugar que você vai amar conhecer. Mas, esses são os termos. — Ewan se manteve firme na sua proposta e a determinação em seus olhos era inflexível.

Ela mordeu os lábios e soltou uma lufada de ar, resignada.

— Onde?

O sorriso de Ewan se abriu ainda mais, antecipando a reação dela ao chegar no destino que tinha em mente.

— Vai ser surpresa.

Ester revirou os olhos e voltou para o fogão.

— Não lido bem com surpresas.

— Então vamos trabalhar a sua paciência hoje, mocinha — Ewan falou com um tom polido de professor. — Vou tirar o dia de folga, assim podemos sair logo após o café, que, aliás, está com um cheiro maravilhoso. O que é? — Apontou para algo diferente numa panela sobre o fogão.

— Fritata.

— Acho que nunca comi nada parecido.

— É uma espécie de prima mais generosa da omelete. Pode ser preparado com legumes, queijos, carnes ou o que mais sua imaginação, ou estômago, mandar. Em Cefas o costume é colocar todos esses ingredientes de uma só vez.

— Mal posso esperar para provar. — Ewan espiou por cima dos ombros de Ester, enquanto ela retirava a fritata da panela.

— Essa já está pronta. — Ewan entregou o prato a ela e seus dedos roçaram os dela. Como se fossem cargas elétricas, arrepios emanaram do lugar onde a mão da jovem o tocou, percorrendo todo o seu corpo. — Obrigada. — Um riso tranquilo fugiu pelos lábios de Ester, indicando que a sensação sentida por Ewan, era exclusivamente dele.

Quando ela devolveu o prato com uma porção generosa do alimento, o coração do rapaz batia forte e ele teve o cuidado de não repetir o toque.

— Humm... — resmungou Ewan, após engolir o primeiro pedaço.

— Esse é o meu prato de café da manhã preferido a partir de agora. É muito

bom! Você tem mãos de fada, Ester.

— Obrigada. — Ela fez uma mesura com a cabeça, imitando uma reverência. — Agora que já tomou seu café, me tira daqui, por favor. — Uniu as mãos em súplica.

Ewan negou com a boca cheia.

— Preciso comer mais.

O que se seguiu foi alguns instantes de provocações entre os dois, impedindo-os de notar a governanta em pé na porta da cozinha à espera com o telefone.

— Desculpa interromper, o senhor tem uma ligação.

Com o aparelho no ouvido, Ewan se voltou para a jovem.

— Sairemos em uma hora, Ester.

Ela não pode evitar o grunhido feliz que escapou de sua garganta enquanto arrancava o avental.



Ester ainda não acreditava que, finalmente, estava em liberdade, mesmo condicional, pois sete seguranças os acompanhavam. A escolta não a incomodava tanto quanto ela imaginou. O seu desejo dos últimos dias estava sendo realizado e isso era tudo que importava naquele momento. Quando Ewan tomou a rodovia principal, ela abaixou o vidro e deixou o vento fresco da manhã de verão agitar seus cabelos. O sol brilhava atrás deles e uma fina trilha de nuvens estava flutuando sobre a brisa matinal. Viajaram tranquilos e em completo silêncio por alguns quilômetros, até a curiosidade de Ester começar a agitá-la.

— Me diga, por favor, onde está me levando?

Ewan tirou os olhos da estrada e olhou para ela.

— Paciência, lembra?

— É mais forte do que eu.

— Tente pensar em outra coisa, pode ajudar — brincou ele. Ester voltou sua atenção para a vegetação que passava veloz do lado de fora do veículo. De repente, um episódio específico ocorrido no baile veio à

memória. Ela olhou para Ewan de relance e hesitou. — Eu não vou contar, Ester. É sério — disse ele, mantendo o olhar à frente.

— Não é isso. Tem uma coisa que eu gostaria de saber, mas pode ser pessoal.

— Você pode me perguntar qualquer coisa.

— Certo... — Ela mordeu os lábios por dentro e mudou de posição no assento de couro. — Qual é a história entre você e o doutor Charles? — Ewan olhou surpreso para ela, depois fitou a estrada outra vez. Ester percebeu que o rapaz apertava o volante e o músculo da mandíbula dele se projetava rígida. — No baile — continuou ela — houve aquele momento entre vocês, fiquei me perguntando o motivo de tanta hostilidade, mas você não precisa me dizer se não quiser. Como eu disse, é uma pergunta pessoal, então, não se sinta obrigado a me responder.

Ewan não teceu comentários por um longo tempo. Sua mente parecia vagar longe e Ester entendeu o silêncio como um sinal que ele não queria conversar sobre aquele assunto.

— Eu quero te contar — disse Ewan depois de quase dez minutos. — É só que, eu acho que nunca falei sobre isso com ninguém. — Ester assentiu e esperou até ele estar pronto para falar. — Charles e meu irmão, Will, conheceram-se na faculdade — iniciou o seu relato com a voz carregada de dor. — Eles foram para a faculdade um ano antes de mim e do Alexander. Eu o odiei desde o primeiro momento. Meu pai já havia percebido que o Will tinha mudado desde que começara sua graduação, mas não fazíamos ideia do porquê. Apenas quando eu me juntei a eles e passei a conviver no mesmo ambiente, que tudo fez sentido. Charles havia corrompido meu irmão e o idiota nunca viu o quanto era manipulado pelo suposto *amigo*. Cá entre nós, amigos de verdade não te levam para o mau caminho. — A voz de Ewan estava grave e seus olhos, escuros e raivosos. — Charles era devasso e meu irmão havia se tornado como ele. Nada do que eu ou Alexander dizíamos, o convenceu de que deveria se afastar e romper qualquer laço com Charles. — Ele parou de falar por um tempo e cerrou o maxilar. Seu semblante parecia ter uma expressão mais tensa que antes. — Durante todos os anos de faculdade, meu irmão se afundou naquela amizade destrutiva. Quando meu pai faleceu, tudo piorou e eu fiquei sozinho, pois eu já havia perdido meu irmão há muito tempo. Após isso, Will passou a beber além do que já vinha bebendo, achando que estava no controle. Pouco mais de dois anos após a morte do meu pai, lembro-me

de Will chegar fora de si em casa. Ele havia passado o dia com uma garota e deduzi terem se desentendido. Hoje sei que essa garota era a Sharon.

— A Sharon?

Ele parou e olhou Ester de relance

— Acho que falei demais.

— Sharon e o seu irmão eram namorados?

— Não exatamente. Quer dizer, ela achava que sim, mas o Will não era do tipo que se prendia a apenas uma pessoa.

Ester encarou o perfil de Ewan por alguns instantes, sua mente indo e vindo entre suposições, até que uma a atingiu em cheio quando a fisionomia serena de Brenda dormindo em sua cama se formou em seus olhos. A semelhança entre a garotinha e o rapaz a sua frente era inegável e isso também explicava a cumplicidade e as conversas espontâneas entre a amiga e o chefe. Mas, o que ela não entendia era o porquê de Sharon, mesmo sendo a mãe da sobrinha de Ewan, exercia apenas a função de servir café em sua empresa, mas isso não vinha ao caso naquele momento. Ela abriu a boca e fechou diversas vezes e depois olhou para a estrada.

— A filha dela...

— Sim, a Brenda é a minha sobrinha. Sharon me revelou isso há pouco tempo e disse que foi naquele dia que ela havia contado sobre sua gravidez e o Will surtou. — Ele secou os cantos dos olhos com os dedos, quando outra lágrima teimosa surgiu. — Eu tentei convencê-lo a não sair naquela noite, mas Charles chegou e o carregou para mais uma boate. — Ewan fez uma pausa para controlar as emoções. — Se eu soubesse que aquela seria a última vez que eu veria meu irmão, teria me esforçado mais para não permitir.

Diante da dor de Ewan, Ester repousou a mão em seu ombro, em sinal de apoio.

— Eu sei qual é a sensação — disse ela, recordando a morte dos pais. Mesmo sendo apenas uma criança na época, ela pensava sobre isso e se martirizava por não ter feito nada para evitar a tragédia.

Ewan sentiu o aperto suave em seu ombro e a mesma sensação de mais cedo na cozinha voltou com força total. Quando ela retirou a mão, ele engoliu em seco e tentou seguir seu relato como se aquele simples toque não o tivesse desestabilizado.

— Um pouco antes do amanhecer, dois policiais apareceram na minha porta e me informaram que Will e Charles tinham se envolvido em

um acidente de carro. Charles estava dirigindo bêbado e, supostamente, Will já estava apagado no banco de trás. O impacto foi fatal para o meu irmão, enquanto Charles teve apenas um hematoma no rosto. — Ewan passou os dedos pelo cabelo com uma raiva tão palpável, como um escudo físico ao seu redor. — Ele matou o meu irmão, mas muito antes disso, Charles tirou o Will de mim e do meu pai. Os últimos anos de vida dele foram de completo desgosto pelo que o filho havia se tornado.

Muita coisa naquele momento começava a fazer sentido para Ester. Explicava, por exemplo, a carência que Ewan tinha, apegando-se com facilidade a qualquer um que lhe desse um pouco de atenção e isso incluía as mulheres. Ele havia perdido a mãe muito cedo, depois o pai e mais tarde o irmão em circunstâncias nada agradáveis. Seus atos nada mais eram que uma tentativa de preencher as lacunas deixadas por seus entes queridos. Ela não conseguia nem imaginar como seria se não tivesse o tio ao seu lado, provavelmente também se apegaria a todos que se aproximassem com qualquer vislumbre de afeto. Ponderar os fatos, fez o coração da moça se compadecer e uma ternura invadir seu interior.

— Sinto muito, Ewan, não fazia ideia de que você já tinha passado por tudo isso logo após perder seu pai. Eu não deveria ter tocado no assunto, perdão.

— Está tudo bem. — Ewan levantou os lábios mecanicamente, ofereceu um sorriso sereno a ela. — Fico feliz de ter compartilhado essa parte da minha história com você.

E isso foi tudo que eles disseram por um longo tempo. Continuaram a viagem em um silêncio triste e pesado até Ewan reduzir a velocidade e parar o carro em frente a um casarão antigo com altos portões de ferros. Uma placa deteriorada pelo tempo indicava o local: "Lar Bethany Marshall". Ester leu os dizeres e se virou cautelosa para Ewan.

— Aqui é um orfanato? Bethany era...

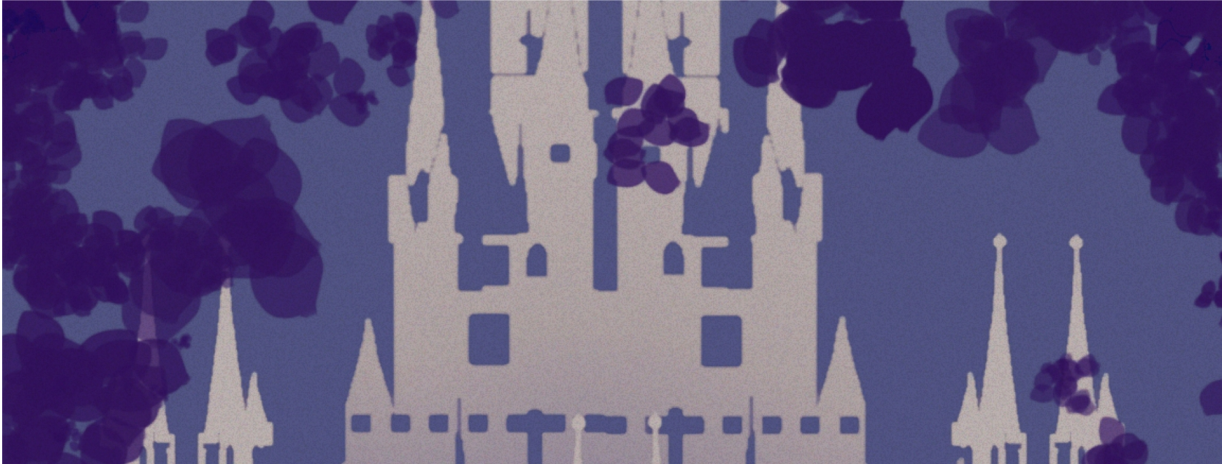
— Minha mãe — ele completou, sério. — Ela cresceu aqui e após se casar com meu pai, passou a cuidar desse lugar como a própria vida. Em homenagem, deram o nome dela ao orfanato depois de sua morte. — E lá estava a sombra de tristeza tomando conta do rosto bronzeado de Ewan novamente, misturando-se às lembranças infelizes. — Decidi assumir o legado da minha mãe e hoje sou um dos mantenedores.

Ester estendeu o braço e segurou a mão dele.

— Isso é maravilhoso, Ewan! Por que nunca me falou sobre o orfanato?

— Eu pretendia te contar, mas acho que não tivemos muito tempo. — Ele fitou a mão dela sobre a sua, sentindo a conhecida sensação de eletricidade. — O importante é que estamos aqui, agora.

Seus olhos examinaram os dela e Ester viu uma chama de esperança se acender ali.



Capítulo 31

Querido futuro marido,

Há dias em que tudo que acredito parece banal e minha existência é sem sentido. Porém, em momentos assim, a única coisa que me sustenta é a Palavra de Deus. Ela me mostra que o Senhor conhece todos os nossos pensamentos, motivos, desejos e temores interiores, bem como nossos hábitos e ações exteriores. Ele nos sonda, do começo ao fim do dia. Em todos os nossos atos, nos cerca com Seu cuidado e impõe Sua mão graciosa sobre nós. Ancorada nessas palavras, renovo minhas forças para prosseguir em meio ao caos que nos rodeia de perto todos os dias.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Alexander levantou os olhos do prato com a comida intocada e avistou Sara Tandel, Mary Kelly, Rachel Miller e Mellanie Johnson conversando alegres durante o jantar. Algo em seu estômago retorcia e uma sensação estranha na garganta o impedia de levar o seu alimento à boca. Ele

estava ciente que sua expressão era de uma tolerância entediada, mas não se deu ao trabalho de mudá-la.

"Sairemos em uma hora, Ester."

A frase de Ewan, seguida da risada alegre da moça do outro lado da linha, perturbou Alexander durante mais um dia fatídico desde sua partida. Ele havia telefonado como fazia todas as manhãs e agora preferia que não tivesse feito. Ira, temor e desespero pareciam querer sufocá-lo, piorando o aperto no peito, seu fiel companheiro há um mês. As palavras fugiram de seu extenso vocabulário enquanto era tomado por todos os sentimentos ruins do mundo, que insistia em lançar em sua mente que ela não estava sofrendo tanto, enquanto ele ficara estagnado no tempo, padecendo de mãos atadas. Ele precisava reagir ou enlouqueceria.

Levá-la ao orfanato era um golpe baixo. Ester se apaixonaria por aquele lugar e depois acabaria confundindo tudo e se apaixonando por Ewan, de novo. Em um borrão de medo, terror e incertezas, Alexander não conseguiu se lembrar de respirar. Quando suspirou, o som pareceu chacoalhar seu peito apertado. Seu estômago se revirou mais uma vez e ele se perguntou se algum dia haveria de se sentir bem de novo.

Olhou com atenção para cada uma das garotas à sua frente e não conseguiu ver nenhuma delas como sua rainha. Elas não eram como Ester Sullivan — ou Hadassa Holz Mohammed, seu nome verdadeiro.

E o que ele estava fazendo para mudar isso? A resposta foi um grande NADA! Alexander havia passado as primeiras noites da partida de Ester em claro, em busca de uma solução, qualquer saída para reverter a situação. A única luz no fim do túnel era uma naturalização. Quando falou com o pai, ele afirmou que aquilo estava fora de cogitação e listou todos os motivos, esgotando, assim, as expectativas do príncipe mais uma vez. O que se seguiu foi trabalho e mais trabalho. O rei fez a cirurgia no coração e as responsabilidades sobre o príncipe aumentaram. Então, ele apenas parou de lutar e sentia suas forças aos poucos exaurir nos últimos dias. Até o telefonema de mais cedo.

Seu sangue agora fervia e Alexander não via outra saída a não ser a cogitada há um mês, caso nada desse certo. Renunciar. Essa era a única solução. Seu pai passava bem após a cirurgia e poderia reinar por pelo menos oito anos até Alexia completar idade suficiente e se recuperar completamente, alcançando o padrão exigido por lei para ascender ao trono.

"Seja homem e lute por ela."

Alexander já não aguentava mais todo aquele martírio. Era muito para poder suportar. Tudo que ele conseguia pensar naquele momento era em Ester morando na casa de Ewan. Ester e Ewan fazendo suas refeições em companhia um do outro e se vendo diariamente. Ester e Ewan indo juntos para o orfanato da mãe do amigo.... E o pensamento que mais lhe torturava: Ewan tentando reconquistá-la. Assim que o pensamento lhe ocorreu, jogou o guardanapo sobre o prato, cessando as conversas à mesa e atraindo toda a atenção para si. Impulsionado pela aflição e certo de que esse era o único caminho a se tomar, Alexander se levantou.

— Sinto muito, senhoritas, mas não consigo prosseguir com isso.

Alarmadas com a declaração repentina do príncipe, as moças se entreolharam. A razão tinha algo a dizer, mas Alexander se recusou a ouvir, permitindo que suas emoções se sobressaíssem. Ele deixou a mente vagar até o dia que havia tido plena convicção de seu amor por Ester e aquilo o encheu de coragem para prosseguir com sua decisão.

— Perdão pelas expectativas que foram criadas. — As palavras voaram num pesado suspiro. — Eu não posso continuar mentindo para vocês. Eu não posso continuar mentindo para mim...

Giovanna, que sempre acompanhava os jantares de sua posição mais afastada, aproximou-se como se soubesse as próximas palavras do príncipe.

— Alteza — disse ela do outro lado da mesa, de frente para ele —, tem certeza do que está fazendo?

Alexander voltou para Giovanna e assentiu.

— Sim, senhorita Clark.

— Sabe no que implica essa decisão? — perguntou ela, cautelosa.

— Estou ciente.

— É por causa da Ester, não é? — Mary se levantou, arrastando a cadeira para trás com o movimento.

— Mary! — Giovanna rosou entre dentes.

— Me deixa, Giovanna! — Ela espalmou a mão para a tutora, mas continuou encarando Alexander. — Isso é tão injusto! Ester nos perturba mesmo não estando mais aqui. Ela não pode ser a rainha de Galav sendo uma cidadã de Cefas!

Alexander contraiu o maxilar e seus olhos faiscaram em direção a moça.

— Deixe-me esclarecer algumas coisas, senhorita Kelly. — Ele passou a mão pelo cabelo curto, tentando se acalmar. — Em toda a minha vida, sempre tive que me submeter a várias circunstâncias em nome do meu título. Precisei fazer e apoiar coisas que não eram do meu interesse ou seguia na direção oposta do que acreditava. Por vezes, as minhas vontades foram ignoradas em nome do bem maior da nação. Não estou aqui reclamando de nada disso, pois compreendo que isso foi necessário. No entanto, há uma coisa que eu nunca aceitei negociar. — Alexander hesitou por breves segundos. A razão estava tão perto, mas muito longe de superar a emoção. — A escolha da minha futura esposa sempre foi e será uma atribuição minha, não há nenhuma negociação quanto a isso. Não me casarei por interesses políticos, imposição ou outra determinação que não seja única e exclusivamente de um único pressuposto. — Ele fez uma breve pausa, como se quisesse ter certeza de que todas o estavam compreendendo. — Eu não negocio o amor. — Suspiros entrecortados ecoaram pela sala de jantar. Antes que perdesse a coragem e voltasse atrás, o príncipe olhou para cada uma das moças. — Nesse sentido, tudo que vocês precisam saber é que o meu coração já está completo por algo que eu jamais sonhei viver e isso é o suficiente para ter certeza que as coisas não mudarão daqui a uma semana, um mês ou anos. Por esse motivo, não posso mantê-las aqui se não planejo escolher nenhuma de vocês, me perdoem.

Ele tinha muito mais a dizer, mas não havia motivo para ferir os sentimentos delas, além do que ele já achava estar fazendo. Sob olhares aguados em prantos, Alexander se desculpou mais uma vez e saiu da sala. Uma leveza inigualável tomava conta de si ao acabar com todo aquele processo incabível que vinha o consumindo há meses. A única coisa boa que toda aquela experiência havia proporcionado era sua inestimada Ester e sem ela ali, nada mais fazia sentido.

Respirando aliviado, seguiu direto para o seu escritório decidido a revisar as leis de Galav pela milésima vez em busca de uma centelha de esperança que pudesse trazer Ester de volta para ele. Sem a distração com as outras garotas, ele poderia se dedicar com mais afinco em sua missão. Mal havia fechado a porta atrás de si, ela voltou a se abrir, então Alexia passou por ela sozinha e chorando. Alarmado, o príncipe foi ao seu encontro e a amparou em seus braços.

— O que houve, pequena?

A menina recuou com mais lágrimas escorrendo pela face, vermelhas pela emoção.

— Tenho tanta saudade da senhorita Sullivan. Por que ainda não foi buscá-la de volta? Eu de fato achei que você a amava e que se casariam um dia. Nenhuma daquelas garotas combinam com você, Alexander, e eu mal consigo olhar para cada uma sem sentir asco. Sei que isso é errado e Deus não se agrada de tais sentimentos, mas eu não consigo evitar. Você tem que fazer alguma coisa, qualquer coisa para trazê-la de volta. A Ester foi a única pessoa que me enxergou de verdade, me ajudou a me aceitar e eu a amo com todo o meu coração. Se não vai se casar com ela, então, traga-a de volta para mim.

Os pequenos ombros da princesa chacoalharam e ela caiu de joelhos sobre o tapete aos pés do irmão, chorando copiosamente. Alexander presenciou, estático, a cena. Alexia nunca falara mais que algumas palavras em uma frase e jamais havia externado seus sentimentos de maneira tão pungente, deixando claro como Ester havia feito tão bem a ela, quanto a ele.

Recuperando-se de seu estupor, tomou a irmã em seus braços e se sentou com ela em uma poltrona. Ela repousou a cabeça em seu ombro e chorou em silêncio até adormecer, tornando o coração ainda mais apertado e decidido em se empenhar além do que suas forças permitiam para trazer Ester de volta, não só para ele, mas também para Alexia.



No dia seguinte, enquanto o príncipe tentava se concentrar em uma pilha de documentos que precisavam ser revisados antes de entregues ao rei, Elizabeth irrompeu furiosa pela porta em busca de resposta após ser informada sobre a decisão do filho na noite anterior.

— O que você fez, Alexander?

Ele levantou os olhos do manuscrito e manteve sua expressão inalterada, ciente do assunto a ser tratado.

— Algo que eu deveria ter feito há muito tempo.

— Por Deus, você não é mais um garotinho. Está prestes a se tornar o rei de Galav e não pode tomar suas decisões com tamanha impulsividade.

— Eu não as amo. — Ele se levantou e circulou pelo escritório, inquieto. — E se não for para ser a Ester, não será ninguém.

— Você está se escutando, Alexander? — A voz da rainha aumentou algumas oitavas. — Você sabe que não pode se casar com ela e, para assumir a coroa, precisa contrair matrimônio. É a lei!

— Estou farto dessas leis!

— É assim que as coisas são.

— Não se eu não quiser que sejam.

— Você renunciaria? — A voz dela soou carregada de espanto e decepção. Ele se recusou a olhar para a mãe enquanto voltava em silêncio para a sua cadeira atrás da escrivaninha. A rainha, desolada, se sentou de frente para o filho, os olhos fitos em cada movimento dele. — Você está mesmo disposto a renunciar ao trono para ficar com a Ester?

Alexander apoiou o cotovelo no braço da poltrona e massageou a têmpora.

— Estou cansado de tudo ser mais importante do que os meus sentimentos ou a minha vida, meu futuro, minha felicidade. Me desdobrei dia após dia para encontrar uma solução, mas parece que estou lutando sozinho. Ninguém, além de mim, se importa de verdade.

— Eu e o seu pai nos importamos — as palavras da rainha oscilaram. — Você deveria saber disso.

— Apenas isso não basta, mamãe. — Ele meneou a cabeça. — Preciso ver que alguma coisa está sendo realizada, entende? E até agora, tudo o que ouvi foi um não atrás do outro. *Isso não pode. A lei está acima. O Conselho não aprovaria essa opção. Essa ideia está fora de cogitação. Não. Não. Não...* Eu apenas cansei!

— Talvez você não saiba, mas tentamos também. Seu pai não queria que você soubesse, pois já estava tão frustrado que achamos por bem não dizer nada. Recorremos ao Conselho quando você sugeriu a naturalização da Ester. Solicitamos avaliação do caso para concedê-la a cidadania de Galav, mesmo cientes que seria uma batalha perdida. — Elizabeth parou e respirou fundo, abatida. — Você sabe como é o Conselho e que seu pai sozinho não tem o poder de decisão. Uma coisa assim precisaria de aprovação absoluta, e isso não aconteceu. Eles apresentaram

resistência por ela ser de Cefas. Se fosse de qualquer outro lugar do mundo, eles afirmaram que concederiam. — Alexander reclinou para trás na poltrona e fitou o teto do escritório. — Sinto tanto quanto você, querido. Todos sentimos. Eu, Alexia, e até mesmo o seu pai. Vimos como vocês se amam e é dilacerante toda essa situação.

Sensibilizada por ver o filho tão vulnerável, Elizabeth se aproximou e o abraçou. Diante de tamanha angústia, ela recordou-se de um Salmo em que sempre buscava conforto nos momentos difíceis. Foram tantos ao longo dos anos que ela o havia decorado. Com o príncipe envolto em seus braços, o recitou, parafraseando o Salmo 139:

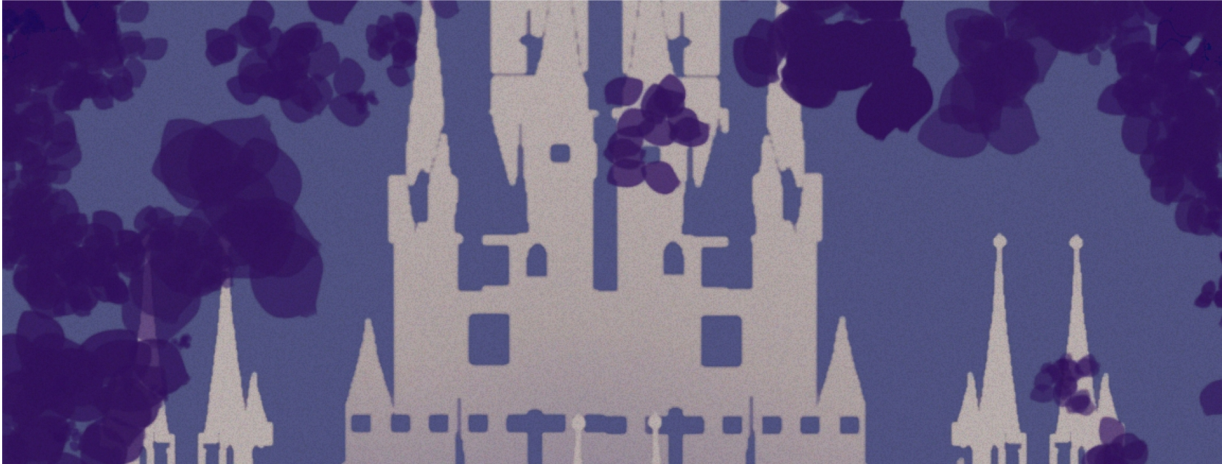
— Senhor, tu nos sondas e nos conheces. Sabes quando nos sentamos e quando nos levantamos; de longe percebes os nossos pensamentos. Sabes muito bem quando trabalhamos e quando descansamos; todos os nossos caminhos te são bem conhecidos. Antes mesmo que a palavra chegue à nossa língua, tu já a conheces inteiramente, Senhor. Tu nos cercas, por trás e pela frente, e pões a tua mão sobre nós. Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do nosso alcance, é tão elevado que não o podemos atingir. Para onde poderemos escapar do teu Espírito? Para onde poderíamos fugir da tua presença? Se subirmos aos céus, lá estás; se fizermos cama na sepultura, também lá estás. Se subirmos com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita nos guiará e nos susterá. Mesmo que disséssemos que as trevas nos encobrirão, e que a luz se tornará noite ao nosso redor, veremos que nem as trevas são escuras para ti. A noite brilhará como o dia, pois para ti as trevas são luz. Tu criaste o íntimo do nosso ser e nos teceste no ventre de nossa mãe. Nós te louvamos porque nos fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Disso temos plena certeza. Nossos ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fomos formados e entretecidos como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o nosso embrião; todos os dias determinados para nós, foram escritos no teu livro antes de qualquer um deles existir. Como são preciosos os teus pensamentos, ó, Deus! Como é grande a soma deles! Se os contássemos seriam mais do que os grãos de areia. Se terminássemos de contá-los, ainda estaríamos contigo. Sonda-nos, ó, Deus, e conhece o nosso coração; prova-nos, e conhece as nossas inquietações. Vê se há em nós algo que te ofende, e dirige-nos pelo caminho eterno.

Elizabeth se afastou e emoldurou o rosto do filho com as mãos.

— Você foi escolhido para liderar o nosso povo desde o meu ventre, querido. Esses são os planos de Deus para sua vida. Tenhamos fé e aguardemos a providência divina. Nós já fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Quando nossas fontes se esgotam, é aí que Ele começa a agir. Caso contrário, acharíamos que o mérito pelo êxito foi nosso. Não somos, Ele é. Não podemos, Ele pode. Não fazemos, Ele faz. Confie, apenas. — Elizabeth depositou um beijo maternal na testa do príncipe. — Vamos crer, meu amor. Apenas crer que o poder de Deus está a nossa disposição para nos ajudar e que nada é demasiadamente difícil para Ele.

Após Elizabeth o deixar sozinho, Alexander foi tomado por uma paz, quase como se o Senhor o estivesse abraçando assim como a mãe momentos antes. Em seu coração não restavam sombras de dúvidas que Ester e ele pertenciam um ao outro. Se fosse dali a um mês ou um ano, não importava. Alexander estava entregando as rédeas de sua vida para Deus outra vez. O Senhor estava no controle. Ele respirou fundo, deixando que as últimas palavras de sua mãe repousassem em seu coração:

"Quando a vida parecer um caos, apoie-se nessa verdade: Jesus é Senhor, e Deus tudo governa."



Capítulo 32

Querido futuro marido,

Embora passemos por tribulações e tempos de aridez, nunca devemos duvidar do cuidado de Deus. Ele sempre estará por perto provendo paz e consolo em meio ao temporal. Nele temos a capacidade de enfrentar as incertezas e lutas da vida. Ele é refúgio no perigo, nossa real segurança, fortaleza na fraqueza. Operando seu poder em nós e nos capacitando a vencer os obstáculos postos em nosso caminho. Como diz em Salmos 46, Deus é o nosso socorro bem presente na angústia. Ele está ao alcance do seu povo e quer que O busquemos em qualquer momento de necessidade. Ele é suficiente em qualquer situação e nunca nos deixa só. Nesse momento, sinto-me impulsionada a dizer isso mais uma vez a você: seja forte e corajoso, meu amor.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Ester se apaixonou pelo orfanato no primeiro momento que adentrou pela porta, guiada por Ewan e a diretora, uma mulher simpática e atenciosa. A casa era muito diferente de onde ela trabalhava como

voluntária em Cefas e se distinguia de todos os outros em seu país. Dava para notar o carinho e o cuidado que Ewan tinha com o lugar. A casa havia passado por uma reforma recente, seus móveis pareciam novos, a decoração tinha um toque profissional, o ambiente cheirava a limpeza e organização.

Levar Ester para conhecer o orfanato, foi a melhor coisa que Ewan poderia ter feito por ela por dois motivos: primeiro, a partir daquele dia não passaria cada minuto do seu dia enclausurada em casa pensando em Alexander; segundo, seria a oportunidade perfeita para fugir dos olhos esperançosos de Ewan. O rapaz não havia voltado a falar sobre seus sentimentos e respeitava o espaço dela, porém, seu coração era tão transparente como o ar entre eles e isso a deixava incomodada.

Após a primeira visita, Ester convenceu Ewan e o tio a deixá-la trabalhar ali. Com as atribuições, os dias monótonos haviam se transformado em momentos de pura alegria e realização. Concentrou suas energias como voluntária, ajudando Mai nos cuidados das vinte e cinco garotas que moravam no *Lar Bethany Marshall*. Algumas, assim como ela, haviam vindo para Galav em busca de uma vida melhor ao lado da família, no entanto, por um motivo ou outro, perderam os pais.

Para Ester, era gratificante poder fazer algo produtivo, especialmente em um lugar onde todos tinham histórias como as dela. Onde não era julgada por ser uma cidadã de Cefas, onde qualquer um com boas intenções era sempre bem-vindo, onde poderia exercer o dom da caridade.

No começo, nem tudo foram flores, havendo certa resistência por parte das moradoras em aceitá-la, no entanto, ao descobrirem que Ester era uma das pretendentes do príncipe, houve uma grata mudança.

— Conta de novo como é o palácio, senhorita Sullivan?
— Sara perguntou, enquanto Ester fazia duas tranças no cabelo longo da garotinha.

— Eu prefiro que você fale sobre o príncipe. — Yanni suspirou, estendida em sua cama desfeita.

— Eu concordo. — Ana, de cima do seu beliche, apoiou a ideia. — Eu quero saber mais sobre o príncipe.

— Ele era romântico? — Luana quis saber.

— É lógico que ele é! — Juh disse, categórica. — Todos os príncipes são. Está no DNA deles — falou como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo todo.

— Vocês sonham demais. — Thays revirou os olhos, enquanto dobrava seu cobertor. — Ainda bem que eu já decidi ser celibatária.

Lyta começou a rir da colega.

— Você fala isso porque nunca se apaixonou — alfinetou.

— Engano seu. — Thays cruzou os braços e a encarou. — É por cair nessa cilada da vida que tomei essa decisão.

— Eu concordo com a Thays. — Raquel saiu em defesa da melhor amiga. — Pensando assim, não criamos expectativa.

— Olha só quem fala... — Dulci pulou de seu beliche com uma risadinha sarcástica. — A garota apaixonada pelo ajudante do jardineiro.

De onde estava, Ester observava a discussão se contendo para não rir. As manhãs eram sempre agitadas, mas naquele dia, todas pareciam ainda mais eufóricas.

— Que tal se descermos para o café da manhã? — A moça interferiu antes dos ânimos se exaltassem ainda mais.

Apesar do pouco tempo de convivência, sabia que todas tinham personalidades fortíssimas e defendiam suas ideias e convicções custe o que custasse, e Ester não queria causar desentendimento entre elas.

— Ah, Ester! Nos conta só um pouquinho. Nunca iremos até lá. Pelo menos se você nos contar, vamos imaginar como é o palácio e o príncipe. — Hellen uniu as mãos de forma dramática.

Ester respirou fundo e passeou os olhos pelas camas desfeitas, alguns cabelos ainda bagunçados e rostos carregados de curiosidades, mesmo naquelas que se diziam não ter interesse.

— É esplêndido. Não importa como você imagine, ao vivo, é mil vezes mais lindo — disse ela por fim.

— O palácio ou o príncipe? — Mali questionou, com um sorriso sapeca iluminando seus olhos.

— O palácio! É claro que estou falando do palácio! — Ester foi até a menina e começou a enchê-la de cócegas. — E esse é o seu castigo por ser tão engraçadinha.

A garotinha soltou um gritinho agudo, rindo e se contorcendo enquanto exibia a falta de seus incisivos centrais.

— A Emilly precisa trocar a fralda de novo! — Jani entrou no quarto carregando a bebê de onze meses. Seu rosto estava contorcido de nojo e os braços esticados, como se a menina tivesse uma doença contagiosa. — De quem é a vez?

— Não sou eu. — Ella saltou da cama e correu para a porta.

— Nem eu! — Vivi se juntou a Ella, saindo de fininho.

Uma a uma, as meninas escaparam apressadas do quarto, deixando alguma desculpa qualquer solta no ar.

— Eu troco. — Ester pegou a bebê e depositou um beijo terno em suas bochechas rechonchudas. — Junte-se as outras e tome o seu café, querida. — Dispensou Jani com um cafuné.

Enquanto trocava a caçula do grupo, uma nostalgia tomou conta de seu âmago, fazendo-a se recordar outra vez das crianças do orfanato de Cefas. Seu coração se apertou ao imaginar o rumo que cada uma daquelas garotas havia tomado. Então, orou para que, onde quer que estivessem, que o amor, a Graça, a proteção e benevolência do Altíssimo as alcançassem e as mantivessem em segurança, dando a elas um belo futuro. Ao terminar sua oração, Ester tomou Emilly nos braços e juntas seguiram para o andar de baixo a fim de ajudar Mai no desjejum.

— Ei, aí está você. — Ewan a surpreendeu, levantando-se da poltrona verde musgo da saleta de espera e vindo ao seu encontro. — Você saiu tão cedo hoje, fiquei preocupado.

O rapaz analisou Ester, impressionado com os traços delicados que dava um toque peculiar a sua beleza, apesar da expressão de cansaço no semblante da moça logo pela manhã. Ester esboçou um sorriso rápido e alisou os cabelos rebeldes da bebê, evitando contato visual.

— Não tem por que se preocupar, Ewan. Afinal, eu não dou um passo sequer sem os meus *fiéis escudeiros* guardando cada movimento ao meu redor.

— Mesmo assim, me preocupo. — Ewan parou e depois acrescentou rapidamente: — E o seu tio também.

— Você percebeu que até agora não houve nenhum indício de perigo? As pessoas não se importaram com o fato de eu ser uma refugiada ou ter vindo de Cefas. Não vejo a necessidade de toda essa operação ao meu redor.

— Não podemos pagar para ver, Ester.

Os olhos de Ewan ficaram sérios.

— Tudo bem, eu aviso da próxima vez — concordou ela. — Mais alguma coisa?

Ewan hesitou e um riso silencioso preencheu seus lábios quando pôs as mãos nos bolsos de trás da calça jeans e quicou os ombros como um

garoto tímido.

— Mai me convidou para tomar café da manhã com vocês.

— Então vamos. — Ester apontou a direção com um aceno de cabeça, e ambos seguiram por ela.

A cozinha estava um caos quando os dois jovens entraram com Emilly. Todas as meninas, entre sete e quinze anos, falavam ao mesmo tempo e riam alto. Uma pequena TV fixada a parede, exibia um desenho animado, mas nenhuma delas prestava atenção. Ao lado do fogão, Mai e o esposo finalizavam as últimas porções de ovos mexidos, enchendo o ambiente com a fragrância deliciosa do café da manhã.

Ester havia aprendido a amar e admirar aquele casal que não media esforços para o lugar se manter em perfeita ordem. Porém, o que mais lhe chamava atenção, não era a dedicação deles para com aquelas garotas, mas a cumplicidade deles enquanto casal. José costumava dizer que a ligação deles era tão forte e seus corações tão conectados, que ele sempre podia perceber o sorriso dela antes mesmo de a boca de Mai ter tempo para expressá-lo. Quando ouviu isso, Ester ficou a imaginar se algum dia Deus a permitiria ter uma relação assim com alguém. Seu coração se apertou ao constatar que a única pessoa que realmente queria dividir o resto dos seus dias, estava fora de seu alcance.

— Tio Ewan, por que você está aqui de novo? — Thays se inclinou um pouco e olhou para ele, intrigada, quando os recém-chegados se sentaram lado a lado na imensa mesa que tomava conta de quase todo o espaço da cozinha.

— Eu sempre venho aqui, Thays. — Ewan piscou para a garotinha de nove anos.

— Você vinha uma vez a cada mês. Duas vezes, no máximo. — Vitória entrou na conversa e analisou o rapaz com um olhar astuto.

— Verdade, tio Ewan — Carol concordou ao lado dele. — Desde que a Ester começou a ser voluntária aqui, você vem comparecendo quase todos os dias — sussurrou a menina apenas para ele ouvir.

— É isso aí. *Todos* os dias — falou Dhuly, em alto e bom som para todo o grupo ouvir.

— Meninas, não aborreçam o Ewan — Mai pediu, servindo-os.

— Tio Ewan gosta da Ester! Tio Ewan gosta da Ester! Tio Ewan gosta da Ester! — Tefa começou a cantarolar, seguida por Vivi.

Em poucos instantes, as vozes de todas as garotas se juntaram a elas. Ewan encolheu os ombros com um sorriso de garotinho mais que charmoso e olhou para Ester como se dissesse: “*O que posso fazer? Elas já perceberam!*”

As risadas e o coro ainda preenchiam o ambiente quando o brasão da família real apareceu na pequena televisão presa à parede.

— Olhem, é algum comunicado do palácio. — Cleo apontou para a televisão, sua voz aguda sobressaindo a brincadeira.

— Será que é o anúncio do casamento do príncipe? — disse Wendy, empolgada.

Sammara deu uma cotovelada na irmã mais nova, ao perceber Ester se remexer desconfortável em seu lugar.

— Ai, por que você fez isso? — Wendy resmungou e olhou feio para Sammara, sem entender o motivo da agressão.

— Quietas, meninas. — Mai aumentou o volume do aparelho.

— *Interrompemos nossa transmissão para um comunicado importante.* — Um homem com grandes olhos cansados começou falar. — *É com muito pesar que comunicamos a Galav o falecimento do rei Sebastian III.* — Declamações surpresas salpicaram ao redor da mesa, seguido de um silêncio incomum. Se uma agulha caísse no chão naquele momento, seria possível ouvir seu tilintar. — *O seu estado de saúde já era delicado há vários meses, o que o fez ficar cada vez mais debilitado. Um procedimento cirúrgico foi realizado e o rei se recuperava sem preocupações por parte dos médicos. Porém, nessa madrugada, ele sofreu um novo infarto e não resistiu.* — Ester sentia como se o seu coração também tivesse parado de bater e a cabeça girasse. — *Em decorrência disso, o príncipe Alexander terá sete dias para subir ao trono como rei. Isso significa que deverá decidir, de uma vez por todas, sobre quem será sua rainha. A opção mais cotada no momento é um casamento por conveniências políticas, já que o príncipe dispensou todas as suas pretendentes há algumas semanas e...*

Ester parecia ter se transportado para longe, mal percebendo o final da fala do jornalista e o brasão surgir, voltando a exibir o desenho animado.

— Você está bem, querida? — Mai, ciente dos sentimentos de Ester por Alexander, foi até ela e pôs a mão em seu ombro. Ester assentiu e entregou Emilly para a mulher.

Em um movimento desesperado, saiu correndo em direção à porta dos fundos e não parou até se esconder atrás de um enorme carvalho. O choque havia mantido a aflição em um canto de seu coração, mas, agora, ela chorava tanto que mal conseguia respirar. Puxou ar com força duas vezes e deixou as lágrimas romperem qualquer barreira, entregando-se a um choro compulsivo. Sem forças, suas costas escorregaram pelo tronco da árvore, enquanto pedia que Deus confortasse Elisabeth, Alexia e, sobretudo, Alexander.

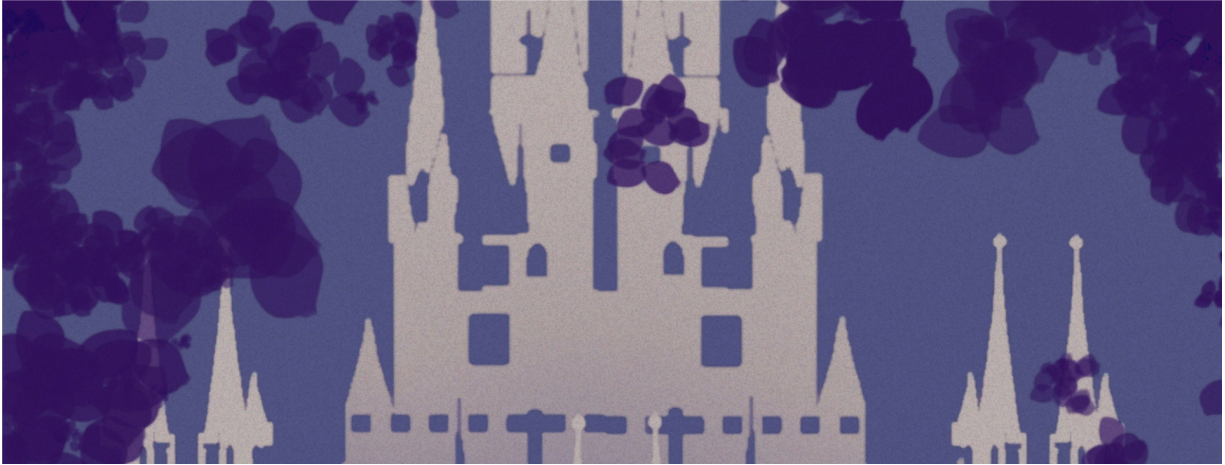
Ao se recompor, avistou Ewan de pé a alguns passos dela. Ele não disse nada, apenas estendeu os braços e esperou que ela se levantasse e se entregasse ao seu abraço. Então, Ester apenas caiu neles, apoiando a cabeça em seu ombro. Quando se afastou e ergueu os olhos em direção aos dele, o viu tão dilacerado quanto ela. Neles, pôde ver o coração de Ewan, um coração mais profundo do que quis explorar algum dia.

— Você precisa ir até lá. — Ela desvencilhou do abraço, dando um passo para trás. — Alexander precisa de você.

Ewan já sabia, no entanto, que aquele momento seria crucial para reconhecer algo que há muito tempo vinha tentando ignorar. Ester amava Alexander com todas as suas forças e de todo o seu ser. Independentemente do que acontecesse ou se eles ficariam juntos algum dia, nunca haveria espaço no coração dela para ele.

— Farei isso — disse ele com um fio de voz.

Se o amor era mesmo uma decisão, ele acabava de decidir não amar mais aquela mulher. O pensamento doeu como se seu coração estivesse sendo arrancado do peito, porém, ele não tinha outra escolha a não ser deixá-la ir, mas, dessa vez, para valer. Com os olhos embaçados pelas lágrimas, Ewan se afastou sem olhar para trás, dando adeus a mais uma pessoa que fora importante em sua vida.



Capítulo 33

Querido futuro marido,

No livro de Isaías, no capítulo 65, versículo 24, encontramos estas palavras: "Antes mesmo que Me chamem, Eu os atenderei. Antes mesmo de acabarem de falar, Eu os responderei". Esse versículo nos mostra que a bênção recebida não depende das nossas orações, mas sim do Senhor Deus, que nos conhece e nos ama. Ele já sabe de tudo o que acontecerá antes mesmo de acontecer, conhece o caminho que percorreremos e as batalhas que enfrentaremos. Como filhos amados de Deus, cabe a nós permanecer firmes na oração e na obediência, acreditando que, no tempo certo, a resposta chegará, pois a recompensa do Senhor sempre nos alcança.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

A dor dilacerante e insuportável havia esvaído completamente as forças de Alexander, pois seu maior pesadelo se tornara realidade. Seu pai, tutor, amigo e referência, nunca mais estaria ao seu lado. Sozinho em seu

quarto, Alexander tentava se recompor e guardar toda sua dor e sentimentos a fim de parecer forte o bastante para a mãe e a irmã. Era difícil ser rocha quando queria viver o seu luto e chorar como elas, sem precisar esconder o quão estilhaçado o coração estava. Já tinham se passado três dias após o funeral e até aquele momento não havia vertido uma lágrima sequer, mesmo a aflição sendo demais para ele suportar. Alexander se via na encruzilhada de sua vida. Deus lhe tirara Ester e agora seu pai. De repente, era como se tudo conspirasse contra ele.

Desanimado, arrastou-se até a sacada e se debruçou no parapeito. O sol castigou a pele de seu rosto, mas ele ficou ali perdido em seus devaneios, tentando a todo custo esquecer as lembranças dolorosas que insistiam em lhe perturbar. Ver o último suspiro do seu progenitor era uma das coisas que não esqueceria jamais. Sebastian respirava com dificuldade quando o príncipe irrompeu pelo quarto da UTI, ofegante. Sua mãe chorava do outro lado da cama, desolada.

— *Alexander...*

— *Estou aqui, papai.*

Ele se pôs ao seu lado e segurou sua mão com força, como se assim o fizesse, o rei ficaria bem.

— *Sinto que chegou a minha hora. — Uma lágrima escorreu pela face do rei quando fechou os olhos com força.*

— *Não fale assim.*

Alexander viu a mãe se afastar para esconder as lágrimas.

— *Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. — Um sorriso iluminou seu rosto. — Você precisa ser forte, filho, por sua mãe, sua irmã e pelo nosso país.*

— *Eu ainda não estou pronto para fazer isso sozinho.*

— *Você está, sim, querido. Eu te preparei durante toda a sua vida. Acredite, realizei um bom trabalho.*

Mesmo sorrindo, Sebastian respirava com dificuldade e sua voz era quase inaudível.

— *Poupe suas energias e descanse. Vai ficar tudo bem. — Alexander tentou ser otimista, mas algo em seu âmago o preparava para o pior.*

— *Irei descansar em breve. Agora preciso falar. Deixe-me falar.*

O rei tossiu algumas vezes e com esforço, recuperou o fôlego.

— Estou ouvindo.

— *Desejo do fundo do meu coração, que você seja feliz. Constitua sua família e seja o rei que essa nação precisa. Deus será a sua base e deve estar acima de tudo. Sem Ele, você não conseguirá. Coloque tudo diante do Senhor, por mais fácil que seja a situação. Nunca confie apenas em si. Confie nEle. Só Deus sabe o que é melhor.*

— *Sim, senhor — a voz de Alexander embargou, mas ele engoliu o choro.*

— *Agora, sobre seu futuro como esposo, valorize sua companheira. Ela será um de seus pilares e sua ajudadora na jornada diante de vocês. — Tombando a cabeça para o lado, Sebastian fitou com ternura a esposa no canto do quarto. — Que a cama de vocês seja cheia de risadas; as noites, cheias de prazer; e os corações, cheios de alegria. É para isso que estamos neste mundo: para amar. — Voltando o olhar para o filho, concluiu. — Acho que o que estou tentando dizer é... ame, agrade, aprecie sua esposa e, pelo amor de Deus, filho, é melhor você provocar mais sorrisos que lágrimas! — Outro riso escapou dos lábios do rei, seguida da falta de ar.*

— *Vou me lembrar disso. — Alexander assentiu e apertou um pouco mais as mãos do pai, sentindo-as gélidas entre as suas.*

— *Lembra o que diz em Filipenses 1:9-10?*

— *Sim.*

— *Esta é minha oração: que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernir o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo.*

— *Amém.*

— *Seja feliz ao lado do amor da sua vida, meu filho, assim como fui durante todos esses anos com sua mãe.*

A voz do rei já era quase inaudível e Alexander começou a achar que o pai estava delirando. O rei, mais do que ninguém, sabia que era impossível ele ser feliz ao lado de Ester.

— *Parece ser meio impossível no momento — pensou alto.*

— *Nada é impossível ao que crê. — Sebastian sorriu e suspirou. — Seja feliz, Alexander.*

A lembrança se esvaiu, assim como o último suspiro do rei. Por mais que o príncipe quisesse acreditar no impossível, suas perspectivas para

o futuro não eram muito animadoras. A única coisa sólida e real era um casamento por conveniência, apenas um acordo político que precisava acontecer em quatro dias. Era desanimador ter que pensar no assunto enquanto ainda sofria a perda do pai, mas o pouco tempo o obrigava. Querendo ou não, deveria subir ao altar com uma completa desconhecida, e ambos seriam coroados a rei e rainha de Galav.

— Onde estás, meu Deus?

Alexander cerrou os punhos ainda com os olhos fitos na planície ao longe. Dentro dele, era como se algo houvesse se fechado, fazendo-o duvidar de tudo que acreditou até então. O príncipe tentou orar, mas as palavras simplesmente não saiam de sua boca. Pela primeira vez em sua vida, Alexander sentiu-se abandonado por Deus.

— Filho? — Elizabeth tocou o ombro do príncipe, atraindo sua atenção para si, já que ele não havia notado ainda a sua presença. — Você não comeu nada o dia todo, precisa se alimentar. Abigail preparou seus pratos preferidos e algumas sobremesas.

Alexander olhou de relance por cima do ombro e avistou a chefe ao lado do carrinho de comida.

— Fiz bomba de chocolate, com muito recheio. — Abigail ofereceu um sorriso afável.

— Eu não tenho mais dez anos, mãe. Não dá para consertar tudo com doce ou comida.

Alexander voltou sua atenção ao horizonte.

— Estamos preocupadas com você. — Elizabeth deu um suspiro cansado. — É um momento difícil para todos nós, mas precisamos ser fortes e seguir em frente.

— Come, querido, isso vai te animar um pouco — Abigail o incentivou mais uma vez.

— Obrigada por ter o trabalho de fazer tudo isso, Abigail, mas realmente, não consigo comer nada agora.

— Bem, vou deixar o carrinho aqui, caso mude de ideia mais tarde. A chefe ofereceu mais um de seus sorrisos amáveis antes de sair do quarto, deixando mãe e filho a sós.

O que se seguiu por vários minutos foi apenas silêncio entre eles, enquanto uma leve brisa soprava o calor do verão para dentro do aposento.

— Sinto que Deus me abandonou. Coisas importantes estão sendo arrancadas de mim. Primeiro a Ester, agora o papai. Está sendo demais para

suportar — Alexander desabafou.

Elizabeth o tomou pela mão e conduziu o filho de volta para dentro do quarto. Acomodaram-se nas poltronas em frente a lareira enquanto ela olhava para Alexander, compadecida.

— Dificuldades e provações são uma parte da jornada da vida, querido. Às vezes elas nos constroem e outras vezes nos quebram em pedaços e nos juntam em algo distinto. De qualquer maneira, nós saímos dessas dificuldades como uma pessoa diferente do que éramos. Essa é a natureza das provações. — Alexander não disse nada, mas parecia pensar nas palavras da mãe. — Eu também estou sofrendo, Alexander. Estou sofrendo muito por perder o grande amor da minha vida, meu companheiro, meu... — A voz de Elizabeth embargou e ela precisou de alguns segundos para se recuperar. — Mas em meio a tudo isso, eu prefiro acreditar que Deus me ama com um amor perfeito e sem fim.

Alexander engoliu em seco, recusando-se a olhar para a fragilidade da mãe.

— Sei que Deus me ama. No entanto, tenho a sensação de que tudo vai além das minhas forças. Foram perdas importantes em um período muito curto de tempo. — O príncipe parecia desgastado quando disse a última frase. — Eu só não queria ter que passar por tudo de uma só vez.

Elizabeth o fitou, preocupada.

— Não deixe que isso te endureça, meu filho. Às vezes, as circunstâncias são tão dolorosas que fechamos os nossos corações de modo a não sentir a dor de verdade. Isso pode acarretar problemas, pois o amor também pode ser atingido.

— Deve ser por isso que eu não consigo orar ou mesmo chorar desde que tudo aconteceu — disse ele, mais sarcástico do que pretendia.

— Ah, querido, quando nos sentimos desamparados a última coisa que queremos fazer é conversar com quem achamos que nos traiu. Quando se trata de Deus, entretanto, a melhor coisa que você pode fazer é falar com Ele e dizer como se sente. Contudo, o Senhor não pode responder a todas as orações exatamente do jeito que você gostaria. Pode ser que Ele não o responda de imediato, mas vai se sentar com você e confortá-lo, enquanto espera. Se você quer que Deus caminhe ao seu lado, é importante que fale com Ele. — Alexander já sabia de tudo aquilo. Mesmo assim, permaneceu calado, ouvindo os conselhos dela, permitindo que cada palavra assentasse em seu coração. Elizabeth parecia ter muito mais a dizer, como se seus

conselhos estivessem sendo direcionados não apenas ao filho, mas, sobretudo, a ela. — Estamos limitados em nossa capacidade de ver além do que está na nossa frente — prosseguiu. — Deus, por outro lado, é um ser supremo, Criador do Universo, e o mais importante, nosso Criador. O Senhor sabe onde você está quebrado e precisa de conserto. Cada provação é parte do processo de aperfeiçoamento. Nós não vemos o que Ele vê nem podemos saber o que Ele sabe. — Ela parou e limpou as lágrimas. — O que podemos fazer é confiar que cada experiência que o Supremo nos dá é para nos ajudar a crescer e nos apontar a direção que precisamos ir.

Quando a rainha concluiu sua fala, acariciou o rosto abatido do filho. Alexander levantou os olhos cansados para a mãe e deu um sorriso triste.

— Estou tentando confiar nele em meio a tudo isso, juro que estou, mamãe.

Um sorriso diferente iluminou o rosto de Elizabeth, quando ela se levantou e de dentro da manga longa de seu vestido, retirou uma folha de papel dobrado e estendeu ao filho.

— Então continue, pois suas preces estão começando a ser respondidas.

Sem compreender a felicidade nos olhos da mãe, Alexander pegou o papel. Passeou os olhos pelo que estava escrito, o cenho arqueado. Com o coração batendo forte, alternou sua atenção entre o documento e a rainha.

— Isso é mesmo possível? Quer dizer, existe a chance?

Elizabeth se aproximou e acariciou o braço dele, tão emocionada quanto o filho.

— Existe, querido.

A carta nas mãos de Alexander tremia, como se uma descarga elétrica o houvesse atingido naquele instante.

— Onde conseguiu isso? — sussurrou, procurando controlar a respiração e o coração acelerado.

— Estava em uma das gavetas da escrivaninha da sala do seu pai. Precisei verificar alguns documentos e a encontrei. — Alexander deixou os olhos pousarem sobre o documento outra vez, lendo-o pela terceira vez. Elizabeth sorriu enquanto a realidade dos fatos diante deles lhe sobrevinha lentamente. — Isso não precisa de aprovação do Conselho, querido. Se trata da última vontade de um rei e contra ela, não há argumentos.

As vistas de Alexander embaçaram e ele engoliu a emoção parada em sua garganta.

— Então, quer dizer que eu... a Ester... — Alexander não conseguiu concluir a frase.

— Sim — a rainha bradou, exultante —, acabou filho! Acabou esse tormento. Vocês finalmente podem ficar juntos. Vocês podem se casar!

Ainda atônito, Alexander baixou os olhos e leu outra vez o decreto selado e assinado pelo pai, onde ele expressava o seu último desejo como rei de Galav: Que Alexander Kriger Lieber e Hadassa Holz Mohammed se casassem e fossem coroados rei e rainha da nação.

O último desejo de um rei era algo irrefutável. A lei era clara e imutável quanto a isso. Alexander riu com a ironia. Um decreto havia os separado, agora, outro trazia Ester de volta para ele. Ele se levantou com um salto e caminhou apressado até a porta.

— Aonde você vai? — indagou Elizabeth.

O príncipe sorriu, como há muito tempo não fazia.

— Vou buscar a minha rainha.



Alexander desceu as escadas correndo, não queria perder mais um instante sequer longe de Ester. Seu coração mal cabia no peito. Uma frase que seu pai sempre lhe dizia ao longo dos anos, nunca fez tanto sentido como naquele momento: *“O homem que não souber sobreviver aos maus tempos, jamais verá os bons.”*^[23]

Ele havia passado por maus bocados, mas a infinita misericórdia de Deus o alcançou, colocando em sua frente a esperança de dias melhores. Enquanto atravessava uma infinidade de corredores, um sentimento de gratidão apoderou-se dele e um dos Salmos preferidos de sua mãe lhe vinha à mente: *“Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia!”*

Ignorando os guardas no *hall* principal, que se adiantaram com prontidão, Alexander empurrou as portas duplas e saiu para o pátio. A brisa de veraneio foi ao encontro do seu rosto e ele respirou fundo, mal cabendo dentro de si.

— Alteza? — Um dos seguranças se apresentou. — Em que posso ajudar?

Ao notar que não havia um único veículo à disposição, a ansiedade dentro de Alexander aumentou.

— Preciso de um carro. Agora!

O segurança prestou uma reverência apressada diante da urgência do pedido e saiu. Alexander ficou ali, andando de um lado para o outro, buscando controlar a própria respiração e sem se importar com a forma com que os demais guardas o analisavam. Estalou os dedos da mão e sorriu sozinho. Se tudo aquilo fosse um sonho, ele definitivamente não queria acordar.

O príncipe aguardou mais alguns instantes, tentando a começar a roer as unhas. O barulho de um motor ressoou no ar, porém, quando ele se virou ansioso, era apenas John em uma motocicleta.

— Alteza? — O estilista retirou o capacete e o encarou confuso. — Onde o senhor pensa que vai vestido assim?

Alexander baixou os olhos e analisou seus trajes básicos compostos por calça jeans, camiseta branca e tênis.

— Estou muito bem, obrigado — respondeu, olhando ao redor à espera de seu carro.

— Você não pode sair assim! — dramatizou o recém-chegado. — É a minha reputação que está em jogo.

O príncipe revirou os olhos.

— Dá um tempo, John. Como a Ester te suportava?

John o encarou sem expressão e desceu da moto. As personalidades dos dois rapazes haviam se conectado desde a primeira semana trabalhando juntos, causando estranheza para quem presenciava a interação entre eles, tão vazia de formalidades exigidas quando se tratava da comunicação com um membro da realeza.

— Eu e a Ester tínhamos uma relação de mútua compreensão. — John cruzou os braços e comprimiu os lábios. — Pelo menos, quase sempre era assim. — Quicou os ombros, indiferente. — Mas não mude de assunto. Você não respondeu a minha pergunta. Aonde vai?

Alexander sorriu, disposto a se divertir um pouco.

— Por aí.

John descruzou os braços e massageou a têmpora.

— Por aí?

— Por aí.

John jogou as mãos para cima, rendendo-se.

— Tudo bem, você quem sabe. No entanto, se me perguntarem — apontou para as roupas do príncipe —, eu não tive nada a ver com isso.

O estilista virou de costas e andou de volta para a motocicleta.

— Vou buscar a minha noiva — Alexander revelou, antes que John partisse.

Desapontamento f piscou nos olhos de John.

— Aquela mulherzinha sem sal? — disse com tédio. — Francamente, Alteza, depois da Ester, achei que você teria bom gosto para mulheres. — Colocando o capacete, acrescentou: — Desculpe a minha sinceridade... — disse apenas por falar, pois desde que conheceu a tal pretendente, filha de um dos conselheiros apontada como a opção mais viável para um casamento político, as palavras estavam entaladas na garganta de John.

— Estou falando da Ester — Alexander disse e o estilista congelou com a mão na ignição. — Enfim podemos ficar juntos. — John permaneceu mudo, emocionado demais para falar. — Cadê o meu carro? — Alexander inquiriu a um dos seguranças, conferindo as horas no relógio em seu pulso.

— Vou verificar, senhor.

John sorriu e deu dois tapas no tanque da motocicleta.

— Esquece o carro, eu levo você!

Alexander negou com a cabeça.

— Eu não vou subir nessa coisa.

John ficou indignado.

— Você vai demorar uma vida para chegar até onde ela está, se for com esses seus carros chiques.

O príncipe franziu o cenho e se aproximou.

— Onde ela está?

— Falei com a Ester ontem. Ela ia com as meninas do orfanato passar o dia em um haras, ou coisa assim. Eu conheço o lugar.

— Me passa o endereço.

— Eu vou junto. Não perderia esse reencontro por nada nesse mundo — disse John, empolgado.

— Não vai, não. Quero fazer isso sozinho, não preciso de plateia.

— Mas precisa de mim para chegar até lá. Sou sua única opção, Alteza. — John repetiu os tapinhas no tanque, cheio de expectativa.

Alexander olhou ao redor. Não havia sinal do carro e até o segundo segurança tinha desaparecido.

— Deus, eu vou me arrepender disso — o príncipe disse dando a volta pela motocicleta. — Só faça com que eu chegue vivo lá, por favor!

Quando os seguranças perceberam o que estava acontecendo, John já arrancava jogando cascalho para trás, com Alexander na garupa.

O lugar não era longe e pelo trajeto, Alexander constatou que poderia ter chegado até ali sem dificuldades em um dos carros do palácio. Mas era o John, não era? Ele não esperaria outra atitude do rapaz e até estava feliz por ele aparecer em um momento tão providencial. A propriedade era imensa, um grande casarão e estábulos dividiam espaço entre um jardim e várias espécies de árvores de grande porte, mas nem sinal de Ester.

— Senhor, poderia me dizer onde as meninas do orfanato estão? — John pediu informação a um dos funcionários que saía do estábulo puxando um cavalo selado.

No primeiro instante, o homem não deu muita atenção, mas assim que reconheceu o príncipe, prestou uma reverência e caminhou até eles.

— As meninas estão em um piquenique no lago. Estamos preparando os cavalos para o passeio que elas farão.

— Qual a direção? — John perguntou, pronto para zarpar.

O senhor tirou o chapéu que usava e coçou a cabeça.

— Vocês não chegarão até lá nisso aí não? Tem muita areia no caminho e o risco de queda é grande por ser espessa demais. Só a pé ou a cavalo.

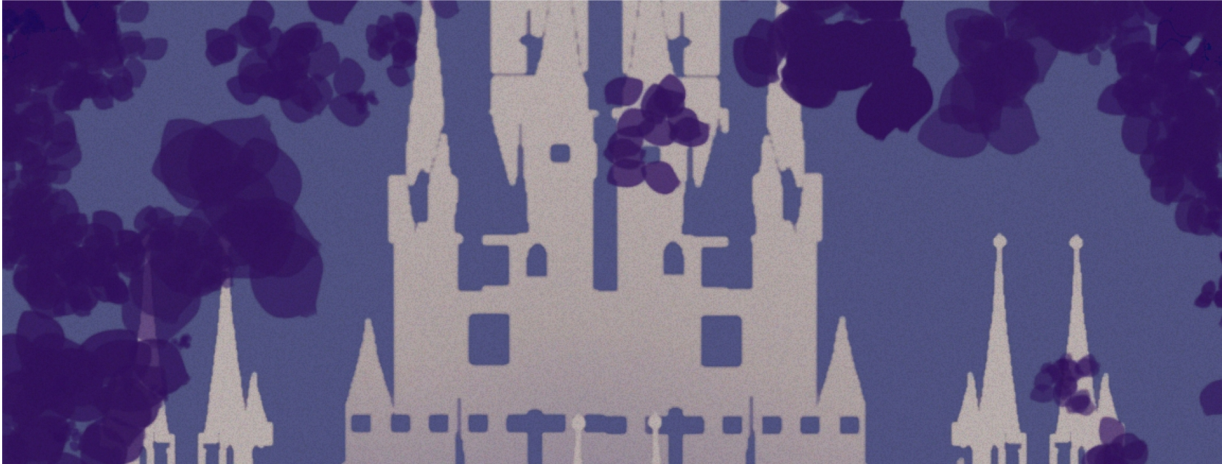
— Posso? — Alexander apontou para o animal que o senhor segurava as rédeas.

— Será um prazer, Alteza.

— Eu não sei andar a cavalo. — John olhou o alazão com pavor, enquanto Alexander o montava com destreza.

— Obrigada, John, mas assumo daqui. — E só para implicar, sugeriu: — Se quiser, você pode ir a pé.

Avançando na direção apontada pelo funcionário, o príncipe sorriu ao ouvir as lamúrias de John se misturando ao trote do animal à medida que se afastava rumo ao lago.



Capítulo 34

Querido futuro marido,

O amor é uma força incrível. É capaz de nos transformar, curar feridas antigas e nos fazer acreditar em coisas que pareciam impossíveis. É uma chama que arde dentro de nós, nos lembrando de nossa humanidade, de nossa capacidade de amar e ser amado. Ao longo da vida, encontramos desafios e obstáculos que parecem insuperáveis. Podemos nos deparar com perdas dolorosas, desentendimentos e momentos de profunda tristeza. Porém, é justamente nesses momentos que o amor revela sua verdadeira grandeza. Quando enfrentamos dificuldades, o amor nos oferece conforto e apoio incondicional. Ele nos encoraja a seguir em frente, mesmo quando tudo parece perdido. É um farol de esperança que nos guia através das tempestades mais violentas, nos lembrando de que somos mais fortes juntos.

*Sua futura esposa,
Hadassa.*

Sentada sobre um cobertor às margens de um lago e com Emilly no colo, Ester se concentrava nas palavras do devocional de Mai, antes de as meninas serem liberadas para o passeio a cavalo.

— Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados conforme o seu propósito. — A senhora leu Romanos 8:28 para complementar e seguir com a reflexão anterior. — Esse bem, mencionado no versículo, é a santificação. Eu já ensinei a vocês que na Bíblia não existe uma promessa referente a resolução de todos os nossos problemas e a transformação completa enquanto peregrinos nessa terra. Isso acontecerá apenas na Glória, quando alcançaremos a santificação. Então, devemos estar cientes que nossa vida não será perfeita e livre de toda e qualquer dificuldade. Às vezes o Senhor nos livrará da dor, às vezes não. — Mai quicou os ombros para dar ênfase às suas palavras. — Temos como exemplo os apóstolos, alguns foram libertos da prisão, outros não. Às vezes, sofreram açoites, perseguições e dor, às vezes foram milagrosamente poupados de sofrer danos. Não há uma promessa de que Deus sempre agirá ao nosso favor nos livrando de todo sofrimento e prova. — A mulher sorriu e fitou cada rostinho atento ao que falava. — No entanto, a promessa é que Deus vai estar conosco e cuidar de nós, consolando, confortando, dando paz e alegria mesmo em meio aos problemas. Proporcionando graça para alcançarmos contentamento em todas as horas, boas e ruins, e para podermos passar pelas privações, doenças e sofrimentos. E tudo isso é para apenas um propósito: glorificar a Deus e nos santificar para parecermos mais com Cristo.

O momento foi interrompido pelo trote de um cavalo que se aproximava, suspendendo as palavras inspiradas da diretora e causando curiosidade das meninas, que agora tinham suas atenções voltadas ao intruso.

Quando o príncipe chegou perto o bastante para ser reconhecido, como cascata, os queixos das garotas foram caindo e os olhos saltaram a órbita.

— Alex...

O nome ficou entalado na garganta de Ester, enquanto o via se aproximar do grupo e sorrir para as garotas ao descer do alazão.

— Perdão por minha falta de elegância em interrompê-las. — Reconhecendo Mai como a chefe do grupo, se dirigiu a ela. — Preciso falar com a senhorita Sullivan.

— É um motivo mais que justificado, Alteza. — A diretora prestou uma reverência e sorriu para a moça.

Os olhos de Alexander fixaram-se nos de Ester e tudo ao redor desapareceu. Era como se as vinte e cinco meninas não tivessem ali presenciando tudo, inclusive seu semblante de apaixonado, que, aliás, ele não fazia questão nenhuma de ocultar.

Ester se levantou do cobertor, forçando suas pernas a pararem de tremer. Involuntariamente, um pequeno sorriso veio à tona, primeiro nos lábios dele, depois no dela, à medida que entregava a bebê a Mai e caminhava até ele.

— O que faz aqui?

Ele se aproximou, os olhos deles ainda fixos um no outro.

— Eu tenho uma pergunta que não poderia fazer por telefone. — Seu semblante brilhava com um amor tão real e verdadeiro que aqueceu os lugares mais profundos do coração de Ester. — Vim fazê-la pessoalmente.

— Que pergunta?

Alexander segurou a mão dela e acariciou o dorso com o polegar.

— A pergunta que eu quis fazer a você durante muito tempo. Tempo demais, para falar a verdade. — Devagar, ele dobrou um joelho na terra úmida e segurou a mão esquerda de Ester. — Eu não tive tempo de falar com seu tio, mas tenho certeza de que já temos a bênção. — A cabeça de Ester estava girando, mas ela fez um esforço para se concentrar. — Ester, há alguns meses, eu disse adeus a você, prometendo que encontraria uma maneira... — Ele fez uma pausa, suas palavras ficaram lentas e espontâneas enquanto ele se esforçava para manter o controle das emoções. Havia levado muito tempo para chegar a esse ponto. — Uma maneira de ficarmos juntos para sempre. — Ele olhou diretamente para a alma dela. Ela apertou as mãos dele e o amou com os olhos. — É você, Ester. Sempre será você. — No semblante do príncipe havia uma mistura de contentamento, amor, alívio e esperança. — Case comigo. Seja a rainha que Galav precisa. Deixe-me ser o pai dos filhos com que o Senhor nos abençoará. Não há nada na vida que eu queira mais.

As lágrimas vieram espontâneas, escorrendo pelo rosto dela e passando pelos cantos levantados de sua boca. Ela caiu de joelhos na frente de Alexander e colocou os braços em volta do pescoço dele. A segurança que sentiu quando ele a envolveu não durou muito, pois Ester recordou do

porquê de terem que dar adeus um ao outro. Ela se inclinou para trás e examinou os olhos dele.

— As minhas origens ainda podem ser um empecilho?

Ele negou com a cabeça. Ela nunca o vira mais seguro.

— Não mais. Estamos livres para viver o que Deus preparou para nós, meu amor. — Alexander entregou a ela o decreto que trazia em seu bolso.

A moça riu em meio às lágrimas enquanto lia o conteúdo do documento, sentindo cada palavra ali escrita tirar o peso de seu coração. A umidade do solo passou pelo jeans que Ester usava, gelando seus joelhos, mas isso não importava. Ela podia, enfim, se casar com o amor da sua vida.

— Sonhei tanto com isso. — O choro foi inevitável. — Você está mesmo aqui?

— Estou aqui, meu amor. Eu não vou deixar você nunca mais. — Ele suspirou. — Só tem um problema. — Alexander parecia sério.

Ester ficou na expectativa.

“Não, Deus, por favor... Nada de problemas. Não agora.”

— Qual?

Ele hesitou, esperando até que seus olhos se encontrassem novamente.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Ela podia sentir o sorriso se espalhar em seu rosto.

— Eu amo você, príncipe Alexander Kriger Lieber. — Era a primeira vez que ela dizia aquilo em voz alta e o emocionou profundamente. Alexander se sentou sobre os calcanhares e chorou o que não tinha conseguido chorar diante de tudo o que havia passado, desde a despedida de Ester à perda do pai. Lógico, as lembranças de seu progenitor seriam sempre dolorosas, mas Deus estava provando, mais uma vez, Seu cuidado para com ele. Ester se inclinou e o beijou no rosto, enxugando as lágrimas que corriam pela sua face. — Sim, Alex, eu vou me casar com você.

Sem pressa, Alexander se levantou, a puxou em sua direção e segurou o rosto dela com a ponta dos dedos.

— Eu amo você, Ester. Espero que nunca se canse de ouvir isso, porque, desta vez, você não vai a lugar nenhum. Nunca mais.

Nada parecia real ainda, e ela riu enquanto abraçava Alexander outra vez. As meninas comemoraram e então eles se deram conta que não

estavam sozinhos.

— Sabe aquela história sobre ser celibatária? — Thays sussurrou emocionada, apenas para Lyta ouvir. — Esquece, eu quero um príncipe também.

— Ore comigo? — Alexander solicitou.

Como se tivesse sido combinado anteriormente, Mai fez um sinal para as meninas e elas se posicionaram ao redor do casal, dando as mãos e formando um círculo com Alexander e Ester no meio. O gesto comoveu os dois. O príncipe segurou as mãos de Ester e curvou a cabeça. Juntos, eles agradeceram a Deus por Sua soberania e por seu tempo divino, por Seu dom do amor e por Sua direção no relacionamento deles. Em seguida, agradeceram a Deus por remover uma palavra do vocabulário deles para sempre, uma palavra que os assombrou até onde podiam lembrar. A palavra *adeus*.



Apoiado na motocicleta e com os braços cruzados em frente ao peito, John chutava alguns pedregulhos quando Alexander e Ester retornaram do lago. Uma infinidade de seguranças os aguardava, enquanto o estilista recebia um sermão do chefe da guarda pessoal do príncipe. Ao perceber a aproximação do casal, John fuzilou Alexander com o olhar, antes de oferecer um sorriso afetuoso a Ester. O *personal* saiu de onde estava e foi até os recém-chegados, adiantando-se para ajudar a moça descer do cavalo.

— Dá para Vossa Alteza explicar ao grandalhão ali que eu não te persuadir a subir na minha “*máquina mortífera*”?

John foi logo falando, cheio de drama.

— Na verdade, você me persuadiu, sim. — Alexander sorriu, enquanto entregava as rédeas do cavalo a um dos funcionários do haras.

John resmungou alguma coisa inaudível quando o príncipe se juntou a eles e passou o braço pelo ombro da noiva, puxando-a para si. Ester o fitou, como se ainda precisasse se certificar de que ele realmente

estava ali ao seu lado. Ambos sorriam como se só existissem eles naquele haras e o alvoroço em torno deles fosse um mero detalhe distante e imperceptível.

— Eu ainda estou aqui. — John pigarreou, atraindo a atenção de volta para ele.

— Relaxa, John, eu falo com eles.

— Pode ser, tipo, agora?

Relutante, Alexander se afastou da noiva e depositou um beijo terno no topo de sua cabeça.

— Eu não demoro.

— Tudo bem.

Alexander e Ester trocaram olhares apaixonados, antes de o príncipe seguir rumo aos seguranças.

— *Okay*, eu torcia demais para esse reencontro, mas pega leve. Eu sou diabético. — John gracejou, fingindo estar enjoado com o romantismo do casal.

Ester riu e o empurrou de leve no braço.

— Ah, John, foi tão lindo, você precisava ter visto.

John balançou a cabeça, inconformado.

— acredite, eu tentei.

Olhando além do amigo, Ester avistou a motocicleta estacionada a alguns metros de distância de onde conversavam.

— Vocês vieram mesmo até aqui de motocicleta?

John deu de ombros.

— O que um homem não faz por amor?



Elizabeth e Alexia aguardavam no *hall* de entrada principal do palácio quando Alexander entrou de mãos dadas com Ester. A princesa correu até eles e jogou os braços no pescoço da futura cunhada, quando esta se inclinou para abraçá-la. Alexia não disse nada, mas pela respiração ritmada da menina, pode captar toda a emoção e palavras não ditas, externadas apenas com aquele gesto.

— Como eu senti saudade de você — disse Ester, enternecida.

— Bem-vinda de volta, querida.

A voz suave de Elizabeth interrompeu o momento das duas, que mesmo depois de se afastarem, mantinham-se próximas uma da outra.

— Estou feliz em poder retornar.

— Para sempre dessa vez — Alexander fez questão de frisar pela enésima vez.

Elizabeth concordou comovida. Seu coração cheio de contentamento ao ver o belo sorriso de volta aos lábios do filho.

— Tomei a liberdade de avisar o seu tio assim que Alexander saiu. Ele está a caminho — a rainha informou, e logo depois, hesitou com preocupação genuína. — Filho, temos que nos reunir com o Conselho, eles já nos esperam.

Talvez fosse pelo tom que a rainha usou ou porque viu um músculo da mandíbula de Alexander se contrair, mas a declaração inquietou Ester. Não houve explicações, ele apenas deixou um beijo terno em sua testa antes de se retirar com a mãe e a irmã, prometendo ir vê-la assim que possível.

A moça foi encaminhada para seus aposentos, o mesmo ocupado por ela durante o período em que esteve no palácio. Tudo ainda parecia irreal e somente quando se viu sozinha no imenso quarto, a ficha caiu.

— Eu serei a rainha de Galav? — perguntou-se, sentindo o estômago nausear.

Caminhou até a cama e se deixou despencar sobre ela. Seu corpo estava trêmulo, com o peso de sua decisão caindo sobre si.

“Case-se comigo, Ester. Seja a rainha que Galav precisa...”

Alexander havia sido incisivo em sua proposta, não havia? E ela tinha dito sim. Sim para ele. Sim para o título. Só lhe restava agora encarar o desafio e pedir que Deus estivesse com ela. Porém, precisaria de um longo tempo para se acostumar com sua nova realidade.

Horas se passaram, e como se seus receios não fossem o bastante para se preocupar, Alexander até aquele momento não havia retornado da reunião. O que tanto eles conversavam? Haveria surgido algum imprevisto? Ela e Alexander, na verdade, não poderiam ficar de fato juntos? As perguntas vinham, enchendo o coração da pobre moça de temores, à medida que a noite avançava.

Sem conseguir ficar um minuto a mais se quer naquele quarto, Ester resolveu ir até um dos jardins. Ao passar pelas grandes portas de vitral de *Tiffany*, recordou-se que fora naquele mesmo lugar o seu primeiro contato com Alexia. Ela nunca imaginara que do pequeno encontro, surgiria

uma amizade tão forte entre as duas. Aliás, ela não esperava que sua ida para o palácio tivesse o desfecho diante dos seus olhos.

Ester ainda estava perdida em suas lembranças, quando percebeu a presença de alguém se aproximando. Joseph estendeu o braço convidando-a a aconchegar-se neles.

— Eu sabia que Deus tinha um plano! — O senhor acariciou os cabelos da sobrinha, antes de se afastar, exalando satisfação.

— Isso é loucura! — Ester choramingou.

Joseph deu um sorriso experiente, aquele que sempre tinha um jeito de criar certo grau de paz e entusiasmo no coração dela.

— Não, querida. Isso é o agir de Deus em sua vida.

— Eu não me sinto capaz. — Ester externou suas preocupações. — Não estou preparada para tudo isso, tio.

Joseph balançou a cabeça, concordando.

— Eu entendo. E você não é a primeira pessoa a se sentir assim. Afinal, grandes homens passaram pelo mesmo, mas, em todas as ocasiões, Deus mostrou a saída, e os capacitou para desempenhar as tarefas. — Ester inclinou-se para trás, fitando as estrelas que haviam se espalhado pelo céu, atenta às palavras do tio. — Quando Deus mandou Moisés falar com Faraó para que ele liberasse o povo de Israel na saída do Egito, disse Moisés ao Senhor: *“Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua”*. — Ester amava o modo em que o tio falava das Escrituras e gesticulava, como se ela ainda tivesse dez anos e ele precisasse deter sua atenção o máximo que pudesse. — Nessa hora, Moisés estava praticando o sentimento de incapacidade, ele não se deu conta que Deus estava no comando, e que tudo que precisava fazer, era obedecer. — Joseph virou-se para a sobrinha e a observou. — Você sabe qual foi a resposta de Deus para Moisés?

Ester concordou e sorriu ao vê-lo erguer a sobrancelha incentivando-a a repetir as palavras.

— *“Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que há de falar.”* — Ester recitou os versículos 10 ao 12 do capítulo 4 do livro Êxodo.

O tio concordou orgulhoso.

— É Deus quem nos faz capazes. Quando não temos mais forças, Deus as renova. Para isso, apenas precisamos decidir confiar nEle para

realizarmos nossas próprias tarefas, ou as tarefas dadas por Ele.

Lágrimas queimaram no canto dos olhos da moça, e um soluço baixinho e alegre brotou de algum lugar de sua alma. Ali, no meio do jardim e envolto pelo aroma peculiar das flores, Joseph orou pela sobrinha, clamando a Deus para que Sua infinita sabedoria fosse derramada sobre Ester, assim como um dia Ele havia concedido a Salomão. E que ela fosse um canal de bênção tanto para Galav, quanto para Cefas, a fim de que houvesse paz entre as nações.

Alexander se aproximou após retornar da reunião. Ele sorriu para eles e o coração de Ester se aqueceu. Joseph e o príncipe trocaram algumas palavras antes de Alexander pedir a bênção e a mão de Ester oficialmente, sendo concedida sem contrariedade. Joseph se despediu para conhecer seus aposentos e Ester fez a pergunta que a estava deixando angustiada.

— Como foi com o Conselho?

Alexander respirou fundo, deixando o cansaço evidente.

— Creio que terei a árdua tarefa de montar o meu próprio Conselho.

O coração de Ester encolheu dentro do peito.

— Foi tão ruim assim?

— Eles estão com o orgulho ferido, sentindo-se traídos pelo meu pai, já que haviam recusado o seu pedido em vida.

— Eu sinto muito por estar sendo motivo de conflito.

— Não sinta. Foi bom para saber quem deles está ao meu lado. E a única coisa que importa de verdade agora, é que você está aqui. Se todos eles quiserem renunciar por esse motivo, estarão me fazendo um grande favor, e eu faço questão de acompanhá-los até a porta. — O príncipe balançou a cabeça veemente, como se quisesse deletar as últimas horas daquele dia de sua memória. — Vamos esquecer isso. — Ele levou as mãos dela aos lábios com uma graça e elegância que Ester só tinha imaginado em sonhos. — Vem comigo, tenho que te dar uma coisa.

Alexander entrelaçou sua mão na de Ester. A sensação dos dedos dele em volta dos seus dominou os pensamentos dela enquanto caminhavam até a ala restrita do palácio e paravam em frente a uma das portas do imenso corredor. O príncipe a abriu e indicou o aposento para que Ester entrasse.

— Aqui é o seu quarto? — Ela não se moveu.

— Por enquanto. — Vendo que a moça hesitou ante ao convite, Alexander sorriu. — Por favor, entre.

Cautelosa, ela deu alguns passos, observando o lugar. Ester não esperava ver algo tão minimalista. O quarto era visivelmente muito confortável, mas se resumia a um ambiente sem extravagâncias.

— É bem diferente do que imaginei — ela comentou, surpresa.

— Ah, então você andou imaginando como seria meu quarto, estrelinha? — Um sorriso travesso cruzou os lábios do príncipe. — Isso não me parece muito apropriado para uma dama.

— Muito menos um cavalheiro trazer uma moça aos seus aposentos, antes do casamento — ela rebateu no mesmo tom.

Alexander quicou os ombros, descontraído.

— Mas a porta está aberta e há pelo menos cinco guardas lá fora — justificou.

— Sinto-me muito mais segura agora, obrigada.

— Disponha, meu amor. — O príncipe fez uma reverência e Ester sorriu, mas seus olhos ficaram distantes de repente. — O que foi?

— Eu só estou tentando me convencer de que tudo isso aqui é mesmo real e não um sonho.

Alexander a fitou com carinho. Em seguida a conduziu até o sofá em frente a lareira.

— É real, eu estou aqui e você está aqui. Mas, se você quiser, posso te beliscar para provar. — Ester tombou a cabeça para o lado e riu alto, o som propagando pelo quarto como música. — Como eu senti falta de você! — Alexander voltou a segurar as mãos dela e levá-las aos lábios, deixando um beijo entre os dedos. — Acho que está faltando algo aqui, você não acha?

— Está?

Alexander assentiu e tirou algo do bolso.

— Pretendia fazer algo especial, mas para mim cada momento ao lado da pessoa que amamos é único. Então não precisamos de um jantar romântico à luz de velas ou sob as estrelas. — Alexander deslizou um anel no dedo anelar da mão direita dela enquanto falava. — Meu pai deu esse anel para minha mãe no dia em que se conheceram. Desde a primeira vez que se viram, ele sabia que era ela. Eu passei a minha vida inteira tentando entender a atitude dele e, mesmo que o nosso amor não tenha sido tão avassalador quanto o deles, hoje eu o compreendo.

— Nem sempre o amor são fogos de artifícios. — Ester se recordou das palavras do tio no dia em que ela soube que amava Alexander.

— Ainda bem. — O príncipe sorriu e passou o polegar sobre a joia que serviu perfeitamente no dedo da sua amada. — Porque fogos de artifícios duram apenas por um tempo. Eu prefiro acreditar que o amor é uma escolha eterna. Creio que Deus nos escolheu um para o outro e eu aceito, e escolho te amar, te respeitar, cuidar de você para que juntos possamos glorificar a Ele. E se o “*felizes para sempre*” não existir, eu me contento com o “*até que morte nos separe*”.

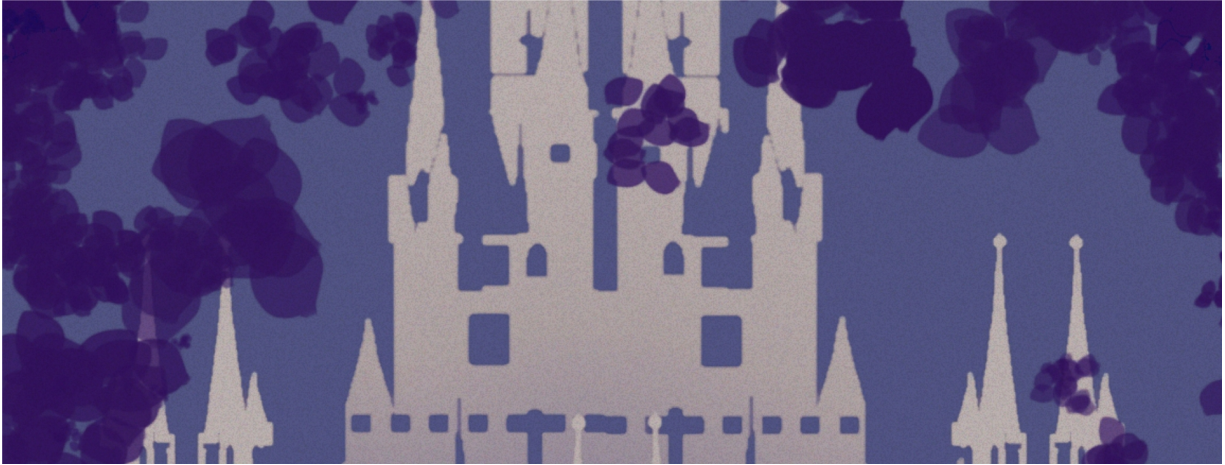
— Isso foi lindo, Alex. — Lágrimas de felicidade inundavam os olhos dela.

— Não mais do que aquilo — Alexander apontou para o alto da lareira.

Sobre a laje estava algo que fez o coração de Ester disparar. Ela saltou do sofá e foi até o objeto. Pegou-o e pousou a mão sobre a estrela gravada na tampa, sem conseguir conter a emoção enquanto Alexander relatava como havia encontrado.

Suas cartas perdidas, aquelas que tanto ansiava poder entregar ao seu futuro marido um dia, já estavam ali, com quem deveriam estar e a entrega fora feita pelo próprio Deus. Comovida demais para falar, Ester apenas olhou para Alexander, os olhos brilhando não só por causa das lágrimas, mas pela convicção em seu coração de que o Supremo criador do Universo, Aquele que tudo governa, havia orquestrado cada detalhe de suas histórias até os unir. Uma paz sem igual invadiu o seu interior. Ela não deveria temer o porvir, pois tinha certeza de que Deus estava no controle do seu futuro como rainha também.

Na caminhada até aquele momento, Ester havia aprendido que nem sempre teve o que quis, porque nem sempre o que ansiava lhe faria bem. Foi preciso sentir dor, para que aprendesse com as lágrimas. Foram necessárias as pedras para que construísse seu caminho. Foi imprescindível a fé, para que não perdesse a esperança no Senhor. E, sobretudo, foi preciso perder, para que ganhasse de verdade.



Epílogo

Querido Alex,

Deus nos surpreende todos os dias com detalhes que fazem toda a diferença. Quando temos Deus no coração, temos tudo! Tudo fica mais fácil, tudo fica mais simples. Tudo fica pequeno diante do amor que Ele tem por nós. Quando comecei a escrever para você — meu futuro esposo — eu não tinha ideia do que passaríamos até, finalmente, selarmos o nosso destino um ao lado do outro. Deus deve ter rido de nossas aflições e questionamentos, ansiosos por saber o futuro, ou até mesmo da nossa certeza de que tudo estava perdido. Mas, como dizem, Ele é especialista no impossível e nós somos prova viva dessa afirmação. Olhando para trás, tenho plena convicção que as provações nos tornaram mais sábios e confiantes, nos dando experiência para vencermos os desafios vindouros. Ao contrário do que muitos acreditam, Deus não escreve certo por linhas tortas, Ele escreve exatamente aquilo que quer e da maneira que deve ser. Pois, sem provas não tem aprovação e a vitória sem conquista é mera ilusão. Durante o percurso, eu entendi que muito do que sonhei e idealizei visava apenas a minha satisfação pessoal e pouco me preparei para ser a esposa segundo os desígnios de Deus. Gostaria de ter feito mais por você enquanto esperava, gostaria de ter guardado o meu coração apenas para

você como prometido. Mesmo assim e, graças à imensa misericórdia do nosso Senhor, hoje posso fazer das palavras de Lionete Silva as minhas, e dizer com alegria no meu coração: eu aceito! “Eu aceito, ciente que isso significa que posso me magoar, mas estou pronta para ser amparada por você. Eu aceito tentar, mesmo quando o medo do fracasso me segurar. Eu aceito não saber do futuro, mas estou pronta para me surpreender no caminho. Eu aceito seu amor e aceito te dar o meu”. E como disse Van Dyken certa vez: “O casamento é só o começo da nossa história, e espero que, quando Deus escrever o final, a gente ainda esteja de mãos dadas, na última página”.

*Finalmente, sua esposa,
Hadassa.*

“Quando o SENHOR trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham. Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cântico; então se dizia entre os gentios: Grandes coisas fez o Senhor a estes. Grandes coisas fez o Senhor por nós, por isso estamos alegres. Traze-nos outra vez, ó Senhor, do cativeiro, como as correntes das águas no sul. Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.”

Enquanto Ester observava sua imagem refletida no espelho e esquadrinhava os detalhes do seu vestido de noiva, o longo véu rendado e o buquê de gardênia amarelas em suas mãos, os versos do Salmos 126 inundava sua mente em uma torrente de emoção e, como em uma tela de cinema diante de seus olhos, recordava cada passo seu até aquele momento.

Seu coração transbordava de gratidão, pois em poucas horas ela e Alexander uniriam seus caminhos em um só. Deus havia cuidado dos mínimos detalhes, enviando-a o homem mais bondoso, gentil e preocupado com os filhos dEle, que ela conhecera em toda a sua vida.

A dedicação de Alexander em favor dos cristãos perseguidos, em especial os da sua terra natal, lhe enchia de orgulho. E isso ficou ainda mais evidente no dia anterior, quando o tão sonhado encontro com Edwin e sua esposa Anne — realza de Cibele — ocorreu, a fim de tratarem de assuntos

relacionados às novas diretrizes em relação a esses imigrantes que o reino de Galav receberia a partir de então.

Ester se identificou com a espontaneidade de Anne, divertindo-se com sua personalidade peculiar a alguém de sua posição. No entanto, quando se viram sozinhas, outro lado da jovem mulher a encantou. Com palavras sábias, Anne ajudou a acalmar seus temores, contando um pouco da sua história e como acabara casando-se com Edwin. E indo além, trazendo palavras de encorajamento e falando dos propósitos de Deus para o casamento, fazendo-a entender um pouco mais dos Seus planos em relação àquela união.

— *Como disse John Piper: “Todos existem para a glória de Deus. Ou seja, todos nós existimos para magnificar a verdade, o valor, a beleza e a grandeza de Deus. Não do jeito que um microscópio magnifica, mas da forma que um telescópio magnifica”. — Anne sorriu e seus olhos se iluminaram. — “Microscópios fazem as pequenas coisas parecerem maiores do que são. Telescópios fazem coisas grandes parecerem como elas de fato são. Microscópios levam a aparência do tamanho para longe da realidade. Telescópios trazem a aparência do tamanho para perto da realidade. Quando digo que todas as coisas existem para magnificar a verdade, o valor, a beleza e a grandeza de Deus, quero dizer que todas as coisas, e principalmente o casamento, existem para trazer a aparência de Deus na mente das pessoas para mais perto da realidade”. — Ester não sabia naquele momento, mas passaria a noite pensando nas palavras de Anne. — Fomos criados para mostrar a glória de Deus. Paulo concluiu os primeiros onze capítulos de sua grande carta aos Romanos com a exaltação de Deus como a fonte e o fim de todas as coisas: “Pois dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. Para Ele seja a glória para sempre”. — Anne apertou a mão de Ester e concluiu com um sorriso encorajador. — Mantenha isso em seu coração. Comigo funciona que é uma beleza!*

— Está tudo pronto. — Giovanna interrompeu suas lembranças, atenta às instruções no fone preso ao ouvido. — Podemos ir?

Ester respirou fundo, entregando o buquê para que a assistente levasse, enquanto Hanna, Yumi e Sayuri auxiliavam com a cauda do vestido e o véu.

— Sim, estou pronta.

Ester sorriu, deixando o ar esvaír dos pulmões devagar, à medida que suas palavras se assentavam em seu coração. Ela estava pronta. Tinha confiança de que com Deus ao seu lado, ela poderia colocar um pé após o outro e seguir com fé rumo ao futuro desconhecido que lhe aguardava do outro lado do *sim*.



Hadassa empertigou a postura, inalando o ar para dentro dos pulmões. Apertou o buquê de gardêneas amarelas na posição ensaiada nos últimos dois dias, enquanto expirava devagar. Com os olhos fitos no anjo talhado na madeira da porta da igreja, repassava mentalmente o passo a passo de toda cerimônia. Do casamento e da coroação.

A novidade ainda estava, aos poucos, se assentando em seu coração. No começo, o medo parecia ser maior que a certeza do plano de Deus para sua vida. Ela precisou resistir a vozes internas que insistiam em fazê-la desistir.

Foi então que se deparou com uma das cartas escritas ao seu futuro marido. Ela o mandava ser forte e corajoso. Agora, era a sua vez de seguir o próprio conselho. Hadassa precisava ser forte e corajosa. Necessitava vencer seus medos e confiar apenas no Deus que já havia provado, por diversas vezes, que ela não estava sozinha.

— Ela está pronta — a voz de Giovanna soou firme logo atrás, quando falou pelo sistema de comunicação preso na gola do *tailleur* preto que trajava. — Abram as portas.

Hadassa apertou o braço do tio e o olhou com gratidão. Sem a presença dele em sua vida, com apoio e conselhos preciosos, jamais teria maturidade suficiente para o que estava por vir. Os olhos se encheram de lágrimas e a lembrança dos pais veio à mente. Seu maior desejo naquele momento era tê-los no dia mais importante de sua vida. Mohammed percebeu a centelha de dor nos olhos da sobrinha e sua expressão se tornou terna. Sorriu e deu dois tapinhas na mão dela.

— Eles estão em nossos corações. — A moça concordou e deixou ser guiada pelo tio nos primeiros passos. — Chegou a hora, querida.

Ela deu uma risada nervosa, pondo de lado a tristeza trazida pela saudade de seus progenitores. As portas foram se abrindo lentamente, revelando o tapete vermelho e as pétalas de rosas espalhadas pelo chão. Seu

coração acelerou e Hadassa tentou pôr em prática as instruções de Alexander dadas a ela naquela manhã.

"Olhe para mim, apenas para mim. Esqueça a Igreja lotada de pessoas importantes. Esse será o nosso dia. Finja que somos apenas eu, você, o celebrante e Deus no recinto."

Hadassa bem que tentou, mas ao abrirem as portas completamente, toda a atenção se voltou para ela à medida que os convidados iam se levantando para recebê-la. No altar, Alexander a observava se aproximando, buscando o olhar perdido de sua amada. Quando enfim o encontrou, sorriu, encorajando a prosseguir até ele. A futura rainha sorriu de volta com a tensão de seus ombros aos poucos se esvaindo, recordando das intermináveis dificuldades enfrentadas até aquele momento. Admirando o sorriso do príncipe, lembrou-se do sonho de semanas atrás. No entanto, agora, ela era a noiva que ia ao seu encontro no altar e o sorriso nos lábios de Alexander naquele momento pertencia só a ela.

Tio e sobrinha pararam ao pé do pequeno lance de escadas junto ao altar e Alexander veio ao seu encontro, revelando sua felicidade. Todo o ritual de entrega foi cumprido e o casal se posicionou de frente para o celebrante.

— Muito se fala sobre o casamento no dia a dia. Muito se fala, inclusive, contra o casamento. Alguns acreditam que o casamento seja, efetivamente, o fim da vida — a voz do pastor encheu o ambiente quando ele pronunciou suas primeiras palavras. — Hoje, Hadassa e Alexander querem atestar que o casamento não é um fim, muito menos um começo. Esta não é uma cerimônia mágica, e não vai criar algo que já não exista. — Com um olhar sereno, o celebrante olhou de um para o outro. — Deus já os escolheu como família, e hoje estamos celebrando algo que já começou e vai continuar crescendo ao longo dos anos. Pois o casamento é um processo. É uma caminhada ousada rumo a um futuro desconhecido, que envolve abrir mão do que são, separados, em prol de tudo o que poderão ser juntos.

Enquanto o pastor seguia com seu sermão, Alexander desviou os olhos para sua amada. Percebendo que estava sendo observada, ela retribuiu com um sorriso caloroso. O príncipe colocou sua mão sobre a dela, repousada em seu braço, e a acariciou. Ela pode sentir todo o amor, carinho e promessas que não precisavam ser externadas com palavras para saber que seriam cumpridas.

— Hadassa Holz Mohammed, aceita o Príncipe Alexander Kriger Libier de Galav como seu legítimo esposo, para amá-lo e respeitá-lo até que a morte os separe?

As palavras da carta que escrevera instantes antes em seu quarto povoaram sua mente. Com a voz firme e o coração transbordando de convicção, ela respondeu:

— Eu aceito!

A pergunta foi direcionada ao noivo, e com igual certeza, Alexander aceitou se unir a ela. O ambiente parecia estar envolto em uma atmosfera leve, suave. Mais tarde, ambos compreenderiam que aquela sensação boa pairando sobre eles era a presença de Deus. Eles estavam vivendo a beleza do casamento que o Criador planejou desde o início dos tempos.

As alianças foram trocadas. Alexander deixou um beijo sobre os seus dedos e sorriu com contentamento brilhando nos olhos.

— Eu os declaro, marido e mulher. — Pela primeira vez, o rosto sério do celebrante deu lugar a um sorriso. — Pode beijar a noiva.

Alexander respirou fundo, aproximando-se da esposa para ficar de frente para ela, como se esperasse ansiosamente pela permissão dela e toda sua vida o tivesse conduzido até esse momento. Sem pressa, o príncipe deslizou sua mão direita entre os cabelos dela, por baixo do véu. Devagar, em uma dança invisível e perfeita, os lábios dos dois se encontraram em um beijo casto e terno.

— Eu amo você — ele sussurrou, apoiando sua testa a dela.

Uma lágrima escapou dos olhos de Ester, antes dele unir mais uma vez seus lábios brevemente.

Em seguida, a cerimônia de coroação iniciou.

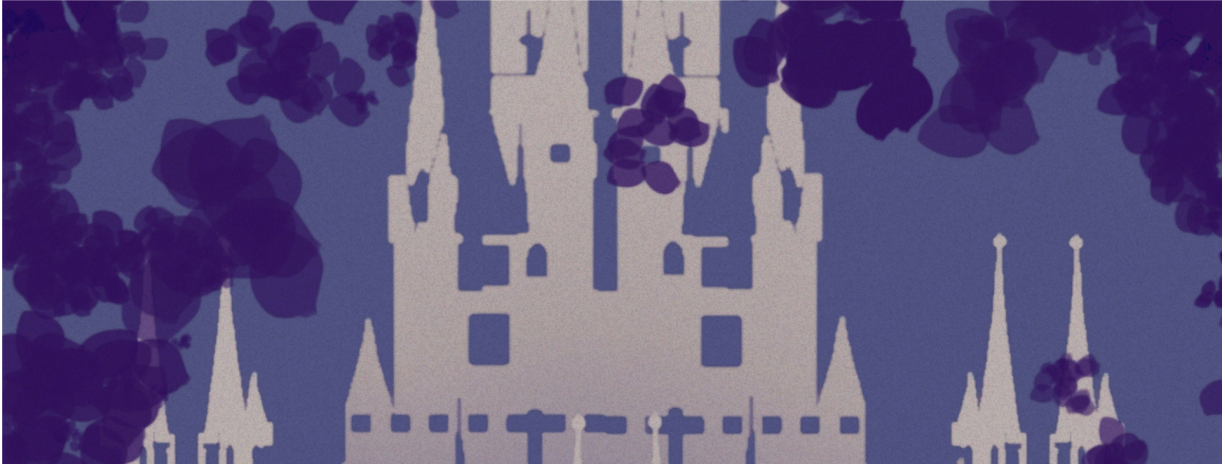
Alexander foi vestido com um manto dourado e apresentado às joias da coroa. Primeiro a espada de ouro que simbolizava bravura, seguido pelos braceletes, pelo orbe e por um anel com uma pedra de safira na mão direita. Enfim, recebeu o cetro na mão direita e a haste com a pomba na esquerda, símbolo de autoridade suprema. Por último lhes colocaram a coroa.

Hadassa observou a fisionomia concentrada do esposo. Então, orou internamente, clamando a Deus por sabedoria para ambos. Momentos depois, o mesmo se repetiu com ela. A vestiram com um manto púrpura e lhe encheram de joias, mas não recebeu a espada, o cedro nem a haste. O

véu e a tiara foram substituídos pela coroa. Ao sentir o peso dela em sua cabeça, Hadassa encarou a multidão. Deus parecia estar segurando-lhe a mão, pois seus temores já não mais a acompanhavam. Na primeira fila de cadeiras, viu o tio limpar algumas lágrimas, os olhos fechados e o rosto erguido, como se realizasse uma prece.

Com as mãos unidas sobre uma Bíblia, Alexander e Hadassa fizeram seus juramentos, cada um em seu tempo. Prometeram, perante as testemunhas e diante de Deus, governarem o país sob os princípios e ordenanças divinas, procurando sempre sabedoria celestial em suas decisões para o bem maior da nação. Ao abrirem os olhos, eram oficialmente, além de marido e mulher, rei e rainha de Galav.

Continua...



Agradecimentos

Após concluir este livro, meu coração transborda de gratidão e emoção. A jornada para concluí-lo foi desafiadora, porém, ao olhar para trás, percebi que nunca estive sozinha nesse caminho.

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu Criador, pelo dom da escrita. A vocês, minha amada família, meu pilar de força e inspiração, sou profundamente grata. A presença constante do meu esposo e a alegria das nossas filhas preenchem meus dias com amor e apoio incondicional. Vocês foram meu refúgio nos momentos difíceis e minha motivação para perseverar em busca deste sonho.

Às minhas *betas* Mali, Jani e Vic, que dedicaram tempo e cuidado para ler e sugerir melhorias ao texto, surtando a cada capítulo. A Maina Mattos, a leitora crítica que todo escritor deveria ter. Seu olhar minucioso em cada linha e suas ponderações fez o livro ser o que ele é hoje. Se não fosse pelo seu apoio, ele nunca teria alçado voos além do *Wattpad*. Você foi a verdadeira guardiã da essência deste livro; suas observações valiosas moldaram cada palavra e aprimorou a narrativa, tornando-a mais profunda e significativa. A Dulci, que amou e acompanhou as publicações de cada capítulo desde a primeira versão. A Aline, obrigada pelas dicas médicas e sugestões para tornar a Alexia tão especial. Clys, minha querida amiga e

revisora, pelo trabalho e profissionalismo incrível, sempre com muito cuidado e respeito pelo meu texto.

A todos aqueles que esperaram ansiosamente pelo lançamento desta obra, minha gratidão pela paciência e confiança depositadas em mim. Sua espera e apoio foram combustíveis preciosos que me impulsionaram a não desistir e aprimorar cada detalhe deste trabalho.

As palavras escritas nestas páginas são um tributo a todos vocês, e é impossível expressar plenamente o quanto sou grata. Agradeço por fazerem parte da minha jornada como escritora e por tornarem este sonho realidade. Que este livro possa tocar os corações, despertar emoções e levar um pouco de alegria e reflexão a cada leitor que o encontrar.

Com gratidão,
Kell Carvalho.

Books By This Author

Orei Por Você

As expectativas de Jenny Parker sempre foram as mais altas. Durante toda a sua vida, tinha aprendido a esperar o melhor de seu Pai Celestial, mesmo se o tempo de espera fosse como um longo salto no escuro. O que ela não sabia era que os planos do Senhor para sua vida iam muito além do que ela poderia imaginar.

A milhares de quilômetros de distância, Dylan Fox provava dos terrores da guerra e de um turbilhão de emoções. Confuso com as palavras de um colega de combate maluco e as constantes lembranças de um par de olhos verdes, Dylan viu sua vida mudar de uma hora para outra de uma forma sobrenatural.

Entre lágrimas, joelhos dobrados, gravatas coloridas e um discman velho, Jenny e Dylan descobririam que Deus é o melhor escritor de romances de todos os tempos. Afinal, Ele é o próprio Amor.

Meu Enredo De Amor

Romance cristão - Ficção Cristã

Quatro garotas. Quatro leitoras românticas assumidas. Quatro contos de amor. Beatriz, Napáuria, Júlia e Lyra são jovens cristãs cujos corações anseiam por serem as protagonistas da própria história de amor, aquela escrita pelo melhor Autor. Como as personagens de seus livros preferidos, aprenderão a guardar o coração e esperar em Deus, enquanto descobrem que viver um romance com propósito é melhor do que qualquer paixão recreativa e passageira.

Minha Verdade

Carol, 30 anos, colunista de aconselhamento em uma revista eletrônica, vê-se em uma situação inusitada quando sua chefe lhe dá um ultimato: falar sobre sua vida amorosa. A grande questão era que essa vida não existia e Carol teria que confiar, que até a data estipulada, algo sobrenatural aconteceria. O que a moça não cogitava é que seu final feliz estava mais próximo do que imaginava.

Conheça a autora



KELL CARVALHO

Kell Carvalho, Cristã, esposa, mãe de duas meninas e funcionária pública, começou sua jornada pela escrita no Wattpad no início de 2017.

Desde então, dedicou-se à escrita de Romances Cristãos conservadores que agradaram rapidamente a leitoras de diferentes idades, tornando-a uma autora conhecida na plataforma.

“Orei por você” foi a primeira obra com a qual ela se aventurou a tomar novos rumos, expandindo, assim, seu trabalho.

Conhecida como “Clichê Queen”, Kell faz jus ao título escrevendo histórias envoltas em amor, fé e temor a Deus.

Instagram: [@livrosdakell](#)

Wattpad: [@kells2carvalho](#)

Para comprar os livros físicos da autora, entre em contato pelas redes sociais.

[1] Cristão em Hebraico

[2] Marca de um sapato Italiano

[3] Não crie expectativa, crie cactos (Frase de autoria desconhecida muito citada por Maina Mattos).

[4] Mário Quintana.

[5] *Significado dos nomes do Reino e das Províncias*. **Galav** - Para Adorar; **Gad** - Feliz; **Galit** - Onda do mar; **Gabe** - Devoto a Deus; **Gilon** - Círculo; **Galilah** - Redimido por Deus; **Givon** - Colina; **Gilad** - Júbilo; **Gedaliah** - Deus é Grande; **Gamaliel** - Deus é minha recompensa. *Significado do nome do Príncipe e sobrenome da família real*: **Alexander**: "protetor do homem", "defensor da humanidade", "o que repele os inimigos". **Krigger** - guerreiro/soldado. **Lieber** - que ama.

[6] Significado de estrangeiro na língua Hebraica.

[7] Conto oriental sobre ética e honestidade (adaptado pela autora)

[8] **Brunch** - É uma refeição de origem britânica que combina o café da manhã com o almoço (Wikipédia).

[9] Mário Quintana

[10] Dolman – é uma espécie de jaleco branco usado pelos cozinheiros

[11] Toque blanc – Nome francês para "touca branca". É o tão conhecido "chapéu de chef"

[12] Tecido com UPF 50+ bloqueia mais de 98% dos raios UV.

[13] Série Cris da autora Robin Jones Gunn.

[14] Números 6:24-26

[15] Música 17 de Janeiro - Arrais

[16] Frase de Flor da Vida.

[17] Thinking Out Loud – Ed Sheeran

[18] Gardênia Amarela significa “Amor Secreto”

[19] **Deuteronômio 31:08**

[20] Cibele, reino fictício do livro Amor Real de Maina Mattos.

[21] Isaías 55:8

[22] Autor desconhecido

[23] Textos Judaicos